MARGERY,

THOMAS TIETZE

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

MARGERY

THOMAS R. TIETZE

1973

Se uma vida for adiada até que o interesse e a inveja tenham chegado ao fim, e todos os motivos de calúnia ou adulação estejam suprimidos, podemos esperar imparcialidade, mas devemos esperar pouca inteligência; pois os incidentes que conferem excelência à biografia são de uma natureza volátil e evanescente, que em breve escapam à memória e raramente são transmitidos pela tradição. ...

Se o biógrafo escreve a partir do conhecimento pessoal e se apressa a satisfazer a curiosidade do público, existe o perigo de que o seu interesse, o seu receio, a sua gratidão ou a sua ternura sobreponham a sua fidelidade e o tentem a ocultar, se não mesmo a inventar. Há muitos que consideram um ato de piedade ocultar as falhas ou fraquezas dos seus amigos, mesmo quando estes já não podem sofrer com a sua descoberta; vemos, portanto, fileiras inteiras de personagens adornadas com um panegírico uniforme, e impossíveis de distinguir umas das outras. ...

Se há um respeito devido à memória dos mortos, há ainda mais respeito a prestar ao conhecimento, à virtude e à verdade. — Samuel Johnson (*Rambler* N.º 60, 13 de outubro de 1750)

O autor viu numerosas fotografias do fluxo ectoplásmico de "Margery", e não tem qualquer hesitação ... em dizer que é inquestionavelmente autêntico, e que o futuro justificará a médium contra os seus críticos desarrazoados. —Sir Arthur Conan Doyle, 1926

O caso Margery virá, com o tempo, a ser considerado o complexo de fraude mais engenhoso, persistente e fantástico na história da investigação psíquica. —Dr. Walter Franklin Prince, 1934

CONTEÚDO

AGRADECIMENTOS
INTRODUÇÃO POR CHARLES HONORTON
PREFÁCIO
O Início
A Vida em Lime Street
Walter Regressa
Bater na Madeira
A Primeira Investigação de Harvard
As Aventuras Psíquicas do Sr. Bird
A Investigação da *Scientific American*
"Margery" e o Ilusionista
O Sr. Bird Procura Noutro Lado
A Investigação de Dingwall
A Segunda Investigação de Harvard
A Investigação da ASPR de 1926
Fenómenos e Mais Fenómenos
O Sopro do Escândalo
O Sr. Bird Pensa Duas Vezes
A Grande Revelação
O Fim de uma Era
EPÍLOGO
NOTAS

AGRADECIMENTOS

Qualquer pessoa que escreva um livro fica a dever a muitas pessoas, e quando o livro é o seu primeiro, um autor considera a sua gratidão pela ajuda prestada quase inexprimível. No entanto, tentarei deixar implícita a contribuição das seguintes pessoas, sem as quais o livro não poderia ter sido escrito.

A Sra. Laura A. Dale, editora do *Journal of the American Society for Psychical Research*, disponibilizou-me os arquivos de Walter Franklin Prince, os quais continham uma riqueza de

informação até então inédita. Estes grandes caixotes de arquivos tinham sido deixados ao cuidado da Sra. Dale pela Sra. Lydia Allison, que por sua vez fora encarregada deles pelo Dr. Prince pouco antes da sua morte em 1934. Estes arquivos tinham sido mantidos cuidadosamente trancados desde então, de acordo com os desejos do Dr. Prince, até que se considerasse o momento apropriado para que a "história completa" do caso Margery fosse contada. Se cheguei perto de contar a história completa, deve-se unicamente à contribuição destes materiais por parte da Sra. Dale, à sua ajuda entusiástica e à sua calorosa amizade pessoal. Agradeço também à Sra. Dale por ler o manuscrito original e por fazer muitas sugestões valiosas.

A Sra. Marian Nester, editora do *ASPR Newsletter* e filha do Dr. Mark Richardson, emprestou-me o manuscrito inédito do seu pai, *"Truth and the Margery Mediumship"*, que contém uma grande quantidade de material favorável a Margery e aos seus fenómenos. A Sra. Nester também partilhou comigo as suas próprias memórias de uma infância e adolescência intimamente ligadas ao caso.

A falecida Sra. Eileen J. Garrett, então presidente da Parapsychology Foundation, partilhou muitas memórias valiosas de Margery, tal como fizeram o Dr. J. B. Rhine e a Dra. Louisa Rhine, da Foundation for Research on the Nature of Man, que também leram o manuscrito e me ajudaram a clarificar a relação do caso Margery com a parapsicologia moderna.

Desejo agradecer a Charles Honorton, do Departamento de Psiquiatria do Maimonides Medical Center em Nova Iorque, por ler o manuscrito em várias fases da produção e por contribuir com a introdução; ao Dr. Mulford Q. Sibley do Departamento de Ciência Política, à Sra. Maeve Beck do Departamento de Inglês, ambos da Universidade do Minnesota, e a Rhea White, bibliotecária da American Society for Psychical Research, por terem lido o manuscrito e me terem incentivado a acreditar no valor deste trabalho; e a D. Scott Rogo, que viajou pelo país para

ler o meu livro e fazer muitas sugestões decorrentes de um conhecimento considerável da literatura sobre mediunidade.

Estou especialmente grato a Martin Ebon, cuja fé e persistência foram as únicas responsáveis pela publicação deste livro.

Para além destes, desejo mencionar as seguintes dívidas de gratidão profundamente pessoais:

A Justin Oudal, livreiro de Minneapolis, que me ajudou a rechear a minha biblioteca com muitos volumes raros sobre investigação psíquica e que me ensinou o amor pela erudição e as alegrias de escavar durante meses em livros antigos para encontrar um único facto.

A John Loegering, o meu professor, que me ensinou a arte do pensamento crítico e o significado de procurar a verdade de forma honesta, objetiva e desapaixonada; é a ele que devo os fundamentos intelectuais do meu trabalho.

A Patricia Cady e Stephen K. Dragland, que seguiram as pistas deste mistério a cada passo do caminho comigo, em frequentes e longas discussões sobre as provas, e que me ouviram pacientemente enquanto eu tentava, uma e outra vez, encontrar o segredo por trás deste caso intrincado.

À Sra. Dorothy Tietze e à Mlle. Pat Wheeland, que ajudaram a dactilografar o manuscrito nas suas formas revistas.

À Mlle. Susan Webster, que é a única responsável por me emprestar as reservas de força e energia necessárias para empreender quatro anos de investigação e três anos de escrita, e que, depois de dactilografar o manuscrito original, muito mais longo, a partir de mais de quinhentas páginas de caligrafia ilegível, teve a gentileza de se casar comigo.

Espero que Margery esteja à altura de toda a fé, encorajamento e amizade oferecidos por todas estas pessoas. Trata-se, afinal de contas, do livro delas.

Thomas R. Tietze

INTRODUÇÃO

Margery relata um capítulo perverso, mas fascinante e importante na história daquilo a que hoje chamamos parapsicologia. Olhando para trás com a vantagem de quase meio século, poderíamos ser tentados a caracterizar este período como os Loucos Anos Vinte da investigação psíquica. Os espíritos de mais do que uma variedade foram perseguidos durante a Lei Seca, e alguns diriam que com igual efeito. A postura oficial da sociedade em relação aos espíritos — sejam eles engarrafados ou desencarnados — não parece, na verdade, erradicar o desejo por eles.

No rescaldo da Primeira Guerra Mundial, o interesse nos poderes mediúnicos e no espiritismo atingiu um máximo histórico. Publicações influentes como a *Scientific American* ofereceram prémios para a demonstração de fenómenos psíquicos autênticos. Escritores como Sir Arthur Conan Doyle, físicos como Sir Oliver Lodge e outras personalidades proeminentes da época proclamaram que a comunicação com os mortos tinha sido alcançada com sucesso.

Outros, como Houdini, pronunciaram com igual entusiasmo que todos os fenómenos psíquicos eram fraudulentos ou, de outro modo, devidos a princípios normais (isto é, atualmente

compreendidos), e assumiram como seu dever desmascarar as alegações mediúnicas. Vemos nesta história o eterno confronto entre aqueles que salvariam a humanidade do materialismo e aqueles que a salvariam das suas raízes animistas.

O dilema da mente e da matéria tem atormentado os filósofos desde a antiguidade. A controvérsia tem sido travada em muitos caminhos de batalha e, embora a ciência e a filosofia atuais tenham declarado um armistício, o dilema permanece. Vários filósofos da ciência apontaram a parapsicologia como o seu último campo de batalha.1

No entanto, tem havido uma resistência desmedida ao desenvolvimento de abordagens empiricamente verificáveis nesta área. Tanto os crentes como os descrentes no mundo dos espíritos e dos poderes psíquicos têm sido altamente ambivalentes em relação à parapsicologia. Porquê? Para o crente excessivamente empenhado — e ingenuamente sem sentido crítico — nos fenómenos psíquicos, a parapsicologia é vista como estudos laboratoriais monótonos e estatísticas secas que só podem ser considerados triviais quando comparados com os fenómenos "fortes" da sala de sessões. Para o descrente hipercrítico — embora frequentemente dogmático —, a investigação psíquica é uma superstição antiga embalada para consumo moderno por aqueles que, com o mínimo de atividade cerebral, "perderam o juízo".

O cético irredutível aponta frequentemente a fraude na sala de sessões como se quisesse pôr em causa o trabalho do laboratório. Esta extraordinária proeza mental é equivalente a ver as realizações da tecnologia moderna através dos produtos dos aborígenes da Nova Zelândia.

Por que razão a parapsicologia e as alegações que ela procura investigar recorrem tão fortemente aos extremos da credulidade e incredulidade humanas? A ocorrência de perceção extrassensorial e de fenómenos psicocinéticos pode ter implicações que são tão

importantes para a nossa compreensão dos seres humanos como os *quasars* e *pulsars* são para a compreensão do cosmos pelo ser humano. Pouco se sabe atualmente sobre qualquer um deles.

As capacidades parapsicológicas, tal como os buracos negros do espaço, são mistérios; mas estando, por assim dizer, "mais perto de casa", as questões que suscitam são um pouco mais perturbadoras. Elas despertam dentro de nós interrogações há muito adormecidas — "Como chegamos a saber o que sabemos?" — e apelam a uma reavaliação daquilo que fomos ensinados, desde a primeira infância, a considerar como os nossos "limites do eu". A parapsicologia desafia (ou é pelo menos percecionada como desafiando) pressupostos básicos que fazemos sobre a nossa própria natureza, o nosso destino e a medida em que a nossa visão da realidade, presentemente construída, é idiossincrática.

A história de Margery demonstra muito claramente a futilidade de tentar alcançar um julgamento sólido com base em fenómenos que ocorrem apenas sob a proteção da escuridão e de um controlo frouxo. Também dissipa a noção dos parapsicólogos como caçadores de milagres facilmente enganados. As investigações mais devastadoras sobre Margery foram as dos investigadores psíquicos profissionais — William McDougall, Walter Franklin Prince, J. B. Rhine.

Mas Margery não é simplesmente a história de entusiastas equivocados e desmascaradores esperançosos. Ela simboliza a transformação da investigação psíquica em parapsicologia. O período que envolveu a mediunidade de Margery assinalou uma transição de grande importância. Apenas se pode adivinhar o efeito que a exposição a (e de) Margery possa ter tido no rumo futuro de J. B. Rhine.

O facto de ele ter prosseguido para desenvolver uma abordagem laboratorial rigorosa para a exploração de alegações psíquicas, com indivíduos não selecionados em vez de médiuns especiais, sugere uma possível formação reativa. No caso de

outros, Hoagland e Boring por exemplo, a formação reativa foi completa. A sua simpatia original, e até entusiasmo, transformou-se em desencanto com a bruxa de Lime Street, e deixou-os a ambos completamente desiludidos com a investigação psíquica. O mesmo se pode dizer de Dingwall, cuja presença desiludida ainda se arrasta nos círculos parapsicológicos ingleses.

O *Journal of Parapsychology*, fundado em 1937 por McDougall e Rhine, está agora no seu trigésimo sexto ano de publicação. O *Journal of the American Society for Psychical Research*, no seu sexagésimo sexto ano, é agora competentemente editado pela Sra. Laura A. Dale, que, juntamente com o Dr. Gardner Murphy, é responsável por salvar a ASPR do "margerysmo" no início da década de 1940. As instalações modernas de investigação parapsicológica, com os seus eletroencefalógrafos e equipamento de teste eletrónico, pareceriam estranhas aos investigadores psíquicos do final dos anos 1920 e 1930. Se a fronteira encantada de Prince perdeu algum do seu encanto (e certamente toda a sua inocência) no processo de maturação, foram alcançados ganhos importantes.

Estudos recentes de perceção extrassensorial e de capacidades psicocinéticas em animais, por exemplo, reforçam a impressão formada anteriormente através de experiências com diversas populações humanas de que a capacidade psi (psíquica) está amplamente difundida. Parecendo agora provável que seja possuída por todos os mamíferos superiores. Foram mesmo tentados trabalhos com criaturas unicelulares, mas, especialmente com organismos de baixa massa, torna-se ambíguo saber de quem é o psi responsável — se do experimentador ou do sujeito.

Outra impressão, mais familiar ao investigador psíquico dos anos vinte e início dos anos trinta, é a de que os lampejos de impressões psi são mais proeminentes em certos estados alterados de consciência. Efeitos de perceção extrassensorial induzidos experimentalmente em sonhos, hipnose e outros estados alterados representam o trabalho numa fronteira diferente da

parapsicologia. As tendências atuais indicam que os efeitos extrassensoriais podem estar associados à redução na consciência do nosso ambiente sensorial externo.

A sobrevivência humana após a morte é, naturalmente, a fronteira final, e uma à qual a parapsicologia está a regressar após muitos anos. As explorações atuais da experiência fora do corpo, "memórias" de vidas anteriores, atividade *poltergeist* e as fronteiras em expansão da perceção extrassensorial refletem a base ampliada de investigação. Embora a resolução do problema da sobrevivência não esteja à vista, a confirmação e exploração dos fenómenos psi convergem com os avanços tecnológicos para tornar viável uma eventual resolução. Podemos, nesta fase, pedir mais do que uma abordagem viável à questão mais antiga da humanidade?

Charles Honorton Departamento de Psiquiatria Maimonides Medical Center Brooklyn, Nova Iorque

Prefácio

Este livro é um estudo do extraordinário. Talvez nenhuma outra vida tenha sido uma união tão perfeita do humano, do angélico e do diabólico como a vida de Mina Stinson Crandon, conhecida como Margery, a médium. Stewart Griscom, do *Boston Herald*, escreveu a um responsável da American Society for Psychical Research a 18 de junho de 1927, dando a seguinte avaliação do caso: "É profunda e sardonicamente humorístico ... quase com um toque de Molière.

Tem mistério, motivações veladas, verdadeira tragédia, uma farsa desmedida e uma aura dominante vinda diretamente de *Alice no País das Maravilhas*. Quase todos os que se envolvem saem pela tangente; clérigos e sábios respeitados tornam-se subitamente mentirosos eloquentes; há declarações sem sentido a propósito de nada; a lógica e a normalidade tiram férias prolongadas."

Com o instinto infalível do jornalista para uma boa história, Griscom captou o caráter — a atmosfera — da mediunidade de Margery. Este livro conta a história desse caso e do seu impacto no curso da investigação psíquica. O mistério, a tragédia, a farsa e as motivações inexplicáveis estão todos aqui, sem qualquer tentativa séria de fornecer uma resposta. Não faço qualquer pretensão de ter encontrado uma.

A imagem aqui pintada não pode, portanto, deixar de ser inacabada, apesar da enorme quantidade de dados à minha disposição. Além do material publicado entre 1924 e 1940, utilizei, graças à gentileza da Sra. Laura A. Dale, da American Society for Psychical Research, a correspondência confidencial do Dr. Walter Franklin Prince que nunca antes fora tornada pública. Juntos, tornam o nosso conhecimento das ações de Margery e das dos seus contemporâneos quase completo. Ao mesmo tempo, não basta saber como ela se comportou — ou como se disse que ela se comportava — em qualquer número de situações críticas da sua vida. Precisamos de saber coisas que talvez só ela nos pudesse contar, e talvez nem ela pudesse suprir a deficiência.

Pois ela viveu, não num panorama, mas num espaço muito estreito; era solitária, calorosa, amarga, inocente, ruidosa, distinta, rude, sofisticada. Não tinha praticamente nenhum sentido da história em que vivia e apenas uma vaga suspeita de que estava a ganhar uma grande quantidade de atenção vivamente acolhida. Ela podia mentir com encanto, ameaçar com inocência, lisonjear com felicidade e meandrar com caridade. A sua vida era uma amálgama de paradoxos.

Ninguém nega que ela tenha sido grandemente e amplamente amada, nem que tenha sido também profundamente desprezada. Ela soprou um pouco de vida numa religião moribunda e, ao mesmo tempo, quase destruiu uma disciplina científica de primeira importância. Estava, portanto, destinada a criar tanto amigos como inimigos. Mas é importante compreender de

antemão que estes amigos e inimigos são os únicos que escreveram os dados primários nos quais qualquer relato histórico da sua vida deve ser baseado. Considerou-se que ela fora uma santa por parte de alguns e uma prostituta por parte de outros — não há altura a que os seus amigos não a tenham elevado; não há profundeza a que os seus inimigos não a tenham remetido. O resultado necessário é a confusão.

Ela era um enigma no seu próprio tempo; não podemos esperar que seja menos no nosso. Acho a metáfora do Dr. Prince marcantemente apropriada: ela foi uma estrela que surgiu subitamente no céu e lentamente se extinguiu. E quando tudo terminou, ela — tal como um evento astronómico — foi registada pela história como tendo ocorrido e esquecida pelos homens como tendo vivido.

Grande parte do encanto de qualquer história reside no conhecimento certo de que nunca se pode saber nada com certeza. O grande encanto do caso Margery reside na ausência de alguém que pretenda tê-lo compreendido. Foi um acontecimento, um acontecimento que já passou e está há muito esquecido. Quando é de todo lembrado, é lembrado imperfeitamente. De 1925 até à sua morte em 1941, Mina Crandon foi conhecida como Margery, a médium.

Durante os anos vinte, os relatos de prodígios na sua sala de sessões eram amplamente difundidos e o seu nome era uma referência no Espiritismo americano. Ela era o centro de um grupo internacional de admiradores que incluía Sir Oliver Lodge, Sir Arthur Conan Doyle, William Butler Yeats, Hamlin Garland, Charles Richet, Gustave Geley e outros homens proeminentes. Ela era a luz em redor da qual incontáveis visionários dançavam e prestavam homenagem; ela era, nas palavras de um conhecido, “a Rainha da investigação psíquica”.

A investigação psíquica era uma coisa muito diferente no seu tempo do que é hoje. Em Inglaterra, onde o estudo científico do

Espiritismo começou, o interesse da investigação centrava-se nos chamados fenómenos mentais conhecidos hoje como perceção extrassensorial. Em França, o foco estava nas atividades que a mente popular associa ao Espiritismo, isto é, os fenómenos físicos. Na América, havia uma tendência para alargar o foco e, consequentemente, desfocar a imagem. Não obstante, muitos investigadores psíquicos americanos, eminentes noutros campos e dotados de uma inteligência analítica perspicaz, tinham estabelecido para o estudo psíquico um grau considerável de respeitabilidade.

Alguns outros incidentes vocais exigem registo. A 4 de março, por sugestão de Richardson, o Victrola foi parado, e Walter conseguiu falar sem ele durante o resto da noite. Disse que John falaria por si mesmo aqui; e surgiu uma voz diferente da de Walter. Embora difícil de perceber, foi a melhor fala até então obtida de John.

A noite de 13 de março foi de tempestade, mas, ao contrário de uma certa variedade de credo psíquico, obtiveram-se excelentes resultados. A voz era forte e distinta, ouvida por todos sem a habitual repetição por F. H.; e uma vez esteve quase a prorromper numa fala clara.

Walter é sempre um pouco sugestionável. Durante a sessão de 11 de abril, eu, a certa altura, dei um "tch-tch" de desaprovação. Walter aparentemente associou o som a um beijo. Agarrou-se a isso, e ao longo de toda a noite esteve a fazer tch-tch e a estalar os lábios. Durante algum tempo depois disso, manteve a associação entre mim e este som, e era sempre provável que fizesse tch ou estalasse os lábios na minha presença. Fê-lo ainda a 18 de novembro de 1924.

Walter fez uma imitação de *yodel* a 15 de abril — o registo não indica qualquer estímulo por parte dos assistentes. Falou livremente aqui, a "ganhar tempo" com os assistentes, segundo

explicou, enquanto John preparava o terreno para uma ocasião futura.

O dia 25 de abril trouxe uma certa quantidade tanto de sussurros como de assobios em luz vermelha — creio que pela primeira vez em 1924. Mas nada de permanente resultou do gesto.

Retomando novamente o assobio onde o deixámos alguns parágrafos acima, notamos que a 13 de maio Walter saudou cada um dos vários assistentes com um assobio especial; e enquanto trabalhava no ukulele (Capítulo XLIII), rogou pragas e assobiou vigorosamente, *sotto voce*. A profanidade é matéria familiar; Walter é fluente em todos os palavrões ordinários e em alguns extraordinários. O assobiar aqui foi invulgarmente liberal, e foram interpretadas melodias independentemente do Victrola com mais liberdade do que eu alguma vez tinha ouvido antes.

CAPÍTULO XXIX

A MESA INQUIETA

Vimos no Capítulo XX que, após o regresso da viagem europeia, a mesa foi ocasionalmente empregada como meio de saudação e comunicação, na velha técnica do verão e outono anteriores; mas que o desenvolvimento da comunicação vocal cedo tornou isso desnecessário. Contudo, a mesa não caiu em completo desuso; Walter encontrou bastante margem, de tempos a tempos, para o seu emprego como um fim em si mesmo na produção de fenómenos físicos. Assim, a 18 de janeiro, comentando a proposta de que o grupo de Harvard, sem Helson, fosse novamente trazido ao caso em vista das experiências europeias, Walter disse:

"Tragam-nos. Gosto deles, especialmente de McDougall. Querem aparentemente a repetição de alguma coisa simples. Digam-lhes que farei isto, e mais nada, durante seis meses."

Começou então a inclinar uma das extremidades da mesa numa inclinação lenta, monótona e uniforme; depois soltou uma

gargalhada prolongada. A isto se referiu novamente muitas vezes, nesta e em outras noites, insistindo sempre que faria essa inclinação da mesa e mais nada para os cientistas, até que eles pedissem misericórdia.

Isto foi feito com as mãos fora da mesa e dispostas em círculo; mas, pela natureza do caso, seria extremamente difícil ter a certeza de que nenhuma joelho poderia ter sido usado para produzir o movimento.

No dia vinte, a ameaça foi colocada de forma mais artística. “Durante seis meses farei isto todas as noites (aqui inclinava a mesa com regularidade monótona vinte a trinta vezes); depois, nos seis meses seguintes farei isto (a mesa deslizava para a frente e para trás talvez vinte vezes, com uma amplitude de cerca de uma polegada); depois, num terceiro período de seis meses farei apenas isto” — e os dois movimentos foram combinados, com a máxima monotonia, vinte vezes ou arredores. Esta sequência deve ser considerada extremamente hábil.

Embora Walter nunca tenha cumprido verdadeiramente estas ameaças, nunca se esqueceu delas. Muito tempo depois, a 14 de março, quando lembrado de que McDougall viria na semana seguinte, voltou à inclinação da mesa e fê-la monotonamente, com ritmo constante, como que a dar a entender que isto era tudo o que McDougall tiraria dele.

No intervalo contemplado por este parágrafo, a mesa esteve, aparentemente, totalmente inativa, salvo pelo seu uso esporádico em três ocasiões como meio de saudação à antiga maneira, no início das sessões. Mas novamente, no dia quinze, F. H. lembrou Walter da comparência iminente de McDougall, e desta forma provocou novamente a inclinação e oscilação sistemáticas e monótonas da mesa que haveriam de ser tudo o que McDougall alguma vez obteria.

“Mas gostava que lhe desse alguma luz, também”, disse F. H.; “ele nunca viu nenhuma.”

A resposta de Walter foi instantânea e avassaladora: “Não, concordo contigo; nunca viu!”

A ação seguinte retirada da mesa ocorreu a 24 de abril. Antes de a presença de Walter ter sido anunciada, ela deslocou-se bruscamente, primeiro para longe de Margery, depois na minha direção. Certamente Cross e talvez F. H. pensaram que G. B. estava connosco novamente, até que a chegada de Walter os tranquilizou.

Uma manifestação impressionante e violenta com a mesa ocorreu a 26 de abril, sem que nada nas sessões imediatamente precedentes a preparasse. Margery tinha estado extremamente doente durante todo o dia com uma crise agulhada de enxaqueca biliar, náuseas e vómitos. Todos tentámos demovê-la de cumprir o seu compromisso dessa noite com os assistentes da *Scientific American*, mas ela considerava a ocasião altamente científica e de grande importância, e insistiu que, se permitisse que a doença interferisse, ficaria seriamente desacreditada na mente dos membros da comissão.

Embora sentindo que este estado de espírito era ele próprio um sintoma, cedemos e sentámo-nos. Ela esteve melhor à medida que a tarde avançava, mas ainda estava em tal aflição durante a sessão que tivemos de interromper uma vez, enquanto ela saía da sala para vomitar. Durante a sessão, Walter observou várias vezes que a médium estava fraca e o círculo de pouca ou nenhuma utilidade, mas manteve-se firme e fez o que pôde.

Houve uma alternância completa entre membros da comissão e adidos, e possíveis suspeitos. Além do controlo de mãos completo daí resultante em redor de todos, McDougall tinha ambas as pernas de Margery no seu habitual controlo de torniquete; e Roback tinha novamente uma comissão itinerante para detetar fraude e apanhar o cúmplice se pudesse (ver página 180). Walter surgiu a assobiar, de imediato; e quando F. H. lhe

explicou a alternância de cientistas e suspeitos, ele respondeu em tons de perfeito sarcasmo e desespero: “O jogo acabou!”

Alternando entre a luz vermelha e a escuridão, como começava agora a ser de certo modo costume sob a influência de Comstock (ver página 272), a sessão prosseguiu debilmente, sendo raros os fenómenos nítidos. F. H. teve de sair às dez horas para remover um apêndice, e eu mudei-me para o círculo no seu lugar. A coisa continuou então pacificamente até ao seu clímax.

Eu estava sentado com as pernas abertas, com a extremidade da mesa firmemente encravada entre elas, com uma das suas pernas em contacto próximo com cada uma das minhas coxas. Tornou-se evidente para mim que a mesa tendia a inclinar-se, afastando-se da psíquica. Resisti a isto durante alguns minutos, mantendo os outros assistentes desinformados do que se estava a passar. Esperava localizar o ponto de aplicação da força; mas, embora continuasse a ser aplicada uniforme e vigorosamente, não obtive impressões de onde vinha. Tanto quanto alcançavam as minhas perceções, estava preparado para admitir a teoria de que o impulso era interno à própria estrutura da mesa.

A certa altura deixei de me opor; e pouco depois a mesa virou-se, espalhando o megafone, o frasco de vidro, a balança, a gaiola de celulóide e o ukulele pelo chão. Não houve danos em nada, e a frágil balança, com a sua gaiola ainda no lugar sobre ela (ver Capítulo XXXV), aterrou virada para cima no chão, sem perturbação a não ser pelo deslocamento de um prato com os seus pesos. O conjunto do campainha na sua caixa de doces (ver Capítulo XXXVI) era o que estava mais próximo de Margery e tinha o percurso mais longo a deslizar para deixar a mesa; permaneceu no tampo da mesa até que um segundo e mais violento tranco o fez despencar ruidosamente sobre a restante bagagem, novamente sem danos para nada.

As mãos, os pés e as pernas de Margery estavam completamente controlados e fora de ação. Nenhum outro

assistente, estava eu convencido, ocupando McDougall e eu próprio as extremidades da mesa como ocupávamos, poderia ter puxado a mesa para baixo, afastando-a de Margery, sem o uso das mãos. Era fisicamente possível para Margery meter a cabeça debaixo da mesa. Mas nesta posição, com os pés fora do chão como McDougall os segurava, se ela pudesse exercer alguma força, seria apenas com uma reação violenta onde McDougall a segurava.

A 30 de abril, após dez minutos de inatividade, a mesa foi subitamente rodada num ângulo de noventa graus, ficando a descansar sobre o seu bordo lateral. As condições de controlo registadas não eram, contudo, nada semelhantes às do dia vinte e seis.

O sobressalto do dia 26 de abril repetiu-se, amplificado e sob condições ainda melhores, a 11 de maio. F. H. tinha saído novamente para operar, e o círculo reformulado proporcionou novamente a alternância de "cientistas" e "suspeitos". Além disso, o círculo era menor, de modo que a presença da Sra. McDougall como observadora da comissão não foi necessária; Carrington, McDougall e eu próprio éramos suficientes para todos. Cinco minutos depois de termos começado a sessão assim, com perfeito controlo de mãos e pés em redor de todo o círculo, a mesa inclinou-se na minha direção e para longe de Margery, com a balança e os outros aparelhos a deslizarem por cima dos meus joelhos e dos dos meus dois vizinhos. A mesa não se voltou; endireitou-se depois de se libertar da sua carga.

A ideia geral, contudo, era de que o tombamento tinha sido evitado apenas pelo contacto com os assistentes do meu lado. Por isso, alargámos o círculo o mais possível, tornando impossível para qualquer pessoa nele alcançar a mesa com a cabeça, e isolando melhor a mesa contra os observadores fora do círculo, que tinham sido encaminhados para um canto por Comstock. Mas, mesmo assim, a mesa voltou a tombar, na minha direção e para longe de Margery. Veio por ali abaixo, atingindo mãos e pés

em um ou dois pontos e forçando-os momentaneamente a separar-se. Pusemo-la de pé novamente e esperámos, mas nada mais veio, pelo que descemos as escadas e ditámos à Sra. Wood declarações sobre o controlo que os assistentes da comissão tinham mantido nos momentos cruciais.

McDougall: "Os pés da psíquica estavam sobre o meu pé direito, e o meu pé esquerdo estava sobre a superfície dorsal dos pés dela e não foi perturbado desta posição. Sinto-me muito seguro de que os pés não foram retirados durante nenhum dos sobressaltos. Aquando do segundo, notei um sobressalto muito leve do joelho esquerdo, provavelmente no seguimento do sobressalto e insuficiente para o causar. Em ambos os casos tenho a certeza das mãos, uma da psíquica e uma de Adler, que eu segurava."

Carrington: "Posso garantir que a mão direita e o braço da psíquica estiveram adequadamente controlados ao longo de todo o período da perturbação da mesa, assim como a mão de Cross que eu segurava. Como eu estava inclinado para a frente na altura, estava também certo de que a cabeça dela não teve qualquer parte na produção destes fenómenos, uma vez que podia ouvir a sua respiração no meu ouvido esquerdo e sabia que esta respiração vinha de bem fundo no gabinete."

Bird: "Durante os dois sobressaltos estou absolutamente seguro das duas mãos, uma de Adler e uma de Cross, que eu segurava. No segundo episódio, quando o colapso da mesa fez toda a gente sobressaltar-se, tive consciência de que os dois pés de Adler se afastaram dos meus, indicando que tinham estado certamente em contacto no instante em que a mesa se moveu. Com os pés de Cross neste segundo episódio tive contacto ininterrupto. O meu melhor julgamento é que tive tal contacto com todos esses quatro pés durante o primeiro episódio, mas disto a minha memória não é tão clara."

A proporção indevida de controlo de pés atribuída a mim foi intencional, para que aqueles no controlo mais próximo da psíquica tivessem o menor número possível de pontos nos quais concentrar a sua atenção. O sobressalto que Margery deu, tal como observado por McDougall, foi comum a todos os assistentes; o estrondo da mesa foi muito assustador. Ela ficou indignada por ele ter mencionado isso, visto ser obviamente irrelevante. Protestou que era suposto apenas estar controlada, não estar morta.

A 13 de maio, estando Prince e eu no controlo da psíquica, o último ato consistiu num tombo completo da mesa, que deu várias voltas, ficando por fim a descansar de pernas para o ar. Alguns dos assistentes insistiram que isto foi feito por levitação completa. Não obtive sensações sobre este ponto; mas havia tantos pés livres que ao incidente faltou determinação.

A grande atração da sessão de 14 de maio foi, naturalmente, a destruição do gabinete, descrita no Capítulo XXXVIII. Mas depois disto obtivemos alguma atividade da mesa. Moveu-se ligeiramente, rangendo e deslizando de várias maneiras, sendo o efeito habitualmente tal que seria explicado pela teoria de que a mesa estava num chão irregular e a balançar para a frente e para trás em duas e três pernas. A princípio, o controlo foi anunciado como perfeito em redor de todos. Um pouco mais tarde Carrington tinha a sua testa na mesa — a melhor maneira do mundo de saber o que ela está realmente a fazer. Relatou uma inclinação como que em duas pernas, e um deslizar pelo chão de meia polegada ou assim.

Mas aqui McDougall fez a ressalva de que o seu controlo não era perfeito; por que razão e em que aspeto não era perfeito ele não pormenorizou. Em todo o caso, perturbações diminutas da mesa como esta, não importa qual o controlo, são tão pouco convincentes, intrinsecamente, como qualquer coisa que possa acontecer na sala de sessões.

A atividade da mesa numa escala significativa é altamente esporádica, e fica-se realmente intrigado sem saber por que ocorre quando e da forma como ocorre. O rebentamento seguinte deu-se quando estávamos sentados no apartamento de Comstock, a 24 de julho, com uma mesa de jogo vulgar a fazer serviço de emergência. A ação da mesa começou tarde na sessão, depois de um episódio do gabinete ter sido concluído. O registo completo da noite é dado no Capítulo XLVIII, e não preciso de duplicar aqui.

É talvez digno de nota que, na longa série de sessões muito brilhantes de que apresento os pontos altos nos Capítulos LI e LII, a mesa foi quase inteiramente ignorada por Walter, e não desempenhou outro papel além do totalmente normal de uma plataforma onde colocar os vários aparelhos com que Walter estava a trabalhar. Penso que se poderia dizer com pouca exageração que, se Walter tem outras coisas suficientes para o manter ocupado, não se incomoda com a mesa.

CAPÍTULO XXX

O MISTERIOSO BATEDOR REGRESSA

Durante a primeira parte do ano de 1924, Walter parecia achar que a mesa era tudo o que era necessário para complementar a voz na comunicação. Não houve batidas em código durante este intervalo, nem nenhuma oferecida para meros fins de demonstração. Mas a 15 de março de 1924, houve um surto violento deste último tipo. Vieram em séries de cinco, extremamente rápidas — na mesa, no gabinete, na mesa outra vez. A Sra. Richardson sugeriu que uma melodia fosse assim interpretada, e mencionou “Yankee Doodle”; de imediato foi dada corretamente, dentro das possibilidades físicas da técnica empregada.

Depois o operador voluntariou uma frase rítmica familiar aos Richardsons mais velhos, e possuindo um significado familiar e caráter evidencial muito grandes. Envolve uma sincopação tão

marcada que a sua produção não pode ter sido acidental, mas foi dada com precisão. É conhecida na família Richardson como "Down in the Coal Bin Shoveling Smoke". Os Richardsons juntam-se a Margery ao escarnecer da ideia de que ela pudesse de todo conhecer este sinal privado.

Os Richardsons estiveram novamente presentes a 18 de março, e novamente "Down in the Coal Bin" foi interpretada. Desta vez afirmou-se que John estava a dirigir o espetáculo, e deu o sinal familiar a título de identificação. Foi repetido em grande variedade, sempre muito rápido, por vezes assustadoramente alto e outra vez muito suavemente. As batidas que formavam este pedaço de melodia vieram por pedido no gabinete, na mesa, no braço da cadeira de Margery, em várias cabeças de assistentes, até numa área tão circunscrita como a definida pelo anel da Sra. Richardson. Não há indicação da posição dela no círculo, mas ela certamente não estava ao lado de Margery; as observações habituais sobre a precisão da manipulação vêm portanto muito a propósito.

Uma melodia popular foi batida aqui por pedido, e quando se expressou surpresa por Walter e a sua turma a conhecerem, foi oferecida a explicação de que eles vão a todo o lado, aos nossos teatros como a outros lugares.

Bastou uma palavra murmurada pela Sra. Richardson, a 1 de abril, para desencadear "Down in the Coal Bin". John nesta noite estava aparentemente excitado, e inclinado a ficar ruidoso com as suas batidas.

Depois de ir ao teatro com Margery e F. H. a 28 de abril, sentei-me com eles por um curto período de tempo. Após algum atraso, houve uma pancada pavorosa na mesa; eu tinha todo o controlo do meu lado, e acreditei em F. H. quando ele disse o mesmo — o seu estado de excitação tornava necessário acreditar nele. Ele tomou a violência como indicativa da presença de G. B.; mas Walter entrou diretamente e riu-se dele.

Walter foi muito poupado com a voz a 12 de maio — ele enfatiza repetidamente que não fazemos ideia de quanta energia ela consome. Durante um momento, perto do fim, abandonou a palavra falada e usou o código de batidas de há meses atrás. As percussões foram de caráter divergente. Algumas pareciam unhas em madeira, algumas mais ocas do que isso; e houve uma série de fortes estrondos. Vieram na mesa, no gabinete e ocasionalmente noutros locais. Uma vez ocorreram quando ambas as mãos de F. H. estavam controladas à sua direita e ambas as de Margery à sua esquerda, pela técnica que Walter acabou por padronizar sob o nome de "duplo controlo".

Prince, a 15 de maio, pediu batidas, sob o que um observador imparcial se sentiria obrigado a considerar como controlo adequado. Pediu-as em combinações declaradas, e obteve o que pediu. Deixo claro noutro local a extensão e o caráter das suas reservas quanto à necessidade da sua autenticidade. Carrington relatou um tamborilar na mesa durante a sessão de 25 de junho, mas nada mais do que a mera declaração resultou disso. E isto é tudo o que preciso de dizer aqui sobre o Misterioso Batedor.

CAPÍTULO XXXI

O VARÃO DE CORTINA CIRCULANTE

Vimos no Capítulo XIII que, tal como utilizado durante a maior parte de 1923, o varão de cortina no topo do gabinete estava disposto de tal modo que só podia ser removido levantando-o verticalmente para fora dos seus encaixes. Foi removido desta forma em numerosas ocasiões e, como estava bem acima do alcance de Margery enquanto ela permanecesse sentada, tal remoção era frequentemente evidencial de autenticidade. Mas, eventualmente, as abas partiram-se; e como a remoção do varão

se tinha tornado até então a coisa menos impressionante de entre as que Walter tinha por hábito fazer com ele, não parecia haver grande interesse em substituí-las. Os registos não indicam em que data precisa a remoção do varão deixou de significar algo mais do que o afastamento das paredes do gabinete.

A primeira menção ao varão para o ano de 1924 surge a 9 de março; e tendo então redescoberto as suas possibilidades, Walter fez do brincar com ele um hábito quase todas as noites durante um longo período. Nesta ocasião, foi deslocado do gabinete e atirado com as cortinas traseiras para cima da mesa. Atingiu Adler bruscamente na testa; Walter explicou que um cotovelo se tinha movido e o tinha desviado. Esta explicação está em harmonia com o facto de quase nunca ninguém ser atingido, acidental ou violentamente, por qualquer um dos aparelhos materiais de Walter; e de que, habitualmente, quando tal aconteceu, pôde verificar-se que o golpe foi causado por um movimento inesperado da vítima ou de algum outro assistente. Isto alinha-se com as observações da página 213 sobre a precisão da manipulação.

O varão foi recuperado e colocado de novo pelos assistentes; após o que foi derrubado outra vez, caindo desta vez em frente de Margery, entre ela e a mesa. Depois ouviu-se a bater no gabinete, no alto e aparentemente atrás de Margery; e mais tarde caiu dentro do gabinete atrás de Margery, tendo sido levantado completamente por cima dela.

Na noite seguinte, nenhum barulho tinha sido ouvido a indicar a remoção do varão, mas ele começou a dar picadas a Cross no abdómen. Pouco depois ouviu-se a bater no chão. No fim, foi encontrado de pé, atrás de Margery, apoiado contra as costas do gabinete.

O varão foi tirado do seu lugar a 14 de março e usado para bater suavemente nas cabeças de todos os assistentes, tendo as cortinas sido primeiro arrancadas para o libertar. Foi encontrado

escondido dentro do gabinete, coberto por uma das cortinas desmontadas. Depois, com Roback dentro do gabinete para fins experimentais e Margery fora, o varão foi novamente "arrancado do seu assento" e encontrado fora do gabinete, à esquerda.

O registo de 15 de março enfatiza a "grande perícia" com que o varão foi manipulado; mas, a julgar pela sua aparência, penso que significa "grande precisão". O varão foi "arrancado do lugar" e colocado sobre a mesa. Todos os assistentes foram por sua vez tocados na cabeça. David Richardson foi picado pelo varão a pedido de Cross, e foi enfático ao afirmar que sentiu ser o varão e mais nada. No fim, o varão foi encontrado dentro do gabinete, à esquerda. É feita a afirmação específica de que a mão de Margery esteve passiva na de Richardson ao longo de todo o tempo; e F. H. estava no controlo à sua direita. Este é o primeiro exemplo de manipulação do varão que está razoavelmente bem salvaguardado pelo que constava no registo.

Com doze assistentes, o varão, no dia dezasseis, foi extraído do gabinete, usado para bater no candeeiro no meio do teto e para bater levemente nas cabeças de quase todos os assistentes. A questão da precisão surge aqui sob uma forma aguda.

O dia 17 de março viu o varão ser trazido para baixo e colocado no chão por baixo da mesa. Mais tarde foi retirado e levantado acima da mesa sem que nenhum assistente fosse tocado; o relatório não indica como a sua nova posição foi identificada na escuridão. Pediu-se então a F. H. que pusesse a mão no gabinete e sentisse o varão ali suspenso; a profusão da sua exploração não é especificada. Mais tarde, todos os assistentes foram suavemente tocados na cabeça ou na cara pelo varão. Finalmente, foi suspenso verticalmente ao lado do gabinete, usado pelo urso deslizante do Capítulo XXV e depois arremessado por cima da parede do gabinete para o outro lado da sala.

Tinta luminosa foi usada no varão pela primeira vez a 18 de março, ficando ambas as extremidades assim marcadas; e o

registo inclui a declaração de controlo constante por F. H. e Richardson. O varão foi “erguido do seu assento”, diz o registo; mas F. H. concorda comigo em que a esta data as abas provavelmente já tinham desaparecido, tornando isto questionável. Caiu ao chão e foi erguido até à mesa. Foi transportado horizontalmente em redor do círculo; tocou e bateu em várias cabeças, sempre suavemente; bateu no gabinete e no candelabro; depois voltou a pousar numa posição inclinada, com uma extremidade na mesa. Uma tentativa de o repor no gabinete falhou; caiu ao chão ao lado de Richardson. Os resultados desta sessão foram tão mais satisfatórios do que os de quaisquer experiências anteriores com o varão, que por muito tempo a tinta luminosa nunca mais foi omitida — não o sendo, de facto, até Walter deixar de usar o varão regularmente. Esta atuação substitui facilmente a do dia quinze como aquela até à data na qual a autenticidade do trabalho do varão melhor pode assentar.

O varão foi por três vezes colocado na vertical sobre a mesa no dia vinte e um, diante do controlo feroz de McDougall.

A 22 de março, com um dos círculos muito pequenos que tão frequentemente obtêm resultados máximos com a mediunidade de Margery, exibiu-se um acenar do varão sobre a região da mesa, e a entrar e sair pelo círculo, o qual se sentiu ser mais elaborado do que qualquer coisa anteriormente vista. Depois, o varão foi passado através do cordão da placa iluminada (ver Capítulo XXVI), e os dois objetos foram erguidos juntos e acenados graciosamente para cima e para baixo no ar, com frequentes eclipses e silhuetas de um pelo outro. O cordão em questão estava preso à placa como o arame a um quadro, de modo a poder ser pendurado, se desejado.

Depois de ter sido usado para o episódio do urso trepador a 25 de março e para escrever na placa iluminada (Capítulos XXV e XXVI), o varão foi apanhado, as luzes do teto foram atingidas com ele como no dia dezasseis, e cada um dos quatro homens presentes foi tocado. No dia vinte e sete, foi trazido para baixo do

seu assento no gabinete e usado para tocar em Yerxa nos ombros, em Cross no estômago, em Adler na cabeça, etc.

O cinzeiro iluminado estava sobre a mesa, e o varão foi usado para o inclinar de bordo e para o balançar repetidamente para cima e para baixo. Mais tarde, o varão foi segurado na horizontal e usado como um meio visível de empurrar o gabinete para trás quase até à parede, dobrando-se as abas para dentro e deixando Margery quase inteiramente fora do recinto. O varão foi deixado na vertical contra a aba esquerda.

Houve outra atuação invulgar a 29 de março. O varão foi trazido para baixo entre a psíquica e a mesa, sendo depois empurrado para debaixo da cadeira de F. H. Walter instruiu que todas as mãos fossem empilhadas juntas sobre a mesa e McDougall, sob este arranjo, alegou a identificação positiva e contínua de ambas as mãos de Margery e de ambas as de F. H. O varão foi então deslizado pelo chão para debaixo da cadeira da psíquica e para debaixo da aba oeste do gabinete. Empurrou o gabinete para fora do seu caminho ao fazê-lo girar fisicamente; continuou depois entre o gabinete e McDougall, até a extremidade dianteira estar perto da estante de livros e a extremidade traseira em frente ao meio da cadeira de McDougall. Nenhuma declaração aparece no registo sobre controlo dos pés, e parece claro que os pés de Margery, se livres, poderiam ter feito tudo isto. Mas Roback, um observador muito perspicaz, estava livre na sala; e no fim demonstrou a maior preocupação em saber se McDougall estava certo de ter tido ambas as mãos de Margery, e de ele próprio não ter empurrado o varão. A não ser que tomemos estas perguntas como verificação da recordação de F. H. de que havia controlo de pés, elas seriam de todo sem sentido e despropositadas.

Livre manipulação do varão sob controlo anunciado das mãos de Margery por F. H. e Richardson foi obtida a 1 de abril. Veio para a mesa com estrondo. Moveu-se suavemente sobre as cabeças, equilibrou-se para cima e para baixo, tocou em todas as

cabeças por sua vez, picou e bateu em Cross em particular, bateu na luz do teto três vezes, inclinou um pequeno prato iluminado sobre o bordo. Finalmente, por meio de "golpes bem direcionados", limpou a mesa de todos os objetos pequenos; como estes estavam iluminados, isto indica apenas bom controlo do varão, e não capacidade para localizar objetos. Por fim, o varão ficou a descansar, apoiado do tampo da mesa ao topo do gabinete. Mais tarde, Walter convidou Goodall a entrar no gabinete; e quando a sua corpulência lhe dificultou a entrada, o varão foi usado para empurrar o gabinete de modo a abri-lo o suficiente para o admitir.

A sessão de 3 de abril trouxe um episódio que ainda é recordado com risinhos. Um certo bostoniano proeminente e a sua esposa, que por caridade serão deixados sem nome, tinham sido convidados a assistir. Sob completo controlo de Margery por estas duas pessoas, o varão foi trazido para baixo da forma habitual. Mas a senhora visitante tinha as suas próprias ideias quanto ao comportamento apropriado de um fantasma de elevada categoria, e procedeu a manifestá-las: "Walter, ou seja qual for o nome por que sejas chamado, em vez destas coisas fúteis, inúteis e tolas, tais como trazer para baixo varões de cortina, diz-nos tu, na tua sabedoria, como resolver os nossos problemas e as perturbações do mundo."

Walter declinou a responsabilidade pelas fraquezas humanas de forma muito eficaz. "Minha senhora, se fossem todos menos egoístas e tivessem menos centralização em si mesmos, não haveria perturbações."

Depois de os convidados indesejados se terem retirado, e de Walter ter troçado de F. H. pela sua falta de discernimento, ele levantou o varão, aparentemente de onde tinha caído, e "trabalhou-o no ar com destreza".

Novamente a 6 de abril, o registo relata "maravilhoso trabalho de prestidigitação com o varão", mas não dá detalhes. O

dia oito, também, viu “excelente trabalho com o varão, tocando levemente os assistentes nas cabeças ou dando-lhes pequenas picadas nas costelas”. E no dia nove, Walter voltou à técnica de 22 de março e, depois de trazer o varão através do cordão na placa iluminada, acenou com eles juntos pelo ar, cerca de três a cinco pés acima da mesa.

Mais progressos no sentido de definir a manipulação do varão como definitivamente autêntica foram feitos na minha presença e sob o meu controlo a 11 e 12 de abril. Na primeira data, o varão foi equilibrado na extremidade maior do megafone enquanto este instrumento estava invertido sobre a mesa; durante a atuação, eu segurava ambas as mãos de Margery. O varão foi também equilibrado no ar acima da extremidade pequena do megafone. A primeira demonstração pareceu dar muito trabalho, a segunda nenhum. Fui tocado várias vezes com o varão sob pleno controlo em qualquer dos lados de Margery por F. H. e por mim mesmo. Depois o varão foi rodado como um tambor-mor roda a sua batuta, apenas muito mais devagar.

O dia 12 de abril trouxe o clímax do controlo sobre o trabalho do varão. Com McDougall e eu no comando total de todos os pés e mãos de Margery e da maioria dos de F. H. (ver página 252), o varão veio para baixo após vários choques violentos no gabinete. Não caiu livremente, mas fez um trajeto muito intrigante através do que deve ter sido um verdadeiro labirinto de braços e pernas do lado de McDougall, chegando por fim a uma posição horizontal no chão sem atingir nenhum dos assistentes. A primeira sugestão cobrindo isto foi colocada, por McDougall, em termos de penetração da matéria — ele usou a expressão como uma descrição do efeito aparente, em vez de como uma teoria cobrindo o *modus operandi*.

O varão pareceu cair verticalmente, virando depois uma curva muito pronunciada para a posição horizontal. Se o imaginarmos guiado por mãos ou braços, de caráter normal ou supernormal, temos de assumir ou que havia vários destes, de um

para o outro dos quais era passado muito destramente, ou que havia um deles que era de facto capaz de penetrar a matéria. De nenhuma outra forma se poderia visualizar o trajeto do varão através do emaranhado de extremidades humanas que atravessou.

O varão foi recuperado por McDougall e colocado sobre a mesa, apontando para Margery. Enquanto ali jazia, abanou para a frente e para trás, e rodou num ângulo de talvez quarenta graus, no plano da mesa. Parte deste tempo pareceu tão perto do peito de Margery que ela poderia tê-lo empurrado para fora; mas isso deixá-la-ia sem meios de o trazer de volta, a menos que tivesse um cúmplice do outro lado do círculo.

Durante tudo isto, as extremidades do varão ficavam frequentemente eclipsadas para um ou mais assistentes; e isto ocorria com a mesma frequência na extremidade de Margery, onde certamente não havia mão livre para agarrar o varão, como na outra extremidade. A sugestão de McDougall de que o rolar do varão poderia explicar isto foi testada e considerada inadequada. O meu memorando sobre este período da sessão foi: “Controlo completo das mãos e pés de Margery, mais a mão direita de F. H., durante tudo isto.”

O gabinete já tinha sofrido vários choques violentos sem deslocamento material. A minha aba foi agora arrancada, aberta para fora e para trás, até eu já não a conseguir alcançar. A mesa foi virada várias vezes e afastada da médium, sendo deixada no lado distante do círculo, deitada de lado com as pernas a projetarem-se a partir do centro. Nesta posição funcionou como uma barreira contra qualquer ação na zona limpa por parte de Cross; e até certo ponto como tal barreira nos casos de Adler e Ekland.

Nesta zona limpa, desocupada pelo gabinete e pela mesa e de extensão considerável, o varão entrou agora em ação. Ficou inicialmente no chão. Uma extremidade foi elevada até ao joelho de McDougall, sendo feitas numerosas tentativas antes de se obter

sucesso. O varão mostrou uma tendência para cair de volta ao chão depois de chegar a meio do caminho.

O meu controlo tinha sido alargado para incluir ambos os pés de F. H.; eu estava sentado no chão, com a mão direita a agarrar a união de mãos entre a psíquica e o seu marido, e a esquerda a passar por baixo da cadeira dele e a segurar os seus dois tornozelos. McDougall, agora como anteriormente, tinha ambos os pés de Margery num aperto firme; e a mesa, com os pés e joelhos de F. H., isolava o palco de ação contra a invasão pelos pés de Adler ou de Ekland, se não contra a pelas suas mãos.

Finalmente, a extremidade do varão subiu para o joelho de McDougall e ele recebeu instruções para "Aguentar". Ele não via como o fazer sem soltar a psíquica. Várias tentativas para levitar a extremidade distante do varão em redor da sua extremidade como centro de rotação falharam, portanto, deslizando a extremidade dele de volta ao longo do seu joelho e caindo a extremidade livre ruidosamente no chão. F. H. contou nove destas falhas.

A certa altura McDougall prendeu a sua extremidade entre os joelhos e, com ela assim pivotada, a outra extremidade subiu livremente no ar, ficou quase na posição vertical, acariciou-me debaixo do queixo, bateu no ninho de mãos onde eu tinha controlo, descansou no bordo da cadeira de F. H., etc. Devemos adicionar ao meu resumo do controlo neste momento o facto de Roback, livre na sala, ter falhado em detetar a menor indicação de fraude.

Durante a sessão de 15 de abril, John foi creditado com a manipulação do varão. Foi trazido a direito sobre a mesa e baixado suavemente até cerca de dezoito polegadas; caindo depois o resto do caminho com um estrondo. Foi equilibrado no topo do megafone, onde este estava de pé na mesa. Nesta posição foi balançado como uma basculante. Houve também um bom bocado de contacto entre o varão e os assistentes.

A seguir a esta noite, a concentração nas balanças (Capítulo XXXV) resultou em férias para o varão, que não volta a figurar até 8 de maio. Cito o memorando conjunto feito por Carrington e por mim, redigido nessa noite antes de recolher:

"O varão foi várias vezes removido do lugar ao alargar-se o gabinete. Foi arrastado livremente pelo chão, de uma forma que só teria sido evidencial sob controlo rigoroso de todos os pés. Por fim, uma extremidade foi erguida até ao joelho de Goodall e pediu-se-lhe que a pivotasse. A outra extremidade moveu-se então um pouco, mas falhou em aproximar-se da exibição brilhante obtida com McDougall a 12 de abril, de acordo com Bird.

A melhor coisa feita com o varão foi colocá-lo em posições verticais e diagonais acima da mesa, com a extremidade superior por vezes apoiada contra a frente do gabinete e por vezes livre. Isto foi feito sob o chamado 'duplo controlo' [páginas 196, 231] das mãos de Margery e de F. H. pelos assistentes adjacentes a eles."

Naturalmente, o controlo de pés não era pertinente em conexão com este último episódio.

O varão foi novamente usado numa sessão da comissão a 11 de maio. Sentei-me por cerca de uma hora sem ele, antes de ser ativado e colocado no lugar. Em três minutos caiu como habitualmente e foi parar ao chão. O controlo de pés foi eficaz em todo o círculo, tanto quanto pôde ser estabelecido e verificado na escuridão. O controlo dos pés de Margery era certo e contínuo, contudo o varão continuou a mover-se livremente pelo chão. Comstock baixou-se ao chão para o observar melhor. Estava a mover-se diretamente ao longo do seu próprio eixo, à semelhança de 29 de março, e parecia haver um objeto escuro a mover-se com ele numa das extremidades — se a extremidade dianteira ou a traseira, ele falhou em especificar.

Ao mesmo tempo estava a rodar ligeiramente em redor de um eixo vertical e, até certo ponto, a afastar-se de lado. Carrington

tinha aqui ambas as mãos de Margery, tendo-lhe estas sido dadas por cima dos joelhos de F. H.; e ambos os pés de F. H. McDougall tinha ambos os pés de Margery. A força parecia mais fraca com Comstock no chão, e Walter protestou pela forma como ele estava a desarrumar as coisas — entendendo-se que "coisas" se referia às estruturas psíquicas de Walter. Comstock mudou-se em conformidade para uma cadeira perto do Victrola. Vários barulhos foram confrontados com declarações de assistentes: "Fui eu que fiz isso."

O varão avançou diretamente para Comstock e Walter deu uma gargalhada satisfeito: "Fui eu que fiz isso." Comstock relatou agora que o varão parecia sempre estar agarrado pelo meio quando se movia. F. H. foi chamado ao telefone e Comstock tomou momentaneamente o seu lugar no círculo; o varão continuou a rolar e a bater contra a mesa, com controlo relatado como perfeito em todos os aspetos, e simplificado pela ausência de F. H.

Com Prince e eu no controlo das mãos de Margery de ambos os lados a 13 de maio, o varão foi trazido para baixo cedo. Durante a livre manipulação do ukulele, ficou em várias posições ao longo do colo de Margery, das minhas mãos, da mesa, etc., movendo-se um pouco de tempos a tempos, presumivelmente em resposta a movimentos de Margery e meus.

Por fim, uma extremidade pivotou sobre alguma parte da anatomia de Prince — aparentemente o seu abdómen — enquanto a outra extremidade acenava livremente, bem alto no ar, assumindo o varão por vezes uma posição quase vertical. Comentários adicionais sobre este incidente e a sua sequência terão de ser adiados para o Capítulo L.

A 15 de maio, com Prince e Comstock de cada um dos lados de Margery, o varão veio para baixo e ficou no chão à direita de Margery. Mais tarde Walter pediu para o colocarem sobre a mesa; mudou-o depois ele próprio para a posição inclinada, indo do

tampo da mesa diagonalmente até ao topo do gabinete. Novamente, no dia dezasseis, com Comstock e eu no controlo de Margery, o varão veio para baixo. Foi erguido, quer do chão quer de uma posição inclinada contra a mesa, para a posição horizontal, apontando de Comstock para mim, ao longo do colo de Margery.

Este simples item é digno de nota devido à absoluta certeza de que Margery não tinha nenhuma mão livre, ao afastamento do episódio em relação a qualquer possível cúmplice, e à grande extensão em que os braços, cabeça e ombros meus e de Comstock ocupavam na realidade o palco de qualquer fraude que pudesse ser alegada.

Enquanto o varão estava a ser trazido para baixo nesta noite, Comstock tinha acidentalmente metido a cabeça no seu trajeto e apanhado um solavanco muito doloroso. A extremidade do varão do lado dele foi agora erguida, colocada suavemente na sua cabeça e suavemente esfregada para a frente e para trás sobre o preciso local que tinha sido lesionado. Lamento não poder registar uma cura instantânea e mágica, mas Walter aparentemente não é esse tipo de fantasma!

Desde que o arranjo das cortinas tinha sido alterado, no início de janeiro, de modo a ficarem inteiramente ao longo do topo do gabinete, não pendendo de todo à frente dele, o varão de cortina tinha sido desnecessário, como varão de cortina, mas tinha sido meramente mantido como um dos acessórios da sessão.

Com a introdução, por esta altura, de uma grande e dispendiosa balança química (Capítulo XLII), tornou-se costume deixar o varão totalmente fora do gabinete, para que esta balança não fosse danificada quando ele caísse. Com a saída da balança este costume não foi revertido, pelo que a história do varão termina aqui.

CAPÍTULO XXXII

PEQUENAS AVENTURAS DO GABINETE

Ao contrário do varão, o próprio gabinete não constituía uma ferramenta ativa para uso de Walter no período da mediunidade em que agora nos encontramos; contudo, ele não ignorou de todo as suas possibilidades. Criou uma verdadeira comoção com ele a 9 de março, sendo esta a primeira vez que voltava a sua atenção nessa direção desde a viagem europeia. O relato errático do grupo ABC, no entanto, é aqui bem exemplificado. Tudo o que nos é dito sobre o que deve ter sido uma manifestação muito importante é: "O gabinete foi movido para todo o lado, por toda a parte lateral da sala, levando Margery na sua cadeira com ele." E nem uma palavra sobre o controlo!

Várias vezes durante estes meses, o gabinete foi mais ou menos deformado por golpes do varão de cortina; estes incidentes são recontados no capítulo anterior e não precisam de ser repetidos aqui. A 14 de março, estando a sessão aparentemente terminada, Roback sentou-se no gabinete para experimentar as possibilidades de fraude. Walter voltou e fez inúmeras coisas, forçando finalmente a frente do gabinete a juntar-se até que a parte traseira pivotou sobre a dobradiça central, encerrando Roback completamente com a sua cadeira.

Por essa mesma altura, houve várias ocasiões em que as cortinas se comportaram de uma forma curiosa, o que poderia com alguma justiça ter sido mencionado no capítulo sobre brisas frias. A 10 de março, por exemplo, sem qualquer aviso e sem qualquer menção a brisas, uma cortina do topo do gabinete foi projetada para fora sobre a Sra. Litzelmann, sendo depois puxada

através da mesa para cima do seu marido. Pouco depois, durante a manipulação do varão, ouviu-se o gabinete a ser violentamente sacudido.

Uma coincidência real com ventos frios foi notada nas manifestações de cortina de 15 de março. A brisa foi, de facto, ouvida ou sentida primeiro, depois as cortinas sussurraram e moveram-se. Uma delas parecia ser soprada para fora sobre as cabeças dos assistentes. Foi ouvida a sussurrar nesta posição; tocou em alguns dos presentes; foi finalmente arrastada por cima de uma ou duas cabeças e depositada no joelho de F. H., entre ele e Margery. A outra cortina caiu de forma semelhante, após ser aparentemente erguida por cima da cabeça de Margery; veio a pousar finalmente sobre os ombros dela.

Mais tarde nesta sessão, o próprio gabinete foi vigorosamente sacudido e movido de um lado para o outro.

Em referência à menção de duas cortinas, devo explicar que cada uma delas tem aproximadamente metade da largura correspondente à profundidade do gabinete. Uma cobre, portanto, o topo do gabinete, à frente; a outra, a metade traseira. Penduram-se até a um certo ponto fora do gabinete e presumivelmente Margery ou qualquer dos seus vizinhos imediatos poderiam alcançar a da frente sem grande alarde e puxá-la para baixo, se algum destes três tivesse uma mão livre; mas a de trás apresentaria um pouco mais de problema.

Mais uma vez, a 17 de março, as cortinas foram removidas do seu lugar sobre o topo do gabinete, colocadas sobre a cabeça de cada assistente por sua vez e, desta vez, deixadas num monte no chão em frente de Cross. Penso que qualquer pessoa que já tenha tentado manusear um cobertor recalcitrante no meio de uma noite escura e fria terá um sentimento de simpatia pela pessoa que tentasse esta atuação particular de forma fraudulenta, cercada por aqueles a quem era necessário ocultar o que estava a fazer!

Após vários dias de inatividade nesta direção, uma das cortinas foi trazida para baixo sobre F. H. e os dois Yerxas a 27 de março.

A sessão de 12 de abril, que deu tão boa demonstração com o varão de cortina, viu também movimento por parte do gabinete que era inegavelmente autêntico. Havia controlo completo das mãos e dos pés de Margery por McDougall e por mim; e a aba do gabinete do meu lado estava irremediavelmente fora do alcance de qualquer pessoa na sala, exceto Margery e eu.

Mas foi arrancada e aberta para trás até estar completamente fora do alcance dos meus maiores esforços para a encontrar. Este movimento foi tornado possível, não por qualquer deslocamento correspondente da aba do lado de McDougall, mas ao abrir-se o gabinete pelos cantos traseiros, os quais nesta data tinham dobradiças mas não cantoneiras, de modo que qualquer destes cantos podia assumir qualquer ângulo até aos 180° completos. Na presente ocasião, como tornado claro no capítulo anterior, o deslocamento do gabinete foi um meio para um fim — pretendia-se um grande espaço aberto para minha acomodação e para a atuação com o varão. A única escapatória à validade que poderia ser alegada aqui seria através da teoria de que o gabinete tinha sido movido por um cúmplice a partir de fora; mas a presença de Roback livre na sala era competente para excluir isto.

Após esta data, o gabinete manteve-se em bom comportamento até à sessão de 9 de maio, na qual foi empurrado para trás e depois puxado para a frente novamente. Recaiu então na inatividade por alguns dias; e quando voltou a irromper, irrompeu por completo. Na verdade, o episódio de 14 de maio é de tal importância que o deixo por agora, para voltar a ele quando o alcançar cronologicamente.

CAPÍTULO XXXIII

REGISTOS TÍPICOS DE SESSÕES DO INÍCIO DE 1924

Como fiz ao encerrar o primeiro período da mediunidade, procedo agora à apresentação dos registos completos de várias sessões. Estes terão, naturalmente, sido em grande parte antecipados em detalhe nas páginas anteriores; mas nenhuma ideia se terá obtido ali da sequência geral ou do ritmo da sessão considerada como um todo, da variedade de fenómenos passíveis de serem encontrados numa única noite, etc. Para suprir esta deficiência, dou um registo de uma data muito precoce neste período da mediunidade, e vários mostrando ao que a mediunidade tinha chegado quando foi desviada em diferentes direções pela comissão da *Scientific American*.

"Sessão de 1 de janeiro de 1924, na Lime Street, n.º 10, Boston.

22h30–00h00.

"Presentes: Margery, F. H., Dr. e Sra. Richardson, Cross, Adler, Sra. Cadwalader, todos no círculo. Também a Sra. S., que se sentou fora, muito perto do gabinete e diretamente atrás de Richardson, que segurava a mão esquerda de Margery e controlava o seu pé esquerdo.

"Sala fria. Escuridão total. As cortinas do gabinete tinham sido removidas e colocadas sobre o topo, em vez de penderem à frente.

"A música foi tocada no Victrola quase constantemente, saindo F. H. do círculo para o pôr a tocar de novo quando parava. Este parecia ser o desejo de Walter. A mesa moveu-se, a mesa inclinou-se dando o 'boa noite' e levitou sob pleno controlo.

"Formou-se o círculo. Sentiu-se muito ar frio a soprar para fora do gabinete.

"Toques foram sentidos por três assistentes, F. H., Dr. e Sra. Richardson; e pela Sra. S. e pela própria médium. Estes eram habitualmente precedidos por sopros de ar frio e eram suaves mas bastante distintos. Médium sob pleno controlo. F. H. sentiu o maior número de toques e descreveu-os como 'segurar os seus tornozelos', 'puxar as suas calças', e como permanecendo durante vários segundos. O seu cabelo foi também acariciado.

No meu caso [Sra. Richardson], o efeito foi como se algum objeto macio, como uma bola de borracha ou a pata de um animal, tivesse sido suavemente afagado e pressionado contra o tornozelo e a barriga da perna. Foi claramente feito de uma forma carinhosa, uma forma humana, mas não se sentia como uma mão humana. Sentia também, várias vezes, como se uma teia de aranha estivesse sobre a minha face.

"Walter falava apenas em intervalos raros. Uma das vezes foi para nos orientar a colocar o gongo de jantar sobre a mesa. Isto foi feito, com o martelo do gongo pousado a atravessá-lo, e esperávamos ouvir notas batidas como foi feito uma noite. A mesa moveu-se e pressionou contra alguns do círculo, sem contacto [i. e., sem mãos no tampo da mesa]. Os toques continuaram. Depois a voz de Walter disse algo sobre o martelo e Mark, e o seu pai, mas não foi bem percebido, em parte porque o Victrola estava a tocar.

Subitamente houve um pequeno barulho na mesa e ouviu-se o martelo cair no chão entre a psíquica e o Dr. Richardson. F. H. entendeu então que Walter tinha dito: 'Mark vai tocar no seu pai com o martelo.' Deve ter passado muito perto do Dr. Richardson,

mas ele não o sentiu. Walter disse-nos também que tinham sido John e Mark a fazer os toques.

"Walter disse 'Boa noite' no meio da música e a sessão foi encerrada. A Sra. Cadwalader disse que não tinha visto uma mesa agir precisamente como esta."

"Sessão na Lime Street, n.º 10, Boston, 9 de março de 1924.

21h30–23h00.

"Presentes: Dr. e Sra. Brown, Adler, Cross, Sra. S., Margery, F. H., Caldwell, Sr. e Sra. Stewart, e Carrel. Condições habituais.

"Walter surgiu prontamente e pareceu contente por ver os Stewarts. Falou durante vinte minutos na sua habitual forma viva e depois começou os fenómenos físicos. Uma nova criatura de luz, semelhante a um pássaro, a quem ele chamou Jennie, deu pinotes ao redor e tocou em todos no círculo e nos quatro que se sentavam fora do círculo.

"A Sra. Stewart, sentada atrás de Brown e Cross e pelo menos a três pés além do alcance da psíquica, teve um lenço tirado da sua mão e um xaile puxado dos seus ombros. Depois houve uma exibição brilhante de luz, com Walter a fazer a sua 'investigação científica' através da qual mostra uma luz e pergunta quantos a veem, provando que pode tornar uma luz visível a tantos do grupo quantos escolher ou a todos. Depois, com considerável comoção, tendo-nos ele dito que toda a sua 'turma' estava presente, deslocou o varão de cortina do topo do gabinete, atirou-o e às cortinas traseiras para cima da mesa. Fez uma ligeira ferida na testa de Adler, mas Walter explicou que, ao vir para baixo, alguém lhe tinha batido com um cotovelo.

"A Sra. Stewart estendeu uma pesada pulseira de ouro antigo entre as cabeças de Brown e F. H. e ela foi prontamente tirada por Walter; foi depois colocada sobre a mesa; foi entregue à Sra. Brown; foi tirada dela e colocada na cabeça de F. H. e foi depois colocada na cabeça de Caldwell no lado oposto do círculo; depois

desapareceu. Finalmente Walter disse: ‘Liguem as luzes e descansem.’ Quando isto foi feito, a pulseira foi encontrada enfiada e no meio do varão que jazia sobre a mesa.

“Ao recomeçar, cinzeiros de madeira na cabeça de toda a gente foram derrubados, e o varão, que tinha sido reposto no gabinete, foi deslocado novamente, desta vez para o chão em frente da psíquica. Aqui seguiu-se uma grande comoção, sendo o gabinete movido para todo o lado na parte lateral da sala e a psíquica na sua cadeira sendo também movida. Depois o varão de cortina foi ouvido a bater no gabinete no alto, e mais tarde foi ruidosamente para baixo atrás da psíquica, tendo sido erguido completamente por cima da sua cabeça sem lhe tocar. Walter ia dizendo ao longo de toda a exibição: ‘Estão a divertir-se? Não é uma grande festa esta que estamos a ter?’

“A certa altura durante a sessão o Victrola abrandou e F. H. disse: ‘Walter, queres que me levante e trate disso?’ Ele respondeu: ‘Não, eu trato disso.’ E, com efeito, começou a tocar logo de seguida. Noutra altura Stewart não conseguia ouvir muito bem, pelo que disse a Walter: ‘Desliga essa coisa, queres?’ Ao que ela parou prontamente. F. H. disse a Walter: ‘Desligo a eletricidade para o motor não queimar?’ ‘Eu trato disso’, disse Walter.” [Este parágrafo antecipa o Capítulo XL.]

“Sessão na Lime Street, n.º 10, Boston, 13 de março de 1924.

21h45–23h00.

“Presentes e no círculo: Margery, F. H., Cross, Dr. e Sra. Richardson. A Sra. S. sentou-se perto.

“Noite muito tempestuosa; sala bastante fria. Escuridão total e Victrola constante.

“Walter riu-se quase assim que dadas as mãos, e saudou-nos.

“F. H.: ‘Ves que amigos fiéis tens, Walter, a sair nesta tempestade.’

"W.: 'Vem aí uma noite agitada', o que poderia ter-se referido quer ao tempo quer à sessão. Prosseguiu dando-nos uma noite de fenómenos de caráter notável, quase constantes até ao encerramento. Estes incluíram luzes, toques por várias substâncias, movimento de objetos e dizer o conteúdo da carteira de F. H.

"A luz começou muito cedo e durou toda a noite, com desaparecimentos muito curtos. Moveu-se muito, sendo primeiro vista perto da cabeça de Margery, avançando mais tarde em direção ao meio da mesa, onde ficou muito tempo. Durante o movimento de objetos, barulhos, ou toques, podia ser vista nas proximidades destas ocorrências. Por exemplo, fortes batidas no gabinete foram acompanhadas por clarões simultâneos da luz, no local onde as batidas pareciam ocorrer."

[Aqui vem o incidente da carteira da página 216, que não preciso de repetir.]

"F. H. tinha colocado dois cravos sobre a mesa, no início da sessão; também dois anéis de cortina de madeira, de cerca de três polegadas de diâmetro, e pediu para os entrelaçar [algo aparentemente não constante do repertório de Walter]. Quando Walter começou a mover as flores, a Sra. Richardson disse: 'Gostava de cheirar uma.' Um cravo foi transportado com velocidade quase relâmpago em redor do círculo, roçando nas nossas faces e batendo nas nossas cabeças e narizes. Por fim aterrou mesmo debaixo do queixo da Sra. Richardson e ali permaneceu.

"Sra. R.: 'Vou colocá-lo de volta na mesa.'

"W.: 'Não, eu pego noutro', o que fez, e continuou a tocar-nos com ele.

"Toques como que de dedos de cabedal foram sentidos por F. H. e Richardson. Como habitual, o primeiro recebeu a maior atenção e esta por vezes era bastante violenta. F. H. gritou, ao ser

atingido ou empurrado, mas estas exclamações eram sempre seguidas por ‘Obrigado, Walter.’ No meio destes fenómenos, Walter disse: ‘Estamos a pregar-vos uma pequena partida. Quando a sessão terminar, vejam se conseguem encontrar os anéis.’

“Margery disse várias vezes: ‘Está algo debaixo da minha cadeira como um gato’, e podíamos ouvir uma suave comoção no gabinete de vez em quando — sussurros, batidas, etc. Uma ou duas vezes os assistentes tiveram toques nos pés. Durante todo o tempo a luz continuou, por vezes tão grande como um prato de jantar, outra vez muito menor; por vezes com um bordo bem definido e o resto nebuloso; moldada por vezes quase como a metade superior de uma face ou uma meia-máscara, em contorno geral. Mais brilhante em algumas alturas do que em outras, a luz foi vista quase constantemente por F. H. e pela Sra. Richardson, que se sentava junto a ele; raramente por Cross e pelo Dr. Richardson, que completavam o círculo, nessa ordem. Ao culpar o Dr. Richardson a sua visão por isto, Walter citou Mark dizendo: ‘Sim, o Pai devia arranjar uns óculos novos’, o que é provavelmente um facto.

“Falando ainda de Mark, Walter disse: ‘O Mark é um rapaz corajoso. É tão paciente e fiel. Quando o fio fica todo estragado e eu desisti de vocês e o John diz que nunca mais fará nada por vocês, o Mark continua, a apanhá-lo e a remendá-lo.’ (Altamente caraterístico.)

“A voz era suficientemente distinta para ser ouvida por todos os assistentes uma boa parte do tempo, e uma vez esteve quase a prorromper numa fala clara.

“O Dr. Richardson segurou a mão esquerda de Margery ao longo de toda a sessão e relatou que ela permaneceu mole e passiva. A sua outra mão esteve da mesma forma controlada por F. H.

"Às 23h00, Walter disse 'Tenho de ir agora', com grande brusquidão, como se estivesse a obedecer a uma chamada perentória."

[O registo relata a seguir a verificação da contagem feita por Walter do dinheiro de F. H., concluindo isto com as palavras: "Não é costume F. H. transportar tanto dinheiro, e ninguém sabia disso além dele próprio e de Walter, cuja informação era ainda mais detalhada do que a do próprio F. H." Conclui depois:]

"Procedemos à procura dos anéis, que tinham desaparecido da mesa. Levámos cinco ou dez minutos a descobri-los numa espécie de dobra das cortinas, que estavam colocadas sobre o topo do gabinete. Estavam dispostos de tal modo que não os vimos até termos revistado o gabinete minuciosamente, como pensávamos, mais do que uma vez."

As minhas próprias notas feitas imediatamente após a sessão de 12 de abril são muito mais completas do que as de F. H., e dou-as, na medida em que ainda não foram dadas:

"O círculo: F. H., Adler, Sra. McDougall, Cross, Ekland, Dr. McDougall, Margery; nessa ordem da esquerda para a direita. Bird fora do círculo, entre Margery e F. H.; Roback a circular na sala.

"Controlo: McDougall teve a mão direita da psíquica sem interrupção; os seus dois pés calçados com meias descansaram sobre os dele sem interrupção. O controlo contínuo da psíquica por F. H. verificado por Bird, como se segue:

"A princípio Bird sentou-se num banco atrás da cadeira de F. H., com a mão direita no cotovelo direito de F. H. Ao longo deste período, este cotovelo esteve imóvel; mas isto era inadequado. Portanto, durante um segundo período, Bird, de pé e mantendo o controlo na maior parte do pulso de F. H., abandonava este de vez em quando para explorar, em verificação de que F. H. segurava efetivamente a mão da médium. Encontrava sempre esta união

intacta, mas este controlo intermitente, também, era inadequado. Assim, para um terceiro período, incluindo de longe a maior porção da sessão, Bird manteve a mão direita em contacto constante com as duas mãos deles onde unidas. De pé assim, explorava frequentemente com a mão esquerda ao longo do braço para verificar que era o da psíquica; e mantinha a verificação do facto de que eram uma mão esquerda dela e uma direita de F. H. que estavam unidas sob o seu controlo.

Quando a manipulação do varão começou a um nível suficientemente baixo para introduzir a possibilidade do uso de pernas, Bird estendeu o braço esquerdo, até então livre, ao longo do colo de F. H. para controlar os seus joelhos. Walter opôs-se a isto, pelo que Bird se sentou no chão e controlou os tornozelos de F. H. passando a mão esquerda por baixo da cadeira. O controlo da união entre Margery e F. H. manteve-se aqui com a mão direita."

[Insiro aqui um parágrafo do registo de F. H., que está de acordo com os factos e que incide sobre o que acabo de dizer: "Durante a totalidade da sessão, se Bird, ao controlar as mãos entrelaçadas ou noutro local, permitisse que a sua mão entrasse no círculo, era-lhe dito por Walter que corrigisse isso.

Podia entrelaçar as mãos, etc., no aspeto externo tanto quanto quisesse, mas não devia passar para o lado de dentro." Não sei se isto faz sentido ou não, mas pelo menos Walter foi coerente nesta atitude, para esta sessão. Claro que, desde essa altura, estive por todo o espaço adjacente a Margery, no meu controlo, sem protesto de Walter.]

"Luzes Psíquicas: [Dei, na página 202, tudo exceto a última frase aqui, pelo que me dou ao trabalho de avançar para ela] Walter perguntou se já tínhamos tido luzes suficientes; dissemos que sim, e ele indicou que não daria mais nenhuma, mas que se concentraria noutra coisa.

“Manipulação inicial do varão de cortina: [Também a dei na íntegra, na página 237; e apenas preciso de declarar que o memorando que estou a citar termina aqui com] Controlo completo das mãos e dos pés da psíquica mais a mão direita de F. H., durante tudo isto. [Isto traz o varão até ao momento em que ele estava sobre a mesa e a rodar no plano do tampo da mesa.]

“Movimento da mesa e limpeza do palco para o varão: O gabinete já tinha tido vários choques sem deslocamento grave. Agora a aba do lado de Bird foi arrancada, aberta para trás, até Bird já não a conseguir alcançar a partir do seu posto atrás das cadeiras. O outro lado do gabinete não foi perturbado.

A mesa virada, em linha reta para longe da médium, três vezes, deixando-a em pé sobre a extremidade com as pernas a apontar para fora do círculo. Certamente funcionou como barreira contra ação na zona central por parte de Cross. Incerto até que ponto as mãos de Ekland e Adler estariam isoladas; os seus pés certamente excluídos.

“Manipulação tardia do varão de cortina na zona limpa. [Coberta na íntegra nas páginas 238–239.]

“Vozes e sons correlacionados: O sussurro ‘independente’ ouvido quando necessário para Walter fazer uma declaração, mas ele era muito reservado. Bird ficou por vezes com a impressão de que o sussurro vinha de uma altura demasiado elevada para a psíquica, mas com todas as reservas apropriadas aqui. [Roback questiona isto na margem do original: a única objeção que colocou ao ler o documento.] A voz do megafone mal foi ouvida; terá sequer sido ouvida? Os assobios vieram com considerável liberdade dentro e em redor do gabinete; Bird um pouco mais confiante de que alguns destes estavam fora do alcance da médium. [McDougall questionou este assim como o outro, mas nada mais.]

Depois de Walter ter dito ‘Boa noite’ e enquanto Bird procurava pelo interruptor da luz, ouviu-se um assobio, muito

claro e estridente. Bird não se tinha afastado o suficiente para ser seriamente enganado quanto à direção do gabinete; e este assobio veio distintamente de outro quarto. De todos os assistentes, só poderia ter sido Adler. Distância indeterminável. [O 'riso combinado' da página 294 recebe a seguir atenção; disse ali tudo o que o original diz.]

"Contactos físicos, reais ou aparentes, e fenómenos aliados: Bird foi acariciado na face pelo megafone; controlo das mãos da médium completo na altura. Atribuiremos algum significado de todo à insistência da médium de que alguém estava no gabinete com ela? McDougall relatou um tamborilar como de dedos na sua cabeça, um afago como de dedos macios no seu joelho. Estes não foram incluídos na generalização de Roback de que sempre que alguém anunciava um contacto vindo de fora do círculo, tinha sido ele. [O contacto psíquico encontrado pelo meu pé vem a seguir; é dado na íntegra, citado do original, na página 180.]

"Enquanto o gabinete esteve entreaberto em direção ao fim, Bird explorou o espaço entre ele e este no esforço de saber quão longe ele tinha sido deslocado. Walter falou bem alto e pediu a Bird para não tocar nas coisas. Bird fez de facto um leve contacto com o gabinete, inclinando-se e com o braço estendido ao seu limite; não está certo se a voz de Walter precedeu ou seguiu isto. Foi uma disputa renhida em qualquer um dos casos; as duas coisas foram em parte simultâneas e seria meramente uma questão de qual começou primeiro. O contacto foi tão leve e o gabinete tão remoto de Margery de modo a sugerir que o conhecimento dele foi supernormal."

E agora, com o risco de cansar o leitor, darei, para fins de comparação, o próprio registo de F. H. sobre a mesma coisa. Penso que *este* mostrará que, onde ele aplica a sua mente no registo da ação física da sessão com exclusão das palavras dos espíritos, ele consegue fazê-lo de forma tão precisa como o homem ao lado.

“Sessão na Lime Street, n.º 10, 12 de abril de 1924. 21h30–00h30.

“Presentes: Senhores Adler, Bird, Cross e Ekland, Dr. Roback, Dr. e Sra. McDougall, Margery e F. H. A ordem do círculo era: A psíquica; à sua direita McDougall; à sua esquerda F. H.; Bird sentado entre o gabinete e F. H. com a sua mão direita a controlar as mãos entrelaçadas de Margery e F. H., e a sua mão esquerda a controlar as pernas de F. H. Os pés calçados com meias de Margery estavam ambos sobre os pés de McDougall.

“Walter surgiu com luzes muito satisfatórias perto da psíquica, sobre a mesa, diferentes formas e feitios, visíveis para alguns, depois para todos e em muitos feitios. Falou distintamente com e sem megafone, mas o falar foi uma caraterística relativamente pouco importante da sessão. Trouxe o varão para baixo, fazendo-o cair entre a mesa e o Dr. McDougall. O modo exato como alcançou o chão sem atingir as mãos entrelaçadas da psíquica e do Dr. McDougall não foi esclarecido.

“Passado algum tempo, Walter inclinou a mesa ao longo do seu diâmetro maior três quartos de uma revolução completa para longe da psíquica, de modo que a posição final era de pé sobre a sua extremidade com o tampo virado para ela e as pernas viradas para a Sra. McDougall. Por esta manobra, todos no círculo, exceto a psíquica, McDougall, F. H. e Bird, ficaram murados, por assim dizer, pela mesa e pelas suas pernas, deixando uma arena para trabalho em frente destes quatro.

“O varão foi então deslocado para uma posição do lado oposto aos pés do Dr. McDougall para um ponto entre ele e Bird; uma extremidade foi então erguida não menos de nove vezes até ao colo de McDougall. Nas últimas três vezes Walter instruiu McDougall para segurar a sua extremidade, e depois Walter ergueu a outra extremidade, sob a observação próxima de Bird, para cima, entre Bird e F. H., com F. H. e Margery completamente controlados, até o varão ficar vertical no colo de

McDougall ou a jazir do colo de McDougall para o de F. H. Toda esta manifestação foi sem qualquer dúvida superfísica. F. H. e McDougall tiveram ambos a experiência de contacto nos seus joelhos e colos de uma substância macia sólida como um antebraço ou uma perna; e uma vez, quando Bird procurou aliviar a sua posição enquanto estava sentado no chão, estendeu a perna direita para debaixo da cadeira da psíquica e entrou em contacto com alguma substância macia flexível que devia ser superfísica devido ao controlo." Este registo fecha com o parágrafo que já citei, em conexão com o meu próprio.

Como habitual, descobre-se F. H. a deturpar inocentemente a continuidade do controlo (ver página 158). Eu não tive os pés dele até tarde na sessão, contudo o seu registo sugere que os tive do início ao fim; eu não tive controlo adequado da mão esquerda de Margery até ter feito cerca de quinze minutos de trabalho experimental para descobrir até onde precisava de ir e até onde me seria permitido por Walter ir nesta direção, contudo ele imputa-me esse controlo desde o início. Esta é a única crítica séria que eu apresentaria ao seu relato, depois de ter lido os seus registos de mais de cinquenta sessões nas quais estive presente.

E penso que o documento acima me dará razão nesta atitude; qualquer outra discrepância entre os registos dele e os meus é ou uma discrepância menor, ou uma em que é tão provável que eu esteja errado como ele. Claro que se pode apresentar objeção ao facto de ele incluir conclusões quanto ao caráter superfísico dos fenómenos no seu registo de sessão; mas este é um erro inofensivo, na medida em que é totalmente evidente na própria apresentação.

PARTE IV

COM A COMISSÃO DA SCIENTIFIC AMERICAN

CAPÍTULO XXXIV

O EPISÓDIO DO FRASCO SELADO

Trouxemos agora até ao fim de abril, ou até uma data ainda posterior, a nossa descrição de todos os fenómenos espontâneos da mediunidade de Margery, salvo alguns que mantive deliberadamente de reserva porque será mais conveniente voltar atrás mais tarde e recuperá-los do que teria sido cobri-los prematuramente. Chegamos, portanto, ao ponto em que a mediunidade passa sob a observação da comissão da *Scientific American*. Verificaremos que o contacto desta comissão com o caso influenciou os fenómenos profundamente; e por algum tempo no futuro centraremos a nossa atenção quase totalmente nas realizações da comissão e nas sessões da comissão.

Uma questão principal de orientação enfrentou a Comissão desde o início — uma questão que existe sempre quanto ao procedimento mais proveitoso na sala de sessões. Deverá alguém confiar para validação dos fenómenos no controlo tradicional da médium, mais a exclusão sistemática das oportunidades de cumplicidade? Ou deverá alguém procurar, com a ajuda de aparelhos científicos modernos, colocar a investigação numa base de precisão mecânica que elimine a necessidade de controlo pessoal da psíquica, elimine o bicho-papão do cúmplice, e nos proporcione uma garantia automática de que qualquer coisa que aconteça na sala de sessões é necessariamente autêntica? Um investigador tão competente como Geley expressou uma forte preferência pela primeira alternativa, indicando que a sua convicção nos resultados da sessão varia na razão direta com o seu próprio conhecimento pessoal do paradeiro das extremidades da médium, e que não há substituto para o bom e velho método de prevenir a fraude segurando as mãos e os pés da médium. Mas quando trazemos o estudioso de física moderna para o caso, somos propensos a encontrá-lo a inclinar-se na outra direção; e tal foi o caso com Comstock.

Há muito a dizer a favor das suas ideias. Quando alguém se senta numa sala escura e é tocado com o varão de cortina, há demasiados fatores envolvidos. O escuro, a sala, o varão de

cortina, a psíquica, os outros assistentes — todos entram no problema. Mas se apenas conseguirmos trazer ingenuidade suficiente para o caso, argumenta Comstock, deveremos ser bem-sucedidos em conceber uma forma de as forças psíquicas trabalharem que elimine automaticamente a necessidade de preocupação com a sala, o grau de iluminação, a hipótese de cumplicidade, e a localização precisa de momento a momento das extremidades da médium, deixando-nos livres para nos concentrarmos sobre o próprio aparelho e os fenómenos com ele obtidos. A manifestação psíquica ideal será aquela que envolva o uso de tal aparelho que não possa de todo ocorrer salvo de forma autêntica. E o aparelho, naturalmente, deverá pertencer não à médium, mas ao investigador.

Comstock achava excelentes as probabilidades de, se lhe fosse permitida uma margem comparativamente livre, poder ser capaz de conceber tal aparelho, apresentá-lo a Walter, e obter fenómenos através do seu uso. Decidiu-se deixá-lo atacar a matéria ao longo destas linhas, com McDougall por momentos a fazer o papel de um espectador interessado. Assim, Comstock foi para o seu laboratório inventar um novo e melhor tipo de manifestação psíquica.

Não se esperava, naturalmente, que a mediunidade fosse inteiramente canalizada para os novos rumos abertos por este plano. Ficou entendido que, fizessemos o que fizessemos, o corpo geral dos fenómenos espontâneos continuaria normalmente. Na verdade, como vimos nos capítulos anteriores, eles continuaram normalmente, e a Comissão não os ignorou de modo algum. Mas chegamos agora, em adição a estas manifestações familiares, a um corpo de fenómenos diretamente inspirados pela minha Comissão em geral, e por Comstock em particular; e estes absorverão a nossa atenção durante vários capítulos.

A primeira linha de ataque de Comstock esteve na direção de tentar fazer com que Walter fizesse algo dentro de um espaço fechado e selado. Ele não estava, creio eu, certo de qual seria a

versão final de um “espaço fechado e selado”. Mas trouxe a sua versão preliminar consigo para a sessão de 18 de abril. O novo aparelho era uma garrafa de azeitonas de dois quartos de galão, com a rolha selada no lugar por um grande pingo de cera. Projetando-se para dentro da garrafa a partir do lado inferior da rolha estava um gancho de latão de seis polegadas, com o formato do cajado de um pastor, com a abertura protegida por uma tira de latão, atuando como uma mola.

Esta pressionava contra o lado interior do gancho, substancialmente como diagramado. A coisa toda funcionava mais ou menos como um mosquetão. Por pressão apropriada, o gancho podia ser aberto para a entrada de um anel, permitindo que este fosse pendurado no gancho; mas uma vez lá dentro, retirá-lo de lá seria uma proposta diferente.

Nesta garrafa, soltos, estavam um anel de cortina de madeira com cerca de duas polegadas de diâmetro, no total; um anel de latão de 1 polegada e meia de diâmetro; um anel flexível de cordão verde, com cerca de cinco polegadas de largura; um lápis curto e afiado; e uma única folha de papel de cerca de três polegadas por cinco. O programa colocado diante de Walter envolvia a produção de escrita coerente dentro da garrafa ou a colocação de um dos anéis no gancho. A opinião divergiria sobre se isto é uma impossibilidade psíquica ou não; constitui um teste legítimo se não se tirarem conclusões demasiado genéricas no caso de falha.

Nenhuma declaração específica foi alguma vez feita por Comstock, cobrindo a impossibilidade de agitar a garrafa de tal forma que fizesse um dos anéis cair contra o gancho com força suficiente para o abrir. Mas claramente, se isto se viesse a revelar possível, a remoção do anel seria uma matéria diferente, que certamente só poderia ser alcançada segurando o gancho aberto enquanto o anel era retirado. Se, contudo, a força psíquica atua numa quarta dimensão, como muitas vezes se alega, qualquer um

ou ambos estes testes deveriam ser, em teoria pelo menos, bastante simples.

O aparelho foi apresentado a Walter a 18 de abril; e se Comstock agiu de acordo com o seu perfil, deve ter feito um longo discurso, explicando a Walter que não queria pedir o impossível; que esperava que Walter trabalhasse sobre a garrafa durante algum tempo e visse se achava que algo poderia ser feito com ela; que se ele achasse que não, a faculdade inventiva teria de se ocupar numa direção diferente. Comstock, de todos os investigadores que se sentaram no caso, excluindo, assim o espero, eu próprio, é o mais coerente na sua atitude de jogar sempre o jogo com a personalidade de Walter.

Walter expressou interesse instantâneo, e disponibilidade para tentar. A sessão realizou-se no escuro; a garrafa estava sobre a mesa. À medida que a noite avançava, Walter brincou com ela como faria com qualquer outro objeto colocado à sua disposição. Inclinou-a de lado; depois rolou-a violentamente para a frente e para trás sobre a mesa e o chão, com a observação: “Estou a rolar roscas.” A seguir os conteúdos da garrafa foram ouvidos a saltar lá dentro, presumivelmente através de deslocamento vertical de todo o frasco. A garrafa foi empurrada contra as faces de F. H. e Comstock, para cima dos joelhos de Comstock e para o colo de Margery. Foi agitada no ar em vários locais, e finalmente depositada no chão atrás de Margery. Depois o varão de cortina foi usado como um pau de hóquei, para empurrar o frasco de um lado para o outro. No fim Walter disse: “Certifiquem-se de olhar para dentro da garrafa quando terminarem, mas não lhe mexam mais do que o necessário, e não a tirem desta sala.”

O exame revelou a folha de papel presa, com o seu diâmetro maior vertical, profundamente empalada no gancho e segurada pela mola. Não se deve atribuir demasiado crédito ao aparente estado de conhecimento de Walter; tenho a certeza de que ele lhes teria dito para olharem para dentro do frasco, por uma questão de

princípio. Mas o papel não tem peso e não tem rigidez para ajudar a abrir o gancho, se caísse em posição de entrar.

Por outro lado, o papel é tão fino que alguém se poderia perguntar se o gancho precisa sequer de ser aberto para o meter lá dentro. Mas nós pelo menos descartamos a fraude. Se não for genuinamente psíquico, o resultado notado só pode ser um acidente, pois a garrafa não poderia ser aberta e selada de novo na sala de sessões.

Walter opôs-se ao tamanho do anel de madeira. Era demasiado grosso para entrar no gancho. "Façam uma rosca com um buraco maior", disse ele, prosseguindo uma figura de estilo anterior. Julgo que ele estava correto aqui, que o gancho dificilmente se abriria o suficiente para admitir este anel.

A sessão encerrou às 23h00. A certa altura durante o dia seguinte, sábado, dia dezanove, F. H. teve de fazer uma viagem de comboio de cerca de cem milhas devido a uma chamada profissional. No último minuto descobriu que não conseguia voltar de comboio para a sua rotina de domingo; pelo que Margery seguiu no carro para o trazer de volta. Ela levou Cross consigo; e às 20h00, sentados no carro, a curiosidade de Aleck sobre se Walter viria sob tais condições levou-o a propor a questão. Foi respondido pelo assobio de Walter, primeiro aparentemente do lado de fora; depois no carro e muitas vezes repetido. Perguntaram-lhe por que não voltava para a Lime Street e enganchava um dos anéis. "Irei", indicou o seu assobio interpretativo.

Regressando no carro, o grupo de três alcançou a Lime Street por volta da 01h30 de domingo e subiu ao último andar durante vinte minutos com Walter. "Estão cansados", disse ele, "mas quero que olhem para a garrafa depois de eu me ir embora."

O anel de cordão verde foi encontrado no gancho, estando o papel aparentemente intocado no frasco. É autoevidente que o frasco teria de ser aberto e selado de novo para produzir este

resultado normalmente. É quase evidente que a própria Margery não poderia ter encontrado tempo para fazer isto no intervalo entre a partida de Comstock e o clímax. O ónus cai assim sobre o hipotético cúmplice, que tem de aguentar com tanta coisa. Mas Comstock não nasceu ontem; ele deve ter marcado a cera. Ele admite que quando viu o frasco a seguir o anel estava no gancho; não diz nada sobre quaisquer indicações de que o selo tivesse sido perturbado. Mas admitindo um cúmplice, este teria tido tempo de sobra para fazer um molde de gesso da cera e usar isto para a restaurar na sua condição original.

Obviamente não podemos considerar como conclusivo nada do que é feito na nossa ausência dentro de uma garrafa selada apenas com cera. O próprio Walter apontou isto a Comstock, e disse-lhe que o único frasco que realmente significaria alguma coisa seria um soprado todo numa só peça, com o gancho embutido no vidro. "Como uma lâmpada elétrica", foi a sua simile.

A objeção mais abstrata será talvez levantada de que é uma violação da tradição psíquica que algo seja feito na ausência da médium. Contudo, a casa assombrada sugere a possibilidade; e se houver aportes genuínos, a metade de ir-buscar desta manifestação é necessariamente feita sem a médium. Walter insiste que anda de um lado para o outro livremente na sala de sessões quando ninguém do nosso plano está presente; e ele apresenta esta alegação de forma persistente e coerente. Ele exige que as coisas sejam deixadas sem perturbação na sala de sessões o mais possível. Muitas vezes ele apresenta esta exigência com referência a aparelhos específicos no intervalo entre sessões específicas; e mantém-no sempre diante da casa como uma questão de princípio. Ele diz que tem uma grande quantidade de aparelhos superfísicos na sala de sessões, que ficam perturbados quando esta sala é invadida. Ocasionalmente ele até se opõe a que a sala seja varrida e arejada. É inegável que os fenómenos correm melhor quando os seus desejos a este respeito são cumpridos.

A alegação muito surpreendente de que o anel foi colocado no gancho na ausência de Margery, portanto, sou mais lento a condenar do que o princípio geral poderia sugerir. Claro que a noção de fenómenos a acontecerem e contactos a serem estabelecidos na ausência da médium, se aceite, aponta bastante definitivamente para uma inteligência desencarnada como o fator operante. O leitor terá de decidir por si mesmo se isto é uma vantagem ou desvantagem filosófica.

Walter tinha dado instruções para que o frasco ficasse na prateleira inferior da mesa entre as sessões. No dia vinte, houve uma sessão que envolveu o frasco apenas no sentido em que foi nessa altura que Comstock viu o anel no gancho. No dia vinte e um, o exame sob boa luz vermelha por parte de F. H., Margery, Goodall, Golding e Cross levou à declaração de que o anel estava agora fora do gancho. Isto é claramente algo impossível de ter uma ocorrência acidental, e força-nos a escolher entre a autenticidade e a remoção e novo selamento. Quando um incidente nos força a escolher entre a validade e o acidente, e outro entre a validade e a fraude, a sugestão combinada de ambos é inelutável.

Durante esta sessão, depois de agitar a garrafa e de a colocar no chão atrás de Margery, Walter estava aparentemente a rolá-la de um lado para o outro como um rolo da massa. Subitamente exclamou: “Caramba; rachou. É uma pena; o Comstock vai ficar chateado. Digam-lhe para trazer uma garrafa nova, mas para usar o mesmo gancho, porque já tenho este preparado de modo a poder usá-lo bem. Digam-lhe para colocar apenas anéis de cordão como aquele que eu enganchei, e para colocar seis ou oito deles. Eu meto-os todos; e desafio qualquer ser humano no vosso plano a fazer isso.”

O exame mostrou uma fratura estrelada perto do gargalo, dificilmente grande o suficiente para ser chamada um dano grave, e certamente não para ser citada como um meio de entrada fraudulenta na garrafa. Os assistentes insistiram que não ouviram

nenhum barulho de vidro a quebrar-se, e que o anúncio de Walter constituía um dos "factos apenas por ele conhecidos" para os quais F. H. está sempre à espreita. O papel no frasco estava coberto de pontos e o lápis estava partido. Os presentes, no meu julgamento, atribuíram um valor demasiado alto à improbabilidade de isto poder ter ocorrido acidentalmente; parece-me um resultado normal provável de agitar o frasco de um lado para o outro.

Surge agora uma questão de facto, entre Comstock e os assistentes regulares. Comstock tinha aceite em princípio a sugestão de Walter para um frasco totalmente selado. Mas se não houvesse razão para supor que Walter pudesse trabalhar dentro de tal recipiente, Comstock desejava evitar o trabalho e a despesa de o fabricar. Por isso ele considerava o frasco de vidro com os selos como constituindo uma fase preliminar; se algo fosse feito sob o selo, ele tencionava então fornecer o novo frasco, similar internamente ao primeiro, mas soprado todo numa só peça, sem qualquer boca. O sucesso com tal recipiente seria, naturalmente, definitivo.

Com esta ideia em mente, Comstock sentiu que o enganchar do anel era tão impressionante como qualquer outra coisa que fosse provável ser feita com o frasco original, e que constituía o sucesso preliminar necessário. Mas ele estava a experimentar para obter maior segurança contra acidentes, variando a forma e a tensão do gancho e da mola. Enquanto pendia a determinação das melhores formas para estes, ele não tomou precauções para assegurar a recordação ou o registo da sequência posterior de eventos com o frasco antigo.

Durante o dia vinte e dois ele mandou recolher a garrafa danificada, para reaproveitar o gancho; e não se lembra de que, quando a recebeu de volta, o anel estivesse fora do gancho. Ao mesmo tempo, creio que ele percebe que não a examinou com nenhum cuidado; e que as probabilidades de erro pendem contra ele em vez de contra os cinco assistentes do dia vinte e um.

O facto de a memória de Comstock não concordar com a deles nunca ocorreu às cinco pessoas em questão; elas assumiram que as observações dele e as deles coincidiam. Por puro acaso, através da concentração da atenção no trabalho posterior de Walter com a ideia do frasco, e da projeção dos pensamentos de todos os envolvidos no futuro, nada foi dito na altura para trazer esta divergência à luz. Quando, algumas semanas mais tarde, Comstock começou a perceber, por coisas ditas sobre o frasco na sua presença, que estava a ser avançada a alegação de que o anel tinha sido tirado do gancho, ele explicou prontamente e com franqueza, sem precipitar qualquer discussão quanto à boa-fé mútua, que este não era o seu conhecimento ou a sua recordação do incidente.

Nenhuma questão de boa-fé pode ser levantada aqui, na verdade. Eu conhecia os detalhes das alegações da Lime Street quanto ao incidente do frasco, e fiquei tão surpreendido como qualquer pessoa ao saber que a recordação de Comstock não concordava.

Se este assunto não ficou logo resolvido, outro ficou — desta vez entre Comstock e Walter. Para a noite do dia vinte e dois, Comstock trouxe outra garrafa temporária, para manter a atenção de Walter nesta direção até que o frasco fundido estivesse pronto. Esta tinha cerca de quinze polegadas de altura, de boca larga; e sob a cera a rolha estava firmemente presa com arame no lugar. Lado de dentro estavam três anéis de cordão de tamanho razoável, um pequeno bloco de papel e um lápis; e naturalmente o gancho, que Conant descreve, num documento contemporâneo, como “um gancho de latão de mola suave”. Os anéis, de acordo com Comstock e Conant, estavam desta vez “absolutamente incapazes de entrar ou sair do gancho ao caírem contra a mola por gravidade”.

Comstock declarou que o gancho era o mesmo gancho antigo, mas que o tinha alisado, voltado a curvar para o que considerava uma forma melhor, e usado uma mola inteiramente

nova para fechar a abertura. Walter surgiu prontamente quando a sessão começou, e disse:

"Pedi-te para não mudares aquele gancho com o qual eu estava familiarizado. No entanto, fizeste-lo. Agora tenho de me familiarizar com esta nova garrafa. Não vale a pena continuar com isto a menos que estejas disposto a registar o que eu fiz. É tudo uma perda de tempo, quando sabes que, faça eu o que fizer com este novo frasco, o mundo não acreditará, mas insistirá que o gancho devia estar fundido num frasco fechado como uma lâmpada elétrica."

A manipulação psíquica do frasco ficou em suspenso enquanto esta controvérsia se desenrolava; pois Comstock não admitia ter feito qualquer mudança significativa no gancho. Ele não esteve presente no dia vinte e três, mas F. H. apresentou a Walter, como suas próprias, certas opiniões que sabia que Comstock desejava registar:

"Agora, Walter, parece-me que devíamos terminar esta questão da garrafa no escuro e avançar para a ação em luz vermelha com as balanças. [Mesmo que o prémio da *Scientific American* fosse pago com base em algo feito com o frasco, Comstock tencionava prosseguir com o caso.] Além disso, penso que a garrafa devia ser deixada aqui entre as sessões apenas com o entendimento de que nada será efetivamente realizado com ela visivelmente, exceto quando estivermos em sessão. Claro que ficaria entendido que podes trabalhar nela tudo o que quiseres nos intervalos, desde que não faças nada que seja suposto contar como fenómeno."

O que Comstock temia não era o perigo de ser enganado ele próprio, mas que um bando de sabichões, lendo o que quer que ele tivesse a relatar, inventasse razões para imaginar que ele tinha sido enganado. Ele imaginava estas pessoas espertas a perguntarem-lhe como sabia que a garrafa na qual encontrou o fenómeno terminado era a sua garrafa e não uma substituída;

imaginava outras alegações absurdas; e temia não ser capaz de convencer o crítico comum de que tinha respondido a elas. O que tudo faz sentido suficiente para evitar que o descartemos, de ânimo leve, como absurdo.

As observações de Walter sobre Comstock não foram tão corteses.

"Aquele homem mentiu-me. Ele viu o cordão no gancho, viu-o fora do gancho; ouviu-me dizer-lhe para não mudar o gancho quando mudasse de garrafa. Depois levou a garrafa antiga e o gancho para o seu laboratório e trabalhou durante uma hora para meter o anel, e para o tirar quando estava metido; mas não conseguiu fazer nenhuma das duas coisas. [Isto era um facto, e Margery insiste que não o sabia.] Depois, em vez de deixar o gancho como estava, como eu lhe pedi, poliu o gancho, mudou a sua forma e colocou uma mola mais forte. Embora ele tivesse considerado o meu truque impossível de fazer para ele, fez todas estas mudanças para o tornar mais difícil. Ele diz que aquela mola se dobrará com uma pressão de um terço de onça. Eu diria antes um terço de libra. Com o novo gancho, penso que a força que eu teria de usar para abrir o gancho poderia rebentar o frasco."

Depois Walter virou as suas baterias contra o seu público como um todo. "Estou-me nas tintas para convencer o público ou quem quer que seja. Vocês não fazem ideia de por que estou aqui. Mas não digam nada disto a Comstock; deixem-no comigo. Posso partir-lhe a garrafa e a balança — o problema é dele. Não vejo como é que vocês, tolos, podem esperar alguma coisa. Estão sempre a saltar para ir ao telefone ou para ligar a luz vermelha. Nunca se sentam com o mesmo grupo duas vezes. Ficam todos tensos e nervosos."

Durante o dia vinte e quatro, o frasco de vidro foi retirado para ser fotografado. Comstock trouxe-o de volta nessa noite, e Walter ditou-lhe as regras:

“Fica entendido a partir de agora que as coisas com que queres que se trabalhe são minhas. Quero-as em cima da mesa agora, e deixadas lá durante as sessões e entre as sessões, e nunca tocadas por nenhum de vocês. [Ele faz habitualmente esta última declaração em situações extremas como a presente, e depois recua parcialmente em relação a ela mais tarde.] Seja o que for que eu faça — e posso não fazer nada de todo —, fá-lo-ei quando vocês estiverem aqui; mas tenho de ter as coisas para trabalhar entre as sessões. Não sei mais sobre este negócio do que tu, Comstock; estou apenas a experimentar, tal como tu.”

Esta é uma ideia à qual Walter regressa uma e outra vez. Dezenas de vezes ouvi-o dizer, quando perguntado se pode fazer determinada coisa: “Não sei; vou tentar.” Noutra ocasião as suas palavras foram: “Sou tão ignorante como tu, Comstock.” Comstock apreciou isto imenso, rindo-se alto e retorquindo: “Isso é ser-se bastante ignorante, Walter!”

Por fim, nesta data, 24 de abril, chegámos ao material físico; mas o frasco foi ignorado. No dia vinte e cinco, contudo, recebeu uma boa dose da atenção de Walter. Foi rolado pela mesa e, embora o seu grande diâmetro e lados lisos o tornassem extremamente difícil de manusear com uma mão, foi transportado pelo ar com toda a liberdade. Comstock, F. H. e eu fomos tocados com ele. Barulhos foram frequentemente ouvidos, completamente identificáveis como sendo no interior do frasco.

Com a mente fixa na dificuldade de dizer positivamente o que poderia ser feito dentro do frasco ao agitá-lo a partir de fora, Comstock tinha tentado controlar esta movimentação brusca. Um pequeno tubo, preso verticalmente à haste do gancho, continha mercúrio; o frasco não podia ser materialmente agitado ou inclinado sem derramar isto. Eu achei que isto era um desperdício de bom material; assumi que, mercúrio ou sem mercúrio, Walter faria o que quisesse com o frasco. Fez; e a certa altura perguntou a Comstock onde é que ele achava que o seu mercúrio estava, agora. Num momento anterior Walter tinha dito que viraria a

garrafa tanto quanto quisesse; o mercúrio que fosse para onde quisesse, e Comstock que fosse para o diabo.

Após a partida de Comstock, continuámos a sessão. O frasco estava sobre a mesa, ao alcance fácil se Margery tivesse uma mão livre; mas F. H. tinha uma das mãos dela e eu a outra. A manipulação do frasco na presença de Comstock tinha deixado os anéis parcialmente entrelaçados e parcialmente em redor do bloco de papel, de uma forma que parecia improvavelmente acidental. Estavam agora parcialmente desengatados.

O bloco foi então colocado numa posição semiereta contra o lado do frasco; dois dos anéis permaneceram ligeiramente emaranhados com ele; e o terceiro anel foi erguido de uma forma muito curiosa no topo desta estrutura e contra o gancho. Isto foi feito, naturalmente, na escuridão, e tanto quanto os ruídos feitos indicariam, poderia tão provavelmente como não ter sido o mero resultado de agitar o frasco de um lado para o outro.

F. H. insistiu que esta era uma demonstração maravilhosa da engenhosidade da técnica pretendida por Walter para enganchar o anel. Eu senti que alguém devia perguntar-se por que era necessária tal evasiva; mas podia concordar que, se isto era realmente parte do processo de enganchar, estava a ser feito de uma forma que certamente não me teria ocorrido. F. H. deduziu que Walter tinha dificuldade em segurar o anel enquanto atacava o gancho rígido e igual dificuldade em trazer o anel para cima a partir do fundo do frasco enquanto mantinha o gancho aberto; e que esta curiosa linha de ataque representava o seu esforço para contornar os obstáculos. Embora o rearranjo que descrevo tenha sido efetuado com muito movimento da garrafa na mesa e no ar, e com muito barulho, não me pareceu uma posição de equilíbrio, e achei a probabilidade da sua ocorrência por acaso pequena.

Nesta ou numa sessão anterior, Comstock e F. H. anunciaram simultaneamente ter sido tocados nas suas testas com a garrafa. Não sei como podemos ter a certeza de que os toques foram

absolutamente simultâneos; eu preferiria pensar numa transferência muito rápida da garrafa, o que de facto concordaria perfeitamente com as minhas observações gerais de sessão. Mas, em todo o caso, era certo que não podia haver confusão entre a garrafa e qualquer outro objeto; e Walter explicou que estava a fazer uma garrafa própria.

A sugestão tirada disto foi a de que ele faz um duplo psíquico de todo o nosso aparelho, trabalhando diretamente sobre este; e que, automaticamente ou de outra forma, os resultados são duplicados no protótipo material. Noutra ocasião foi dito algo que apoia tal teoria, mas se tivéssemos de a tomar a sério devíamos ter mais do que duas referências aleatórias a ela num período de tempo tão longo.

Quando fomos para a sala de sessões na noite do dia vinte e seis, encontrámos o conteúdo do frasco de vidro colapsado, e a jazir plano no fundo. Cross e eu tínhamos estado a experimentar com outro aparelho durante a manhã, e F. H. estava inclinado a culpar-nos por termos estragado o jogo de Walter; mas estávamos certos de que não tínhamos perturbado o frasco de modo algum. A sugestão foi então avançada de que, na sequência da crítica de Walter ao gancho e da sua falha em fazer mais do que baralhar o conteúdo do frasco, esta era a sua forma de descartar o aparelho como impraticável. Nesta data e no dia vinte e sete ele ignorou o frasco inteiramente, salvo em conversa; e sempre que era induzido a falar sobre ele dizia algo desagradável sobre Comstock ou os outros assistentes. Por essa altura ele estava a progredir tão bem com a balança (Capítulo XXXV), que pareceu prudente remover o frasco como um objeto infrutífero de discórdia. Assim foi retirado; e isso termina o capítulo.

CAPÍTULO XXXV

"AQUELA MALDITA BALANÇA"

Quase simultaneamente com o frasco selado, Comstock trouxe para a sala de sessões da Lime Street outro pedaço de

aparelho — a balança química comum. A ideia era simplesmente fornecer a Walter um instrumento para levitação que fosse mais capaz de definição científica, avaliação numérica e análise e exame precisos do que o aparelho comum da sala de sessões. Ao contrário do frasco, não apresentava nenhum problema definido, prescrito de antemão. O programa era simplesmente expor Walter à balança, na esperança de que ele pudesse produzir um comportamento supernormal dos pratos; após o que, o problema de estabelecer ao redor da atuação as condições necessárias de determinação científica seria atacado. Walter mostrar-nos-ia o que podia fazer com a balança; nós então ditar-lhe-íamos ou acordaríamos com ele as condições sob as quais ele o poderia fazer com caráter definitivo.

Como primeira aproximação para pôr esta ideia em prática, Comstock brought consigo, a 22 de abril de 1924, dois exemplos deste tipo de aparelho. O primeiro era de construção rudimentar, mas decididamente sensível. Depois de a sessão ter corrido no escuro durante algum tempo, com outro aparelho, a balança foi colocada sobre a mesa — e aqui um ponto principal dos objetivos de Comstock tornou-se aparente. Implicava luz de algum tipo para observação — caso contrário o fenómeno não é capaz de ser observado. Assim, com a introdução do novo aparelho nesta sessão, a luz vermelha foi ligada, e o círculo ficou à espera de ação.

Obtiveram-na, muito prontamente. O registo não indica se algum dos pratos levava pesos, mas é certo que se um estava pesado o outro estava igualmente pesado, pois os dois pratos pendiam no ar — livres, imóveis ou praticamente isso, e a níveis aproximadamente iguais. Cinco vezes dentro do intervalo de dez minutos a seguir à colocação da balança sobre a mesa, contudo, os pratos visível e audivelmente tombaram fora deste equilíbrio, um subindo enquanto o outro descia; de cada vez voltavam à normalidade com pouco ou nenhum atraso.

Testes no fim do período mostraram que os pratos podiam ser feitos atuar desta forma pelo expediente banal de soprar para eles, e que isto podia ser feito por qualquer pessoa no círculo. Embora nenhum sopro tivesse sido detetado e nenhum se acreditasse ter ocorrido, a balança era obviamente de nenhum valor como um aparelho científico de sala de sessões enquanto esta possibilidade existisse.

A balança n.º 1 foi portanto descartada, permanentemente; e a balança n.º 2 entrou em ação. Este equipamento tinha uma cobertura, quer de vidro quer de celulóide não está declarado nos registos. Mas os pratos mal desimpediam a plataforma por baixo, de modo que o seu alcance de movimento vertical era inadequado. Não obstante, concordou-se em usar esta balança temporariamente, e os pratos efetivamente tombaram, uma vez, até ao seu limite de curso, com a cobertura no lugar.

A balança foi deixada na casa, e foi novamente colocada diante de Walter na noite seguinte. O círculo foi formado em redor da mesa, sem mãos ou pés a tocar nesta última; e durante quinze minutos os pratos moveram-se para cima e para baixo através dos seus pequenos limites de curso, batendo na plataforma no fundo de cada balanço.

Para 24 de abril, Comstock brought uma nova balança, que se pretendia ser permanente, e que, de facto, permaneceu na casa durante algumas semanas. Esta balança n.º 3 tinha hastes de suspensão curtas, que davam aos pratos um alcance vertical de cerca de três quartos de polegada a partir da posição de equilíbrio antes de o prato em descida bater na plataforma por baixo. A cobertura era de folha de celulóide montada numa armação retangular de latão. Tinha três pés de comprimento, doze polegadas de altura e seis polegadas de largura, acomodando mal a balança vertical e lateralmente. Era uma peça de apenas três lados, com um topo e dois lados, mas sem extremidades e sem fundo. O fundo aberto era para permitir colocar a cobertura por

cima da balança, naturalmente; as extremidades abertas não tinham qualquer razão aparente de todo.

Com esta balança sobre a mesa no escuro, Walter veio e falou livremente, mas disse que não faria nada físico até à noite seguinte — planeava dedicar esta noite a familiarizar-se com a balança. Como a sua atuação final teria de envolver luz vermelha de alguma forma, devíamos deixá-lo praticar com ela em luz. Pediu-nos para colocar a cobertura no lugar, e para nos sentarmos na luz vermelha durante exatamente meia hora, enquanto ele experimentava. Perguntado sobre o que devíamos fazer depois, disse-nos que podíamos ir para o diabo. Obedecemos às instruções em todos os detalhes, exceto neste último.

A balança estava paralela ao aspeto frontal de Margery, no lado da mesa distante dela. Um dos pratos estava carregado com cerca de dezasseis pequenas anilhas de metal, cuja massa total de aproximadamente dez gramas era ampla para segurar este prato firmemente contra a base. Sob estas condições, houve muita vibração por parte do prato livre. Inicialmente, claro, estava em repouso absoluto; e não se podia dizer exatamente quanto tempo o seu movimento deveria exigir para um amortecimento completo. Nem se podia ter confiança na ausência de correntes de ar perturbadoras através do túnel longo e estreito da gaiola. Mas também não se podia sentir qualquer confiança na possibilidade de explicar, com tais fundamentos, o que vimos.

O prato livre balançava parte do tempo à maneira de um pêndulo simples, mas mais habitualmente em círculos. Não havia tendência para estes se achatarem em linhas retas ou elipses, como seria de esperar se tivessem sido ou acidentais, ou devidos a um único impulso inicial. O movimento aumentava e diminuía; por vezes tinha praticamente desaparecido, noutras atingia um máximo alarmante. Não havia perturbação visível ou audível da mesa ou da plataforma para explicar a passagem do repouso prático para um movimento intenso. No seu máximo, o balanço do prato era comunicado à travessa. Mas nunca houve qualquer

componente vertical visível no movimento do prato livre, nem comunicação visível da perturbação ao prato assente no chão.

No dia vinte e cinco, em grande parte devido aos desejos e ideias de F. H. sobre como a coisa devia ser feita, sentámo-nos no escuro durante algum tempo no início da sessão, com a balança sobre a mesa, sendo a ideia que Walter desenvolvesse o seu "poder" no escuro, e que depois nos pudesse dar permissão para passar para a luz. Este procedimento tornou-se padrão, embora, por fim, a alternância entre luz e escuro se tenha tornado muito mais complicada. Durante o prelúdio escuro desta noite, toda a balança foi desmontada, estando as mãos de Margery controladas ao longo do intervalo por Comstock e F. H.

Esta desmontagem prosseguiu apesar da presença da gaiola, com muito barulho indicando o arrastar da gaiola e da plataforma da balança, mas sem perturbar o megafone ou o frasco de vidro, que estavam sobre a mesa entre Margery e a balança. A gaiola permaneceu no lugar sobre a balança; o prato carregado, com a sua carga intacta, foi colocado fora e em cima desta. O outro prato, a travessa, as duas unidades de suspensão e o ponteiro estavam espalhados ao acaso pela mesa; apenas a plataforma nua permaneceu sob a gaiola. Quando estávamos prestes a ter luz depois disto, Walter observou: "Sim; deixem o pobre homem arranjar a sua balança."

Por fim, Walter pediu que todos os aparelhos além da balança fossem removidos da mesa, e a luz vermelha acesa. O curso dos acontecimentos foi semelhante ao da noite anterior, mas houve menos balanço do prato livre em círculos, e mais em linhas retas. Com o prato a balançar através da gaiola, descartando correntes de ar acidentais através da gaiola como explicação, houve numerosas ocasiões em que este esteve quase a bater nas paredes de celulóide. O balanço era tão nítido, tão largamente circunscrito ao prato e à sua suspensão imediata, e tão largamente lateral, que causas acidentais pareciam bastante inadequadas.

Tínhamos sido novamente restritos a meia hora na luz; e quando nos levantámos, Comstock e Conant saíram. Por consentimento unânime, os restantes subiram a correr para ver se Walter ainda lá estava. Estava, e deu-nos muita ação. Após outros incidentes, devidamente cronografados noutros locais, expressou o desejo de mais experiências com a balança, e pediu que todos os outros "detritos", incluindo a gaiola, fossem removidos da mesa. Isto era bastante apropriado, para experiência; Walter disse que queria meramente brincar com os pesos, para ver que arranjo destes era mais adequado para os seus fins. "Estou a familiarizar-me com isto; há demasiadas destas malditas coisinhas num só prato." Prosseguiu manipulando extensivamente os pesos, com uma sucessão de comentários animados indicando o quão perto do correto ele achava que estava de momento para momento, etc.

Tudo isto foi no escuro, de modo que qualquer movimento que pudesse ser ouvido da balança estava precisamente na mesma categoria, de momento, que os fenómenos espontâneos dos quais procurávamos escapar. F. H. e eu estávamos em controlo constante das mãos de Margery, contudo; e podíamos ouvir e sentir uma chuva de pesos descartados por todos os lados. Eu tinha a certeza de que Walter estava a repetir isto aqui para nos provocar; havia demasiado arremesso de pesos pela sala para haver outra explicação. Pesos caíram como chuva sobre a mesa, caíram como chuva no chão, foram largados nas mãos dos assistentes que estivessem em posição de os receber. "Aqui está um para o Birdie", e um foi largado, não pousado, na minha mão direita, que no momento estava virada para cima, de palma aberta sobre a mesa, no seu contacto com a de Margery.

O som de mexer nos pesos deu lugar ao que tomei como sons de mexer na própria balança. O efeito parecia o de aplicação experimental de força nos pratos, resultando no seu deslocamento vertical e no seu embate contra a plataforma.

Depois de muito disto, Walter observou: "Deixe-me ver; tenho cinco aqui." Som da balança a ser inclinada para a frente e

para trás. “Acho que preciso de mais um.” Tinido de um peso a ser largado no prato. “Agora está certo. Ponham a cobertura de celulóide, limpem tudo o resto da mesa, liguem a luz vermelha, e vamos tentar o que podemos fazer.” A luz mostrou seis pesos num prato e nenhum no outro, como a conversa de Walter tinha indicado.

A tentativa levou muito tempo a ganhar força além do ponto onde se poderia ter atribuído o que estava a ocorrer a uma perturbação atmosférica. Mas passou esse ponto. A mesa por vezes, e noutras alturas a plataforma da balança independentemente da mesa, inclinava-se; e tornou-se claro que o programa envolvia o deslocamento inicial dos pratos da balança desta forma, seguido pela sua manutenção em movimento através de algum meio menos visível. Desta vez o movimento era vertical, e claro que envolvia ambos os pratos. Quando atingia um máximo, uma ligeira perturbação da mesa seria seguida pela manutenção dos pratos no ar por um período prolongado — certamente um minuto ou mais. A mesa elevava-se; o prato carregado deixava o seu assento na plataforma e subia enquanto o outro descia; depois os dois balançavam suavemente para cima e para baixo, sem nenhum dos pratos tocar no fundo até que o movimento cessava e o pesado assentava permanentemente no chão. A demonstração foi repetida três ou quatro vezes, e todos os presentes a acharam inteiramente espantosa.

A experiência na manhã seguinte manteve-a assim. Walter deu o seu consentimento para isto, especificando o período entre as dez e as onze. Foi feita por mim na presença de Cross. Não havia semelhança entre o movimento que eu conseguia induzir na balança e o visto na noite anterior. A inclinação mais violenta da mesa, muito mais forte do que qualquer coisa notada na sessão e muito mais forte do que poderia possivelmente passar despercebida, fazia com que o prato carregado desse apenas um único salto no ar, regressando à plataforma de imediato e ali permanecendo, sem tombar, como que enterrado na lama.

No instante em que a plataforma carregada batia assim na mesa, todo o movimento do sistema era traduzido numa violenta oscilação pendular do prato livre. Vários truques com a mesa, visando apanhar o prato carregado no ar e segurá-lo ali, falharam todos. Ligeiros impulsos na mesa em vez de fortes não trouxeram qualquer contribuição para resolver o problema. Eu não conseguia de forma alguma induzir os dois pratos a permanecerem livres do suporte por qualquer tempo apreciável. E quando, ignorando o controlo de mãos que tínhamos durante a sessão, adicionei pesos ocultos ao prato leve, de modo a produzir um equilíbrio real na presença de um desequilíbrio aparente, tornou-se fora de questão fazer o prato ficar preso à plataforma inicialmente até ser libertado por um abalo.

Na sessão, os episódios de levitação tinham sido separados pela escuridão. Durante estes intervalos escuros a gaiola estava sempre colocada; na luz, estava tirada — sendo esta manipulação feita pelos assistentes. Com ela colocada, ouvia-se um mexer na balança, seguido por arranhões e batidas no celulóide e sons como se este estivesse a ser rasgado. Claro que quem procura explicar o que aconteceu na luz vermelha recorrerá a estes intervalos de escuridão. Mas não basta meramente citar a sua ocorrência.

O cético tem de fazer alguma sugestão racional quanto ao que Margery e os seus auxiliares — assumo que lhes atribuirá cúmplices — estavam efetivamente a fazer no escuro para fazer a balança comportar-se como fez na luz. A sugestão óbvia envolve o uso do tradicional fio de seda preto ou um seu substituto, preso aos pratos num período de escuridão e solto noutro. Mas isto, infelizmente para o crítico simplista, não funcionará no presente caso. O trabalho com a balança era tão delicado que implicava que, se fosse feito dessa forma, seria feito com um fio bastante curto, no qual não houvesse perigo de se formar folga; e por um operador que estivesse numa posição a partir da qual pudesse observar o que estava a fazer. E ninguém na sala com luz

vermelha o estava a fazer assim. Depois disto, penso eu, o ilusionista está falido.

Se não o deixamos tocar na balança e não o deixamos passar uma ligação até ela, isso afasta-o. O que embaraça o investigador de fenómenos psíquicos não são as coisas que o mágico pode fazer, que são perfeitamente determináveis; mas as coisas que o observador desinformado teme que ele possa fazer — que são de número infinito e alcance universal!

Antes da sessão do dia vinte e seis, a cobertura de celulóide foi, por exigência de Walter, tornada mais eficaz ao fechar-se as extremidades com celulóide e deixando a gaiola aberta apenas no fundo. Nesta noite tivemos uma sessão na qual nada de consequência foi feito com a balança; mas a 27 de abril, Walter voltou a ela em toda a força, sendo fúteis os esforços para desviar a sua atenção para outras coisas.

Houve uma discussão entre ele e Comstock relativamente à melhor técnica de balança para o futuro. Ficou acordado que devíamos seguir o princípio geral que já tínhamos adotado. Walter experimentaria e praticaria com a balança até achar que lhe seria possível, trabalhando na escuridão, colocá-la afinada num tom elevado de ação; depois pediria luz, e veríamos a balança em levitação à medida que esta surgia; e esta levitação seria mantida tanto quanto possível por um período razoável na luz. Procedendo nesta base, abandonámos o controlo de mãos, em vista da convenção de que nada contava a menos que viesse sob boa luz. Houve muita manipulação no escuro, e pelo menos uma vez a gaiola foi removida por Walter e a balança desmontada.

Com a gaiola no lugar, ele pediu finalmente luz vermelha. As lâmpadas tinham sido dispostas de modo a que Comstock tivesse visibilidade máxima, e eu a seguir. Estávamos ambos mais perto da balança do que Margery, e eu estava em parte entre ela e ela. O prato carregado levava sete das pequenas anilhas; a luz não era suficiente para nos ter permitido com certeza encontrar as outras,

se estivessem sobre a mesa ou plataforma. A atuação foi dada duas vezes.

De cada vez, os dois pratos estavam livres da plataforma quando a luz se acendeu, e permaneceram assim durante a duração da luz. A oscilação vertical era pequena; os pratos estavam em substancial equilíbrio ao longo da parte visível da demonstração. O balanço horizontal era um pouco mais pronunciado mas não muito; o ato consistia em manter os pratos equilibrados apesar da disparidade nos pesos — sete contra nenhum.

No que a esta atuação particular diz respeito, a única evidência contra a teoria de que o prato "descarregado" levava pesos ocultos suficientes para efetuar um equilíbrio era a dificuldade de esconder sete dos pequenos pesos debaixo deste prato sem o deslocar visivelmente. Mas um número menor de moedas poderia ter sido assim disposto de modo a fazer o truque. Presumivelmente porque considerou as condições gerais como carecendo de caráter definitivo, Comstock não fez qualquer tentativa para resolver esta matéria por uma contagem dos pequenos pesos ou uma inspeção da região por baixo dos pratos.

Considero muitíssimo lamentável que, ao longo da sua inspeção da mediunidade, ele tenha assim permitido que a sua atenção se concentrasse no que esperava obter no futuro, com o sacrifício de grandes oportunidades para verificar os fenómenos que estava efetivamente a obter no momento.

Durante esta noite, Comstock fez o ponto, falando com Walter, de que para uma prova completa a balança bem como o movimento deviam ser examinados; tudo o que ele realmente sabia sobre eles era a sua condição quando os tinha trazido. Walter aceitou isto como uma questão de princípio, e prometeu por fim proporcionar o exame necessário. A caraterística mais questionável de todo o negócio da balança, do início ao fim, foi a consistência com que Walter adotou a atitude de que deixar-nos

examinar a balança no fim de uma sessão ou no fim da levitação constitui uma grande dificuldade, que ele só pode resolver após muita prática e num momento vago no futuro. Mas esta observação não deve carregar demasiado peso; pois vi atuações de balança que considero necessariamente genuínas, e outras são-me relatadas por outros assistentes que devem também ser genuínas.

Na sessão de 29 de abril, Walter protestou que a alavanca do meio da balança, que eleva o braço de equilíbrio para fora do seu encaixe de repouso, se metia no seu caminho quando ele tentava balançar a balança. E após cada período da sua manipulação da balança, descobria-se que esta alavanca tinha sido empurrada para cima, forçando ambos os pratos a entrar em contacto com a plataforma e roubando à balança a sua mobilidade. Isto só foi resolvido a tempo para 2 de maio; mas uma sessão muito bem-sucedida de 3 de maio cobre a do dia dois como um manto, pelo que registo a primeira apenas por data.

Sem a cobertura, em luz vermelha brilhante, sete pesos no prato este e nenhum no oeste, os pratos foram mantidos em substancial equilíbrio, oscilando verticalmente mas nunca descendo até encontrar a plataforma; e o alcance vertical de percurso aumentou à medida que o fenómeno prosseguiu. Isto último, claro, está fora do alcance de qualquer causa que não proporcione uma aplicação contínua de força aos pratos à medida que balançam; pelo que a questão do que aconteceu aos pesos em falta não entra.

A proeza foi repetida. Depois o prato oeste vazio foi mantido firmemente para baixo contra a plataforma por baixo, com o prato este carregado alto no ar — uma atuação não evidencial em si mesma, em vista dos pesos em falta, a menos que precedida por rigoroso controlo de mãos. Isto, também, foi repetido. Depois tornou-se claro que não havia nada de errado com a própria balança; pois os pesos foram mudados para o outro prato, e tanto o desequilíbrio estático como o equilíbrio dinâmico foram repetidos. Usarei estas expressões doravante, na assunção de que

o presente parágrafo as define. Como habitual, houve intervalos de escuridão entre cada par de episódios; foi num destes que Walter mudou os pesos.

Walter estava de invulgar bom humor aqui. Cross observou que os cientistas acusariam Goodall de mascar pastilha elástica e usá-la para colar o prato leve para baixo; Walter respondeu que pelo menos Goodall não estraga a festa. Quando Walter removeu os pesos para o outro prato, disse que estava a experimentar para ver se os cientistas estavam ao mesmo nível (na construção da balança). Cross, tendo algo na sua mente, perguntou se podia ter a palavra; Walter assegurou-lhe que podia ter a casa inteira.

No fim, após um período de escuridão, pediu aos assistentes para acenderem as luzes e examinarem a balança tão minuciosamente quanto pudessem. A ocorrência deste intervalo escuro precedendo a busca não constitui nenhuma complicação adicional. Para fraude durante a sessão temos de assumir controlo de mãos frouxo mais falha em ver movimentos visíveis por parte de algum membro do grupo. Para remoção da evidência no escuro precisamos apenas do mau controlo.

Todo o programa foi repetido a 4 de maio, com maior aumento no percurso vertical dos pratos durante a levitação dinâmica. A balança foi novamente desmontada no escuro. Tentativas para desviar a ação para outros canais foram malsucedidas. O desequilíbrio estático foi mostrado a 7 de maio, com a gaiola no lugar. Isto novamente não significa nada se estarmos dispostos a condenar o controlo de mãos; se não estivermos, significa tudo.

Começando outra longa série de sessões da comissão, Carrington teve o seu batismo de balança a 9 de maio. Imediatamente após a sessão, ele e eu redigimos o seguinte registo:

“Havia sete pesos num prato para começar, nenhum no outro. A momentos durante a atuação todos estes pesos estavam visíveis

num prato, a momentos nenhum deles, a momentos alguns deles. Sem nenhum visível, um prato seria mantido mais ou menos firmemente para baixo sobre a plataforma; isto foi feito com o prato este para baixo e com o prato oeste para baixo. Com uma distribuição desigual de pesos, o prato mais carregado seria mantido para cima e o mais leve para baixo.

Neste evento raramente havia, se é que alguma vez houve, um assentamento firme, mas uma elevação distinta do prato leve. Habitualmente, quando a luz se acendia, o prato pesado seria encontrado muito mais alto do que o seu companheiro; em cinco a dez segundos afundar-se-ia lentamente até ao nível ou ainda mais para baixo. Ocasionalmente haveria oscilação real verticalmente; mais frequentemente o afundamento simples descrito. Habitualmente a diferença em números de pesos visíveis entre os dois pratos seria de um; por vezes era maior; pelo menos uma vez todos os sete pesos visíveis estavam num prato e este persistentemente equilibrou o outro. Carrington explorou o espaço entre a psíquica e a balança à procura de fios, etc., sem resultado. Numerosas vezes ele ou Bird pressionaram para baixo o prato que mostrava a tendência não natural de subir. Em todos os casos a impressão foi a de trabalhar contra um peso ou força definido e em todos os casos o prato voltava ao ser libertado.

Por vezes Bird fez isto cinco ou seis vezes num único episódio, segurando o prato para baixo por um intervalo apreciável de cada vez antes de o libertar. A maioria dos fenómenos deu-se com a gaiola tirada; mas tudo o que ocorreu de todo ocorreu pelo menos uma vez com a gaiola colocada. O impulso inicial para todas as manifestações dinâmicas parecia ser dado por perturbação da mesa ou da plataforma que transportava a balança.

“A manipulação da balança veio em dois arranques principais, um na presença de Comstock e um depois de ele sair. Em ambos os casos esta atividade foi precedida por uma declaração de Walter de que o que ele estava prestes a fazer não

envolvia uso de mãos ou pés. Sob a influência disto, Carrington, em ambas as ocasiões, abandonou o seu controlo de mãos e pés de Margery; Conant entendeu mal e de ambas as vezes manteve o controlo do seu outro lado."

Em vista da intervenção da escuridão entre os episódios na luz, parecia justo caracterizar como objecionável o esforço parcialmente bem-sucedido de Walter para livrar a psíquica do controlo. Se houvesse fraude, estes intervalos escuros cobri-la-iam; e os investigadores não deveriam ser colocados na posição de depender da voz vinda do gabinete para permissão para manter o controlo, mesmo que nada estivesse aparentemente a acontecer no momento.

Carrington e eu também sentimos que tinha havido a mais espantosa frouxidão na matéria dos pequenos pesos de latão. A questão de quantos é que originalmente tinha havido não podia de todo ser respondida. A questão de onde estavam os que faltavam só podia ser respondida pela declaração de que em várias alturas Walter os tinha espalhado pelo chão, de onde nem todos tinham sido recuperados.

Era, portanto, natural que, após a atuação do dia nove, a mente de Carrington se voltasse para os pesos em falta como a solução provável. Ele deu-se a um trabalho extremo para se certificar, a si e a mim, de que, embora estes pudessem ser muito eficazmente escondidos debaixo dos pratos da balança, em números inesperados, a ação que ele tinha visto, e ainda mais aquela que eu tinha visto em sessões anteriores, não podia assim ser duplicada.

Tivemos o que equivaleu a uma sessão em branco a 10 de maio na presença de Comstock. Isto trouxe à tona uma sugestão que estivera a fermentar na mente de F. H. há algum tempo — a de que Comstock tem um *poltergeist*. Isto é, que ele carrega consigo, muito inocentemente, uma influência de algum tipo que previne os fenómenos. Algo parecido com o meu próprio G. B.,

talvez, apenas não tão maligno. Walter, nesta data, não quis confirmar nem negar isso; mas por fim lá chegou a fazê-lo, dizendo, com efeito: “Não sei porquê, mas não consigo fazer coisas quando aquele gajo está aqui. Gosto dele, mas simplesmente não consigo fazer coisas para ele.”

Depois de Comstock sair, voltámos ao ataque. Walter concordou com a proposta abstrata de que a balança teria de ser agarrada no meio de uma levitação e levada para fora da sala para exame. Ele não sabia quanto tempo levaria até poder permitir isto; talvez esta noite, talvez amanhã, talvez um mês ou mais. Obtivemos a elevação do prato carregado, levando todos os sete pesos visivelmente presentes no início. Daí em diante obtivemos os fenómenos dinâmicos várias vezes, com a balança a entrar em equilíbrio oscilante com mais um peso visível aqui do que ali.

A teoria dos pesos ocultos levou um golpe duro aqui, pois a oscilação persistiu muito mais tempo do que alguma vez fomos capazes de a fazer durar quando experimentámos com pratos igualmente carregados. A atuação foi dada em curtos lapsos de luz com escuridão pelo meio, como habitual. Acedíamos a luz para encontrar os pratos em ação, e várias vezes a luz e a ação foram mantidas por um minuto inteiro ou mais, sem amortecimento apreciável do balanço. Um ou dois destes episódios dinâmicos foram acompanhados por uma amplitude extraordinária de oscilação vertical. Houve a habitual brincadeira com a balança e com os pesos nos intervalos de escuridão, a queda audível de pesos nos pratos, etc. — a observação no fim do Capítulo XXV pode ter importância aqui.

É pertinente chamar a atenção para a ligação do círculo melhor do que o habitual nesta noite. Se concedermos a boa-fé de F. H., havia apenas um elo fraco, e esse bem longe num canto, em má posição para o trabalho com a balança. Mas deve também ser registado que a cobertura esteve retirada ao longo de todo o tempo. Enfatizo o facto de estas observações cobrirem possibilidades físicas, e não suspeitas reais.

Depois do boa-noite de Walter, sentei-me no lugar de Margery para ver o que podia fazer com a balança no escuro. Usando a minha mão esquerda para a estabilizar e a direita para o trabalho, fui capaz de tirar os sete pesos do prato e pô-los na mesa com pouco barulho — não mais do que Walter faz sempre. Dupliquei muito do jogo secundário de Walter com os pesos — atirando-os para os pratos, etc.

A experiência era legítima, pensasse o que se pensasse sobre o controlo de mãos durante a sessão; é preciso saber exatamente o que pode ser feito fraudulentamente com duas mãos, uma mão, e sem mãos. Quando experimentei com apenas uma mão, com Brown a segurar a outra, os resultados foram de ainda maior interesse. Tentei inserir uma moeda de dez cêntimos debaixo do prato; mas quando a tirei para este fim, o outro lado da unidade tornou-se tanto mais pesado que desceu pesadamente contra a balança e foi desmontado. Guiado por esta falha, ataquei o problema de uma forma diferente. Embora seja irremediavelmente desajeitado na manipulação de prestidigitação, tive razoável sucesso em segurar a balança contra o colapso com dois dedos enquanto mantinha alguma liberdade de trabalho com os outros três.

Achei provável que com a prática se pudesse assim inserir pesos ocultos sem mais desastre do que a desmontagem ocasional da balança por Walter pudesse ser tomada como indicando ter ocorrido. O resultado líquido de tudo isto foi tornar os fenómenos estáticos sem valor na ausência de um controlo de mãos irrepreensível ao longo de todo o intervalo que os separa de um incidente dinâmico precedente; mas deixar a levitação dinâmica tão inexplicável por causas normais como tinha sido antes. Tem permanecido assim permanentemente; pelo que, se o frasco selado foi um fracasso, a balança foi um sucesso assinalável ao ter trazido à tona fenómenos psíquicos num aparelho estranho na sua natureza para a médium e não fornecido por ela.

A balança ficou danificada ao cair ao chão quando Walter virou a mesa no dia 11 de maio, e quando ele tentou usá-la no dia doze estava desregulada a um ponto tal que ele teve de pedir a sua remoção. Durante a sua incapacidade houve concentração noutros fenómenos. No dia dezoito tomámos providências para a substituir por uma balança nova e melhor. Fizemos certas sugestões para o desenho desta, visando responder a incertezas como as que apontei; o próprio Walter fez outras sugestões e pedidos. O resultado foi a balança n.º 4; e como o capítulo atingiu proporções amplas, deixo para outro a história dos progressos adicionais feitos com a nova e definitiva balança.

CAPÍTULO XXXVI

WALTER TOCA A CAMPAINHA

Enquanto Comstock estava no estado de espírito inventivo que deu origem ao frasco selado e à balança, fez a sua maior contribuição — um pedaço de aparelho que, conforme redesenhado por mim, acabou por levar ao clímax da mediunidade, no que à pura e inelutável demonstração de validade diz respeito. Na sua forma original, envolvia a ligação de uma campainha elétrica comum a um instrumento de telégrafo, de tal forma que o fecho deste último fechava o circuito e tocava a campainha.

A placa de telégrafo padrão, devo explicar para benefício dos não iniciados, é uma peça de duas vias. Além da pequena chave com a qual as mensagens são ordinariamente enviadas, inclui um interruptor. Quando devidamente ligado a um circuito elétrico, o fecho do interruptor fecha o circuito tal como o faz a pressão da chave. Mas a chave trabalha contra uma mola, e saltará aberta de novo quando libertada; enquanto o interruptor não tem mola, e portanto permanecerá aberto ou fechado indefinidamente, até que um segundo ato deliberado o feche ou abra, conforme o caso.

Comstock trouxe consigo para a Lime Street, a 25 de abril de 1924, um instrumento de telégrafo, duas pilhas secas e uma

campainha elétrica. Ligou-os de modo a que a pressão da chave ou o fecho do interruptor fizesse tocar a campainha. Durante a presença de Comstock nenhuma tentativa foi feita para usar este aparelho. Mas depois de ele sair, os restantes continuamos a sentar-nos; e a atenção de Walter foi dirigida para o novo brinquedo, com um lembrete de que, em vista do seu interesse de toda a vida pela telegrafia, ele saberia o que fazer com ele.

Ele reconheceu isto mas não fez promessas. O telégrafo com os seus acessórios estava na extremidade da mesa entre Margery e mim; e subitamente a campainha deu um repique prolongado. O tocar foi repetido livremente. Por fim, por sugestão de F. H., Walter permitiu-me segurar ambas as mãos da psíquica durante este tocar, enquanto Cross segurava ambas as de F. H. Eu estava sobre o canto da mesa de tal forma que a cabeça de Margery, ou qualquer perna, não poderia possivelmente ter chegado à campainha sem chegar também a mim.

Sob este como sob o controlo habitual, contudo, a campainha tocou longo e curto, isolada e multiplicadamente. Não tinha havido aviso de que ela estaria ali; Comstock teve uma inspiração durante o dia, desenvolveu-a, e trouxe a campainha consigo, entregando-a com as palavras: “Fiz outro pequeno brinquedo para o Walter.” Daí não ter havido oportunidade para preparação. Se isto não descartasse a alegação, por vezes avançada por pessoas que ouviram falar dos episódios da campainha, de que não a nossa campainha mas alguma outra fazia o tocar, eu teria apenas de registar que, nesta primeira noite, como em outras alturas, o tocar da campainha era quase invariavelmente acompanhado por faíscas visíveis. E nunca houve qualquer hesitação — o contacto com a chave parecia sempre nítido e exato. Fiz esta observação antes; estou tão cansado dela como o leitor pode possivelmente estar; mas ela deve ser repetida onde é pertinente.

Com este sucesso inicial realmente brilhante, decidimos apontar um pouco mais alto com a campainha. Assim, para a sessão de 26 de abril colocámo-la — campainha, pilhas e

telégrafo — numa caixa de doces de cinco libras, que atei com um nó que, Comstock concordou, era suficientemente excêntrico para servir como selo. A última coisa feita antes de a tampa ser colocada foi testar a campainha e verificar que estava operacional.

McDougall chegou depois de tudo isto ter sido feito. Dissemos-lhe o que estava no grande pacote, e ele entendeu a campainha e o seu funcionamento. Alguém teria pensado isto suficiente; mas ele temeu que ela pudesse tocar acidentalmente, através de um curto-circuito de algum tipo, pelo que insistiu em agitar a caixa para testar esta possibilidade. Dei consideração à ideia de que ele pudesse ter desapertado uma ligação ao agitar, mas descartei isto como improvável; Margery mencionou-o, e foi motivo de riso pelo seu esforço. Todos os presentes supunham que a campainha estava operacional. Mas Walter, assim que voltou a sua atenção para ela, insultou-me chamando-me mau mecânico, e declarou categoricamente que ninguém podia tocar aquela campainha — uma ligação estava solta. A caixa foi aberta com o máximo cuidado, a campainha encontrada inoperacional, e não uma, mas três ligações soltas localizadas.

McDougall insistiu que a previsão de Walter não tinha significado; que a campainha devia estar ou operacional ou avariada, e que Walter tinha meramente acertado no lado certo de uma proposta de cinquenta-cinquenta. Na mesma base, seria uma aposta de hipóteses iguais se eu estou vivo ou morto neste momento — há apenas as duas possibilidades. Mas eu estaria disposto a apostar consideravelmente mais do que probabilidades iguais em como estou vivo.

E embora o estado da campainha não oferecesse nenhum extremo ridículo como este, a expectativa muito ativa de todos os presentes de que ela estivesse operacional dá ao palpite de Walter uma cotação bastante elevada contra as probabilidades aparentes. O escarnecedor não pode sequer alegar que foi feita uma tentativa para tocar a campainha fraudulentemente, cuja falha informou o operador de que o circuito estava interrompido.

A campainha foi arranjada, mas não nos incomodámos em selá-la de novo, colocando-a, na caixa aberta, no canto da mesa entre Margery e McDougall. Sob rigoroso controlo das mãos de Margery por McDougall e por mim mesmo, foi tocada várias vezes. F. H. saiu para operar, tomei o seu lugar no círculo, e prosseguimos. A campainha tocou duas vezes. Da primeira vez, Roback perguntou pela cabeça da psíquica; transferi o meu aperto da mão dela para um ponto de contacto com a sua face, e mantinha este controlo alargado quando o segundo toque veio.

A ordem do círculo durante estes dois repiques finais era de modo a eliminar qualquer alegação de cumplicidade; havia uma mão da comissão em cada junção. Além disso, Margery relata que McDougall tinha praticamente a cabeça dentro da caixa da campainha; e sabendo onde a minha própria cabeça estava na noite anterior, estou inteiramente inclinado a acreditar nela! Esta foi uma das poucas demonstrações inabaláveis que podiam ser citadas nesta data precoce.

A campainha foi usada novamente no dia vinte e sete. Desta vez a tampa estava na caixa; o próprio Walter tirou-a e colocou-a no chão. Depois de tocar a campainha várias vezes pelo uso da chave, como sempre antes, encontrou o interruptor e usou-o. Tivemos de ligar a luz vermelha para o encontrar nós mesmos e parar a campainha. O interruptor estava duro; descobri que, embora pudesse tocar-lhe com o meu nariz enquanto jazia na caixa, não podia desta forma exercer pressão para o deslocar. O meu próprio nariz é suficientemente grande para ser objeto de caricatura — o de Margery não é. O controlo de mãos foi declarado no momento como sendo perfeito, por F. H. e Caldwell.

Nada mais sendo feito com o equipamento de telégrafo durante alguns dias, Comstock levou-o um dia, removeu o interruptor, e trouxe-o de volta. A 9 de maio, Walter falou-lhe duramente sobre isto. A defesa de Comstock foi a de que queria dar um passo em direção à simplificação; quando a campainha tocasse, queria ter a certeza de que a chave proporcionava o único

meio de a tocar. Em todo o caso não fez diferença, porque Walter ignorou o telégrafo, e só o trouxemos de volta ao tema da campainha redesenhando o aparelho de tocar completamente.

Dos três pedaços de aparelho inventados pela comissão da *Scientific American* para uso de Walter, então, cada um tinha sido de caráter fundamentalmente diferente. O frasco selado era o mais promissor, em bases abstratas; se Walter tivesse alguma vez sido confrontado com uma versão final deste e se tivesse saído bem com ele, haveria excelentes probabilidades de satisfazer a comissão. A balança, se alguém a analisasse desapaixonadamente, era bastante engenhosa, mas realmente um pedaço de aparelho assustadoramente complicado, oferecendo demasiados ganchos onde pendurar um ceticismo irrazoável. Referi-me, um pouco atrás, ao estado de espírito daquele que sabe pouco ou nada de específico sobre prestidigitação e ilusão, e que está cheio de um horror quase supersticioso do que pode ser possível realizar pelos métodos do ilusionista; de modo que, aconteça o que acontecer na sua presença, sob que condições for proibitivas destes métodos, ele ainda imagina ou teme que deve haver alguma forma extremamente engenhosa de fazer a fraude cobrir o terreno.

Quando digo que Comstock mostrou uma inclinação para este ponto de vista, será evidente que, no que toca a satisfazê-lo, a balança apresentava uma quimera. Fazia parte do seu plano para se afastar das condições convencionais da sessão e das complicações convencionais de controlo; e quanto mais longe ele ia com ela mais fundo ficava emaranhado nestas condições e nestas complicações! A balança serviu o único propósito de arrastar a mediunidade de volta para a luz; e veremos por fim que este foi um passo muitíssimo frutífero. Mas isso era tudo o que ela podia esperar realizar, salvo na mente dos investigadores — animais raros na verdade — que não têm medo da ideia de autenticidade.

Quanto ao telégrafo, esse era irremediável desde o início, na sua forma original. A ideia que encarnava era a de apresentar um

aparelho no qual o ponto de aplicação da força estivesse extremamente localizado, de modo a que se pudesse concentrar a investigação numa área pequena. Sob esta luz apresenta um contraste impressionante com a levitação da mesa ou a destruição do gabinete, onde se fica totalmente sem saber o que, em termos físicos, aconteceu — onde e como a força foi aplicada. Mas o telégrafo não apresenta este avanço numa forma livre das dificuldades operacionais convencionais da sala de sessões; daí as complicações de assegurar a autenticidade não serem de modo algum mitigadas, e o seu caráter mais simples noutras direções falhar em ficar disponível.

O programa de invenção da comissão está portanto de momento falido; e a comissão encontra-se remetida para a observação dos fenómenos espontâneos, forçada a renovar o esforço de cercar estes com algum grau de precisão e certeza maior do que o habitual.

CAPÍTULO XXXVII

UMA VOZ DA VACUIDADE DO ESPAÇO

Com todos os sons vocais que foram cronografados, deve surgir a questão que surgiu no outono de 1923, e que foi resolvida para satisfação do grupo ABC pelos dois testes da água. Estaremos a lidar com fraude simples; com o uso automático da voz da psíquica; ou com uma produção efetiva e independente de efeitos vocais no espaço livre?

A primeira destas alternativas não considerarei. É, naturalmente, o ponto de vista natural de quem, por falta de contacto com a mediunidade ou por preconceito, imagina que os fenómenos físicos são necessariamente fraudulentos. Um conselheiro atual não menos entusiasta de Margery do que Murray, quando encontrou pela primeira vez as manifestações vocais, disse: “Uma jovem mulher saudável entra no gabinete, e

um jovem sussurro saudável sai de lá. Em que posso acreditar senão na explicação óbvia?" Murray por fim descobriu em que mais podia acreditar; e em geral, quando curamos o crítico da sua crença de que toda a mediunidade objetiva é necessariamente uma farsa, curamo-lo da sua rejeição automática da voz. Daí em diante, a pior coisa que ele acredita sobre a voz é que representa o uso subconsciente dos órgãos vocais da psíquica.

Na verdade, qualquer pessoa se pode dar ao luxo de admitir — a própria Margery se pode dar ao luxo e admite-o — que a ideia de voz independente é desvairadamente incrível quando se a encontra pela primeira vez. Do ponto de vista da experiência e do senso comum é um dos mais difíceis de todos os fenómenos físicos da sala de sessões de divorciar do preconceito, da noção de que na natureza das coisas isso não pode acontecer.

Os assistentes do grupo ABC estão satisfeitos por isso acontecer, mas são razoáveis, dentro de limites. Esperam que cada novo assistente passe por um período de insistência em como estes sons vêm realmente da garganta da psíquica; e que, se ela realmente não o sabe, isto não prova nada salvo o seu caráter automático. Mas esperam que cada assistente honesto mais cedo ou mais tarde veja que há uma grande quantidade de evidências indicando o contrário.

Que tal evidência existe em quantidade não pode ser negado. O assobiar de 18 de janeiro é descrito como "vindo do gabinete e de outros locais em redor da mesa". No dia vinte e dois Walter é creditado com assobiar em várias partes da sala. No dia vinte e cinco houve "excelente assobio, algum dele aparentemente fora do gabinete; e por vezes parecia como se houvesse dois executantes a assobiar ao mesmo tempo". No dia vinte e sete o assobio "parecia vir ora de dentro do gabinete, ora de fora".

O registo de 30 de janeiro entra em mais detalhes. Quando Walter tinha assobiado, anunciou que John daria uma porção da mesma seleção. "Seguiu-se um assobio ténue e doce, totalmente

diferente do de Walter, por vezes coincidente com o dele e outra vez em resposta a este." Os assistentes foram unânimes em colocar este assobio na direção do corredor.

Nenhuma destas observações foi feita na minha presença, e eu não sabia exatamente que peso lhes dar. Com um fenómeno tão surpreendente, deve-se ir muito devagar, fazendo as próprias observações se se puder. Em breve me vi a fazer precisamente isto, e a fazê-lo com bastante frequência. Assim, após as minhas primeiras sessões frutíferas, escrevi, com referência à de 12 de abril, substancialmente o seguinte:

O sussurro "independente" foi ouvido quando foi necessário para Walter fazer declarações, mas ele foi reservado. Fiquei com a impressão [questionada por McDougall e Roback] de que este sussurro por vezes vinha de uma altura demasiado elevada para a boca de Margery. O assobiar ocorreu com considerável liberdade dentro e em redor do gabinete, e aqui estava ainda mais confiante de que alguns dos efeitos estavam além do alcance normal de Margery. E depois de Walter ter dito "Boa noite", veio um assobio muito certamente de outra direção que não a dela, em luz vermelha. O meu memorando continua:

"O mais sugestivo de todos os ruídos vocais foi um curioso riso combinado. A médium e Walter riram-se ambos, alto e distintamente, no mesmo instante. Os dois risinhos vieram de um ponto comum no espaço, e deram a impressão de estarem emaranhados um no outro, como se concebivelmente vindos de um organismo físico comum. Mas eram distintamente dois sons misturados, e não um único som excêntrico." Este parágrafo Roback subscreve enfaticamente; não tenho nenhum comentário a ele por parte de McDougall.

Novamente, a 12 de maio, registei que os sons vocais vieram várias vezes de pontos que os assistentes, incluindo eu próprio, concordaram ser fora do gabinete, ou muito altos nele. No dia quinze, houve uma atuação sobre a qual F. H. diz: "Walter fez um

assobio alto e bonito no canto sudoeste da sala, no lado oeste, no canto nordeste, no lado leste. Isto parecia possível apenas quando todo o vestígio de luz era removido." Ele não indica com que unanimidade os outros assistentes subscreveram as suas localizações. A Sra. Bird relatou-me sobre o incidente: "A voz e o assobio pareciam vir de alto e de baixo, e de vários cantos da sala. Achei impossível localizá-los com certeza, mas era claramente fora do gabinete."

Walter deu a 20 de maio um número de assobio que foi facilmente a atração principal da sessão. Não foi apenas claro e alto, mas foi ouvido de vários locais. A princípio dentro do gabinete, em breve se moveu para fora e veio do meio da mesa, de debaixo da mesa, e de muito perto dos ouvidos de vários assistentes. Também houve novas melodias: "Silver Threads Among the Gold", "The Long, Long Trail", e alguns compassos da Marcha Nupcial do *Lohengrin*. Walter disse que tinha tido uma semana difícil com os cientistas, e deu uma série de assobios sério-cómicos de compaixão por si mesmo, cujas cadências descendentes foram consideradas muito divertidas.

Entretanto, tinha começado outra série de manifestações que parecia também contribuir com atmosfera e prestígio para a voz independente. A 27 de março, Walter, pela primeira vez, pediu um megafone, esse instrumento padrão da sala de sessões. Um foi encontrado na casa, uma relíquia dos tempos de iatismo de F. H.; tinha onze polegadas de comprimento e sete polegadas de largura na boca. Foi colocado sobre a mesa, e Walter falou através dele com grande clareza e força. Pedindo aos assistentes para dizerem de onde vinha a sua voz, moveu rapidamente o megafone em diferentes direções no gabinete. Num momento a voz viria diretamente para a Sra. W. C.; no seguinte assustaria F. H. com uma exclamação alta perto do seu ouvido; depois Adler apanhá-la-ia; depois voltaria a F. H. com um ruído forte de sopro; na verdade, foi a todo o lado. Pouco depois Walter disse: "Estava o F. H. a segurar o telefone? Não. Estava o Sr. Adler a segurar o

telefone? Não. Então quem poderia ser? Ora, ninguém mais senão um cúmplice!" A isto seguiu-se uma explosão de riso de Walter. Yerxa e F. H., de mãos dadas, varreram a mesa à procura do megafone; não estava lá. Walter usou-o para dizer boa-noite, a luz foi acesa, e ele estava lá.

Não há declaração de controlo preciso aqui, e devem fazer-se certas reservas de princípio. Pela manipulação normal do megafone, se tiver uma mão livre, a psíquica pode fazer a voz vir de uma região muito mais ampla do que sem ele. E pode obter o efeito de distância e proximidade muito melhor com ele do que sem ele. Nem o que se toma por voz de megafone é sempre tal; médiuns fraudulentos falsificam o efeito de megafone com a voz não auxiliada, para fazer parecer que o megafone está em movimento quando não está. Pelo que se deve ser mais cauteloso relativamente à evidência de megafone do que relativamente a efeitos vocais puros. Mas, mesmo assim, colhemos itens de interesse dos registos.

Roback estava livre a 29 de março, e não há fraude mais suscetível de ser detetada por um caminhante na sala do que as fraudes de megafone e vocais. Mas Walter tirou o megafone da mesa, e falou e assobiou através dele de ambos os lados do gabinete. Na maior parte do tempo isto parecia bem acima da cabeça de Margery, mas claro que isso significa pouco com o megafone. Na verdade, concedendo a autenticidade, não temos garantia de se o megafone é usado para amplificar uma voz independente ou uma automática. Devemos portanto abster-nos de assumir quer que ele não será encontrado na boca dela, quer que se for assim encontrado tal indica fraude.

O megafone impressionou os assistentes de 30 de março como um efeito independente. A 1 de abril, John disse "Olá" ao seu pai, num sussurro de megafone diferente do de Walter. A isto seguiu-se o som de ar soprado através do megafone, do qual podemos pelo menos dizer que o efeito dificilmente poderia ser falsificado vocalmente. A 8 de abril, Walter "falou através do

megafone, e novamente de debaixo da mesa". Na noite seguinte ele "falou através do megafone em todas as partes do gabinete, por cima dele, por cima da mesa, e de todas as formas mostrou que a voz não poderia ter vindo dos lábios da psíquica".

O mais perto que o registo chega de mostrar isto é onde diz: "Com o megafone a dar os seus pinotes mais vivos, Goodall segurava ambas as mãos da Miúda e a Sra. Litzelmann ambas as de F. H." Alguém poderia desejar que tivesse sido tornado claro se o dar de pinotes incluía efeitos vocais fora do gabinete; pois como veremos no Capítulo XLV, o megafone é usado, independentemente da voz, como um instrumento de telecinesia.

A 11 de abril fui exposto ao megafone. Todos os assistentes, incluindo eu próprio, estavam bastante confiantes da voz vinda de trás das suas costas, do alto no gabinete e de bem para fora sobre a mesa. Ekland e eu pusemo-nos uma vez parcialmente debaixo da mesa para verificar as nossas impressões de que a voz estava lá; e não havia engano possível sobre isso. O megafone podia estar lá, também, mas Margery certamente não estava!

As notas de F. H. atribuem toda a voz ao megafone; eu não tinha a certeza de que fosse esse o caso. Não tenho qualquer referência aqui à imitação intencional do efeito de megafone; simplesmente achei que alguns dos sussurros pareciam mais a voz de rotina que vinha a acontecer há tanto tempo, do que a voz do megafone. Na noite seguinte, perguntei se a voz de megafone estava presente de todo — certamente não mais do que uma ou duas vezes. Mas F. H. identificou numerosos sussurros como sendo através deste instrumento. É admitidamente muito difícil, por vezes, fazer a distinção aqui envolvida.

Estando apenas Cross e F. H. sentados a 14 de abril, o megafone foi usado conversacionalmente com extrema liberdade, "nunca duas vezes a partir da mesma posição, falando tão alto de uma direção oposta à psíquica como da sua direção. Na verdade, o

megafone percorreu um raio de quatro pés a partir da mesa, cobrindo toda a área dentro deste espaço."

Numa sessão da comissão a 25 de abril, Walter falou através do megafone na face de Comstock e na minha; na noite seguinte gritou no ouvido de McDougall. A 11 de maio, a sua chegada foi anunciada por um prodigioso "Olá" sussurrado no megafone; a mesma coisa aconteceu na noite seguinte; e em ambas as noites ele disse olá novamente. O uso do megafone para a fala após esta data foi comum, mas quando empregado neste sentido foi também manipulado telecineticamente numa base liberal. O seu comportamento é mais interessante sob esse ângulo do que em conexão com o problema da voz; daí eu abandoná-lo aqui, para retomar a sua história noutro local.

Temos então um número de observações indicando com alguma direção e força que a voz, por vezes pelo menos, é realmente independente. O que vamos fazer em relação a isso? Quanta confiança vamos depositar nestas observações? Quão bem conseguimos localizar sons no escuro? Toda a questão pende deste ponto. Se não os conseguirmos localizar com alguma consistência e precisão, se estarmos continuamente num erro substancial quando tentamos fazê-lo, temos de explicar tudo o que expusemos neste capítulo como o produto de tal incapacidade.

Uma coisa podemos aceitar sem discussão. A hipótese do ventriloquismo não cobre o terreno. É uma daquelas explicações, avançada como um palavreado fácil pelos sabichões pestilentos, mas que realmente não explica nada de todo. O ventríloquo não pode operar no escuro. Ele não engana os ouvidos; engana os olhos e as expectativas. Ele põe o seu público a pensar e a olhar para o lado de onde quer que eles deduzam que o som está a vir, e a esperá-lo de lá. Quando os olhos estão fora de ação, a sua melhor arma desapareceu. Ele agora só pode enganar as expectativas, e se alguém exercer um cuidado razoável, os seus ouvidos dizem a verdade, contradizendo as suas expectativas se isso for necessário.

Isto reduz o cético a uma única alegação, e podemos discuti-la com ele nessa base. É você capaz de dizer o lado de onde vem um som, sem o uso de qualquer ajuda estranha de todo para os seus ouvidos; ou, na ausência de outros sentidos, está reduzido a um jogo de adivinhas?

Qualquer anatomista lhe dirá que você é capaz de localizar o som apenas com os ouvidos; que os ouvidos são construídos com especial referência a isso, tal como os olhos são construídos com especial referência à visão binocular, estereoscópica. O efeito diferencial entre os dois olhos dá a base para dizer quão longe está um objeto que vemos; o efeito diferencial entre os ouvidos dá a base para dizer a direção de onde vem um som que ouvimos. Há apenas três reservas simples.

Você não pode dizer quão longe está um som, porque para o fazer é necessário o conhecimento da sua intensidade original, e isto você só pode adivinhar. Você não pode, sem a ajuda dos olhos, dizer de quão alto ele vem, porque o efeito diferencial entre os seus ouvidos opera, enquanto mantém a cabeça direita, num plano horizontal. E, se o som estiver exatamente à sua frente ou exatamente atrás de si, você não pode dizer qual deles é sem olhar, porque atinge ambos os ouvidos com exatamente a mesma força. Mas a generalidade dos sons você pode localizar muito bem de facto, no que à componente horizontal da sua direção diz respeito, ouvindo com atenção e ignorando os seus outros sentidos e as suas expectativas.

Sempre entendi que este era o caso, mas nunca tinha tido ocasião de o testar antes. Na presente conexão torna-se de tal importância que exige um teste. Este dei-lho eu, em diferentes alturas e com diferentes pessoas e sob diferentes condições. Como resultado, não tenho hesitação em exortar o leitor a testá-lo ele próprio, com a devida atenção às reservas acima, como um meio de assegurar a si mesmo de que quando Carrington, ou F. H., ou eu, ou qualquer outro observador competente, diz que o sussurro ou o assobio na sala de sessões de Margery veio de um certo lado,

estamos a declarar uma aproximação ao facto que não pode ser desvalorizada com risos.

Faço esta longa defesa das minhas observações e das dos meus colegas e amigos, porque chego a um ponto em que estas observações são de tal natureza categórica que se você puder possivelmente convencer-se de que são nulas, é provável que o faça. O facto é que Walter esteve durante algum tempo a prometer-nos, mais ou menos vagamente, uma grande demonstração da voz independente, na qual ele assobiaria, ou sussurraria, ou ambos, de um ou mais lados remotos da sala, sob qualquer controlo que pudéssemos desejar da boca de Margery e de outras. Havia ambiguidade sobre a data para esta demonstração, e sobre se haveria de ocorrer na escuridão ou em luz vermelha. Quando a obtivemos, obtivemo-la inesperadamente, e tivemos de tropeçar, no escuro, para conseguir o controlo que pudéssemos. Dou, sem qualquer tentativa de a colocar em forma literária, o registo que Carrington e eu redigimos imediatamente após esta sessão, e que foi assinado por todos os presentes.

"Sessão de 19 de maio de 1924. 20h45.

"Círculo*: Margery, Carrington, Sra. Brown, F. H., Bird fora do gabinete no controlo da ligação Margery-F. H. e da boca de Margery.

"A primeira parte desta sessão foi dada à voz distante. Bird ouviu cinco assobios e cinco sussurros. Os dois assobios finais eram mais ténues do que os três primeiros e de tom diferente. Os três vieram do canto da lareira, no julgamento de Bird; os dois das janelas. O sentimento de Bird é o de que os dois eram muito provavelmente de fora de casa. Os três primeiros pertenciam certamente à sessão. Os cinco sussurros seguiram-se, cada um consistindo na palavra 'Olá', e cada um vindo do canto da lareira.

"Com uma possível exceção, Carrington falhou em ouvir os assobios. Ouviu quatro sussurros, 'Olá' de cada vez, e colocou cada um na direção entre F. H. e o gabinete.

“Cada vez que Bird ouvia alguma coisa, dava uma cotovelada a F. H., e cada vez que dava uma cotovelada a F. H. este último tinha acabado de ouvir alguma coisa. Mas ele colocou-os todos junto às janelas.

“Cada vez que F. H. ouvia alguma coisa, apertava a mão de Brown; fazia isto cada vez que Bird lhe dava uma cotovelada. Brown ouviu três assobios, correspondentes às três primeiras cotoveladas de F. H.* Colocou-os entre a lareira e o Victrola. Os dois apertos seguintes não corresponderam a nada ouvido por Brown. F. H. sugere que estes dois ‘assobios’ poderiam ser mais bem chamados de guinchos. Brown ouviu três ‘Olás’, cada um correspondendo a um aperto, e teve dois apertos cegos aqui. Brown colocou os sussurros no mesmo local que os assobios, concordando exatamente com Carrington.

“F. H. e Brown fazem ambos o ponto de que ouviram sempre o ruído em questão antes de receberem o sinal de Bird ou de F. H., respetivamente. Brown complementa isto com a declaração de que especulou sobre o tempo de reação de F. H. Isto elimina a sugestão como fonte dos sons. O facto de Brown ter falhado em ouvir alguns deles reforça ainda mais este ponto.

“A Sra. Brown ouviu dois assobios e três ‘Olás’. Carrington e ela apertaram a mão um do outro ao ouvir os sons, e sincronizaram nestes três sussurros.

“Embora três dos assobios fossem muito agudos, alguns dos outros sete sons eram extremamente ténues; e aceitando as observações de Bird, Carrington e Brown quanto à sua origem aproximada, as pessoas mais próximas deles ouviram-nos melhor e as mais afastadas falharam mais consistentemente em ouvi-los.

“Esperámos durante um momento por estes assobios, após a sugestão de Walter de que poderiam ser produzidos, e depois desistimos deles. Bird abandonou o seu controlo bastante doloroso da boca de Margery. Não estávamos de todo à procura deles quando vieram, contudo todos salvo Carrington

aparentemente ouviram o primeiro, que foi marcado pela exclamação de Margery para Bird retomar o controlo da sua boca. Este controlo foi perfeito durante a produção dos outros nove sons.

"O controlo da boca foi mantido ao longo do círculo como se segue: Margery pela mão de Bird, bem sobre a boca, palma para dentro. Palma nos lábios tão perto que a todo o tempo Bird podia contar a respiração de Margery, e tão perto que ao usar a sua mão direita, polegar para cima, tinha dificuldade em mantê-lo fora dos olhos e do nariz dela.

"A Sra. Brown pela mão de Carrington, costas da mão nos lábios dela e um dedo debaixo do queixo.

"Brown: F. H. não tinha controlo da boca mas ouvia ininterruptamente a respiração bastante pesada de Brown. A mão da Sra. Brown segurada por Brown contra o lado da sua face e o canto da sua boca.

"F. H.: extrema proximidade do ouvido de Bird.

"A sala estava extremamente silenciosa enquanto se escutavam estes sons e qualquer movimento de cadeiras ou pés calçados podia certamente ter sido ouvido. Sofá e cortina ao longo da calha da porta. Ligou-se a luz vermelha na conclusão do episódio e não se encontrou ninguém na sala exceto aqueles devidamente ali presentes.

"Várias vezes quando as cadeiras rangiam, a natureza do som e até a identidade da cadeira eram instantaneamente reconhecidas."

Carrington e eu ficámos totalmente satisfeitos com a autenticidade desta voz, como um fenómeno independente no espaço, fora do organismo físico da psíquica. As circunstâncias acompanhantes que eram pertinentes para a exclusão de cumplicidade por alguém não do círculo, mas entrando clandestinamente ou escondido na sala, eram tais que tornavam

esta hipótese totalmente absurda para nós. Não sei se seriam tão esclarecedoras para alguém não familiarizado com a casa como eram para nós, pelo que me contento em denunciar esta teoria. Concordámos que depois disto, nada do que pudesse acontecer na sala de sessões nos surpreenderia grandemente; que se a voz independente era possível, tudo o era.

Comstock, perceber-se-á, foi deixado fora desta demonstração. Mas a 17 de junho obteve uma que, em alguns aspetos, foi ainda mais detalhada do que a nossa. Cito a parte do seu registo de ditafone dessa noite que trata da voz:

"Por sugestão de Walter fizemos as seguintes coisas. Liguei a luz vermelha no corredor e empurrei a cortina da porta para trás de modo a que um feixe de luz vermelha entrasse na sala. Fiquei então no gabinete, entre a psíquica e F. H., tendo uma mão sobre a boca dela e uma sobre a dele. Richardson tinha a sua mão sobre a boca de Adler e a Sra. Richardson tinha a sua sobre a de Cross. Adler tinha a sua mão sobre a boca de Richardson e F. H. tinha a sua sobre a da Sra. Richardson. Examinei a sala em luz vermelha para ver se não havia ninguém presente salvo os oficialmente ali presentes. Com as condições indicadas ouvimos pelo menos quatro assobios caraterísticos de Walter, e uma ou mais frases como 'Olá'. Pareceu-me, a praticamente todos eles, estarem no canto nordeste da sala, ou em direção a esse canto a partir do gabinete. Há alguma diferença de opinião entre os outros presentes quanto à localização exata, mas era absolutamente claro para mim que os sons não estavam a sair da minha proximidade imediata." F. H. ouviu pelo menos dois "Olás", e acredita que todos os outros os ouviram.

Agora por favor não me interpretem mal. Não disse, aqui mais do que noutro local, que Walter, ele próprio, o irmão morto, esteja presente na sala. Mesmo que eu acreditasse nisto, seria proibido pelo meu primeiro capítulo dizê-lo. Não dou qualquer hipótese quanto ao *modus faciendi* destes sons; estou a discutir apenas a questão da sua ocorrência genuína. Que os dois testes

dos quais cito o registo apresentam efetivamente exemplos de voz independente genuína, produzida no espaço e sem a intervenção de qualquer aparelho vocal humano e sem qualquer outro aparelho físico tangível, sou obrigado a acreditar. Foram produzidos por ninguém devidamente presente; ninguém estava indevidamente presente; e sugestões oblíquas como telegrafia sem fios e tubos de fala e fonógrafos são inaplicáveis. Estes sons vocais eram genuinamente independentes. Se enfatizo a sua autenticidade mais do que a de outros fenómenos que indiquei serem genuínos, é porque a extrema incredibilidade inerente aqui exige tal ênfase.

A voz nestas duas ocasiões foi independente. Que alguma parte da voz que obtemos como uma questão de rotina e que parece ser independente, realmente o seja, sou então obrigado a considerar como praticamente certo. Se pode acontecer duas vezes, é tolo pôr objeções a que aconteça mais vezes. Mas isto traz-me ao ponto, após a sua crença de que Margery provou a hipótese do espírito, no qual há o desacordo mais agudo entre F. H. e mim. Ele insiste que toda a voz, ao longo de todas as sessões, é independente. Eu não acredito nisto.

Margery é uma psíquica completa, e a voz automática é um fenómeno reconhecido. Concedo que nunca provámos que ela a tenha usado, mas é absurdo imaginar que seja incapaz disso. A produção da voz independente, deve deduzir-se, faz uma exigência muito maior sobre os recursos psíquicos presentes na sala de sessões do que a da variedade automática. E Walter tem um historial muito claro de fazer as coisas da forma mais fácil — de procurar o caminho mais fácil, com algum esforço. Parece-me ridículo negar-lhe o uso da voz automática apenas porque por acaso ele é capaz de usar o tipo presumivelmente mais difícil. Não vejo exatamente como havemos de traçar a linha em casos dados; mas estou confiante de que a maior parte da voz e do assobio que vem de um local onde a cabeça de Margery poderia estar é automática.

F. H. parece pensar que isto é complicar o que é simples. Ele concede que a voz independente à distância deve ser muito dispendiosa da força psíquica. Mas ele imagina o desperdício e a dificuldade como enormemente diminuídos quando o local é trazido para perto da médium. Ele imagina uma voz independente produzida, praticamente sobre os lábios dela, com pouca ou nenhuma maior despesa de recursos psíquicos do que se fosse automática. Ele também me encarece certos fatores fisiológicos — o facto de em todas as suas sessões tão perto da psíquica ele nunca ter sido salpicado com saliva quando Walter estava a falar; hábitos de pronúncia e enunciação que na sua observação distinguem a voz de Walter da articulação normal de Margery; a falha do sussurro de Walter em prender na respiração de Margery, etc.

Ele, por virtude da sua profissão, é mais competente para observar estes aspetos do que eu; os seus interesses levam-no a concentrar-se no esforço de rastrear assim o fenómeno da voz até ao seu ninho enquanto os meus correm mais vivamente para outros fenómenos; e ele está lá muito mais do que eu. Tudo isto acrescenta inquestionavelmente à probabilidade de ele estar certo e eu errado aqui; mas, no meu julgamento, não acrescenta muito fortemente no sentido da prova de que a voz seja sempre e inevitavelmente independente.

Trazendo F. H. de volta a terrenos filosóficos novamente, ele parece pensar que a minha relutância em atribuir todos os efeitos vocais à categoria independente significa que tenho medo da voz independente. Penso ter mostrado que não tenho! Tinha, naturalmente, até me ter certificado a mim mesmo de que ela acontece; mas não tenho medo de facto nenhum, e este é um facto. Meramente não vejo a lógica em negar a Walter o uso de todas as ferramentas da mediunidade — das quais a voz automática é distintamente uma. Se alguma vez tivermos o caso inteiramente na luz, claro, descobriremos com certeza. Até lá, só podemos discutir sobre isso.

CAPÍTULO XXXVIII

TRABALHO DURO NUMA SESSÃO CIENTÍFICA

Durante o mês de maio de 1924, Prince esteve em Boston em outros negócios numa altura em que Carrington e eu estávamos hospedados na casa da Lime Street e a ter sessões todas as noites; e esta oportunidade foi aproveitada para apresentar Prince à mediunidade. Ele sentou-se a 13, 14 e 15 de maio; e na segunda destas datas empreendemos pela primeira vez a experiência de excluir todos os assistentes que não fossem membros do nosso grupo de investigação.

Incidentes de um tipo ou de outro desta sessão são colocados nos seus devidos lugares em outros capítulos; mas a caraterística marcante da noite é de tal importância, e acabou por adquirir tal proeminência controversa, que justifica a sua exibição numa posição de grande relevo. Foi com isto em vista que interrompi o Capítulo XXXII tão bruscamente. O presente capítulo retoma a história do gabinete onde aí foi deixada.

Estavam presentes apenas Margery, F. H., McDougall, Comstock, Prince, Carrington, eu próprio e a Sra. Wood. Um sofá de encosto alto foi colocado fora da calha da porta com cortinas, no corredor, estendendo-se inteiramente ao longo da abertura da porta. A Sra. Wood sentou-se neste sofá no corredor e tomou notas estenográficas a partir do ditado de Comstock; e embora trabalhasse em escuridão total foi capaz de transcrever estas com maior precisão do que a que habitualmente obtínhamos do ditafone que foi introduzido mais tarde.

A sua presença serviu o propósito adicional de isolar a sala contra a invasão por parte de um cúmplice. A sessão inteira decorreu na escuridão, salvo pelos intervalos de luz vermelha especificados nas notas. Passo para estes, omitindo apenas

material que está coberto noutros locais e que não tem suporte no incidente do gabinete.

"20h30, a sessão começou. O termómetro registava 70°. Círculo composto como se segue: Margery, F. H. à sua direita, e prosseguindo para a direita, Prince, Comstock, Carrington, McDougall, este último à esquerda de Margery. Bird no chão atrás de F. H.

"McDougall tinha controlo de pés de Margery e da sua mão esquerda, F. H. tinha a sua direita. Bird tinha controlo da união entre F. H. e Margery, e de ambos os pés de F. H.

"21h00. Walter assobiou. O controlo dos pés da psíquica por McDougall foi testado ao tentar ela retirar um pé, a pedido dos cientistas; e descobriu-se, como esperado, que o menor movimento era percetível. McDougall disse estar ciente do menor movimento dos pés, que estavam entre as barrigas das suas pernas.

"21h12. Walter pediu luz vermelha e para virar a mesa de volta. Explicação disto conforme ditado imediatamente após a sessão: a mesa tinha sido voltada com o grão a correr para longe da psíquica. O pedido de Walter foi para que fosse reposta com o grão a correr a atravessar à frente dela.

"21h15. Detalhes do controlo de Bird ditados como se segue: ele tem o pulso de Margery entre dois dedos e a sua palma nas costas da mão de F. H.

"21h30. O varão caiu. McDougall disse que neste momento tinha a certeza de não haver movimento perceptível por parte de Margery. Controlo por Bird também perfeito na altura em que o varão veio para baixo.

"21h37. O gabinete começou a ranger e a mover-se ligeiramente. Bird e McDougall certos de que ninguém lhe estava a tocar. Bird disse que o seu cotovelo estava em contacto com ele mas que não se movia desse lado. Um segundo mais tarde relatou

que ele tremia desse lado. Perturbação do gabinete continuou por vários minutos, o controlo pronunciado perfeito durante estes movimentos. A perturbação envolveu movimentos idênticos sentidos por McDougall e Bird.

"Walter disse: 'Se o segurarem eu parto-o.' McDougall relatou imediatamente após a sessão que nesta fase respondeu: 'Avança e parte-o.'

"21h43. Walter pediu que se afastassem. Isto foi feito.

"21h50. O gabinete moveu-se ligeiramente. McDougall disse que estava a mover-se contra as costas da cadeira de Margery. McDougall disse que o gabinete aparentemente avançou um pé, e o bordo dianteiro tocou no seu ombro. Houve um som como se o gabinete se estivesse a mover por todo o lado. Esta declaração foi ampliada imediatamente após a sessão pela inserção da observação de que o movimento era aparentemente feito particularmente pelo que parecia ser a aba esquerda. Esta aba aparentemente girou num ângulo pronunciado.

"Luz vermelha durante dois segundos para examinar o gabinete. Tinha sido aberto para longe de McDougall. Parecia como se os dois bordos dianteiros do gabinete pudessem estar a oito pés de distância.* O canto ao cotovelo de Bird permaneceu mais ou menos estacionário, servindo de pivô. A extremidade esquerda do gabinete na luz vermelha parecia estar a seis ou oito pés de distância da psíquica.

"O gabinete continuou a mover-se. Luz vermelha durante dois segundos.

"Parte do gabinete, presumivelmente a aba oeste, ouvida a quebrar-se e a cair ao chão.

"22h00. Luz vermelha acesa de modo a que Bird pudesse examinar o gabinete. Relatou que não tinha sido girado para longe de F. H., sendo esse canto e lado usados como pivô. O outro lado estava desprendido e virado no chão.

“Ditado imediatamente após a sessão: Quando a aba esquerda foi arrancada do gabinete houve um som distinto de rasgar de madeira à medida que estava a ser partida.

“Após a queda da aba, Bird levantou-se e examinou-a, com a permissão de Walter, e disse: ‘O canto traseiro esquerdo está a uma jarda atrás da psíquica e as costas do gabinete estão num ângulo de cerca de trinta graus com a sua posição original. Todas as cortinas continuam presas às partes eretas do gabinete.’

“Estando Bird de pé ao lado da parte ereta do gabinete e antes de regressar à sua posição de controlo, o gabinete deu um arremesso bastante forte na sua direção. Foi inserido por ditado imediatamente após a sessão que isto foi no momento em que a luz foi apagada.

“Comentário adicional ditado imediatamente após a sessão: McDougall ditou: ‘Durante a destruição do gabinete eu tinha a mão direita da psíquica ao longo do seu colo de modo a que ela não pudesse estar a usar o seu cotovelo; e eu teria também sentido qualquer movimento do seu corpo.’ Provámos também aqui que era demasiado longe para ela mover o gabinete com a cabeça inclinando-se de lado.”

O restante desta sessão foi dedicado a ligeiros movimentos pela mesa, e não é pertinente aqui. A destruição do gabinete permaneceu um incidente isolado durante algum tempo. Um ligeiro movimento nesta direção feito a 19 de maio ficou muito aquém. Com Carrington à esquerda de Margery, e eu próprio no gabinete à sua direita, o controlo de mãos e pés era invulgarmente bom; mas claro que o cotovelo e ombro esquerdos de Margery e a sua cabeça estavam muito mais perto da aba esquerda do gabinete do que o normal. Houve numerosas convulsões do gabinete, todas tendendo a levá-lo para esse lado.

Finalmente a aba direita ficou firmemente encravada contra a minha cadeira, e convulsões adicionais falharam em efetuar movimento adicional. Durante tudo isto, Carrington tinha a mão

esquerda de Margery contra a sua própria face, forçando o braço dela para uma posição reta e imobilizando o seu cotovelo. Pareceu-me que a sua cabeça e ombro dificilmente poderiam trabalhar no gabinete sob tal controlo sem o conhecimento dele ou o meu — se eu tivesse questionado isto teria mudado o meu controlo de mãos para uma posição de contacto com a cabeça dela. Tínhamos os pés dela; e a cumplicidade estava fora de questão.

O gabinete foi novamente o centro de tal ação como a que se obteve durante as quatro noites de 29 de maio a 1 de junho, quando Lescarboura, Carrington e eu estivemos presentes. Lescarboura sentava-se sempre à esquerda de Margery, eu no elo à sua direita. Se alguém tivesse de acreditar que a manipulação do gabinete era fraude, teria de imaginar Margery como extraordinariamente hábil nesta direção; e ela certamente deveria sair-se melhor com um controlador inteiramente inexperiente como Lescarboura do que com um veterano como Carrington à sua esquerda. Mas não saiu; ação de todo o tipo esteve num ponto baixo em todas as quatro noites.

No dia vinte e nove, Walter dedicou-se ao gabinete, tentando arduamente parti-lo. Com a cadeira de Lescarboura encostada a ele a partir de fora, o gabinete foi empurrado e maltratado e profundamente sacudido durante uma hora ou assim. Se alguém imaginar a médium a fazê-lo normalmente, certamente ela deveria ter ficado sem fôlego se não exausta no fim; mas na verdade estava tão fresca como uma rosa — nunca a ouvi puxar o fôlego apressadamente na sala de sessões. O esforço aqui era aparentemente para partir o gabinete em vez de o mover de um lado para o outro; e encostado à cadeira de Lescarboura, como estava, houve pouco movimento. O barulho feito e o esforço aparente despendido foram, contudo, grandes.

No dia trinta, nada de momento aconteceu ao gabinete ou a qualquer outra coisa. No dia trinta e um, sentei-me dentro do gabinete, colocando novamente Margery mais perto da aba

esquerda do que o normal. Rangeu e moveu-se, rangeu e deslizou de um lado para o outro, rangeu e pressionou contra a cadeira de Lescarboura fora da aba esquerda e contra a minha dentro da aba direita.

Lescarboura e eu mantivemos os nossos ombros contra o gabinete continuamente a 1 de junho, ele fora à esquerda e eu dentro à direita. Houve rangidos e impulsos do gabinete, e parte disto ocorreu quando eu tinha controlo da cabeça em adição ao perfeito controlo de mãos e pés por parte de Lescarboura e de mim mesmo. Controlo da cabeça, perceber-se-á, significa também controlo dos ombros; o ombro não pode ir ao gabinete sem levar a cabeça atrás.

O cotovelo é o membro mais difícil de imobilizar quando não se têm mãos de sobra para o segurar especificamente; mas com a psíquica no centro do gabinete e as suas mãos seguradas de ambos os lados, ela fica esticada de forma bastante fina e penso que alguém se pode preocupar demasiado sobre o que ela poderia estar a fazer com um cotovelo.

Lescarboura relatou aqui que a pressão era nas costas do gabinete, e não no lado. O gabinete moveu-se para trás, como um todo, através de uma distância de talvez duas polegadas; o progresso foi desapontadoramente pequeno em vista da grande comoção feita. Novamente tomei controlo da cabeça, e com todos os controlos de mãos e pés mantidos, o gabinete deslizou na minha direção com bastante barulho. A luz vermelha foi acesa e todos os controlos inspecionados e encontrados em boa ordem.

Até este momento eu tinha estado no meu lugar mais habitual fora do gabinete, com um ombro a projetar-se para dentro dele para apoiar a aba direita a partir de dentro, como descrito acima. Coloquei agora a minha cadeira lá dentro, e por talvez quinze minutos sentei-me dessa forma, com controlo constante da cabeça de Margery por contacto com a minha.

Durante este período nada aconteceu — nem sequer a voz de Walter. Enquanto eu estava no gabinete, Lescarboura relatou tal posição do braço de Margery com referência ao braço da cadeira que seria impossível para o seu cotovelo tocar no gabinete. Nenhuma declaração de mudança aqui veio dele quando saí do gabinete e retomei a minha posição original; mas com isto, o gabinete retomou o seu empurrar para a esquerda. Isto foi sentido por mim e por Lescarboura, sob controlos de mãos e pés que foram relatados como perfeitos.

Em breve nos separámos; e após a partida de Comstock regressámos à sala de sessões. A aba direita foi encontrada praticamente desprendida, os parafusos pendurados por um único fio ou efetivamente fora e no chão, e a aba pronta a cair a um toque. Walter troçou de nós por desistirmos quando desistimos, embora nos tivesse antes encorajado a fazê-lo ao observar: "Estarei a trabalhar aqui toda a noite; apareçam quando quiserem."

Não preciso de apontar que muitos detalhes deste período de quatro noites são totalmente coerentes com uma hipótese de fraude. O investigador experiente não espera que cada incidente, ou algo parecido com cada incidente, seja obtido sob tais condições que isto não possa ser dito. O investigador inexperiente é propenso a fazer esta exigência. Lescarboura fez-se, muito enfaticamente, e tanto mais quanto o seu contacto com o caso infelizmente não lhe deu fenómenos de obvia e nítida autenticidade, fora as brisas psíquicas detalhadas no Capítulo XXIII. Ele estava inclinado a sentir que, se pudesse explicar qualquer coisa que acontecesse como sendo talvez devida a fraude, tinha o direito de assumir que tudo o que acontecia era certamente fraude.

Um incidente não registado de uma destas sessões ilustra bem o ponto. Forte pressão estava a ser aplicada contra a aba do gabinete do lado de Lescarboura. Walter disse-lhe para encostar a sua cadeira contra ela, e ou prometeu ou deu a entender que

Lescarboura, cadeira e tudo, seriam movidos em bloco pela pressão exercida através da aba do gabinete. Lescarboura, contudo, aplicou toda a sua força e engenho para ficar firmemente apoiado, usando as pernas da cadeira e as suas próprias pernas e todo o seu peso para o propósito; de modo que com a aplicação da pressão, a cadeira de Margery e não a dele deslizou pelo chão.

Não sei por que a força psíquica haveria de ser retratada como livre da necessidade que fez Arquimedes pedir um lugar onde se apoiar antes de tentar mover a Terra. Todas as experiências cuidadosas nos disseram exatamente o que o senso comum nos diria — que os princípios de ação e reação governam aqui como em qualquer outro lado. Mas aparentemente Lescarboura teria os fenómenos da sala de sessões numa base milagrosa em vez de numa base natural; pois considerou este incidente como prova positiva de fraude. Para mim parece autoevidente que a força psíquica trabalha a partir da médium como um centro; e que quando a pressão é aplicada entre dois pontos, quer normalmente quer fisicamente, o ponto que estiver menos firmemente ancorado será aquele a mover-se.

Isto traz à tona um fator que evitei até agora. A maioria dos médiuns bem-sucedidos tem estado aberta à suspeita, ou mesmo à acusação certa, de que em ocasiões em que o poder psíquico não estava a mover-se suavemente e o caminho ficava aberto para a fraude, praticavam fraude. Devemos trazer esta acusação contra Margery? Alguns dos meus leitores vão trazê-la, quer eu a traga quer não.

Mas o meu próprio ponto de vista é o de que, quando temos um corpo tão considerável de fenómenos que são absolutamente demonstrados como sendo genuínos como o presente caso nos proporciona, deveríamos provar a fraude com a mesma precisão. E nem Carrington, nem McDougall, nem Comstock, nem eu, nem mesmo Prince, jamais avançámos qualquer alegação de ter apanhado Margery a enganar. Bastantes incidentes que poderiam ter sido fraude, claro; mas nenhum único para o qual possamos

apontar e dizer, sem hesitação: “Isto é fraude.” Sob estas circunstâncias, penso que deveríamos abster-nos de assumir que os fenómenos que não se suportam completamente a si mesmos são fraude; penso que a presunção é forte de que a autenticidade se reflete sobre eles a partir dos incidentes similarmente caraterizados e totalmente atestados.

Mas chegaremos alguma vez a um incidente de destruição de gabinete que seja de caráter absolutamente conclusivo? Pensei ter exibido um neste capítulo. Se ele tem uma fraqueza, esta residiria na falha do registo em indicar qualquer exame sério do gabinete em detalhe, quaisquer evidências internas de que tinha sido sujeito a violência, qualquer experiência para determinar as possibilidades de fraude.

Chegamos agora a um incidente que avança um longo caminho no sentido de responder a estes pontos, e que é único no facto de eu estar exatamente entre a psíquica e a região onde a força teria de ser aplicada ao gabinete para produzir o efeito registado. Talvez vá satisfazer quaisquer leitores que possam ser deixados indiferentes pelo presente capítulo. Desta vez o registo é suficientemente completo para se manter sobre as suas próprias pernas, sem comentário de qualquer tipo; e dou-o, na íntegra e sem aspas.

CAPÍTULO XXXIX

UM DOCUMENTO ORIGINAL

Terça-feira, 24 de junho. Destruição do gabinete com Bird dentro dele.

Círculo, passando em redor a partir da esquerda de Margery: Margery, Richardson, Adler, Cross, Sra. Richardson, F. H., Margery.

Bird entre F. H. e Margery; Carrington, Conant, Comstock, Goodall, a Mlle. Richardson também presentes. Walter veio de imediato e insistiu em melhores disposições científicas. Carrington foi portanto inserido no círculo à esquerda de Margery, entre ela e Richardson. Sentou-se fora do gabinete, comprimindo-se os outros ao redor para lhe dar lugar. Bird foi introduzido no círculo entre Margery e F. H., sentando-se dentro do gabinete, no chão.

[Omito dois parágrafos que descrevem luzes psíquicas e outros fenómenos menores.]

Bastante cedo na sessão, o gabinete tornou-se o centro da atividade. Após ligeiros sons serem ouvidos no seu interior e sobre ele, Bird recebeu instruções para colocar um ombro contra ele do seu lado. Carrington em breve relatou uma série de ténues empurrões contra a sua aba. A impressão feita por estes sobre Bird não foi registada nem recordada. Parafusos ou picos de desenho, ou mais provavelmente ambos, começaram agora a cair, e de tempos a tempos continuaram a fazê-lo, isolada e multiplicadamente. Nesta fase começámos a sentir que algo de grande poderia estar iminente, pelo que pusemos Conant a guardar a porta contra a entrada do homem do machado, ou contra a sua saída se já estivesse dentro. Goodall mudou-se para onde pudesse estar em contacto constante com a Mlle. Richardson, e Comstock manteve a Mlle. Richardson constantemente localizada conversando com ela, etc.

Após um certo número de ruídos indicando a queda de parafusos ou picos de desenho, caiu sobre Bird e Margery o que se assumiu ser o pano do topo do gabinete, e eles tiveram alguma dificuldade em desembaraçar-se de debaixo dele. Ao mesmo tempo, o termómetro anexo caiu pesadamente sobre as canelas de

Bird, e resolveu-se a questão empurrando-o para debaixo da mesa. Neste instante, embora nenhum controlo sustentado de pés de F. H. tivesse sido tentado, o aperto de Bird da sua mão jazia ao longo dos seus dois joelhos, controlando ambos os seus pés.

A perturbação do gabinete subiu um pouco de tom. Carrington relatou considerável pressão exercida para fora contra a sua aba. Bird relatou que a sua aba o estava a empurrar na direção de e contra Margery. Na maior parte do tempo, o movimento aqui era simplesmente um impulso para fora da aba de Carrington, seguido pelo seu regresso a aproximadamente a sua posição anterior. Numa ocasião Carrington relatou um alcance de cerca de nove polegadas para tal movimento e regresso.

A partir deste ponto, durante muito tempo, a pressão contra Bird aumentou de forma bastante contínua, atingindo o seu clímax quando ele ficou encravado firmemente e desconfortavelmente num espaço muito pequeno entre a aba do gabinete e a cadeira da psíquica.

Pouco depois, Conant relatou o deslocamento do gabinete para trás, na direção dele onde estava colocado na entrada da porta. Isto continuou intermitentemente durante muito tempo. Num momento durante este período, Carrington relatou movimento na sua direção da sua aba numa altura em que ele tinha o braço de Margery estendido em todo o seu comprimento na sua direção, com a mão dela na sua bochecha. Bird aqui enfatizou, de tempos a tempos, o aumento consistente e persistente no vigor com que estava a ficar encravado entre a cadeira e o gabinete.

[Omito aqui um parágrafo que trata de um contacto psíquico sentido por mim, o qual é dado em detalhe no Capítulo XXII.]

A cadeira da psíquica moveu-se agora pela primeira de numerosas vezes. Movimentos individuais frequentemente não eram diretamente evidenciais. Mas em numerosas ocasiões a cadeira moveu-se distintamente na direção de Bird quando o pé

esquerdo de Margery estava completamente fora do chão sobre o de Carrington; e mais tarde, após mudança no controlo, quando ambos os seus pés estavam totalmente fora do chão e sobre alguma porção da anatomia de Bird (coxa, tornozelo ou peito, em particular). O movimento inicial da cadeira foi de cerca de oito polegadas, tanto quanto Bird pôde julgar. Movimentos subsequentes da cadeira foram frequentemente para a frente e para trás, em redor de um canto, ou mesmo, no melhor julgamento de Bird, num trajeto curvo. A cadeira foi gradualmente trabalhada ao redor, ficando cada vez mais virada para Bird; até que no fim estava virada para ele diretamente.

Surgiu uma controvérsia entre Bird e Conant sobre se o gabinete se tinha inclinado. A ação foi repetida, e Bird soltou a mão de F. H. o tempo suficiente para encontrar uma polegada ou mais de espaço livre debaixo da frente da sua aba do gabinete. Uma inclinação para cima na parte traseira foi relatada por Conant pouco depois disto.

O resultado líquido de tudo isto foi um deslocamento muito material do gabinete em relação à sua posição original. Bird e Margery ficaram completamente desorientados no que respeitava à sua posição no gabinete e à do gabinete com referência à sala. O controlo de F. H. por Bird estava nesta fase esticado de forma tão fina que quando F. H. se levantava para arranjar o Victrola (frequentemente; ver Capítulo XL), Bird já não conseguia alcançar a Sra. Richardson para manter o círculo; e ele declarou aqui que seria preciso muito pouco movimento adicional para o forçar a modificar o seu controlo de F. H. Ao mesmo tempo Carrington relatou que estava agora completamente fora de contacto com a aba oeste do gabinete; enquanto Conant, na entrada da porta, declarou que o gabinete o estava agora a tocar, com o que ele descobriu ser um canto (obviamente o sudoeste).

O movimento do gabinete na direção de Conant continuou, e a certo ponto Bird verificou com a sua mão que a parte traseira tinha sido erguida do chão a uma altura de várias polegadas.

Carrington esteve em contacto novamente o tempo suficiente para relatar que o gabinete estava a ser fechado sobre si mesmo, pelo menos à frente, em vez de ser aberto.

Bird verificou isto relatando que o canto atrás de si era agora menor do que um ângulo reto; mas uma experiência subsequente em plena luz indicou algum provável erro aqui — com o canto num ângulo dificilmente menor do que 85 graus, Bird obteve as mesmas sensações ao apalpar com a parte de trás da sua cabeça que o tinham levado, durante a sessão, a estimar o ângulo como dificilmente mais do que sessenta graus. O melhor julgamento final de Bird é o de que o canto não foi materialmente distorcido até se partir (abaixo), e que o dobrar para dentro dos bordos dianteiros deve ter sido alcançado pelo rodopiar em redor das dobradiças centrais na parte traseira.

A cadeira de Margery girou bruscamente, e foi a partir deste ponto que ela ficou diretamente virada para Bird. O canto de Bird foi então partido claramente, sendo a separação tão larga que ele podia meter a cabeça inteiramente para fora para o espaço aberto, fora do gabinete. A ação aqui foi tal que praticamente provava que a quebra foi efetuada pelo espremer do canto até se juntar, tal como Bird tinha imaginado o seu espremer; mas não houve cedência de qualquer momento até que o estrondo efetivamente veio. Durante este episódio um dos pés de Margery estava sobre a coxa de Bird; o outro sobre o seu pé; e a sua cadeira moveu-se bruscamente. Depois, como sempre sob combinação similar de eventos e controlo, nenhuma pressão destes pés foi sentida por Bird.

Num momento não especificamente indicado no registo de ditafone, mas que a recordação de Bird coloca claramente após este estrondo, tornou-se necessário mudar o controlo. Bird já não conseguia alcançar F. H. com a sua mão; ele deitou-se portanto em todo o seu comprimento no chão, com os pés estendidos na direção de F. H., e ergueu um pé até F. H. conseguir agarrar este tornozelo. Isto controlou a mão de F. H.; a Sra. Richardson

continuou o controlo dos pés dele que tinha assumido num ponto não especificado no registo.

Algum tempo antes, com a rotação final da cadeira de Margery, Carrington já não tinha sido capaz de alcançar o seu pé esquerdo, e Bird tinha-se encarregado deste. Após a mudança de posição por Bird bem como antes dela, ele tinha ambos estes pés firmemente sobre si em vários pontos; e após a mudança, o único local que encontrou para o seu braço e mão esquerdos foi em redor dos tornozelos de Margery, adicionando ao controlo aqui. O controlo das mãos de Margery continuou como antes, uma por Carrington e uma por Bird.

Por um curto espaço de tempo após o seu desprendimento a aba este do gabinete permaneceu ereta. Depois inclinou-se para dentro na direção de Bird num ângulo de talvez vinte graus em relação à vertical. Por fim estava a jazir sobre Bird com todo o seu peso, mantida fora do chão apenas pelo seu corpo e pernas. F. H. tropeçou nela uma vez ao regressar do Victrola, e há alguma dúvida na mente de Bird quanto ao papel exato que isto possa ter tido na sua mudança final de posição. F. H. está certo de que ela não se moveu quando ele lhe bateu.

Seguiu-se um movimento violento dos destroços — um relato detalhado do que aconteceu é impossível. O registo de ditafone estava esgotado, e a orientação de Bird estava demasiado desordenada para servir de base a observação detalhada na altura ou recordação mais tarde. Walter parecia disposto a agitar os destroços indefinidamente; mas finalmente, por proposta de Bird, ele disse boa-noite e Comstock fez um inventário em luz vermelha. Foram tiradas quatro fotografias.

Conant, para a parte final da sessão, foi várias vezes admoestado por Walter para não tocar no gabinete. Ele protestou dizendo que não podia evitá-lo; o gabinete estava a invadir o espaço que ele tinha de ocupar para guardar a porta. Por fim o gabinete bloqueou a porta, e fê-lo de forma tão completa que

Conant nem sequer conseguia meter a cabeça lá dentro até ele ser deslocado para o admitir. Antes de isto ser feito obteve-se a garantia de que nenhuma pessoa não autorizada estava na sala.

Uma inspeção cuidadosa do gabinete após as fotografias estarem tiradas revelou que as cantoneiras e as dobradiças permaneceram todas na aba este, tendo sido arrancadas das costas. Muitos dos furos de parafusos vazios mostravam crateras na madeira, implicando fortemente que os parafusos tinham sido arrancados e não desaparafusados. A maioria deles estava tão maltratada que, no dia seguinte, Bird achou impossível fazer parafusos do mesmo tamanho agarrar neles. A aba liberta de uma dobradiça tinha os três parafusos ainda no lugar nos seus furos, com as suas pontas a projetarem-se para fora e no ar com as cabeças perfeitamente encaixadas nos furos escareados. Perto do fundo das costas, na junção quebrada, existia uma racha mostrando madeira limpa em todo o seu comprimento.

Conant, após a sessão, relatou que praticamente durante a totalidade da meia-hora final, enquanto o gabinete o estava gradualmente a forçar para o corredor, ele tinha uma mão sobre o vértice onde a aba oeste se junta às costas, no fundo. Foi observado por ele durante este período um esforço assinalável no sentido da abertura e fecho do ângulo aqui, similar aparentemente ao que ocorreu no canto de Bird; também considerável pivotar do gabinete, neste canto, em redor de eixos horizontais no chão. Conant estimou, enquanto Bird e Carrington verificam, que por vezes o gabinete exercia uma pressão de cinquenta libras ou mais sobre quem quer que se movesse contra ele. Conant enfatiza que durante grande parte da parte final da sessão a sua cabeça estava fora da cortina, no corredor, onde havia boa luz vermelha.

Na quarta-feira, dia vinte e cinco, Carrington e Bird experimentaram com a mecânica do gabinete e derivaram alguns resultados surpreendentes. A tentativa de mover o gabinete em bloco para oeste enquanto sentados na cadeira de Margery desenvolveu o facto de que, em geral, a cadeira se move mais

facilmente do que o gabinete. Sem ancorar a cadeira não conseguimos obter grande movimento do gabinete. A partir da cadeira fomos inteiramente incapazes de aplicar qualquer pressão, através do meio da aba este, contra uma pessoa sentada no chão no espaço entre a aba e a cadeira — isto é, na posição de Bird na sessão.

O meio de tentar isto, claro, foi empurrando para fora contra a aba oeste. Desta forma a aba este podia ser trazida para um contacto suave com a pessoa que ocupava o lugar de Bird, contanto que a cadeira estivesse encostada contra esta pessoa para evitar a dificuldade da observação precedente. Mas isso era o mais longe a que podíamos ir. Pressão adicional além disto meramente encravava a cadeira mais firmemente contra a pessoa no chão, ao passo que Bird está seguro de que o encravamento dele na sessão procedeu do outro lado, através da parede do gabinete; ou então fez esta parede deslizar bruscamente para trás para fora do seu ombro, sem qualquer aumento da sua pressão contra ele. A única forma de podermos dar o mesmo resultado que Bird relata da sessão foi indo para fora e empurrando a partir daí. Mesmo quando Carrington ficou de pé no gabinete e empurrou com toda a sua força contra a aba oeste, esta mesma sequência foi obtida.

Tentando fechar o canto sudestes em direção ao ponto onde as cantoneiras se soltariam, descobrimos ser fora de questão mover qualquer porção do gabinete para dentro enquanto sentados na cadeira da psíquica com mãos e pés segurados. Indo para fora para a experiência, descobrimos que a pressão no exterior da aba este tinha de ser complementada por pressão a partir de trás do gabinete, senão as costas colapsariam na dobradiça em vez de todo o gabinete colapsar no canto.

Tentando inclinar o gabinete para trás por pressão, como que da cabeça, a partir do interior, descobrimos uma maior prontidão do gabinete para se inclinar sob tal pressão do que tinha sido indicado numa experiência anterior do género feita por Carrington

sozinho. Mas fomos incapazes de obter qualquer inclinação material deste tipo e desta ou de qualquer outra forma, sem um colapso pronunciado do gabinete no centro das costas, nas dobradiças.

No melhor julgamento de Bird e Conant nada do género ocorreu durante a sessão. Na verdade, qualquer coisa que pudesse ser feita, visando a quebra ou o fecho da junção entre a aba e as costas, reagiria aparentemente na dobradiça em vez de no canto, a menos que as costas fossem apoiadas a partir de fora.

A liberdade de trabalho com o cotovelo da psíquica ou com a sua cabeça, com a sua cadeira no lado esquerdo do gabinete para permitir que outro assistente ocupasse o lado direito, foi considerada ser totalmente tão grande como o defensor mais otimista da fraude esperaria encontrar. Os efeitos que fomos capazes de produzir desta forma, contudo, não foram paralelos aos da sessão. Chegaram o mais próximo na matéria do impulso para fora e para trás do gabinete; mas mesmo aqui, falharam conspicuamente na matéria do choque sentido no interior da aba mais distante; e resultaram também num movimento muito mais aos solavancos do gabinete, com muito menos suavidade no recuo, do que o observado na sessão. Em retrospetiva, na verdade, Bird sente que esta suavidade com que um pontapé aparentemente violento e a sua reação igualmente violenta funcionavam, foi uma das caraterísticas mais notáveis da sessão.

(Assinado)* J. Malcolm Bird

Hereward Carrington

• *Devido ao facto de o único cilindro que tinha na casa estar a chegar ao fim, Comstock fez apenas o tipo mais sumário de registo de ditafone desta sessão, o qual se destinava meramente a servir de ajuda à memória de Bird na redação de um relato mais completo. Quando este relato completo foi concluído, compreendia tanto material fora do conhecimento direto de Comstock e Conant, com referência*

à experiência subsequente, etc., que se sentiu ser desaconselhável pedir as suas assinaturas. O registo de ditafone original carrega estas assinaturas, e na medida em que vai é um resumo do acima exposto.

CAPÍTULO XL

O GRANDE MISTÉRIO DO VICTROLA

Durante as fases iniciais da mediunidade tinha havido sempre um Victrola presente na sala de sessões, mas a sua reprodução era espasmódica. Da aventura europeia a ideia foi trazida para casa de ter música continuamente ao longo das sessões. Uma tentativa nesta direção foi feita a 31 de dezembro de 1923, com Laura C. na máquina, a dar corda ao motor e a repor a agulha no início do disco. Isto não foi satisfatório, pelo que um motor elétrico e um repetidor foram instalados, e usados pela primeira vez a 3 de janeiro de 1924. Começando a 30 de janeiro, um solo de saxofone da melodia favorita de Walter, "Souvenir", foi usado em todas as sessões, e em todas foi reproduzido continuamente.

Mencionámos o hábito de Walter de assobiar algumas notas em acompanhamento da música. Quando o Victrola estava a ser posto a funcionar por motor de mola, o esgotamento deste ocorria ocasionalmente enquanto ele estava assim a assobiar. Claro que não apenas o tempo, mas igualmente o tom, da música do Victrola seriam afetados; e Walter foi uma ou duas vezes observado a desafinar a sua própria música para corresponder ao tom alterado da máquina "doente".

Após a instalação do motor elétrico este tipo de coisa estava presumivelmente terminado. Mas durante a sessão de 9 de março de 1924, o Victrola abrandou de forma tão marcada que F. H. perguntou a Walter se devia desfazer o círculo para olhar para ele, Walter respondeu que o arranjaria ele próprio; e com efeito, ele retomou a velocidade normal de imediato. Um pouco mais tarde Walter parou o Victrola a pedido de Stewart, verificando assim o seu controlo sobre ele. Novamente a 30 de março, o Victrola

abrandou quase até ao ponto de paragem. Walter foi ouvido a dizer: “Sai daí, John.” A máquina retomou a sua velocidade, e Walter disse que a Sra. Caldwell a estava a ajustar.

John e Mark estavam audivelmente presentes a 1 de abril, e aparentemente a fazer grande parte do trabalho da sessão. O comportamento do Victrola foi excêntrico no maior grau. Muitas vezes ele abrandaria e desafinaria, como que prestes a parar. Em tais momentos Walter seria ouvido a dizer “Corta isso” ou “Sai daí”; após o que a máquina se corrigiria a si mesma e a música correria por algum tempo em boa ordem. Mas não por muito tempo; o mesmo ciclo era percorrido uma e outra vez.

Finalmente Walter concedeu uma explicação do que se estava a passar. Dou a sua declaração completa num só local, pedindo emprestado a observações subsequentes que ele fez e apresentando as suas ideias nas minhas próprias palavras. A raiz do problema residia no facto de, para a ação da sessão, ele confiar grandemente na energia derivada das vibrações musicais. Mas estas não são obtidas logo a partir da máquina na forma mais utilizável; e uma das funções de John e Mark é trabalhar sobre as vibrações e de alguma forma convertê-las noutra forma de energia mais imediatamente útil. Ao fazer isto eles acham conveniente pôr-se de pé sobre as vibrações. Mas quando eles permitem que o entusiasmo os leve, frequentemente põem-se de pé sobre elas com demasiada força. O resultado é que o “fio” de Walter fica esticado de forma demasiado apertada, bloqueando as vibrações tão mal que faz a música abrandar ou parar de todo.

Esta história louca foi construída gradualmente. Igualmente, os assistentes foram lentos a perceber que, com a história ou sem ela, tinham um fenómeno de possível importância nas excentricidades do Victrola. Mesmo após o registo de 1 de abril, com a sua declaração: “Este abrandamento do instrumento, seguido por recuperação após o comando de Walter, ocorreu tão frequentemente que não poderia ser uma coincidência”, eles

falharam em registá-lo fielmente quando ocorreu em noites subsequentes.

Está notado como sendo de 5 de abril, mas não como sendo de onze ou doze, embora eu recorde distintamente que ocorreu numa destas noites e me foi explicado nos termos acima. Na verdade, a referência seguinte a ele vem nas atas para 13 de maio, que eu próprio escrevi: "O abrandamento do Victrola que está associado aos rapazes Richardson foi mais persistente do que o habitual, e finalmente resultou em paragem." A familiaridade com o incidente que esta declaração implica é significativa; creio que marcou a maioria das sessões de abril e início de maio. O registo de ditafone de 14 de maio confirma esta impressão. "Walter disse 'Sai daí', presumivelmente para a sua própria gente, e o Victrola abrandou quase até parar. Imediatamente retomou. Controlo perfeito."

Se alguém parar aqui para avaliar este assunto com a Victrola, encontra um conflito de emoções e de lógica. A única coisa que é absolutamente clara é que não é empregue qualquer fraude direta manual para abrandar ou parar a máquina. Está a sete ou oito pés do ponto mais próximo da cadeira de Margery. Conant uma vez mediu-a como 82 polegadas, e verificou que a asa do armário se projetava quinze polegadas através da linha direta da cadeira para a Victrola ao longo da qual ele mediu. Não está tão longe de F. H., mas ainda assim a uma distância de vários pés para além do seu alcance máximo. Tanto ele como eu fizemos muitas vezes uma enorme algazarra ao dirigir-nos a ela no escuro.

A fraude, no entanto, não é a única coisa que se deve procurar. O acidente é responsável por muitos mistérios. O mau comportamento de um conjunto complicado como uma Victrola accionada por atrito a partir de um motor elétrico que funciona com corrente da rede de iluminação da cidade é um assunto terrivelmente complexo. Hesita-se em adivinhar quantas coisas diferentes poderiam correr mal com a Victrola, o motor, o fornecimento de corrente, que causariam uma paragem

sistemática. E em relação a este pensamento, deve-se recordar que Margery é uma pessoa de longa experiência musical e grande capacidade. A Victrola não pode abrandar no menor grau sem desafinar. Esse disco *Souvenir* foi tocado na presença de Margery milhares de vezes. Eu próprio, sem qualquer sentido musical, começo a detetar o desafinamento de notas individuais; Margery deve possuir esta capacidade de forma sobrenatural, sendo capaz de observar o abrandamento iminente antes de qualquer assistente comum. Se for encontrada qualquer explicação normal e acidental para o abrandamento, todo o incidente parecerá muito mau, tendo em conta a afirmação de Walter de que tem as suas causas do seu lado do véu.

Os méritos intrínsecos desta afirmação não precisam de ser discutidos. Suponho que impressiona a maioria de nós como o auge do absurdo. Mas isso poderia ser considerado a seu favor — sendo a ideia de que mesmo Margery, com a sua réplica brilhante e o seu talento para ginásticas mentais, dificilmente seria esperada como origem de uma história tão disparatada. E em todo o caso, uma vez que o abrandamento em si não é obviamente manipulado a partir do exterior do sistema Victrola-motor-fiação, deve, se não for genuinamente supranormal, ser causado por fraude ou acidente originado dentro desse sistema. Tal causa, se procurarmos com suficiente atenção, devemos encontrá-la.

A 14 e 15 de maio, Walter acrescentou complicações à sua própria filosofia aqui. A música parou, e ele explicou o contratempo como devido a uma alteração no controlo dos pés — a princípio os pés de Margery estavam juntos, agora estavam separados. Ele não indicou a sequência de causa e efeito através da qual isto reagiu sobre a música. No dia 15, quatro fotografias experimentais tinham sido feitas com a música a tocar; e estavam em preparação os preparativos para mais quatro, quando o instrumento parou como se tivesse sido alvejado. Walter explicou que fez isto intencionalmente, para experimentar a fotografia sem a música. A luz vermelha estava acesa quando isto ocorreu,

enterrando o último prego no caixão de qualquer alegação de que estaria envolvida fraude manual. Finalmente, alguns dias depois, Walter afirmou que a mudança de luz para escuridão ou vice-versa provavelmente faria parar a Victrola. «Tenho de apertar exatamente na medida certa. Claro como lama, não é, Birdie?» Era.

Outro incidente do dia catorze deu-nos algo com que pensar. A máquina parou, e apenas o suficiente da conversa permeou através da má audição de Prince para lhe dar a ideia de que falávamos de uma previsão de paragem. Ele perguntou se tal previsão tinha sido feita; não podíamos dizer-lhe «Não», e não podíamos dizer-lhe «Sim» sem qualificação. E não podíamos interromper a sessão para lhe contar o suficiente da história do caso para fazer parecer por que razão considerávamos a observação «Sai daí, caramba» como uma previsão de que a Victrola estava prestes a abrandar ou parar. Isto levanta a questão de se temos realmente o direito de a considerar uma previsão. Penso que sim, mas não gostaria de ser demasiado categórico quanto a isso.

Outro facto intrigante surgiu a 25 de maio. Duas vezes aqui Walter avisou os seus assistentes para se afastarem das vibrações, mas cada vez a Victrola enguiçou. Da primeira vez, foi tudo; da segunda, o ditafone, que partilhava a mesma ligação à parede que a Victrola, também parou. Numa ocasião a paragem foi na sala, na outra foi no exterior.

Com todas estas complicações, o ataque mais simples é procurar a causa acidental da paragem. Comstock sempre tivera em mente examinar o mecanismo, mas sempre que estava em casa havia algo mais urgente para fazer; e hesitava em delegar esta importante tarefa a Conant. Mas quando Lescarboura, um perito elétrico completamente competente, esteve em casa durante os feriados do Dia da Decoração, teve tempo suficiente para examinar o equipamento com cuidado. Ele verificou que a

Victrola aparentemente estava bem, mas o motor estava muito longe disso.

O regulador centrífugo estava avariado, de modo que qualquer pequena variação acidental de velocidade provavelmente faria parar a máquina. O motor elétrico estava num estado desesperado de saturação e debilidade geral — graças à suposição de F. H. de que precisava de lubrificação sempre que enguiçava, e ao seu hábito de deitar óleo para dentro dele a partir de uma garrafa nessas circunstâncias. Lescarboura revisiou o motor tão completamente quanto pôde, sem ferramentas adequadas, e durante o resto da sua visita os rapazes Richardson não bloquearam as vibrações.

Isto não foi tão desfavorável quanto parece. Lescarboura atacou o motor depois de termos tido uma experiência muito difícil com a música a 31 de maio. A máquina abrandou e acelerou várias vezes, e finalmente parou. Conseguimos pô-la a funcionar. Abrandou novamente: «Meu Deus, mesmo no momento errado», exclamou Walter. Não conseguimos fazê-la funcionar, mesmo depois de acender a luz vermelha.

Depois de muitas hesitações, concordámos em usar o motor de mola, estando o elétrico muito quente e aparentemente inoperante. Após uma curta utilização do motor de mola, com Conant a dar-lhe corda de tempos a tempos, voltou a funcionar mal. Uma agulha nova remediou o problema apenas por um momento. Depois descobrimos que o repetidor tinha um sulco muito gasto, que prendia a agulha e a retinha. Durante o resto da sessão, Conant fez as vezes de repetidor, com sucesso.

Portanto, pelo menos parte do problema que atraiu a atenção de Lescarboura era anormal, e foi remediado com a instalação de um novo repetidor. Daí que o funcionamento suave após a sua revisão não fosse tão condenatório quanto poderia ter parecido. No entanto, o motor elétrico estivera em estado chocante, durante quanto tempo ninguém sabia. Lescarboura foi para casa satisfeito

por o incidente estar encerrado, e todos nós percebemos que havia algum fundamento para concluir que o episódio da Victrola tinha tomado um mau rumo.

Entre 1 e 17 de junho, os registos não fazem menção à Victrola, mas ela não funcionava de todo regularmente. Nesta última data, falando de fenómenos em geral, Walter observou que mais de metade da energia que utiliza vem da música. Enquanto falava assim, a máquina abrandou e acelerou várias vezes, como vinha fazendo durante toda a sessão. Walter pediu cinco minutos de luz vermelha; no instante em que foi acesa, a Victrola parou subitamente, recordando as observações de Walter de 15 de maio.

A 18 de junho, a Victrola começou a portar-se muito mal novamente. As anotações de F. H. indicam que abrandou e acelerou novamente, sem parar, pelo menos nove vezes; o ditado de Comstock verifica que, em última análise, parou completamente, com a luz vermelha acesa.

A técnica para lidar com a Victrola rebelde já estava razoavelmente organizada. O regulador centrífugo tem um dispositivo de segurança que impede o fluxo de corrente quando o motor está em repouso; por isso, quando para, só pode ser ligado rodando o prato giratório. Para este fim, alguém tem de se levantar do seu lugar; e quando o problema da Victrola se desenvolveu, o lugar de F. H. à direita de Margery, o mais próximo da máquina, tornou-se permanente. Por isso, ele ia sempre em socorro da Victrola doente, exceto quando Conant estava na sala e disponível. Normalmente, conseguia religá-la imediatamente na escuridão. Nunca teve de ligar a corrente, por isso ficava sempre claro que a coisa estava realmente encravada, em vez de desligada.

O motor elétrico era tantas vezes insuficiente para manter a Victrola a funcionar que se criou o costume, assim que ela enguiçava numa determinada noite, de dar corda ao motor de mola e usá-lo como auxiliar. A partir de 22 de junho, houve uma

longa série de sessões em que o meu comité esteve representado. No dia 24, a máquina parecia estar a parar. «Dá-lhe corda, depressa», disse Walter, «não quero que pare agora mesmo.» Dar corda salvou a situação por um momento, mas meia hora depois, o ditafone diz-nos: «F. H. está a dar corda à Victrola. Teve de fazer isto numerosas vezes durante a noite. A Victrola nunca recebia corda exceto quando estava visivelmente ameaçando parar.»

Durante o dia 25, esteve em casa um homem da fábrica, para examinar a própria Victrola. Declarou-a em tudo apta, mas durante a sessão ela abrandou acentuadamente, como de costume. Walter ordenou que os seus assistentes se afastassem das vibrações, mas a máquina continuou a abrandar e, cerca de dois minutos depois, estava morta. No momento em que a luz psíquica do Capítulo XLIV, que neste período era tão persistente no armário perto de Margery, estava ativa. À medida que a música se desvaneceu, Carrington relatou o desvanecimento da luz; quando a Victrola parou, a luz apagou-se completamente.

Assim que F. H. pôs a música a funcionar, Walter pediu dez minutos de luz vermelha; por isso, fomos impedidos de observar se a luz voltaria com a música. Pouco depois, a Victrola enguiçou novamente, e foi necessário o auxílio do motor de mola para a ligar. Quando ela tocou, a luz vermelha foi apagada. Imediatamente, a luz psíquica à esquerda de Margery estava a regressar, sob controlo manual completo.

Na medida em que esta única coincidência dizia respeito, alguém assumiria que era apenas isso, e nada mais. Mas estaríamos atentos para que se repetisse, na esperança de que fosse mais do que mero acaso. Dentro de quinze minutos, repetiu-se. A Victrola parou, e nesse instante a luz no armário desapareceu; F. H. pôs a música a funcionar, e antes de estar de volta ao seu lugar, a luz também estava a funcionar.

Dentro de quatro minutos, tudo ocorreu novamente: paragem da Victrola, extinção imediata da luz psíquica, ligação da Victrola, reaparecimento imediato da luz. A experiência demonstrou que a correlação não era entre a luz e o mero ato de quebrar o círculo para F. H. se levantar — quebrámos o círculo *ad libitum* e nada aconteceu à luz. Mas pouco depois a Victrola quase se desvaneceu novamente, e a luz desvaneceu-se completamente. Walter recusou continuar, exigindo que arranjássemos a Victrola para a noite seguinte. Tanto quanto a observação de uma noite podia estabelecer, a correlação entre a música e a luz parecia comprovada.

A própria Victrola tinha recebido um visto oficial. Se houvesse algo fisicamente errado com o aparelho de fazer música, teria agora de ser no motor elétrico. Durante o dia 26, Conant levou-o para a oficina de Comstock, onde esteve nas mãos de eletricistas e engenheiros toda a manhã. Deram-lhe uma garantia total. Conant trouxe-o de volta para a Lime Street e, durante duas horas e meia, durante a tarde, ele fez funcionar a Victrola da sala de sessões, sob a sua observação, sem qualquer falha, sem aquecer consideravelmente... Naquela noite, durante a sessão, enguiçou seis vezes, abrandou três vezes sem enguiçar, e ficou tão quente que mal se podia tocar.

Em algumas dessas ocasiões, a luz vermelha estava acesa, e não se notou qualquer tendência para esta se desvanecer. Assim, inferiu-se que não havia irregularidade no fornecimento de corrente. Sempre que a música parava no escuro, acontecia que não havia luz psíquica presente no momento. Mas num ponto há registo de uma luz ténue e nebulosa no armário; e dois minutos depois, com a Victrola tendo enguiçado, já não era visível.

Mais tarde, imediatamente após um religar da Victrola, apareceu uma pequena luz redonda no armário; vinte segundos depois estava muito mais ténue; e muito em breve a música parou. O registo nem confirma nem nega qualquer correlação precisa nestes casos. Numa ocasião, a paragem coincidiu com um som

estranho de raspagem no centro do círculo, ouvido por todos. Mais tarde, Walter disse: «Vou ter de inventar uma maneira de lidar com essa Victrola eu próprio. Não te preocupes mais com ela. Não me importo que a examines, mas não a tires da sala.»

27 de junho viu o clímax do sincronismo entre a Victrola e as luzes. Após 33 minutos, a Victrola parou e uma luz psíquica no armário escureceu e apagou-se. Aos 42 minutos, a música enguiçou novamente e novamente a luz desapareceu do armário. Aos 52 minutos e novamente na hora certa, a música parou; em nenhuma das ocasiões havia qualquer luz psíquica no armário. Às 1.11, a música parou e a luz também. Às 1.23, quando a Victrola enguiçou pela última vez, não havia luz no armário. A correlação foi de 100 por cento para a noite, e parecia ser um facto definitivamente estabelecido.

A 28 de junho, houve luzes ténues e paragens da Victrola; o registo de F. H., o único feito, não indica se houve correspondência. No dia 29, a música falhou oito vezes; não são mencionadas luzes para esta noite.

30 de junho viu tanto o fonógrafo como o motor novamente revisados e declarados perfeitos. Durante a tarde, o motor fez funcionar a Victrola durante duas horas; durante a sessão, enguiçou nove vezes. O motor de mola foi usado como auxiliar durante toda a sessão; cada paragem ocorreu quando ele estava quase sem corda. Isto corrobora as indicações anteriores de que o problema surgia através de uma sobrecarga pesada, que não era aplicada normalmente e, portanto, devia ter sido imposta psiquicamente. A 1 de julho, o motor elétrico foi inspecionado pelo fabricante e declarado em boas condições. Naquela noite, enguiçou seis vezes. F. H. não faz menção de luzes psíquicas em nenhuma destas noites.

A Victrola não é mencionada em 2 ou 3 de julho. No dia 4, abrandou ou parou várias vezes; mas as luzes psíquicas desta noite eram de carácter diferente das das últimas semanas e não

houve correlação. Isto foi profético; a Victrola voltou a ocupar o centro do palco, mas as luzes nunca mais retomaram o carácter que tinham tido durante o período do final de junho. Portanto, não foi dada mais oportunidade para as observações de sincronismo.

A sugestão de que havia uma ligação elétrica entre o armário e a Victrola é bastante óbvia; mas se há uma coisa que sabemos sobre o armário de Margery, é que não tem ligações externas de qualquer espécie. A telegrafia sem fios é outra sugestão óbvia que o cético mal informado explora, hoje em dia, para além do que vale, na sua resistência aos fenómenos psíquicos; mas esquece que a telegrafia sem fios requer um aparelho recetor, e que os membros do nosso comité estavam muito informados neste campo, e não seriam enganados por um minuto pela tentativa de introduzir tal recetor no armário, ou de colocar um no fonógrafo.

Na verdade, as luzes psíquicas de Margery, se consideradas fraudulentas, certamente teriam de ser atribuídas a fosforescência ou fluorescência, e não a eletricidade. A conclusão de todo o assunto é que se deve ficar sem saber como seria possível um sincronismo fraudulento entre a Victrola e as luzes. Mas se aceitarmos a autenticidade deste sincronismo, somos levados diretamente contra a necessidade de aceitar, de um modo geral, a afirmação de Walter de que a energia das vibrações da Victrola ajuda na produção das luzes. Podemos então explicar muito bem a cessação do sincronismo — encontrou-se uma maneira de o evitar! Se o considerarmos genuíno, devemos assumir que é um ponto difícil na técnica psíquica, em vez de uma demonstração em si; e que se puder ser suavizado, sê-lo-á. E devemos aceitar esta série de ideias, seja qual for o nosso ponto de vista em relação à hipótese espírita; pois se os fenómenos são genuínos, têm um diretor inteligente em algum lugar — se não noutro mundo, então no subconsciente da médium.

Se o sincronismo entre luzes e música foi eliminado, a mera irregularidade da Victrola persiste. 5 de julho desenvolveu uma sessão completamente em branco, salvo duas paragens da música

— uma vez muito súbita e definitiva, como se um dedo ou um travão tivesse sido aplicado com força; uma vez da forma lenta habitual. No dia 6, houve cinco paragens — duas abruptas e três lentas.

O terceiro encravamento aqui ocorreu exatamente quando F. H. se sentava depois de ter dado corda ao motor de mola. Uma ou duas destas paragens ocorreram com luz vermelha. Para o dia 7, nada está registado sobre a Victrola; no dia 8, parou três vezes, cada vez com o motor de mola com não mais de metade da corda. Houve no total cinco paragens no dia 9, uma delas muito súbita e pouco depois de lhe ter sido dada corda; noutra ocasião, depois de quase parar, a máquina retomou e recuperou a velocidade normal; e finalmente a Victrola foi parada a pedido de Carrington.

Carrington e Conant instalaram secretamente um novo motor para o dia 10; no início da sessão, Walter anunciou que não haveria interferência com o bom funcionamento da música. Houve dois abrandamentos súbitos no dia 12, a máquina cada vez quase parando e retomando. Uma ou duas vezes durante a sua estadia em casa, Keating disse-me oralmente, a Victrola encravou enquanto ele estava por cima dela, com uma lanterna vermelha na mão apontada para ela. Este facto importante não aparece em nenhum dos registos.

A 11 de julho, numa sessão em casa de Comstock, a Victrola dele foi usada, sem paragem. No dia 24, no entanto, sentando-se lá novamente, Walter teve a oportunidade de queimar os dedos e saiu ileso. A máquina parou duas vezes; cada vez Walter falou imediatamente: «Não fui eu que fiz isso.» Comstock descobriu que a paragem ocorreu devido a alguma falta de sincronismo. F. H. está firmemente convencido de que ele a arranjou dessa forma de propósito, como um teste.

Na noite anterior, numa sessão na Lime Street com a presença de Houdini, a música tinha abrandado fortemente duas vezes e parado uma vez. Na sua conversa com Munn, Conant e eu

depois da sessão, Houdini não disse nada sobre a Victrola. Depois de regressar a Nova Iorque, mencionou-a uma vez na minha presença, observando com um olhar muito matreiro que sabia como ela tinha sido parada — que alguém se levantou e a parou. Isto, mais do que qualquer outra coisa que ele fez ou disse, impressionou-me com a capacidade de detetive enormemente exagerada com que os seus seguidores o dotam. A única explicação para este fenómeno que, mais do que qualquer outra que ele pudesse ter avançado, tinha sido sistematicamente excluída em dezenas de sessões, e que pode ser contradita de imediato por qualquer pessoa que alguma vez se tenha sentado à direita de Margery, foi aquela em que ele baseou o seu caso contra a validade da paragem da Victrola!

CAPÍTULO XLI
A MÃO É A MÃO DE — QUEM?

Muitos dos meus leitores estarão familiarizados com as notáveis luvas de parafina obtidas em sessões com o médium polaco Franek Kluski, sob a supervisão do Dr. Geley, do Instituto Metafísico Internacional, de Paris. Para aqueles que não estão, descrevo estas mãos, seguindo o artigo de Geley na *Scientific American* de novembro de 1923.

Diz-se que um espírito materializado está presente na sala, e o problema é obter algum registo permanente da sua presença. É fornecida uma banheira de água quente, e flutuando no topo desta há uma camada de parafina derretida — cera de parafina, no inglês de Inglaterra. Qualquer objeto mergulhado na banheira, quando retirado, trará consigo uma fina camada da cera, que se solidificará em contacto com a atmosfera. Pede-se ao espírito materializado que mergulhe a sua mão materializada na banheira repetidamente, e supõe-se que a mão é suficientemente material para que a parafina adira, formando uma luva cuja espessura é limitada apenas pelo número de mergulhos.

Depois, supõe-se que o espírito liberta a sua mão da luva através de um processo ao qual se aplica a palavra pouco informativa "desmaterialização". Ele deixa a luva para trás, e ela é encontrada na mesa quando a luz é acesa. É então perpetuada fazendo-se um molde de gesso no seu interior, que, claro, duplica a mão — natural, artificial ou supranormal — a partir da qual a casca de cera tomou a sua forma.

No pequeno museu de Geley no Instituto em Paris, vi mais de vinte moldes de luvas de parafina deste carácter. O detalhe anatómico que mostram é totalmente espantoso, e pode-se aceitar a afirmação de artistas e escultores de que são inquestionavelmente feitas a partir de um modelo vivo. Mas muitas delas têm uma forma tal que nenhum original sólido poderia ter sido retirado da parafina sem fraturar esta. Todas têm pulsos, e bons pulsos; e além disso, a maioria delas tem os dedos numa posição tal que cria um ou mais cantos mortos que não passariam. Algumas delas estão ilustradas, para sublinhar o ponto.

Geley diz-nos que frequentemente introduziu, no último momento e com o máximo sigilo, matéria corante ou químicos incolores na sua parafina; e que sempre as luvas entregues nestas sessões mostravam a cor correta ou a análise correta. Ou seja, as luvas eram feitas na sala de sessões, usando a sua parafina; não eram trazidas já feitas. Isto simplifica muito a questão para aqueles que estão dispostos a que lhes seja provado que as cascas são genuínas; mas para aqueles que não estão dispostos a colocar-se neste grau de atitude recetiva, complica-a enormemente. Pois ainda não foi sugerido qualquer processo pelo qual luvas da qualidade necessária possam ser entregues em algo parecido com o curto espaço de tempo que os operadores espíritas de Kluski consideram adequado para o trabalho.

Alguns críticos afirmam que as luvas de parafina podem ser duplicadas a partir de originais de borracha, ocos e cheios de água. Isto é realmente absurdo. Um original de borracha não deve ser tão rígido que se recuse a colapsar para ser retirado, sob o seu

próprio peso, quando a água é esvaziada. Nenhum desses originais deixará, sob o peso da água necessária para o encher, de se distender e assumir uma forma de secção transversal aproximadamente circular.

A palma humana é plana e os dedos humanos são quadrados; as mãos de gesso de Geley são planas e os seus dedos são quadrados; as mãos feitas a partir de luvas de borracha são tudo menos planas e os seus dedos são tudo menos quadrados. Apresentam outros defeitos desqualificantes na ausência de detalhe anatómico, mas a questão da forma é a pior e a mais incurável. Existem outras sugestões para o uso de originais sólidos que derreteriam ou se dissolveriam na banheira de água, mas nenhuma delas parece viável.

Ora, Carrington e eu estivemos em casa de Margery desde a noite de 8 de maio até à manhã do dia 20. Fomos para a cama nas primeiras horas da manhã e levantámo-nos não muito antes do meio-dia, mas mesmo assim o intervalo entre o pequeno-almoço e a sessão era longo. Entre os expedientes a que recorremos para o preencher estava o de experimentar com mãos de parafina. Arranjámos um fornecimento do material e testámos as possibilidades do original humano.

Descobrimos, depois de a prática ter alisado alguns pontos ásperos e a tentativa e erro outros, que podíamos obter resultados surpreendentes. Não podíamos, claro, produzir grande pulso; mas as nossas cascas de parafina das nossas próprias mãos não eram de todo desprovidas de pulso. Se dobrássemos os dedos com demasiada força, não conseguíamos retirá-los, mas de modo algum achámos necessário mantê-los esticados.

Uma dificuldade operacional residia nas pontas dos dedos. Descobrimos que a única maneira de evitar bolhas de ar aqui era mergulhá-los separadamente e com muito cuidado, depois de o

resto da luva estar bastante acabada. Verificámos que a questão da temperatura da parafina era bastante crítica. Para uma melhor extração e operação mais rápida, a parafina deve estar tão fria quanto possível sem perigo de solidificar enquanto se trabalha; para o melhor detalhe anatómico, deve estar tão quente quanto a mão possa suportar. Em qualquer caso, é preciso trabalhar com a ajuda de uma banheira de água fria, mergulhando alternadamente nela e na cera. A mão que acabou de ser libertada de uma casca de parafina deve ser lavada com água e sabão antes de ser usada novamente; caso contrário, a segunda casca aderirá irremediavelmente em volta das unhas. O trabalho de libertação em si, quando não existem tais complicações, é simplesmente uma questão de paciência. Com boa sorte, pode-se entregar a casca acabada dentro de vinte minutos após a primeira imersão.

Quando digo que na sessão de Kluski o processo demorou cerca de três minutos, as probabilidades de autenticidade serão talvez melhor apreciadas. E não toquei nas dificuldades de obter formas complicadas, ou de fazer pulsos. As formas complicadas não atacámos. As nossas tentativas de fazer uma mão com um pulso comprido, cortando o pulso para remoção e depois remendando-o, não resultaram. Se aplicássemos parafina quente na junta, a parafina fria mostrava uma tendência para derreter em vez de receber e suportar o novo material.

Se tentássemos um processo de soldadura com o uso de chama, sujávamos muito a parafina com fuligem. Não tenho a certeza de que o uso de um ferro de soldar, com habilidade suficiente, não pudesse fazer o truque. É pelo menos o ataque mais promissor ao problema; mas seria necessária grande habilidade e muita prática para evitar certas marcas reveladoras.

A parafina foi trazida para a casa da Lime Street principalmente, como indiquei, para esta linha de experiências. Não se tentou ocultar o nosso trabalho de Margery, ou o grau e

tipo dos nossos sucessos e fracassos. A sugestão veio independentemente de F. H. e de Cross de que Walter poderia adotar a nossa parafina para seu próprio uso, mas ninguém mais levou isto a sério. No entanto, já no dia 11, tínhamos o balde de parafina, por sugestão de F. H., derretido e pronto no corredor para o pedido de Walter; mas ele não pediu.

No final desta sessão, tive de fazer uma mão de amostra para mostrar a Laura C. e a um ou dois outros o que era o jogo. Fiz tão bem que decidimos tentar uma partida a F. H., que tinha saído para operar. Quando ele voltou, apresentámos-lhe a minha mão de parafina como uma entregue por Walter durante a parte da sessão em que ele tinha estado ausente. Levou-lhe cerca de dez segundos de exame para decidir que estávamos a gozar com ele.

Numa ou duas noites seguintes, a parafina foi derretida antecipadamente, mas Walter, embora disposto a falar sobre ela, nunca a pediu. Deixámos o hábito de a derreter para a sessão, na verdade; e a 17 de maio, sentámo-nos com o balde de parafina, com os seus dois centímetros ou mais de cera congelada sobre uma base de água, num canto remoto da sala de sessões. As condições desta sessão eram questionáveis. Uma peça de novo equipamento que devia ter sido instalada durante o dia tinha sido colocada por Comstock e Conant depois de estarmos reunidos lá em cima e enquanto todos esperávamos. Atrasar-nos-ia cerca de uma hora e envolveu uma quantidade prodigiosa de marteladas ali mesmo na sala de sessões. Walter demorou a aparecer e, quando finalmente apareceu, insultou-nos terrivelmente por fazermos tal algazarra na sua sala. Informou-nos de que tínhamos desarranjado todo o seu equipamento e todos os seus planos, e que teria de fazer algo bastante diferente do que pretendia. Depois de resmungar bastante e de nos dizer muitas coisas humilhantes sobre nós próprios, deu a primeira indicação do que o programa modificado compreenderia.

«Birdie, leva esse balde de parafina para baixo e aquece-o até ficar bastante quente. Deixa o Sueco trazê-lo para cima. Há uma coisa nesta casa em que podes confiar — um Sueco nunca cairá dentro de um balde de parafina quente.»

Levei o balde para baixo para a Lydia na cozinha, instruí-a para me chamar quando estivesse completamente derretido e regressei ao meu lugar na sessão. A minha intenção, quando ela me chamasse, era encontrar algo no armário dos medicamentos ou na cozinha que servisse para colorir a parafina e tornar qualquer resultado que pudéssemos obter evidencial, numa direção ou noutra. Mas a Lydia, quando a parafina estava cozinhada, trouxe-a ela própria para o patamar das escadas imediatamente abaixo da sala de sessões. Suponho que, se não estivesse preparado para desafiar as instruções de Walter e ficar lá em baixo até o balde estar pronto, devia ter colocado a matéria corante na água ou tê-la na minha posse. Mas como as coisas correram, só pude dar pontapés em mim mesmo e deixar o teste de cor para outra ocasião. Pulei por cima do sofá, peguei no balde da Lydia e voltei a entrar na sala com a minha carga perigosa. Walter, ouvindo a aproximação da criada, tinha-me enviado para a encontrar, com a observação: «O Sueco provavelmente vai cair nas escadas e meter o nariz nisso; então teremos um molde perfeito de um Sueco.» Mas os seus receios revelaram-se infundados; a parafina chegou à sala sem acidente.

Fomos instruídos a colocar o balde de parafina no armário, à esquerda de Margery; e ao lado dele outro balde de água fria, já providenciado no meu primeiro regresso de baixo. Após cerca de cinco minutos, Walter pediu que a parafina fosse movida para a frente de Margery e a água fria fosse totalmente retirada — «Não preciso dela, levo o meu frio comigo.» Durante os dez ou quinze minutos seguintes, ouviram-se ruídos frequentes que poderiam ser de algo a mergulhar e a sair da parafina, ou poderiam igualmente

ter sido causados por pontapés suaves no balde para que o conteúdo se agitasse e o cabo tilintasse contra o lado.

O ditafone regista controlo perfeito durante todo este período, mas questionei se algum controlo seria adequado com o balde tão perto de Margery. Walter respondeu a este relatório de controlo com a observação: «Não vale a pena pôr isso por escrito; ninguém acreditaria, de qualquer forma.» Talvez esteja a verificar a sua acusação!

Nesta fase, enquanto o balde emitia os seus sons misteriosos, Walter manteve um fogo cerrado de comentários. «Agora vou para um banho turco.» Em resposta à pergunta de Laura C. sobre se estava demasiado quente: «O que achas que eu faria, afogar-me e gritar por socorro? Se eu fizer uma mão para ti, com os dedos todos enrolados e o polegar a tocar nos dedos, o que dirás? Vai ser bastante boa.»

Após um solavanco invulgarmente forte no balde: «Meu Deus, quase o derrubei. O bebé nasceu. E é uma mão. E o seu nome é Mão(n)tonho.» Terrível, mas posso transferir a culpa para Walter. «Agora, Birdie, pega no balde e coloca-o no canto. E não andes por aí. Estou só a brincar; tenho um casal de galinhas à minha espera para voltar para casa. Agora, Birdie, vou dar-te uma sensação; quando levares esse balde, eu estou lá dentro.»

Depois de o balde, com Walter e a sua mão assim lá dentro, ter sido colocado no canto, ele continuou a gozar connosco sobre várias coisas durante cerca de cinco minutos. Como parte da suspensão, fez uma sondagem à delegação sobre a questão de saber se ele tinha realmente feito uma mão ou não. F. H. e Comstock estavam a seu favor; Roback tentou equilibrar-se com a opinião de que haveria algo, mas não se pareceria muito com uma mão; o resto estava completamente cético.

Por fim, permitiu-me que fosse até ao canto, perto de onde tinha colocado o balde, e pegasse na mão. Instruiu-me cuidadosamente sobre exatamente onde eu deveria encontrar o «bebé», embrulhado num pano preto. Depois fez-me voltar e sentar-me com o embrulho no colo; e enquanto F. H. (pelo menos) quase enlouquecia de impaciência, gozou connosco mais um pouco, durante bastante tempo.

«Embrulhei-o todo para o manter bem rijo e duro. Para a próxima não precisam de ter a parafina tão quente (totalmente correto). É realmente uma mão muito boa. Nunca fiz uma mão de parafina antes. Observei o Birdie a fazê-la. (Isto é algo em que todos os céticos podem acreditar!) Vou dizer-vos o que notar: a largura da mão; e comparai-a com o comprimento da mão da Miúda. E reparam no pequeno orifício entre o polegar e o dedo, e na curva artística dos dedos.»

Finalmente, foi-me permitido desembrulhá-la, e as exigências de todas as partes para que procedesse com cuidado eram suficientes para a ter pulverizado, se tivesse algum nervosismo. Pude declarar que era uma luva de parafina; depois, após mais um pouco de demora, foi-nos concedido o privilégio de a ver à luz. Há imagens suficientes dela para garantir ao leitor o mesmo privilégio.

As condições sob as quais este objeto foi encontrado estavam, claro, abertas à fraude. Roubam-lhe qualquer carácter evidencial que pudesse possuir, além do que possa prender-se a qualquer aparente impossibilidade de ter sido feito a partir de um original material — F. H. percebe isso tão bem como você e eu. Não havia possibilidade de identificar a parafina. A sala tinha sido razoavelmente revirada antes da sessão, mas não em busca; não houve busca.

A melhor coisa que se pode dizer aqui é: havia um grau de probabilidade de que o pano de focagem de Comstock, no qual encontrei a mão embrulhada, fosse pego e usado antes da sessão — as câmaras são frequentemente focadas no armário com antecedência. E claro, se a mão fosse uma fraude, estava na sala e neste pano desde antes da sessão e tal curso de eventos tê-la-ia revelado. Ninguém se lembrava de ter visto o pano antes da sessão, mas ninguém o tinha procurado.

Quando chegamos a considerar a própria mão, é claro que há um pulso — muito mais pulso do que poderia possivelmente permanecer numa casca da qual uma mão humana tivesse sido retirada. Mas devo registar a minha impressão de que o pulso não me parecia tanto um pulso, mas sim um vestíbulo estreito de carácter artificial. Sou francamente incapaz de mostrar como poderia ter sido colocado; e não há indicação real de uma junta. Mas não gosto desse pulso.

Afila-se demasiado acentuadamente a partir da mão; há uma crista demasiado acentuada entre ele e a palma, embora isto possa corresponder a distorção na base da mão; e as marcas anulares parecem-me mais o rasto de uma ferramenta do que as linhas transversais de um pulso humano. Este parágrafo é a única parte do presente capítulo que, quando o experimento com ele, F. H. considera injusta; e não posso deixar de ver que, se sou injusto em algum lugar, é aqui.

A medição cuidadosa desenvolve os seguintes números, sendo os do molde de gesso dados primeiro e os da própria mão de Margery em segundo: Ponta do dedo médio até ao fim do pulso, 8,5 e 8,1 polegadas (a medição em Margery sendo feita até ao ponto correspondente, tanto quanto se pode julgar, com o fim do pulso de parafina); diâmetro ântero-posterior do pulso, 1,8 e 1,7 polegadas; diâmetro bilateral do pulso, 2,0 e 2,3 polegadas;

circunferência externa da parte mais larga da mão, 8,4 e 8,5 polegadas.

Estas medições são tanto mais pertinentes na medida em que o gesso apresenta certas marcas anatómicas, cicatrizes, etc., tornando necessário assumir que, se for uma fraude, é um molde da própria mão de Margery. Mas outras marcas estão conspicuamente ausentes e são conspicuamente diferentes.

As unhas da mão de gesso são obviamente unhas que foram cortadas com tesoura, mostrando os segmentos retos desse corte; enquanto nada mais violento do que uma lima alguma vez trabalha nas unhas de Margery.

A posição do polegar é talvez o ponto favorável mais forte. Com a minha própria mão, obtive um fracasso desastroso em escapar de qualquer casca de parafina quando dois dos meus dedos estavam em contacto. Em todos esses casos, a parafina foi completamente destruída em volta desse ponto de contacto; e os fragmentos indicaram com bastante clareza que um molde correto não tinha sido formado nesse ponto e em volta dele.

Era meu desejo adiar a moldagem desta casca de parafina até que tivéssemos mais prática em cascas menos valiosas das nossas próprias mãos. Fui contestado aqui, sendo o sentimento dos outros ligados ao caso que cada momento de atraso expunha a parafina a riscos desnecessários de dano. Por isso, foi moldada com pouco conhecimento da melhor consistência para o gesso ou dos melhores meios para assegurar o preenchimento completo dos dedos longos e estreitos.

O resultado, penso, justifica a minha filosofia; é, na verdade, uma bela confusão. Os defeitos nas pontas dos dedos serão reconhecidos como bolsas de ar na moldagem; não estavam presentes na parafina. O aspeto picado e colapsado do dorso da

mão, no entanto, estava em grande parte no original, que tinha sido algo distorcido ao ser libertado do seu modelo físico ou superfísico.

À mesa de jantar em 18 de maio, F. H. introduziu o assunto de colorir a parafina em emulação de Geley. Isto foi, claro, na presença de Margery; e pareceu-me representar o auge do mau juízo. Se se fala em colorir a parafina, fá-lo para excluir a fraude; e isto, seja o que for que se acredite serem os verdadeiros factos, envolve a hipótese de trabalho de que a fraude está presente. Discutir os meios de prevenção e deteção na presença da única pessoa para quem esta hipótese de trabalho aponta como a parte culpada é suficientemente absurdo.

Tentei desencorajar a conversa, mas sem sucesso. E assim, na presença de Margery, ficou tudo combinado que dois pequenos frascos seriam preparados, um de azul e um de iodo; e que quando Walter pedisse novamente para derreter a parafina, eu, se estivesse presente, ou outra pessoa se não estivesse, esvaziaria um destes no balde sob condições que assegurassem que não haveria conhecimento até depois, de qual cor tinha sido usada.

Se isto resultou no ângulo de pior aspeto de todo o incidente, F. H. só tem a si próprio para culpar por ter criado a situação em que Margery sabia o que estava planeado. Walter falou muito sobre mãos de parafina durante várias noites; no dia 19, mandou derreter a parafina e mexeu com o balde que a continha durante uma hora ou mais, sem resultado. No entanto, nunca mais fez outro gesto sério na direção de uma casca de parafina, e a obtida em 17 de maio continua a ser única. Para satisfação do cético, explicarei que se uma mão tivesse sido apresentada no dia 19, assumindo que a cor correta seria azul ou um rico castanho-avermelhado, teria sido cometido um grave erro. A cor da parafina que levei para baixo e derreti e trouxe de volta nessa data revelou-se, quando tivemos luz no final da sessão, um vermelho-

tijolo flamejante — Comstock tinha-me fornecido vários pacotes de corantes de anilina.

No meu julgamento, a evidência intrínseca apresentada pela casca que obtivemos no dia 17 é, no conjunto, bastante favorável. Se esta experiência tivesse sido única em toda a investigação psíquica, em vez de meramente única na carreira de Margery, não sentiria que, em quaisquer circunstâncias, devêssemos levá-la a sério sem apoio adicional através da produção de mais luvas. Mas não é única; as mãos de Kluski aparentemente não são atacáveis com sucesso; e há casos anteriores que os críticos não conseguiram condenar irrevogavelmente. Com isto em mente, se a casca atual nos tivesse sido entregue em condições decentes, estaria inclinado a considerá-la provavelmente genuína e a defender a sua aceitação, pelo menos a título provisório. Mas as circunstâncias envolventes antes, durante e depois da produção desta luva são tão extraordinariamente sugestivas de fraude que, se a senhora fosse minha própria esposa, não pediria a ninguém que a aceitasse como genuína, salvo com o entendimento distinto de que o fizesse apenas com base na fé.

Os amigos de Margery apreciam plenamente que este é o episódio de pior aspeto de toda a mediunidade. Apreciam que, neste caso, como em nenhum outro, se alguém acreditasse que a fraude tinha sido praticada, não poderia tomar o ponto de vista caritativo de que foi uma fraude de impulso, um ceder à tentação da sala de sessões. Se fosse fraude, foi deliberada e premeditada. Isto está talvez a seu favor.

Se se pudesse visualizar a mediunidade como inteiramente ou mesmo largamente fraudulenta, ter-se-ia de admitir que Margery não tinha de produzir uma luva de parafina, e que, ao produzir uma, embrulhada no pano de focagem de Comstock, ela correu um risco terrível. Poder-se-ia então muito bem argumentar contra a probabilidade de ela ter, com sangue frio e deliberação, feito

algo do género; e poderia reforçar-se este argumento apontando para a total ausência de qualquer evidência de fraude premeditada em qualquer outra sessão.

Reconhecendo este incidente como o de pior aspeto de toda a carreira de Margery, tomei especial cuidado em registar todos os fatores desfavoráveis. Quer a mão de parafina tenha sido realmente genuína ou fraudulenta, não tenho opinião. Não tenho o hábito de formar opiniões com base em evidências inconclusivas; e o pior crítico de Margery pode dar-se ao luxo de admitir que a fraude não está provada aqui, tal como o seu mais forte defensor pode dar-se ao luxo de conceder que a autenticidade não está e não pode ser provada. Onde considero a autenticidade provada, digo-o; e se houvesse algum caso em que considerasse a fraude provada, também o diria. Sobre a mão de parafina, o leitor ou deve formar a sua própria opinião, ou seguir o meu curso de recusar uma opinião. Qualquer que seja a sua escolha, espero que retire deste capítulo a compreensão de que, ao longo do livro como aqui, não retenho nenhum facto pertinente.

CAPÍTULO XLII
DE VOLTA ÀS BALANÇAS

No final do Capítulo XXXV, deixámos o projeto de levitação de Comstock com o uso das balanças num estado inacabado, com o terceiro aparelho deste tipo a sair de uso, e uma balança nova e melhor, a n.º 4, prometida. Este equipamento foi fabricado na oficina de Comstock para uso especial de Walter. Os pratos eram muito maiores do que os de qualquer balança anterior usada na sala de sessões; eram de madeira; e os cestos em que oscilavam consistiam em cada caso em duas peças transversais tão finas que não ofereciam suporte nem ocultação para pesos estranhos. Todas as partes móveis de toda a balança eram de latão e madeira, de modo que o fantasma dos ímanes como veículo de fraude foi dissipado.

A balança estava fixada a uma plataforma do mesmo tamanho que o tampo da mesa; e esta plataforma era apoiada no tampo da mesa por três copos de gelatina invertidos. Nenhum fio ou outra ligação externa poderia passar para dentro destes copos; e o resto do espaço sob a plataforma, fora dos copos, era suficientemente alto para permitir um exame fácil e adequado.

Foi incorporada uma provisão para um circuito elétrico, no caso de alguma vez querermos um registo automático da inclinação dos pratos. Por baixo de cada prato, duas bacias rasas, com cerca de uma polegada de diâmetro, foram escavadas na plataforma; estas foram preenchidas com mercúrio; e fios suspensos do fundo dos pratos mergulhavam no fluido quando qualquer um dos pratos descia até ao seu limite de curso. Ligando adequadamente as balanças a uma campainha, lâmpada ou zumbidor, ou mesmo a um equipamento cronográfico, poderia ser dado um sinal ou feito um registo quando qualquer um dos pratos se inclinasse.

A tampa de celulóide foi desta vez feita com uma moldura de madeira bastante pesada, com orelhas salientes que permitiam que fosse aparafusada solidamente à plataforma quando desejado. Como pesos, usaram-se verificadores de madeira comuns, sendo estes também fornecidos por Comstock. Walter recebeu as novas balanças entusiasticamente quando foram introduzidas em 20 de maio, mas não fez nada com elas durante várias noites, explicando que ia trabalhar com as balanças como Comstock desejava, mas apenas quando ele próprio desejasse. Operou-as pela primeira vez em 24 de maio.

O registo não indica se a tampa estava colocada ou não. Ao sinal de Walter, a luz foi acesa, mostrando os pratos em oscilação vertical — a mesma atuação que tinha sido obtida com as balanças n.º 3, e que identifiquei como dinâmica. Depois, com os

seus pensamentos na manifestação estática, Walter perguntou a Comstock se havia alguma maneira de ele (Comstock) fazer um prato ficar para cima e o outro para baixo enquanto ambos estavam vazios. Comstock respondeu «Não» sem hesitação. Mas quando a luz foi acesa e deixada acesa durante quatro minutos, enquanto o prato oeste permanecia firmemente no chão e o prato este para cima, sem carga em nenhum dos pratos, ele perdeu a coragem das suas convicções. Parou o espetáculo ali mesmo para desmontar as balanças e procurar o truque; e explicou como a coisa poderia ter sido feita.

Todo o conjunto este tinha sido testado contra todo o conjunto oeste, e verificado que equilibrava perfeitamente. Mas os braços de suspensão não tinham sido verificados um contra o outro, separadamente; nem os pratos. Ele pensou que era possível que houvesse uma ligeira diferença de peso a favor, digamos, do prato este; mas uma diferença correspondente a favor da haste de suspensão e cesto oeste. Se, nestas condições, os pratos fossem trocados, as diferenças acumular-se-iam em vez de se anularem; um lado da balança seria mais pesado que o outro, e poderia assentar no chão. Esta explicação foi avançada por Comstock a título provisório para o comportamento das balanças na presente ocasião.

Claro que a coisa apresenta uma possibilidade física. Mas seria muito mais convincente se Comstock tivesse avançado o argumento desde o início, em resposta à pergunta de Walter. Vi imensos casos em que um investigador ou cético, escolhendo algo que acreditava ser impossível, concordou que, se essa coisa ocorresse, teria de ser supranormal; mas depois, quando ocorre, ele rapidamente «voltou atrás» e procurou uma explicação natural. Pareceu-me que Comstock estava a avançar uma explicação *a posteriori* em pânico, assustado pela ocorrência de algo que ele tinha a certeza de que não aconteceria; que estava a

rever as suas opiniões a cada momento para se manter sempre um passo à frente dos fenómenos.

Nalguma fase do jogo — talvez após o incidente do dia 29, ao qual chegarei em breve — foi dada garantia ao grupo ABC de que as balanças tinham sido examinadas por Conant, e que era agora uma certeza que equilibravam em todos os pormenores, de modo que nenhuma troca de peças as poderia desequilibrar. Não foi oferecida qualquer declaração, nem solicitada, sobre se tinham sido encontradas em falta de equilíbrio da maneira postulada por Comstock aqui. Quer o estivessem, quer ele apenas pensasse que poderiam estar, parece-me que temos uma admissão de negligência da sua parte. Este ponto totalmente óbvio é algo que ele deveria ter previsto e coberto antecipadamente.

Durante a presente sessão (24 de maio), ouviu-se um barulho vindo da balança, no escuro. Vários assistentes sentiram-se então salpicados com o que consideraram ser mercúrio das pequenas bacias de contacto. Walter exclamou: «Ufa! O John quase se afogou, dessa vez. Mas tirei-o de lá — exceto uma bota de borracha.» Quando a luz se acendeu a seguir, de facto encontrou-se mercúrio salpicado sobre a mesa e o chão. Nunca foi dada qualquer explicação, em termos físicos, para o que tinha acontecido.

As balanças foram mencionadas no dia 25, mas não deram qualquer ação. Para o dia 26, o registo de F. H. diz: «Durante toda a sessão, ele estava obviamente a trabalhar a estudar a balança. A certa altura, mandou colocar ambos os pratos; depois, no escuro, colocou um peso no prato este; depois, após ter sido dado um impulso no escuro, com a luz viam-se os pratos a subir e descer, sem que o prato com peso assentasse [a manifestação dinâmica regular, ver-se-á]; depois, no escuro, colocou dois pesos no prato este e oscilou-o livremente, começando no escuro e continuando com a luz; tudo isto com a tampa de celulóide removida.» Somos

levados a concluir que Goodall é um assistente excecionalmente bom; algo que vale a pena ocorre geralmente quando ele está presente. Este incidente em particular invalida absolutamente qualquer teoria de que a levitação dinâmica é feita por meio de pesos ocultos que produzem um equilíbrio real na presença de um desequilíbrio aparente; a construção das balanças n.º 4 exclui isso.

Entre conversas amigáveis, Walter voltou a trabalhar com as balanças descobertas em 27 de maio. Com dois pesos no prato este e nenhum no oeste, o equilíbrio começou no escuro e continuou com a luz, com um movimento crescente como tinha sido o caso com as balanças n.º 3. Isto foi repetido com dois pesos este e um oeste, e com três este e dois oeste. Em termos físicos, claro, alguém assumiria que o problema seria o mesmo em ambos estes últimos casos. Os pratos foram encontrados, no acender final da luz vermelha, com três pesos no prato este e um no oeste, com o prato oeste mais leve mantido firmemente para baixo contra a plataforma.

Esta parte mais leve foi removida por Richardson com boa luz vermelha, e não mostrou qualquer tendência para aderir à plataforma. Todo o tipo de teorias de fraude são encontradas e completamente demolidas por isto — pesos ocultos, aplicação de adesivos ao fundo do prato, ligações externas, e praticamente qualquer outra hipótese que se possa avançar; pois o prato que os assistentes foram autorizados a remover foi o que desceu, e não, como em casos anteriores para Carrington e para mim, o que subiu.

Com a remoção do prato oeste, o prato este desceu imediatamente com um baque; mas com a reposição do prato oeste, este lado desceu novamente, levantando o outro. Walter ficou muito divertido com esta atuação, e penso que tinha toda a razão para estar. Dirigindo-se a Adler, repetiu com satisfação: «Então, Freddie, já os temos a funcionar?»

A única desculpa concebível contra esta atuação é que as balanças estavam realmente avariadas. Isto foi descartado no dia 29. A ação aqui girou em torno de outras coisas que não as balanças; mas quando a atenção de Walter foi direcionada para elas, exclamou: «Agora alguém andou a mexer nestas balanças! Depois de tudo o que disse sobre o assunto, quero saber quem foi.»

Conant, de guarda à porta, admitiu a acusação, afirmando que, enquanto esteve em casa durante o dia, as tinha revisto para ver se estavam em todos os aspetos como deveriam estar. Tendo em conta a grande pertinência desta inspeção das balanças em relação aos fenómenos que tinham sido e estavam a ser obtidos, pareceu-me imprudente Walter objetar e F. H. apoiá-lo tão fortemente. Estavam eles próprios a desvalorizar o presente em prol de um futuro muito incerto — exatamente a mesma coisa pela qual eles e eu tínhamos criticado Comstock.

Em 30 de maio, tivemos uma longa conversa com Walter, que resolveu muitas coisas sobre a filosofia das balanças, e sobre a esperada demonstração final em que Comstock tanto apostava. Sem qualquer pretensão de citação exata, posso reproduzir o sentido desta conversa da seguinte forma:

Walter: Agora, antes de prosseguirmos para esta demonstração final, quero que respondas a algumas perguntas. Estás satisfeito que estas balanças equilibram perfeitamente?

Comstock: Como proposição geral, estou; mas para efeitos de um teste conclusivo, devo conhecer a sua condição imediatamente antes desse teste.

Walter: Justo. Agora, sobre os pesos. Podes ter três, cinco, seis ou dez ou qualquer outro número de verificadores nesse prato

este; mas deves decidir esta noite e não mudar novamente a partir de agora.

Comstock (após alguma hesitação): Ficar-me-ei satisfeito com a carga de três para nenhum.

Walter: E agora diz-me precisamente o que queres que eu faça, e o que queres fazer tu próprio.

Comstock: Imediatamente antes do teste final, quero o privilégio de examinar a balança com a tampa removida. Isto incluirá uma série de observações específicas, mas não incluirá desmontar as balanças. Não preciso de remover os pratos. Este exame farei na presença do resto do comité. Colocarei então a tampa e aparafusá-la-ei. Não tenho objeção se quiseres um período de escuridão, com controlo adequado em toda a volta. Depois peço-te que faças as tuas manifestações com luz vermelha, no final das quais, sem qualquer escuridão intermédia, quero o privilégio de um exame completo das balanças e da mesa. Movimentarei e desmontarei as balanças, mas não precisarei de mover a mesa.

Walter: Tudo isso é satisfatório. Mas agora ouve as minhas condições. Coloquem essa tampa, e a partir de agora, exceto para exame oficial imediatamente antes da grande prova, fica entendido que as balanças, a mesa e a tampa não serão tocadas de forma alguma por pessoa alguma. Quero que vocês percebam que não sou nenhuma Gladíola ou Raio-de-Sol ou qualquer controlo desse tipo, e não vou tagarelar disparates. Pediram balanças, e não vão ter mais nada até que as balanças estejam concluídas.

Esta foi a primeira indicação clara de que Walter estava preparado para ir até ao fim ao encontro da insistência de Comstock de que, após uma demonstração final com as balanças, lhe fosse permitido examinar o aparelho sem qualquer escuridão

intermédia. Até este ponto, foi um avanço distinto; mas na sua proibição completa de verificar a condição das balanças dia após dia, foi infeliz. Estávamos novamente a desvalorizar o presente em relação ao futuro.

Durante as duas noites seguintes, as balanças foram ignoradas, exceto em conversa. No dia 31, Walter informou-nos de que é necessária uma força totalmente diferente para trabalhar através da tampa. Isto pareceu razoável. Mas em 2 de junho, quando o assunto foi trazido à baila pelos assistentes, concordou-se em remover a tampa para fins de prática. Com dois pesos no prato este e um no oeste, obteve-se equilíbrio dinâmico, com os pratos a funcionar para cima e para baixo durante algum tempo. Presumo que tenha sido iniciado no escuro e projetado para a luz, como de costume, mas o relatório silencia sobre isso.

Carrington observou em 3 de junho que Walter parecia ter um complexo das balanças; Walter retorquiu que outra pessoa o tinha tido primeiro. No dia 5, num ambiente estritamente amigável, Walter brincou sobre as balanças e a sua devoção a elas. «Quando eu estiver morto e enterrado, sentirão minha falta, mas podem pôr na minha lápide: "Aqui jaz um cientista, fiel ao armário e às balanças."» Queixou-se de que a presença da tampa era um sério obstáculo. Tem de entrar ele próprio na gaiola primeiro, depois sentar-se lá indefinidamente enquanto usa, para produzir movimento, uma força que tem de introduzir a partir do exterior. Subitamente, interrompeu-se para exclamar: «Uau, o pequeno Mark está nas balanças; acendam a luz!»

Isto foi feito, e a balança foi encontrada a inclinar-se para cima e para baixo, com uma nova característica. O prato oeste vazio, no seu movimento descendente, descia mais do que o prato este com carga no seu. Richardson removeu o prato oeste, olhou por baixo e dentro dele, e não encontrou razão visível para que este pesasse mais que o seu vizinho. Com o prato oeste removido

para este exame, a gravidade, claro, entrou em jogo e trouxe o prato este para baixo sobre a plataforma. No entanto, assim que o prato oeste foi recolocado, este desceu, levantando o outro; por isso, inferiu-se que o pequeno Mark permaneceu no prato enquanto o seu pai o inspecionava. A oscilação das balanças aqui exibiu uma maior amplitude e durou mais tempo do que na noite anterior; e isto, com o carácter assimétrico da oscilação, fez com que os assistentes a considerassem uma atuação globalmente mais brilhante do que a anterior.

Das laterais, em 6 de junho, Comstock e Conant viram uma repetição da atuação da noite anterior, com a balança a começar a mover-se com luz vermelha desta vez, e o prato mais leve a fazer novamente a oscilação mais profunda. No meio da experiência, Walter instruiu Margery a remover o prato mais leve. Foi passado à volta do círculo para todos examinarem; e quando recolocado, continuou a comportar-se como se fosse o mais pesado dos dois.

Durante esta sessão, Comstock e Walter tiveram uma longa conversa sobre a natureza do que acontece para fazer o prato leve pesar mais que o com peso. Comstock arrancou de Walter uma admissão mais ou menos explícita de que ele permeava o prato com alguma substância psíquica; que esta era acrescentada, por assim dizer, à massa do prato temporariamente. Mas isto foi, claro, avançado em primeiro lugar por Comstock e aceite por Walter; portanto, não deve ser demasiado valorizado mesmo por quem aceita tudo o que é reivindicado para a personalidade de Walter. Comstock perguntou se não seria possível para Walter, alguma vez, deixar um pouco desta substância estranha dentro ou ligada a um prato ou a um bloco de madeira, para que pudesse ser pesada numa balança independente para determinar o aumento real de massa. Walter pensou que seria possível, sem prejuízo para Margery, desde que a outra balança estivesse por perto.

Com os pesos na proporção de dois para um em 7 de junho, as balanças foram novamente postas a funcionar, sendo as excursões dos pratos desta vez da profundidade máxima possível sem bater na plataforma. Após um período de escuridão, foi instruída a companhia para colocar a gaiola — Walter ainda não tinha tentado a manipulação, ele próprio, da gaiola nova e mais pesada. Com a tampa posta, a demonstração que acabara de ser dada foi repetida; sendo esta a primeira vez que Walter realmente fez algo com as novas balanças com tampa.

No final desta sessão, as balanças, por instruções de Walter, foram deixadas com três pesos no prato este e um no oeste, com instruções rigorosas para que não fossem perturbadas durante vinte e quatro horas. Na sessão do dia 8, Walter falou e pregou durante muito tempo, mas acabou por observar: «Agora temos de voltar a essas malditas balanças.» Os assistentes foram instruídos a remover um dos três pesos do prato este. A oscilação dinâmica dos pratos foi então iniciada no escuro e projetada para a luz, como de costume.

Com a oscilação vertical a proceder livremente com luz, sob a carga de dois para um, o terceiro peso foi, seguindo as instruções de Walter, colocado de volta no prato este. Sob a carga resultante de três para um, as balanças rapidamente pararam, fornecendo uma medida do limite superior da força que Walter estava naquele momento a exercer sobre as balanças. A experiência foi repetida várias vezes, sempre com o mesmo resultado. Walter indicou que era uma experiência tanto para ele como para os assistentes. Estava a trabalhar para uma carga de cinco para um e acabaria por ser capaz de lidar com esta. A técnica era difícil; e ele queria que o peso único permanecesse no prato oeste, porque tinha de construir toda a sua força em torno dele. Isto era consistente com a sua exigência anterior de que as balanças e outro equipamento não fossem perturbados de noite para noite.

Em 10 de junho, Walter respondeu a uma das objeções à sua atitude anterior. Reviu as suas instruções permanentes e deu permissão para que as balanças fossem examinadas *ad libitum* durante as sessões. Entre sessões, continuava a insistir que não fossem tocadas. Não houve fenómenos físicos nesta noite.

Novamente em 12 de junho, houve uma sessão desprovida de tudo exceto conversa de Walter. Pediu que a tampa fosse levantada um pouco e apoiada em três verificadores, deixando uma fenda por baixo. A ideia era que achava fácil entrar na gaiola mas difícil sair; e queria praticar isto. Sim, parece-me tão suspeito como a vocês; mas sou apenas o relator. Após cerca de cinco minutos, anunciou que o problema da saída estava resolvido; os verificadores podiam ser removidos. Representou-se a si próprio como continuando então a prática de sair; e pouco depois disse: «Comstock, apanhei-te; consigo sair tão facilmente como entro.»

Walter passou bastante tempo em 13 de junho a experimentar, com a ajuda dos assistentes, diferentes intensidades de luz vermelha (Comstock tendo fornecido um reóstato de grande amplitude para regular isto) e diferentes aberturas das portas da Victrola. Depois de ter obtido a combinação certa, ordenou uma desmontagem e exame minuciosos das balanças. Os pratos vazios foram testados, e o seu equilíbrio considerado perfeito. Depois foram carregados na proporção de quatro para um. A luz vermelha foi acesa por períodos anunciados antecipadamente por Walter, cronometrados com precisão, e chegando até um minuto. Durante cada intervalo de luz, os pratos com as suas cargas desiguais foram vistos em movimento ativo. Isto era tão violento que, no final de cada curso vertical, os pratos rangiam como se tivessem assentado, embora se visse que não tocavam na plataforma.

O controlo do aparelho parecia tão completo que Walter até tentou movimentos de dança em ritmo de *jazz* com os pratos. Os assistentes ficaram completamente entusiasmados e altamente satisfeitos, mas foram instruídos por Walter a não contar a Comstock o que tinham visto, porque podia não ser possível fazê-lo da próxima vez. Seria uma pena desapontá-lo, e muito agradável se fosse possível surpreendê-lo.

Walter terminou esta sessão com uma ameaça que tem sido feita tantas vezes que já não é levada a sério. «Quando isto estiver feito, vou-me embora, e não voltarei. A minha gente veio para aqui porque gostávamos de vocês, e vocês mantiveram-nos aqui a trabalhar nesta maldita coisa.» No dia 14, teve mais a dizer sobre este ponto, numa sessão dedicada inteiramente a conversa e desprovida de fenómenos físicos.

Walter insistiu num círculo suficientemente grande para incluir todas as quinze pessoas presentes em 15 de junho; não foi mantido registo da disposição. Com uma carga de dois para um, as balanças foram encontradas, ao acender a luz, a oscilar como se estivessem igualmente carregadas; e acreditou-se, embora sem certeza, que este movimento começou com a incidência da luz. Após outro intervalo de escuridão, a chegada da luz encontrou os pratos com cargas desiguais em perfeito repouso no ar, nenhum deles encostado ao chão, ambos à mesma altura da plataforma — um novo fenómeno e muito interessante. No dia 16, houve um rearranjo das balanças e pesos por Comstock a pedido de Walter, mas nenhuma ação psíquica da balança.

Walter mandou Comstock fazer os testes mais elaborados das balanças em 17 de junho. Descobriu que cada verificador pesava um pouco mais de cinco gramas. E envergonho-me de confessar que descobriu que um deles era materialmente mais leve que os outros, e levou-o, substituindo-o por outro. Foi apenas por pura sorte que os fenómenos obtidos com as balanças n.º 4 incluem

incidentes dinâmicos e fotográficos (Capítulo XLIII) suficientes para impedir o cético de os atribuir a este verificador mais leve. Apenas pela mais flagrante sorte escapamos à necessidade, devido à negligência de Comstock em não pesar os seus pesos até que estivessem em uso durante um mês, de deitar fora todo o trabalho deste mês com as balanças. Suponho que ele se justificaria com o argumento de que estava a desvalorizar o presente em relação ao futuro, mas isso não parece razão adequada para omitir uma precaução tão elementar como esta.

Continuando o mesmo exame, as balanças foram cuidadosamente percorridas com um íman e verificou-se que não tinham propriedades nesta direção. Com a tampa aparafusada no lugar, foi feito um teste meticuloso para possibilidades de manipulação fraudulenta — sem resultado, claro. Depois, enquanto se dedicava a outras manifestações, Walter deu as suas habituais garantias humorísticas de que estava a trabalhar nas balanças todo o tempo, sem fazer mais nada, com a intenção de não fazer mais nada até ter obtido um sucesso total com as balanças.

No final da sessão, dedicou-se às balanças, que tinham seis verificadores no prato oeste e nenhum no este. No escuro, ouviam-se o celulóide da tampa a estalar e a abaulr, ao que Walter advertiu a sua «turma» para ter mais cuidado, para não usar tanta força. Depois, ouvia-se a balança a oscilar no escuro. De tempos a tempos, Walter avisava que ia embora por um, cinco, dez, mesmo quinze minutos, enquanto os assistentes permaneciam com luz vermelha; mas não havia indicação de que realmente fosse. «A única coisa a que me estou a habituar agora, Comstock, é ao verificador extra; por isso, ânimo.» F. H. perguntou-lhe se agora conseguia entrar na tampa sem problemas. «Oh, consigo entrar facilmente, mas é difícil sair. A minha cauda bifurcada fica presa.»

Houve conversa sobre as balanças em 19 de junho, e a carga foi mudada para a disposição de seis para um, que foi mantida para a sessão de 21 de junho. O disco da Victrola era um novo — «Linger Awhile», uma peça muito cativante, mais alta e mais viva do que «Souvenir». Agradou imenso a Walter, mas tornou difícil a conversa com ele. Assobiou ao som dela, intermitentemente, durante um quarto de hora, e depois pediu luz vermelha. A gaiola estava nas balanças e aparafusada; estas inclinavam-se para cima e para baixo com a maior vigor. O episódio repetiu-se, oito vezes no total.

Por vezes, os pratos oscilavam livremente; por vezes, funcionavam ao ritmo da música; por vezes, permaneciam em equilíbrio estático apesar da disparidade de carga. Para além de qualquer fenómeno individual que apresentassem, esta capacidade de os fazer fazer coisas diferentes sob condições externas idênticas, com a tampa aparafusada a servir de barreira absoluta contra a manipulação fraudulenta a partir do exterior, era claramente uma manifestação psíquica, e notável.

Após esta sessão, que foi distintamente o clímax das manipulações das balanças, Walter nunca mais deu uma grande exibição com este aparelho. No dia 22, tentou-se uma sessão com alguma persistência, mas o resultado foi um branco absoluto, com exceção da luz psíquica descrita na página 366. Houve, no entanto, uma forte discussão entre Comstock e F. H., que disputaram com muita acrimónia os pormenores do acordo com Walter de 25 de maio. Alguns dos meus leitores verão uma ligação entre isto e a sessão em branco, ou mesmo entre isto e o abandono prático das balanças por Walter.

Abandonou-as, em grande medida. Em 23 de junho, disse que podia fazê-las, mas não sabia quando. Nos dias 24, 25, 26, 27 e 28, sentámo-nos, estando Carrington e eu sempre presentes, Comstock e Conant geralmente. As balanças eram inexistentes no

que diz respeito a estas noites. As sessões nos quatro dias seguintes, com Carrington, Comstock e Conant sempre presentes, desenvolveram uma variedade de fenómenos interessantes, mas as balanças continuaram a ser ignoradas. A partir de 3 de julho, Carrington e Keating sentaram-se todas as noites até ao dia 11 inclusive, por vezes com Comstock ou Conant ou ambos. Keating, para emprestar uma expressão de F. H., veio para escarnecer e ficou para orar.

Ficou satisfeito com a autenticidade dos fenómenos, ou pelo menos com a autenticidade de alguns deles — faço a ressalva porque não sei exatamente que disposição ele faz na sua própria mente das coisas que aconteceram na sua presença sem prova adequada. Quando os fenómenos passam assim pela inspeção de um prestidigitador profissional, e muito hábil, podemos ter a certeza de que as sessões trouxeram algo que vale a pena. Mas as balanças continuaram fora de cena.

Em 12 de julho, a tampa, que tinha estado imperturbada durante alguns dias, foi removida. Todos os seis pesos foram deixados no prato este. Pouco depois, as balanças foram violentamente sacudidas na escuridão, como se estivessem a ser marteladas por algum objeto sólido. A luz foi dada e o prato oeste e o suporte foram encontrados fora do gancho de apoio. Foram recolocados e a escuridão restaurada. Depois, os pesos foram removidos a pedido de Walter, estando os pratos em bom equilíbrio após isto ter sido feito. Um peso foi adicionado ao prato este — se por Walter ou pelos assistentes não é indicado — e o próximo acender de luz encontrou-os ainda equilibrados, apesar disso. Na noite seguinte, Walter disse ao grupo para ter bom ânimo, não se tinha esquecido das balanças; mas não fez nada com elas. Em 16 de julho, ouviu-se a trabalhá-las vigorosamente no escuro, mas nada mais resultou deste gesto. No dia 20, o relatório afirma que as balanças foram inclinadas, mas é tudo.

E este é o fim das balanças. Em 3 de agosto, tinham passado tão definitivamente para fora de cena que foram removidas da mesa e colocadas distintamente de lado. Se se perguntar por que razão um instrumento com o qual se tinha alcançado tão brilhante sucesso foi tão súbita e completamente descartado, terei de remeter o inquiridor para Walter. Na minha própria mente, inclinei-me para a ideia de que Walter se cansou das balanças, e que a disputa de 21 de junho, que foi de uma irracionalidade particularmente flagrante, o irritou para além do cansaço. Ele tem o hábito de se retirar silenciosamente de qualquer projeto quando não gosta da forma como os assistentes estão a lidar com ele. Pode muito bem ser que a disposição dos assistentes para discutir sobre algo que estava no registo, a sua disposição para contestar o registo se este não concordasse com as suas próprias recordações e entendimentos pessoais do que tinha sido dito, tenha induzido nele uma reação como: «Oh, para que serve isto?»

CAPÍTULO XLIII
COM CÂMARA E BALANÇAS

Se de vez em quando critico Comstock, não deve ser esquecido que ele fez mais contribuições reais para a consideração científica da mediunidade do que todos os outros observadores juntos; e que estas superam em muito quaisquer objeções que se possam sentir à sua condução do caso em pormenor. Talvez a maior dívida de todas que o caso lhe deve seja uma dívida fotográfica.

Há alguns anos, Comstock teve uma experiência interessante. Conheceu uma jovem com poderes clarividentes, que via constantemente coisas que, em termos físicos, não estavam lá. Como é geralmente o caso com a clarividência, as visões giravam na sua maior parte em torno de formas humanas; e creio que a sujeita, como a maioria dos clarividentes, as considerava como sendo realmente as de espíritos. Tudo isto é banal. Mas Comstock

fez a descoberta muito pouco banal de que o alcance visual da senhora se estendia muito para além do ponto no extremo violeta do espetro onde a maioria de nós deixa de obter quaisquer estímulos retinianos, de modo que ela tinha uma visão ultravioleta real num grau muito superior a tudo o que ele alguma vez tinha ouvido antes.

Está-se justificado em ligar estes factos a uma especulação sobre se não haverá um mundo invisível de realidade à nossa volta, visível em termos de ultravioleta se apenas fôssemos capazes de ver com esta luz. Comstock fez esta especulação e a sua intenção era testá-la fotograficamente. Numa direção, isto apresenta grande simplicidade, porque todas as emulsões fotográficas comuns são sensíveis em toda a região do ultravioleta. Noutra direção, apresenta complexidades, porque todos os vidros comuns são bastante opacos ao ultravioleta, e seria necessária uma lente especial de material especial transparente a ele. Antes de Comstock ter preparado a coisa para experimentar, a jovem pôs fim ao projeto ao passar, ela própria, para o mundo das sombras.

A especulação que, com Comstock, acabámos de fazer, leva-nos a outra — será que o mundo psíquico da sala de sessões seria melhor visível em ultravioleta do que em luz comum? Comstock tinha feito esta segunda pergunta, e tinha decidido tentar uma resposta quando a oportunidade surgisse. O caso Margery reconheceu-o como a oportunidade. Os registos não indicam exatamente quando foi que ele introduziu na sala de sessões da Lime Street duas grandes câmaras, com lentes de quartzo de alta qualidade com praticamente cem por cento de transparência ao ultravioleta; juntamente com uma cara lâmpada de vapor de mercúrio de quartzo de alta potência, que gera uma luz peculiarmente rica em comprimentos de onda ultravioleta. Estas não estavam na casa no final de abril, e estavam em meados de maio. De tempos a tempos, durante as sessões da segunda metade

de maio, foram feitas exposições, com o consentimento de Walter e muitas vezes ao seu sinal, durante ou após as sessões.

Os registos silenciam aqui, porque Comstock nunca relatou até depois de o registo de F. H. ter sido feito, e nunca entregou os seus próprios registos a F. H. Nenhum dos resultados era de todo nítido, ou adequado para reprodução. Mas várias das placas expostas durante este período mostraram manchas brancas curiosas e indefiníveis, que aparentemente não podiam ser um acidente fotográfico e que certamente não se deviam a fraude; pois Comstock e Conant fizeram o trabalho fotográfico do princípio ao fim.

Em torno de uma destas imagens com manchas, girou um incidente curioso. Aleck Cross insistiu em que certas marcas pretas vagas no fundo branco e nublado da mancha constituíam um rosto. A credulidade de Aleck tinha já atingido um estágio em que, por amor-próprio, se tornou necessário que os outros membros ABC ridicularizassem a sua sugestão. Mas quando Lescarboura estava a olhar para estas impressões, renovou a sugestão; e, olhando para elas agora, mais respeitosamente à luz desta origem mais respeitável, F. H. e os outros concordaram que Aleck tinha razão. Um reconhecimento muito questionável deste extra como Mark Richardson foi tentado por um ou dois assistentes.

Lescarboura tinha trazido consigo a sua própria câmara de bolso, que usa negativos em filmpack. Os registos não mencionam em que noite foi que, na ausência de Comstock ou após a sua partida, Lescarboura examinou a lâmpada ultravioleta, decidiu que sabia como manuseá-la, e foi persuadido a tirar algumas fotografias no final da sessão. Com Margery no seu lugar habitual no armário, apontou a sua câmara para ela e fez cinco exposições, aproximando-se mais a cada vez. Houve muitas brincadeiras sobre o estado de coisas que se seguiria se uma

fotografia psíquica, tirada pelo Diretor-Gerente, ganhasse o prémio da Scientific American. Os filmes foram revelados pela Herbert & Huesgen Co., de Nova Iorque, no curso normal dos negócios. Três deles — o primeiro, o segundo e o quarto expostos — mostram algo que não pertence.

Uma marca intrigante será reconhecida como uma dobradiça no fundo do armário; e a mancha brilhante mais pequena, mesmo na borda do armário nas duas primeiras vistas, também «pertence» — é uma pincelada de tinta luminosa colocada ali para localizar o armário com certeza para todos os assistentes. Mas a mais acima, nestas duas exposições, com um efeito de desvanecimento irregular para a esquerda, não corresponde a nada que se saiba estar lá. E depois de estar ausente na n.º 3, volta na n.º 4 — maior, porque mais perto da câmara. Isto ajuda a demonstrar que não era um defeito da câmara. O facto de, em termos do negativo de papel, não estar em nenhuma das duas posições em dois dos três casos, também ajuda; assim como o facto de Lescarboura ter tirado centenas de fotografias com essa câmara, antes e depois, e nunca mais ter tido algo assim.

Também o objeto estranho não aparece no mesmo ponto do campo, em quaisquer duas vistas. Moveu-se muito ligeiramente entre a n.º 1 e a n.º 2. Depois, aparentemente, para a n.º 3, a câmara avançou tanto que este objeto saiu da imagem; mas parece ter continuado a mover-se, e ter voltado a entrar para a n.º 4. Pelo menos, a sua localização nas três impressões é consistente com tal explicação. A sua ausência na n.º 5 pode ser atribuída a ter saído ou a ter ficado atrás de Margery. Lescarboura não tem explicação normal para isso, e é um fotógrafo muito experiente; nem eu tenho.

As exposições foram todas de quinze a trinta segundos; a lente era comum, sem transparência ao ultravioleta. A cara

lâmpada de Comstock, neste caso, era apenas uma fonte de luz — nada mais.

O sucesso de Lescarboura em obter marcas estranhas sem qualquer efeito ultravioleta levou Comstock a tentar flashlights em 6 de junho. O registo não indica se a luz vermelha estava ou não acesa no momento em que estas foram tiradas; o ponto seria de interesse para quem receasse que pudesse ter havido preparação fraudulenta imediatamente antes das exposições serem feitas. Walter expressou a crença de que estas mostrariam algo na forma de uma luz nova e estranha, algures perto do prato oeste das balanças. Uma delas mostrou de facto um halo de luz sobre a extremidade oeste da barra da balança; outra um brilho mais pequeno sobre toda a barra.

Estas duas exposições mostram o pesado prato oeste fora da plataforma, em levitação estática ou dinâmica. A terceira impressão, mostrando este prato no chão normalmente, não mostra nada de estranho. As marcas aparentemente correspondem a trabalho a ser feito na balança. Comstock nunca entregou impressões a F. H., creio que porque considerava as marcas extras demasiado informes para justificar a sua publicação.

Eram, no entanto, obviamente de tal carácter que exigiam que o ataque fotográfico continuasse. A lâmpada ultravioleta tinha recebido um olho negro; e o flashlight foi usado em 8 de junho, numa experiência fotográfica elaborada. Ambas as câmaras foram usadas, colocadas lado a lado, de modo a dar vistas estereoscópicas, em pares, mostrando o mesmo campo de diferentes ângulos. Walter expressou novamente confiança, dizendo: «Penso que poderão ver o que está lá.» Os resultados podem razoavelmente ser considerados como fornecendo prova fotográfica de ação supranormal sobre as balanças, e um marco é assim assinalado na consideração científica do caso.

Não menos de sete das doze placas expostas mostram «o que está lá»; e todas concordam quanto à sua natureza — um curioso cilindro semitransparente, com aspeto semelhante ao que teria se fosse feito de vidro ou celulóide. Duas exposições feitas em simultâneo, e mostrando a mesma coisa de diferentes ângulos, revelam o prato este para baixo e a carregar três verificadores; o prato oeste carrega um peso, que não aparece porque o prato está para cima. O «cilindro psíquico» está sobre este prato oeste; tem aparentemente cinco ou seis polegadas de comprimento e três ou pouco menos de diâmetro. Assenta na sua base. O seu peso, se é que tem peso, é insuficiente para trazer o prato para baixo contra o dos dois verificadores extra do outro lado.

De outro par de exposições, ambas mostram o cilindro, mas indicam uma altura um pouco maior e talvez um diâmetro ligeiramente menor. A posição no prato é ligeiramente diferente, mas, de resto, a descrição do primeiro par aplica-se a este.

De um terceiro par, ambas as impressões mostram os pratos da balança em levitação, com o flash a apanhá-los quase ao mesmo nível. O cilindro psíquico está agora não sobre o prato, mas fora, sobre a plataforma. Isto é: coloca-se o cilindro, e o prato que o carrega sobe e fica para cima; tira-se, e obtém-se «equilíbrio dinâmico», o prato leve de onde o cilindro acabou de ser movido equilibrando-se com o pesado. F. H. tem uma teoria aqui: que Walter impregna o prato leve com um elemento psíquico de peso acrescentado; e que então, se deseja que ele fique para cima onde aparentemente pertence, tem de colocar nele ou sobre ele algo que pode ser visualizado como uma bomba de sucção psíquica, para o manter para cima. Isto, mesmo que não se goste ou não se acredite, pelo menos ajusta-se aos factos e desafia-nos a confrontá-los de melhor maneira.

O que é talvez o mais claro de todos os cilindros vem numa única placa, cuja companheira não mostrou nada de estranho. Está

sobre o prato oeste e este prato está para cima, como exigido pelo precedente das outras fotografias. Esta é, num aspeto, a mais notável de todas as exposições. Duas câmaras são colocadas lado a lado e apontadas para o mesmo campo. Uma delas regista uma imagem extra e a outra não! Isto responde a todas as hipóteses concebíveis de fraude fora da câmara; e sob os auspícios de Comstock, dificilmente se alegará fraude dentro do processo fotográfico. A câmara, as placas, a rotina fotográfica do princípio ao fim eram de Comstock. Todo o fenómeno gira em torno do investigador, sendo a presença da médium obviamente a mera força catalisadora inocente. O resultado tem de ser necessariamente supranormal; e nestas sete impressões temos o que espero que um dia possa ser reconhecido como um marco da ciência psíquica.

Houve discussão com Walter em 10 de junho sobre os aspetos fotográficos recentemente desenvolvidos do caso. Foi-lhe perguntado se podia dar algum conselho entre flashlights e a lâmpada de vapor de mercúrio. Pediu que fossem feitas duas exposições de teste com esta última, reduzindo a abertura para abaixo do que tinha sido usado nas experiências mal sucedidas e deixando o tempo correr para trinta segundos ou mais. Será apreciado, seja o que for que se acredite sobre o verdadeiro estatuto do controlo, que quando se pode conferenciar com ele sobre assuntos como este e obter conselhos de tal carácter técnico, se progrediu muito para além do banal controlo «índio vermelho» da mediunidade convencional, com as suas ideias primitivas e o seu vocabulário primitivo. Walter não se limitou a conselhos sobre a lente e o tempo; deu instruções sobre a localização da câmara e da lâmpada, também. Acabou por ser mau adivinhador, pois nenhuma das imagens assim feitas mostrou nada de estranho; mas isso não tira o carácter dramático ao incidente.

Falando longamente em 12 de junho, Walter disse, em suma, que se os cilindros de 8 de junho tivessem sido tirados com longa

exposição, teriam parecido cheios de algodão. O cilindro visto no prato, continuou, é como a ponta de um taco de bilhar; a ponta tem de ser cortada e deixada para trás; não pode ser recuperada, mas perde-se para sempre. Neste contexto, disse que uma noite, quando estivesse pronto para destruir o armário, nos pediria, com luz vermelha, para tirar uma fotografia lenta da sua destruição. Isto provavelmente faria o armário parecer como se houvesse um monte de neve contra ele. Obtivemos esta imagem do monte de neve, mas numa ocasião bastante diferente (Capítulo LI).

Conant, sob instruções de Walter, tirou um par de exposições ultravioleta de trinta segundos de duração em 13 de junho; e novamente no dia 16, com uma exposição de um minuto. Ambos os esforços foram sem resultado psíquico. Walter, falando com Comstock sobre fotografia, expressou considerável ignorância sobre ela, mas esperanças de desenvolver uma técnica bem-sucedida para mostrar as suas estruturas psíquicas. O flashlight, disse no dia 19, era objetável porque sacudia com demasiada violência as forças que tinha de usar nas balanças, e queria, mesmo à custa de reveses temporários, obter os resultados com a outra iluminação. Obteve os reveses, nesta data como no dia 23.

De tempos a tempos, o equipamento fotográfico foi usado durante julho e agosto. À medida que as balanças passaram a ocupar um lugar menor, as objeções de Walter ao flashlight pareceram também diminuir; e este veio a ser a forma mais usual de tirar fotografias na sala de sessões. Houve, no entanto, um longo intervalo antes dos próximos resultados positivos nesta direção; e quando surgiram, eram de tal natureza que se enquadravam melhor com a história do aparelho com que Walter estava a trabalhar quando foram feitos. Por isso, adio-os para esse local.

Há cerca de quarenta anos, Sidgwick, num discurso presidencial à (Britânica) Sociedade para a Investigação Psíquica,

descreveu a forma como o cético impermeável se mantém sempre um passo à frente dos fenómenos, revendo as suas objeções e o seu padrão de prova tão rapidamente quanto as antigas são respondidas. Em última análise, se o pressionarmos, conduzimos este objetor irracional a um ponto onde, como única fuga da autenticidade, ele acusa o investigador de fraude.

Quando o levamos a este ponto, Sidgwick pensou que poderíamos deixá-lo, confiantes de que cumprimos o nosso dever para com ele. Encerro o presente capítulo aqui, com a observação de que estamos rapidamente a levar o nosso caso ao ponto em que a única fuga da autenticidade será amaldiçoar todos os investigadores juntamente com a médium; e onde, portanto, a presente citação da literatura é pertinente.

CAPÍTULO XLIV
A HISTÓRIA POSTERIOR DAS LUZES PSÍQUICAS

Após um período de dois meses ou mais em que, como o Capítulo XXIV torna claro, as luzes psíquicas ocorreram raramente e com fraca intensidade (devido à concentração nas balanças?), houve no final de junho um forte regresso a este fenómeno, mas numa forma alterada. As luzes apareciam agora estritamente confinadas ao armário, geralmente colocadas de modo a que se pudesse acreditar que estavam em contacto real com a médium. Moviam-se pouco, mas variavam em brilho mais livremente do que no passado; a sua persistência num dado momento e lugar era extraordinária. O primeiro item vem do registo de 22 de junho, quando, o ditafone nos diz:

«Logo após a luz vermelha ter sido apagada no início da sessão, viu-se uma luz fosforescente, aparentemente no peito da médium. Permaneceu algum tempo, e ainda está lá. Após cerca de quatro minutos, está a ficar mais ténue, e agora está quase apagada. Carrington diz, após mais um minuto, que está a ficar mais brilhante novamente; pensa que se deslocou para a direita. A Sra. Brown concorda com estas observações. Comstock também viu a luz. Carrington diz que regressou à sua posição original.»

A voz de Walter não foi ouvida nesta ocasião, sendo a luz tudo o que aconteceu. O crítico apressado que ataca a luz com base nisto não percebe que, ao fazer depender a ocorrência de outros fenómenos da presença da palavra falada de Walter, está na verdade a inclinar-se para a hipótese espírita! O comité não se inclinou a considerar a luz como necessariamente má, por esta ou outras razões; mas sentiu que a sua forma de aparecimento era infeliz.

Aparecendo instantaneamente após a extinção da luz vermelha, não havia razão para que não pudesse ter sido uma mancha de tinta luminosa no vestido de Margery. Há sempre em casa um fornecimento do sulfeto de zinco usado para marcar o equipamento da sessão. Quando está ativo, é suficientemente brilhante, ao passar da luz para a escuridão, para ser visto imediatamente. O movimento observado, parecia provável, poderia ter sido produzido pelo movimento do cotovelo e ombro.

Os resultados de 23 de junho apontaram para longe de qualquer hipótese dessas. A luz só apareceu alguns segundos após a extinção da luz vermelha. Carrington, Comstock e Conant viram-na todos. Comstock indicou que era pequena, do tamanho de uma ameixa. O braço e tronco direitos de Margery estavam geralmente entre mim e ela, mas duas vezes apanhei-a em posições diferentes. Conant, livre para se mover, relatou a sua visibilidade de quase qualquer lugar da sala, à esquerda de

Margery. Carrington e Comstock compararam a sua forma à de um lápis curto.

«Passaram agora quinze ou vinte minutos desde que a luz vermelha foi apagada», diz o registo; «e a luz psíquica esteve quase continuamente acesa. Fica fraca e forte alternadamente. Conant sugere que varia de uma área intensa pequena para uma área ténue grande», sendo a ideia de que a produção total de energia parecia substancialmente constante. «Carrington e Bird relatam uma luz excecionalmente forte que começou algures junto à garganta da médium, desceu vários centímetros e desapareceu.» O relatório sublinha o facto de que, durante toda a manifestação da luz, as mãos de Margery estavam seguras por Carrington e por mim.

«A luz está agora acesa, e esteve praticamente contínua desde o início da sessão. Carrington colocou a cabeça no armário a cerca de quatro polegadas dela, e ela estava a mover-se através de vários centímetros. Parecia uma luminosidade semelhante a uma nuvem.» Ele relatou-a em seguida mais abaixo. Com F. H. ao telefone e eu no seu lugar, Carrington viu uma luz, aparentemente no colo de Margery. Balancei a minha mão segurando a dela sobre este espaço, mas não consegui encontrar uma posição em que as nossas mãos unidas eclipsassem a luz de Carrington.

Obtivemos a mesma luz no dia 24, com o mesmo comportamento. Desta vez, houve um intervalo, depois de a nossa luz se apagar e antes de a de Walter se acender, para ele aparecer e falar. Creio que isto excluiu toda a tinta luminosa; não conheço nenhuma que não fosse instantaneamente visível, se alguma vez o viesse a ser, ao apagar esta luz vermelha preliminar. Além disso, Carrington e eu tivemos controlo ininterrupto e sem confusão das duas mãos de Margery antes, durante e depois do período coberto pela luz psíquica. Estas observações iniciais foram verificadas por Comstock; e embora a atenção tenha sido desviada para a violenta

destruição do armário, as luzes foram notadas de tempos a tempos.

A mesma luz antiga apareceu no dia 25, desta vez cerca de quatro segundos depois de desligarmos a lâmpada vermelha. Em minuto e meio, diminuiu quase até nada; pouco depois, cresceu novamente. Carrington e Conant viram-na; deixei o meu posto de controlo para dar a volta e espreitar. Retomei o meu lugar e ela ficou mais ténue. Pareceu-me estar aproximadamente na posição normal de uma fivela de cinto. Quando ficava brilhante, assemelhava-se novamente a um lápis. Desvaneceu-se e regressou ao nível da cintura, e continuou assim a crescer e a diminuir com as mãos controladas. Entre observações da sua coincidência com a Victrola (Capítulo XL), foi ditado o seguinte:

«Comstock acaba de regressar de observar a luz com Carrington. Não há dúvida de que está lá, e de que estava a mudar de brilho máximo para mínimo num período que poderia ter uma média de um minuto. Movemos o braço da médium para trás e para a frente; a luz não mudou de posição. Os nossos rostos estavam aparentemente a cerca de um pé da luz, que mudava de área de tempos a tempos.»

O ponto da experiência com o braço pode não ser claro para todos. Estávamos a apertar as condições e a usar o controlo dos pés mais livremente do que tinha sido usado. Margery, por conseguinte, sentava-se geralmente com os pés descalços, para tornar esse controlo mais certo e mais confortável. Mas quando ocorrem luzes psíquicas sob tais condições, deve-se enfrentar a acusação de que tinta luminosa foi passada nas solas das meias, e exibida, de tempos a tempos, por prestidigitação dos pés, em momentos em que o controlo dos pés está relaxado. A experiência acabada de citar teria forçado um pé culpado levantado a mover-se. Claro que a tinta luminosa nas meias de Margery se teria

esfregado em manchas luminosas ténues no chão; mas uma defesa específica em vez de geral é sempre melhor.

Durante a parte final desta sessão, a luz psíquica foi persistente, desaparecendo raramente, salvo quando a Victrola parava. O seu comportamento está suficientemente descrito no capítulo já citado. No dia 26, viu-se uma luz ténue e nebulosa, e uma pequena luz redonda, a escurecer rapidamente. Ambas estavam no armário. Mais tarde nesta noite, o grito de Walter por «controlo» foi seguido pelo aparecimento de uma luz a alguma distância acima da cabeça de Comstock, em direção ao canto da sala. Carrington, Margery e Adler concordaram que ela se precipitou «como um cometa»; outros assistentes viram-na. No dia 27, a luz psíquica permanente no armário era visível a maior parte do tempo, desvanecendo-se com a Victrola, e ocasionalmente sem ela. No dia 28, foram registadas luzes ténues; no dia 29, nenhuma.

30 de junho trouxe algo novo, na forma de uma barra curva de luz muito brilhante, estimada em cerca de quatro polegadas por uma. Foi vista nos lados norte, este e sul da mesa, dentro ou perto da tampa de celulóide das balanças. Desapareceu com um movimento sinuoso em direção ao chão; por vezes mais rápido, por vezes mais lento. Comstock disse que poderia ser concebida como uma luz oscilante que entra e sai de uma quarta dimensão.

Mais tarde, apareceu no chão ao lado de Margery, acompanhada por movimentos do megafone. Novamente, em 1 de julho, houve várias exibições de luzes brilhantes, aproximadamente uma polegada por três, a correrem de um lado para o outro à volta da mesa. Em 2 de julho, o regresso a uma independência anatómica comparativa de Margery foi mais acentuado, vendo-se muitas luzes em movimento à volta da mesa, principalmente no lado este.

Estas luzes viajantes continuaram a figurar nas sessões. Em 3 de julho, foram muito abundantes, de vários brilhos e tamanhos, movendo-se perto da balança e perto do chão e vistas por muitos assistentes ao mesmo tempo. No dia 4, com Keating e Carrington a controlar em ambos os lados de Margery, as luzes chegaram quase tão alto como o topo do armário e moveram-se livremente, durando apenas um segundo ou mais. Carrington, de pé no armário, relata luzes tão altas como a sua cabeça, e em conversa posterior comigo, na qual fez inúmeras reservas contra os registos assinados, verificou esta afirmação sem reservas.

Não houve luzes no dia 5 e apenas uma no dia 6 — uma pequena coisa amarela como um fogo-fátuo, vista por Keating muito à sua direita, e durando cerca de quinze segundos. Mas no dia 7, viu-se uma série de luzes interessantes, principalmente por Conant e Keating. Eram nebulosas e fugazes; algumas pareciam estar dentro da tampa das balanças. Uma ou duas foram descritas como semelhantes a caranguejos. Carrington viu apenas uma. Keating diz-me que, na sua maioria, poderiam ter sido o pé com meia, mas que algumas tinham bordos demasiado nítidos para isso.

Keating viu luzes perto da balança em 8 de julho, durante uma conversa entre F. H. e Walter, que F. H. regista como através do megafone. Carrington, no entanto, não viu necessidade de assumir que o efeito do megafone era outro senão artificial (ver página 295). No dia 9, novamente, viram-se luzes, principalmente por Keating, dentro ou perto da tampa das balanças. Variavam de pequenos pontos brilhantes a grandes massas nebulosas, semelhantes a nuvens, e moviam-se rapidamente. Para o dia 10, as luzes são registadas sem descrição.

A sessão de 11 de julho, no apartamento de Comstock, deu origem a um incidente sobre o qual tem havido muita discussão. Após cerca de cinco minutos, Carrington e Conant relataram uma

luz no armário, semelhante às do final de junho. Apareceu e desapareceu repetidamente durante cinco minutos. Não era redonda, mas antes oblonga, com duas ou três polegadas de comprimento. Todos na sala a viram mais cedo ou mais tarde, embora o controlo das mãos e dos pés tivesse sido perfeito desde o início. Keating afirmou que, pela primeira vez na sua experiência, as luzes tinham um cintilar peculiar.

A luz foi contínua durante vinte minutos. Comstock deixou o ditafone para visitar o centro da ação, e encontrou-a a brilhar firmemente a cerca de um pé e meio à frente do rosto de Carrington, à esquerda de Margery. Tentando tocá-la, localizou-a no topo do seu ombro esquerdo. Eclipsou-a repetidamente com a mão, encontrando-a visível novamente após a remoção da obstrução. Tocou livremente a área luminosa sem obter qualquer luminosidade esfregada na sua mão, ao contrário da experiência com o sulfeto de zinco. Colocando uma meia preta sobre a zona afetada, pediu a Walter que fizesse a luz aparecer em cima desta. Embora a luz continuasse a ser vista, a sua frequência e brilho diminuíram; e não apareceu em cima da meia. O registo deixa dúvidas se foi vista através da meia ou à volta das suas bordas; e se a sua visibilidade continuada veio apenas após uma mudança de posição relatada.

Por aqui, Walter disse: «Gostava que não experimentassem tanto até eu ter acumulado a minha força; já é suficientemente difícil sem vocês estragarem tudo.» Pediu também, e foi-lhe concedida, a eliminação do controlo específico dos joelhos enquanto os pés eram tão rigorosamente controlados.

As luzes foram finalmente abandonadas por Walter, e amplamente esquecidas quando todos os assistentes ficaram bastante entusiasmados com outras coisas que aconteceram. Mas a própria Margery não as esqueceu; e após a sessão terminar, disse a Miss Wood que, enquanto estavam operacionais,

Comstock tinha achado o efeito fortemente sugestivo de uma alça de ombro luminosa na sua roupa interior. Por isso, pediu a Miss Wood, que tinha examinado a sua pessoa e roupa com luz antes da sessão, que o fizesse novamente no escuro, com referência a esta sugestão.

Encontraram a alça do ombro esquerdo distintamente luminosa; e havia um ponto de menor, embora distinta, luminosidade no seu peito. Carrington, chamado à sala escura para fazer observações, encontrou manchas luminosas no ombro direito, também, que falharam enquanto as olhava e não foram vistas novamente. Mas as da esquerda persistiram.

Todo o grupo reuniu-se agora na sala de sessões, no escuro; e enquanto olhavam para a alça de ombro luminosa, notou-se uma variação súbita na sua intensidade. Um após outro, todos pegaram na alça com os dedos, e, embora não conseguissem esfregar qualquer luminosidade nas suas próprias mãos, a alça estava radiante e brilhante. Carrington e Miss Wood disseram que as luzes que tinham visto na outra sala eram mais brilhantes e mais dispersas do que as agora observadas.

Tanto quanto parece, seria consistente com a teoria do uso de uma tinta luminosa de carácter diferente do sulfeto de zinco, tal que não se esfregasse ao contacto. Se tal tinta existe fora das preparações de rádio que são reconhecíveis pela sua cor, não sei. Como a luz poderia ser feita para aparecer durante a parte inicial da sessão, desaparecer até ao fim, e depois regressar, não sei, a menos que estivesse num ponto muito mais facilmente coberto do que o topo do ombro.

Também não conheço qualquer razão concebível para que um operador fraudulento, prestes a safar-se, tivesse ele próprio pedido um exame. Mas estas coisas poderiam ser explicadas, não fosse a parte seguinte e conclusiva do incidente. Acima, citei em grande

parte o registo do ditafone de Comstock; abaixo, cito-o diretamente:

«Enquanto ainda estávamos a examinar a alça de ombro luminosa no escuro na sala de sessões, e vários de nós estávamos de pé junto da médium, manuseando a alça e sentindo outros pontos brilhantes na sua pele, ouvimos de repente uma voz sussurrada, praticamente nas nossas caras, que não era a voz de nenhum dos observadores e que tinha as características da enunciação habitual de Walter. Isto foi seguido, dentro de um minuto, por outro sussurro. O primeiro sussurro pensámos ter dito "Boa noite", o segundo poderia ter sido uma risada. Aproximadamente ao mesmo tempo, a luz da alça de ombro desvaneceu-se e não foi mais vista depois, exceto por um minuto ponto luminoso que parecia mais persistente do que o resto.»

Tentei levar Carrington e Keating a comprometerem-se com a autenticidade ou fraude aqui, e nenhum dos dois o fará. Parece-me que ambos pensam que é provavelmente genuíno, mas tão longe de uma prova absoluta que não estavam dispostos a dizê-lo. Se algum deles tivesse algum grau de confiança de que era fraude, certamente não hesitaria em dizê-lo, falando em privado comigo, com a garantia de que não seria citado contra a sua vontade.

Quanto a mim: se alguém me preparar uma tinta luminosa, que se apague tão nitidamente como o registo indica que esta luz se apagou, e que siga um calendário de desvanecimento e reacendimento que eu escreverei depois de a tinta estar nas minhas mãos — então considerarei a possibilidade de que esta atuação foi uma falsificação. Se estes termos forem contestados com base em que Margery pode cronometrar as suas próprias sessões, devo discordar. A presença de Comstock no ditafone, e de investigadores meticulosos como ele e Carrington na sala, torna isso impossível. Se ela soubesse exatamente quando iria chegar à sala de sessões, não poderia chegar com menos de meia

hora de antecedência em relação ao início da sessão, quanto mais ao seu fim.

De tempos a tempos, depois disto, foram vistas luzes psíquicas; mas sem história ligada, e não numa escala que necessite da minha violação do clímax a que chegámos. Por isso, tomarei cuidado para não o violar.

CAPÍTULO XLV
PEQUENAS COISAS SOB GRANDE CONTROLO

A palavra bastante formidável, «telecinesia», que significa movimento à distância, foi cunhada para aplicação aos numerosos efeitos de sala de sessões de que é descritiva; e a mediunidade de Margery será reconhecida como em grande parte telecinética. Para além das luzes e das vozes, praticamente tudo o que obtemos com ela pode ser assim classificado. Obtemos telecinesia de coisas como as balanças e o aparelho de campainha introduzidos a Walter para esse fim específico. Obtemo-la do armário e da mesa, presentes como parte do mobiliário da sala de sessões. E obtemo-la dos muitos pequenos utensílios na sala, alguns dos quais estão lá para este fim e alguns para outros fins específicos.

Mas seja qual for o seu propósito imediato, é claro que estes pequenos objetos apresentam uma tentação para a telecinesia. Na verdade, pode-se inferir que o seu uso para outros fins envolve a sua manipulação telecinética. Assim, se colocarmos o megafone na mesa ou no chão, para Walter usar na fala, ele terá presumivelmente de o levantar como pré-requisito para tal uso; e isto é telecinesia.

O megafone foi colocado pela primeira vez diante de Walter em 27 de março de 1924, e já em 29 de março ele descobriu que era bom para outras coisas além de simplesmente ser usado para falar. Nesta data, bateu com ele na cabeça de cada assistente,

sucessivamente. O facto de as cabeças estarem longe de ser fixas, de se balançarem lateralmente em certa medida e de terem uma ampla gama para a frente e para trás à medida que a pessoa se senta direita ou se recosta na cadeira, torna particularmente pertinente aqui a minha observação habitual sobre a precisão da manipulação. As batidas em todas as cabeças com o megafone foram repetidas em 30 de março.

O controlo da médium durante toda a sessão foi anunciado por F. H. e Richardson em 1 de abril. Vários assistentes foram tocados pelo megafone, e Miss Richardson viu a sua massa passar para trás e para a frente, eclipsando a extremidade iluminada da haste da cortina enquanto esta estava sobre a mesa. Mais tarde, com Goodall dentro do armário ao lado de Margery, o megafone coçou-lhe a cabeça no local preciso que ele próprio acabara de coçar. No final, foi encontrado sobre a sua cabeça, como um barrete de palhaço.

O alcance destas manifestações aumentou em 6 de abril, quando todos os seis assistentes foram tocados pelo megafone, e cinco deles coroados com o barrete de palhaço. Novamente, no dia 9, o megafone esteve muito ativo à volta do círculo, enquanto Goodall segurava ambas as mãos de Margery e a Sra. Litzelmann ambas as de F. H. Para o dia 11, registam-se «toques frequentes do megafone, afetando todos os quatro assistentes». Na noite seguinte, o que era inequivocamente o megafone tocou-me no rosto num momento em que não podia ser feita qualquer exceção ao controlo das mãos e pés de Margery por McDougall e por mim. F. H. e Richardson foram coroados no dia 15, houve trabalho com o megafone de carácter não detalhado no dia 17, Goodall e Golding foram tocados no dia 21. Na sessão do comité de 26 de abril, ouvimos o que interpretámos com confiança como o arrastar do megafone sobre a mesa.

O megafone persistiu em cair da mesa para o colo de Margery em 12 de maio, e uma vez fez isto sob o melhor controlo de Margery por Carrington e por mim. Tocou frequentemente Carrington, F. H. e mim, os mais próximos da médium; menos frequentemente Goodall e a Sra. Bird. Também nesta data, um rude ukulele, que tinha sido quase totalmente ignorado por Walter, embora estivesse na sala de sessões há muitos meses, foi levantado do tampo da mesa e usado para tocar cinco assistentes diferentes. Num momento em que eu tinha ambas as mãos de Margery, a mesa recebeu um golpe terrível deste.

Houve algum uso do megafone no dia 13, acima da cabeça de Margery, depois de Prince e eu termos tido controlo constante das suas mãos desde o início. E o ukulele voltou a fornecer um longo número aqui. Estava na prateleira inferior da mesa no início. Foi chutado para fora e chutado pelo chão; e notas foram tocadas individualmente nas suas cordas. Foi feita uma tentativa de o trazer para o tampo da mesa; houve muito trabalho e barulho, várias vezes caiu de volta ao chão, mas finalmente o sucesso foi alcançado.

Mais tarde, foi retirado da mesa e colocado no colo de Prince, e daqui foi aninhado contra o seu peito e braço esquerdo de tal modo que lhe arrancou a observação de que tinha um bebé psíquico. Antes de tentar avaliar este incidente, o leitor deve voltar ao Capítulo L, onde o contacto de Prince com a mediunidade é discutido como um fenómeno em si; e ao Capítulo LIV.

Prince e Comstock estavam no controlo de Margery no dia 15, quando F. H. e Prince foram tocados no rosto com o megafone; e este foi usado, a pedido de Prince, para bater na mesa e na sua mão. Na noite seguinte, toda a prateleira inferior foi para o chão com o ukulele, de modo que ficámos perplexos para saber

exatamente o que tinha acontecido até o vermos com luz vermelha.

Surgiu aqui um episódio muito curioso, que parece melhor incluído aqui do que em qualquer outro lugar, embora tenha sugestões, se genuíno, de estar ligado ao Grande Mistério da Victrola. Originou-se em 16 de maio. Walter tinha dito: «Apaguem a luz vermelha e sentem-se um pouco. Podem conversar e divertir-se. Se eu quiser que a luz seja apagada, apagá-la-ei.» Depois de estarmos sentados com luz vermelha durante doze minutos, sem que acontecesse nada de descrição, a luz foi apagada para o consultar. Ele disse: «Essa luz lateral pode ser demasiado brilhante; experimentem a luz do teto em vez disso.»

Então a lâmpada da lareira, que é a habitualmente usada para efeitos de luz vermelha, foi apagada; e usando o interruptor de parede ao lado da porta, a lâmpada vermelha muito ténue no teto foi ativada. Sentámo-nos assim durante cerca de dez minutos; e ao repetir a experiência de entrar na escuridão para consultar Walter, ouvimos, instantaneamente: «Liguem essa luz, seus malditos tolos.» Isto fizemos; e depois, após cerca de mais cinco minutos, apagou-se subitamente por si mesma, sem ruído de interruptor ou de qualquer outra coisa. Seguiram-se cerca de quatro minutos de escuridão total, após os quais se acendeu novamente. A iluminação de plena intensidade foi precedida por três cintilações, mas sem som.

A princípio, imaginou-se que o funcionamento contínuo da Victrola durante este intervalo escuro era garantia suficiente de que a ação da lâmpada não se centrava na caixa de fusíveis na cave. Investigação subsequente provou que não era esse o caso. O suporte de lâmpada no qual estão ligados a luz da lareira, a Victrola e o ditafone recebe corrente do fusível que alimenta todas as outras ligações neste piso; mas a luz do teto, por alguma

razão inexplicável, está no circuito com o segundo piso. Não foi encontrada evidência, quando inspecionámos os fusíveis, de que um tivesse sido recentemente removido, mas não havia certeza de que não tivesse sido. A ausência de cintilação em todas exceto uma das oito ligações e desligações do circuito, no entanto, sugeriria que um contacto mais simples do que um parafuso estava envolvido.

Após cerca de dezasseis minutos, o fenómeno repetiu-se, com a escuridão a durar quarenta e quatro segundos pela minha contagem; não houve som nem cintilação quando a luz se apagou e acendeu. Walter disse que fez isso apertando os fios. Na noite seguinte, revisou isto e afirmou ter desenroscado a lâmpada do seu soquete. «Dirão que alguém desenroscou a ficha na cave. Eu ia tentar balançar esse candelabro, ninar o bebé. Essa luz não tem nada a ver convosco, de qualquer forma. Têm alguma ideia do que estou a descobrir? Bem — eu ia dizer-vos, mas não vou.»

Na noite seguinte, o fenómeno repetiu-se. Durante o primeiro restabelecimento da luz, a segunda extinção e o segundo restabelecimento, fiquei de pé com a mão em concha sobre o interruptor de parede, eliminando pelo menos esta possível fonte de fraude. Se a coisa tivesse continuado por mais algumas noites, teríamos sido capazes de fazer progressos consideráveis com ela; mas Walter cumpriu a sua insinuação de que não era um fenómeno em si e não feito para nosso benefício — nunca mais aconteceu. Portanto, várias hipóteses de fraude permanecem em aberto — e, por outro lado, poderia muito bem ter sido genuíno.

Em 19 de maio, e durante vários dias seguintes, houve uma curiosa exibição a que Walter chamou a sua banda de jazz. Tocava nas cordas do ukulele, de uma forma que os assistentes só conseguiam imitar com os dedos e que, portanto, era em certa medida evidencial sem controlo dos pés; ao mesmo tempo, assobiava alegremente; e um acompanhamento de «bombo» era

feito a tudo isto nas laterais do armário. Com um círculo totalmente amigável em 20 de maio, isto foi repetido; e depois de Walter ter deixado cair o ukulele no chão, John tentou, com apenas sucesso parcial, recolocá-lo na mesa. Houve também uma pequena manipulação do megafone, que foi colocado na cabeça de Richardson, caindo daí para fora do círculo e permanecendo onde caiu.

A concentração nas balanças reduziu drasticamente outros fenómenos nas semanas seguintes, e não encontramos mais nada no âmbito deste capítulo até ao final de junho, quando, durante algumas noites, Walter seguiu um estado de espírito brincalhão. Começou em 28 de junho, com um estrondo terrível no canto nordeste da sala, muito distante, em termos do alcance habitual de Margery, de qualquer assistente.

A investigação mostrou que, do canto da lareira, tinha caído ou sido empurrado um castiçal de latão de doze libras, com uma vela. Aterrou no encosto estofado do sofá, com a vela a cair para o chão atrás. O suporte deve ter dado um salto mortal; a sua base estava afastada da lareira e o seu topo voltado para ela. Uma lâmpada elétrica, que deveria estar na lareira, numa posição de onde a queda do castiçal não a teria perturbado, foi encontrada no sofá, ilesa.

Não havia, claro, certeza se tinha ido com o castiçal ou não. O exame da lareira mostrou um rasto no pó onde o castiçal tinha sido arrastado até à borda, e uma mossa na madeira onde caiu. Miss Scott estava presente (ver página 57) pela primeira vez em semanas; e embora o local do desastre estivesse a oito pés de Margery, estava a pouco mais de cinco pés dela.

Na noite seguinte, ouviu-se vidro a cair no chão. Walter falou para assegurar os assistentes de que era vidro, mas não do tipo que estava sob as balanças; que era, na verdade, uma lâmpada.

John, disse ele, tinha-a atirado ao chão, esperando que se partisse; não se tinha partido, e os assistentes expressaram a sua simpatia pela desilusão de John. «Ele sente-se pior com isso do que vocês», reconheceu Walter. A luz vermelha foi então acesa e a lâmpada, que deveria estar na lareira no início, foi encontrada no chão.

Nada se tinha ouvido em 30 de junho, quando Walter anunciou que John tinha acabado de atirar outro «buldogue». Walter disse que seria encontrado perto do armário, que tinha sido restaurado três minutos antes depois de ter sido derrubado de costas. Ao pô-lo em ordem, Conant teve de prender as cortinas superiores de volta na posição. A busca pelo «buldogue» falhou até Margery sacudir estas cortinas, quando a mesma lâmpada sobresselente antiga caiu no chão. Deveria haver um alto grau de improbabilidade de que a lâmpada pudesse ter estado ali durante todo o manuseamento brusco e restauração a que as cortinas tinham acabado de ser submetidas.

O fim deste assunto chegou em 4 de julho, quando Walter e John finalmente conseguiram partir não uma, mas duas lâmpadas. O registo de Carrington não indica onde isto aconteceu, contentando-se com a afirmação de que não havia conhecimento da sua posição no início da sessão.

Enquanto tudo isto se passava, estava a ser introduzida uma nova manipulação do megafone, que rapidamente se tornou bastante padrão. Houve movimento do megafone em 30 de junho; e em 1 de julho, foi de alguma forma inferido que estava no ar, num momento em que a Victrola parou. F. H. disse que precisaria de luz vermelha; após o que ele caiu com estrondo no colo de Margery, e daí para o chão. Depois disso, durante alguns dias, o megafone esteve sob observação de Carrington e Keating.

Para 6 de julho, Carrington escreve: «Perto do final da sessão, ouviram-se dois "Olás" sussurrados vindos do megafone, que imediatamente se ouviu cair no chão. Neste momento, Keating assumiu o controlo, que, no entanto, não tinha sido contínuo.» Para o dia 8, o registo foi feito por F. H., e diz: «Walter levantou o megafone da direita de Margery, levou-o para a esquerda e acima da sua cabeça, e falou com Carrington e Keating. Keating notou luzes perto da balança durante esta conversa. O megafone foi então atirado violentamente ao chão à esquerda de Margery. Com a permissão de Walter, foi colocado de volta à sua direita; mais tarde, ele falou através dele novamente, à sua esquerda e acima da sua cabeça. Para o resto do parágrafo, o escriba é Carrington. No dia 9, «O megafone foi levantado e usado para falar, depois atirado ao ar, aterrando no peito de Carrington. Depois caiu no chão aos pés de Keating e permaneceu lá até ao fim.» Para o dia 10: «O megafone foi levantado e usado para falar, depois deixado cair, a pedido, à esquerda da médium.» Para o dia 12: «Neste ponto, Keating estabeleceu o controlo da mão direita de Margery e de ambas as mãos e joelhos de F. H. O megafone foi então ouvido a raspar no chão e o assobio de Walter foi ouvido através dele. Foi novamente deixado cair no chão, e novamente recolocado [provavelmente pelos assistentes] à direita de Margery. Foi novamente levantado e usado para falar, depois atirado de modo a cair à frente de Carrington. Pela terceira vez, foi levantado e falado através dele, depois deixado cair ao lado de Carrington. Entretanto, Carrington explorou o colo da médium, com a sua mão que segurava a mão esquerda dela.»

A ideia geral é clara: o megafone é aparentemente usado para falar, depois atirado; por vezes, acredita-se que a sua posição imediatamente antes de falar era conhecida, por vezes não. Carrington e Keating sentiram, claro, que raramente, se alguma vez, se poderia ter absoluta certeza de que a voz realmente vinha através do megafone. Também sentiram que era infeliz que todas

as atuações do megafone deste período viessem imediatamente após a luz vermelha ser apagada, quer no início da sessão quer mais tarde.

A teoria que cobre a sua produção fraudulenta seria que, no intervalo após F. H. ter apagado a luz e antes de ter recapturado a sua mão, Margery se apoderou do megafone e colocou-o no seu colo, ombro ou cabeça. Que então falou um pouco com a sua voz natural, disfarçada para simular o efeito do megafone; após o que poderia atirar o megafone para fora. O facto de o megafone aparentemente ter de estar no chão à direita de Margery, entre ela e F. H., em vez do seu outro lado, para desencadear este fenómeno, teria de ser fortemente contestado por outras evidências diretas de autenticidade.

Ora, quando estou no controlo da ligação entre F. H. e Margery, não permito que a continuidade do meu controlo sobre a mão dela seja afetada por qualquer coisa que ele faça com a sua. Se ele remover a sua para manipular as luzes ou por qualquer outra razão, eu mantenho a dela. Até este ponto, a teoria esboçada assenta em negligência de um dos investigadores. No entanto, tanto Carrington como Keating disseram-me em privado que não consideravam que esta teoria tivesse sido ainda respondida. Penso que devem ter-se esquecido da sessão do dia 12, como sublinhado acima.

Além disso, à luz desta teoria, fiz algumas experiências da próxima vez que estive em Boston. Com o megafone no chão à minha direita, descobri que me levaria muito tempo — pelo menos cinco segundos, e geralmente consideravelmente mais — para me apoderar dele no escuro, levantá-lo de forma a assegurar que não batia em nada nem em ninguém, colocá-lo no meu ombro, e ter a minha mão de volta numa posição inocente. Descobri que não o conseguia equilibrar no ombro com qualquer grande grau de certeza de que ficaria lá. Se não tivéssemos

incidentes específicos a contradizer esta teoria, considerá-la-ia altamente improvável; e temos um desses incidentes, com mais por vir.

A mediunidade de Margery tinha prosseguido, até agora, sem a ajuda do pandeireta convencional, mas em 14 de julho este instrumento foi introduzido. Foi dito a Walter que estava ao lado do megafone, e ele negou-o prontamente; tinha razão — o megafone já tinha desaparecido. «Perante o que», diz F. H., «ele riu-se através dele e durante vinte minutos falou através dele enquanto estava obviamente no ar acima da cabeça de Margery; depois atirou-o ao chão num local designado.»

O registo não especifica, mas as probabilidades são de que este período de vinte minutos de conversa não foi interrompido por qualquer luz vermelha, e que, nesse caso, o controlo manual de Margery foi igualmente ininterrupto. Seria exigente para ela equilibrar o megafone na cabeça ou no ombro durante esse período, e se o tivesse no colo, estava sujeita a um risco constante de exposição.

Pouco depois, o pandeireta foi levantado no ar, acima das balanças, praticamente no centro do círculo; a sua posição pôde ser tão precisamente diagnosticada porque tinha uma mancha de tinta luminosa. Foi batido e sacudido, bem alegremente, ao som do assobio e da risada de Walter. Foi então deixado cair no chão, colocado nos colos de ambos os Richardson, levado e colocado na cabeça de Conant como um chapéu, e todo o tipo de travessuras foram feitas com ele, enquanto Margery e F. H. estavam sob controlo total de Conant e dos Richardson.

O pandeireta e o megafone foram usados em 15 de julho, simultaneamente um com o outro e com outras manifestações; este incidente é descrito no Capítulo XLVII. No dia 16, com as mãos de Margery firmemente seguradas por Adler e F. H., Walter

pegou numa harmónica da mesa, soprou nela duas vezes, depois atirou-a ao chão atrás de Margery. No dia 19, o pandeireta tocou no ar, mas o registo não concede pormenores. O dia 20 viu uma notável exibição destes pequenos fenómenos telecinéticos.

O ukulele foi apanhado e colocado sucessivamente nos colos de Adler, F. H. e Stewart. Depois, o pandeireta e a harmónica foram amontoados com o megafone no colo de Stewart e o ukulele enfiado debaixo do seu braço. O pandeireta foi-lhe tirado e segurado a dois ou três pés acima das cabeças dos assistentes, sacudindo livremente ali enquanto outros fenómenos ocorriam noutro local. O megafone foi atirado a Cross, aterrando direito entre os seus joelhos; depois foi várias vezes arremessado a Carrel, fora do círculo, até que finalmente aterrou na sua cabeça. Cross, claro, estava no lado remoto do círculo em relação a Margery; Carrel estava tão longe ou mais; eles eram os mais distantes de todos os assistentes.

Tendo o megafone caído da cabeça de Carrel, F. H. ofereceu-se para o apanhar; Walter disse que não, ele ainda tinha controle sobre ele. Imediatamente, apanhou-o e colocou-o no colo de Stewart. Depois assobiou através do megafone, riu, tocou a caixa de campainha (Capítulo XLVII) e sacudiu o pandeireta, tudo ao mesmo tempo. No final, verificou-se que a distância de Carrel à médium era de sete pés. A presença da Sra. Stewart aqui torna pertinente uma referência à página 59.

As manifestações do megafone de 22 de julho foram um longo caminho para responder à teoria da fraude. No início, o megafone estava no chão à direita de Margery e atrás dela. Vi-o nesta posição enquanto F. H. se estendia para apagar a luz com a sua mão direita, no seu lado afastado de Margery. Conant tinha estabelecido o controlo da junção entre eles; não havia ocasião para quebrar esta junção ou o seu controlo, e nenhuma foi quebrada. Quase imediatamente, obtivemos um sussurro, que

julguei ser certamente através do megafone; isto foi repetido várias vezes. Depois, Margery e eu varremos as nossas mãos unidas pelo espaço à sua frente. Não tocámos em nada, mas o megafone caiu no chão atrás dela.

Na sessão de 23 de julho, com Houdini à esquerda de Margery e eu na junção à sua direita, obtivemos a atuação habitual do megafone. Em 24 de julho, sentámo-nos no apartamento de Comstock. Três vezes durante a sessão, com todos os controlos de mãos e pés especificamente verificados por Houdini e por mim, tendo em conta que algo acabara de acontecer, o megafone moveu-se no chão. Na verdade, estava do meu lado, e bem fora do alcance do seu pé. Os pormenores destas duas noites serão encontrados no Capítulo XLVIII.

Com apenas amigos presentes, o assunto do megafone foi novamente bem verificado em 28 de julho. Walter falou através do megafone e atirou-o para os colos de vários assistentes. Brown não teve controlo contínuo da ligação entre Margery e F. H., mas em alguma parte de cada episódio, enquanto as coisas estavam «obviamente ainda no ar», ele verificou-o; e Murray, cuja integridade não pode ser questionada, estava do outro lado de Margery.

O pandeireta foi duas vezes levantado do chão debaixo da mesa para um ponto alto no ar acima da mesa, tocado alegremente entretanto, depois atirado para vários colos, sozinho ou em combinação com o megafone. Novamente, no dia 30, estes dois instrumentos figuraram numa atuação semelhante sob controlo anunciado em ambos os lados pelos Richardson, com a Sra. Richardson a inclinar-se sobre F. H. para desempenhar o seu papel aqui.

O megafone, pandeireta, etc., claramente marcados com iniciais M. T. e assim por diante, em tinta luminosa, continuaram

durante todo o agosto, como tinham feito durante julho, a fornecer entretenimento a Walter e aos seus assistentes; mas destas sessões tomo nota de uma forma um pouco diferente. O presente capítulo pode, portanto, terminar aqui. Por deferência a Prince, não citarei os incidentes de 13 ou 18 de maio; mas, passando por cima deles, ainda temos os de 14, 20 e 28 de julho, se pudermos citar autoridade que não a dos meus comissários; e os de 12, 22, 23 e 24 de julho, se estivermos assim confinados.

Todos estes são relatados de forma tão clara e positiva que dificilmente podem ser descartados com base em que os assistentes encarregados do controlo estavam enganados — o cético irreconciliável está novamente na posição de atribuir os fenómenos a fraude real por parte dos investigadores. Deixá-lo-emos lá, como o deixámos uma vez antes e como faremos mais uma vez.

CAPÍTULO XLVI
REENTRA A EQUIPA DE DEMOLIÇÃO

A destruição do armário de 24 de junho, quando fui enterrado nos destroços, foi o clímax para esse tipo de coisa. A partir de 29 de junho, no entanto, apareceu uma nova técnica de inclinar o armário para trás, que Walter perseguiu implacavelmente durante algumas semanas. Procedeu nesta ocasião com considerável alvoroço do armário, acompanhado por um balançar de ambas as asas — não sobre os cantos rígidos, mas sobre a junção articulada no centro da parte traseira. Não há indicação de até onde o armário recuou, mas as circunstâncias envolventes eram excelentes; pois «no momento real da inclinação, Conant tinha abandonado o controlo para dar corda à Victrola, mas o armário estava fora do alcance de F. H., e Carrington tinha o braço esquerdo da médium e ambos os seus pés». Tudo isto foi grandemente elaborado na noite seguinte. Cito o relatório de F. H., que Carrington verifica oralmente em todos os pormenores:

«Com pouco aviso, o armário começou a tremer e a mover-se; e quando aparentemente começou a inclinar-se para trás, Comstock sugeriu a Walter que seria melhor se ele se colocasse na porta, o que fez. Conant entrou então no círculo e controlou a mão direita de Margery, a mão esquerda e o pé esquerdo de F. H.; Carrington tinha ambos os pés de Margery, bem como a sua mão esquerda. O controlo de Conant sobre o braço incluía cotovelo, antebraço e mão, e só foi quebrado quando teve de se levantar para religar a Victrola. Nesses intervalos, nada aconteceu.

«O armário inclinou-se para trás contra a porta, e foi então sacudido como um rato por um gato, violenta e convulsivamente. Comstock pareceu extraordinariamente impressionado com a proximidade da força física.

«O armário foi lentamente sacudido e empurrado para baixo em direção à horizontal, com a extremidade superior a deslizar ao longo da porta. A borda inferior da parte traseira deslizou necessariamente para a frente [o efeito sendo semelhante ao de uma escada a deslizar pela lateral de uma casa]. Quando esta borda entrou em contacto com a parte traseira da cadeira de Margery, na base das pernas, a cadeira começou a mover-se para a frente; mas antes disso, a mesa com as balanças tinha sido cuidadosamente movida cerca de três pés para norte, por Walter, para evitar danos. Depois, a borda inferior da parte traseira do armário, a cadeira e Margery moveram-se todas para norte como uma unidade até as suas pernas ficarem presas debaixo da cadeira. No impacto final do armário no chão, Carrington estava em contacto com todo o seu lado esquerdo, incluindo a cabeça, e tinha, claro, o controlo de ambas as pernas e do braço esquerdo. Com luz vermelha, o armário foi encontrado deitado de costas, como previsto.

«O controlo durante esta sessão foi tão perfeito, e a simplicidade e magnitude dos fenómenos tão nítidas e óbvias, que Comstock sentiu-se obrigado a ditar que estas manifestações não poderiam ter sido feitas por Margery, que não havia evidência de um cúmplice dentro da sala, e que certamente nenhum veio de fora.» Carrington, também, achou este incidente um dos mais impressionantes que alguma vez experimentou.

Conant foi enviado à volta do armário numa espécie de expedição de reconhecimento em 2 de julho, e após o seu regresso, o armário foi inclinado para trás contra a porta. Mais tarde, como variedade, em vez de ser deslizado para baixo de costas, foi novamente inclinado para a frente com um estrondo. Havia controlo perfeito em ambos os lados de Margery, diz o registo.

Para 4 de julho, o registo de F. H. diz: «O armário foi movido, especialmente a asa oeste, com controlo relatado como perfeito. Foi então inclinado para trás contra a parede traseira; recolocado; inclinado para trás novamente. Walter disse "Boa noite", mas reformámos o círculo e continuámos, na esperança de que algum outro controlo se manifestasse. O armário foi então movido com considerável força, com os parafusos a cair no chão e a madeira a ranger sob a tensão. Foi finalmente empurrado completamente, de modo que a parte traseira repousava no chão, com as duas asas no ar. Controlo perfeito relatado em ambos os lados, pelos controladores imediatos e também por Carrington e Keating nas ligações.»

Este registo não tem as assinaturas de Carrington e Keating, como a maioria dos deste período de dez dias. E em conversa comigo, eles indicam que a atuação não os impressionou como nítida e à prova de fraude. A queda dos parafusos, claro, pode ser considerada sem sentido na ausência de qualquer exame preliminar para verificar a sua condição. Mas mais grave do que

isso é a afirmação feita por Carrington e Keating de que os episódios de ação forte aqui ocorreram todos após lapsos no controlo para ajustar a Victrola ou atender ao telefone. A teoria da fraude que cobre o caso seria que Margery usou uma mão para colocar um pé debaixo do armário, e depois usou o pé para produzir os fenómenos. Nesta data, então, não se poderia ter qualquer segurança real de que toda a atuação não foi assim manipulada.

Tais reservas, como os meus itálicos mostrarão, não se aplicam aos incidentes de 29 e 30 de junho; nem se aplicam ao próximo episódio do armário, de 7 de julho. O registo que cito é assinado por Carrington e ele diz-me em privado que não há nada a dizer em modificação da palavra datilografada:

«F. H. tinha estado fora para atender ao telefone. Movimentos do armário seguiram-se ao seu regresso, sob excelentes condições de controlo. A direita de Margery era controlada por F. H. e Conant, a sua mão esquerda e ambos os joelhos por Carrington, com o braço sobre os joelhos enquanto segurava a sua mão. Sob estas condições [que, claro, impedem totalmente qualquer trabalho violento de qualquer um dos seus pés], o armário inclinou-se para trás contra a parede traseira, e foi então ainda mais empurrado, de modo que a parte traseira repousava no chão com as asas no ar.

Podíamos ouvir o esforço do armário enquanto era sacudido ao ser empurrado. Colocámo-lo direito; foi novamente inclinado e novamente empurrado para o chão. Pouco antes de o trabalho no armário começar, Walter pediu controlo, pois disse que ia derrubar o armário. Não se sentiu qualquer movimento percetível das mãos e pés de Margery durante as manifestações do armário.» Se alguém procurasse cúmplices, F. H. seria o único dos amigos de Margery ao alcance do armário, e a posição de controlo de Conant cortá-lo-ia efetivamente dele.

Aconteceu novamente em 8 de julho, sob condições que, no julgamento de Carrington, não eram totalmente tão contraditórias à ideia de fraude. Walter pediu controlo, e o armário rangeu. Neste momento, Comstock deixou o ditafone e tomou a sua posição primeiro dentro da cortina na porta, depois fora. Conant estava na ligação entre Margery e F. H.; Carrington no círculo do outro lado. Comstock mal estava no seu novo lugar quando o armário se inclinou para trás, deslizou ao longo da porta, e forçou Margery na sua cadeira a avançar cerca de dois pés; depois caiu de costas no chão, com um estrondo.

A fraqueza pareceria residir na falha em particularizar sobre o controlo. Na verdade, creio que ele considerou as demonstrações de 30 de junho e 7 de julho como as únicas desta série que eram intrinsecamente válidas. Mas quando um crítico é tão severo como ele, não pode ser acusado de qualquer tendência para fazer um incidente válido a partir de um inválido; e quando nenhum dos episódios inválidos envolve qualquer sugestão de deteção real de fraude, um válido é tudo o que precisamos.

O registo de Carrington para 10 de julho diz: «O armário foi movido várias vezes, com os lados a fecharem-se juntos, evidentemente por pressão na parte traseira. Mas não foi derrubado, nem empurrado tão violentamente como antes. O forro de pano foi rasgado, e ouviam-se tachinhas a cair no chão. Durante os movimentos do armário, Carrington tinha ambos os pés e pernas de Margery entre os seus joelhos e pés, e a sua mão esquerda caía sobre os seus joelhos; F. H. e Conant tinham a sua mão e braço direitos.» Parece que também aqui não há motivo para reserva. F. H. acrescenta a interessante afirmação de que uma tachinha foi distintamente atirada a Keating, através do espaço debaixo da mesa.

Na sessão de 11 de julho no apartamento de Comstock, improvisou-se um armário usando o canto da sala para dois lados e um biombo de três painéis para o terceiro. Um dossel foi fixado à parede e ao topo do biombo com tachinhas, ajudando a manter o biombo no lugar. Após quase duas horas de outros fenómenos, Walter voltou a sua atenção para este armário. As tachinhas começaram a cair e foram relatadas correntes de ar. Conant e Carrington relataram controlo perfeito de ambas as mãos e ambos os pés; e, claro, a situação, no que respeita à possível entrada de um cúmplice vindo do exterior, simplesmente não existia.

O armário continuou a ranger e a esticar-se violentamente, e o controlo foi verificado; desta vez, a declaração registada cobre F. H. bem como Margery. Pouco após o movimento mais vigoroso do armário, Walter disse «Boa noite», e teve-se luz vermelha para examinar os controlos, que todos afirmaram ter permanecido inalterados em todos os pormenores. Estes foram encontrados todos em ordem. O armário improvisado, que estava mais ou menos simetricamente atrás do canto esquerdo da cadeira de Margery, e talvez a um pé e meio de distância, tinha colapsado para a frente, inclinando-se contra o canto superior esquerdo da cadeira num ângulo de talvez quarenta graus com a vertical. O topo de pano improvisado, claro, estava todo puxado para baixo; a posição final do armário não indica um movimento que, por si só, trouxesse o topo de pano para baixo. O armário deve ter-se afastado da parede, antes de cair contra a parede para a sua posição final.

O controlo revelado pelo acender da luz é descrito em pormenor. Margery sentou-se na sua cadeira, tendo Conant a ligação entre ela e F. H. na sua mão direita, e o seu cotovelo direito na sua mão esquerda. O seu pé direito estava contra o seu pé esquerdo no chão, o pé esquerdo e o joelho de F. H. em contacto com a sua perna direita.

Carrington tinha a mão esquerda de Margery, e controlava o seu pé e perna esquerdos com a sua esquerda. Tinha a sua mão firmemente na sua, com o polegar virado de modo a poder localizá-la (e assim identificá-la como esquerda). Keating tinha a mão e o pé direitos de F. H. com segurança. E aqui está; parece que é tudo o que há a dizer.

Vários episódios seguintes do armário omito porque não acrescentam nada ao que já tivemos. Depois chegamos a 23 e 24 de julho, para os quais as sessões devem ser consideradas como um todo, no Capítulo XLVIII. Desde estas duas ocasiões, houve algumas manifestações do armário, mas nada que exija descrição; por isso, deixo o assunto aqui.

CAPÍTULO XLVII
A CAIXA DE CAMPANHA ENTRA EM ACÇÃO

O Capítulo XXXVI terminou com a sugestão de que o equipamento de campainha telegráfica, com o qual Walter tinha dado várias demonstrações muito impressionantes, estava a caminho de uma desuetude inócua. Depois de ter estado inativo durante duas semanas ou mais, tentei a minha sorte em modificá-lo de modo a provocar o seu uso. Trabalhei no sentido de dar uma maior superfície de contacto. Construí melhor do que sabia, fazendo um aparelho que, em última análise, deu a mais impressionante de todas as demonstrações que foram obtidas através da mediunidade de Margery.

Duas tábuas quadradas de oito polegadas foram articuladas juntas ao longo de uma borda de cada uma. Uma mola espiral foi firmemente montada entre elas para as manter afastadas; e em pontos correspondentes nas suas superfícies internas, placas metálicas foram fixadas. Quando estas placas eram devidamente ligadas e o equipamento era substituído pelo telégrafo na montagem de campainha existente, se as tábuas fossem

pressionadas juntas contra a resistência da mola até as placas se encontrarem, a corrente fluiria e a campainha tocaria.

Para 14 de maio, este dispositivo foi ligado a uma lâmpada vermelha em vez de uma campainha. A lâmpada deu um vislumbre ténue e fugaz durante a sessão, em circunstâncias que sugeriam o fecho acidental e normal do contacto. Esta experiência sugeriu modificações na mola e no contacto; e quando estas foram feitas, as tábuas de contacto foram substituídas pelo telégrafo no equipamento de campainha.

Comentando a caixa de bombons na qual o telégrafo tinha sido uma vez colocado diante dele, e sobre outros esquemas que tinham sido propostos de tempos a tempos para encerrar este aparelho, o próprio Walter, em 14 de maio, tinha sugerido que o novo dispositivo de contacto fosse colocado numa gaiola de gaze. Foi esta gaiola que foi montada sob condições tão desagradáveis para Walter, como mencionado na página 336.

Em vez da pequena e simples habitação que as palavras «gaiola de gaze» implicavam na minha mente, uma enorme estrutura de madeira foi trazida. O barulho enquanto a gaze era pregada a isto foi realmente terrível; Walter recusou-se absolutamente a ter qualquer coisa a ver com as tábuas de contacto enquanto estivessem naquela «gaiola de pássaro». A recusa não foi explícita — mas acabou por ser igualmente definitiva.

Um dos comentários mais reiterados de Walter é que deve usar o aparelho que lhe damos. Isto foi lindamente exemplificado na história do aparelho de contacto. Ficou tanto tempo na sua gaiola de gaze que a maioria de nós, imagino, o considerou um assunto morto. Mas na busca de aparelho que pudesse ser convenientemente transportado para casa de Comstock para a sessão de 11 de julho, foi ressuscitado, libertado do seu sudário, e

colocado na mesa numa caixa de madeira, com as tábuas de contacto aparafusadas no topo desta. A campainha tocou, num momento em que todos os controlos eram considerados perfeitos. A luz vermelha foi imediatamente acesa, e verificou-se que a crença estava de acordo com os factos.

Para colocar o dispositivo de contacto mais longe do possível alcance da cabeça de F. H., foi colocado na extremidade da mesa de Carrington. Seguiu-se uma longa série de manipulações da mesa, que não são suficientemente interessantes para detalhar totalmente a partir do registo, embora o controlo completo de mãos e pés de Margery e F. H. as tornasse distintamente evidenciais. O resultado foi derrubar a caixa de campainha para o colo de Carrington, enquanto «a mesa se moveu para uma posição tal que assentou em cima da tábua de contacto no topo da caixa. Carrington segurou a caixa ali sobre os seus joelhos, com a mesa a inclinar-se sobre a tábua de contacto no topo.» O registo mostra que este rearranjo levou trinta e cinco minutos. A descrição acima do resultado foi ditada por Comstock a Miss Wood imediatamente após a sessão, na presença e com a aprovação de Carrington, Keating, Conant, Margery e F. H. Continua especificando que «desta forma, a mesa e a tábua de contacto juntas podem ser consideradas como tendo formado uma peça de aparelho consistindo numa grande área que, pelos seus movimentos, faria contacto e tocaria a campainha.»

A partir deste ponto, transcrevo na íntegra esta declaração, da qual o registo do ditafone diz: «Seguiu-se uma longa série de manifestações de toque de campainha, que serão registadas imediatamente após a sessão.» A razão para este procedimento invulgar foi o desejo de Comstock de observar mais de perto do que podia com o ditafone na sua mente. Prosseguindo com o registo pós-sessão, encontramos:

«A experiência mostrou que, ao mover os joelhos para cima e assim pressionar a tábua de contacto contra a parte inferior da mesa, Carrington só conseguia obter contacto intermitente e não podia produzir um toque contínuo. Por outro lado, ao inspecionar com luz vermelha, descobrimos que com este mecanismo duplex improvisado, uma pressão praticamente em qualquer lugar do topo da mesa faria tocar a campainha.

«A campainha tocou repetidamente no escuro e também com luz vermelha de brilho suficiente para que os presentes, a mesa, as tábuas de contacto e os controlos fossem todos claramente visíveis.

«No escuro, quando a tábua de contacto estava a ser pressionada, Carrington levantava frequentemente a mão do Dr. Richardson à sua cabeça, dando assim uma dupla verificação de que ele próprio não estava perto da tábua de contacto.

«Antes de, pela prática, Walter atingir o ponto em que podia tocar a campainha intencionalmente com luz, notámos, quando Comstock ligava e desligava as luzes intermitentemente em várias ocasiões, que o toque da campainha no escuro parava de tocar, de um modo geral, assim que a luz era acesa. Nem sempre parava exatamente no instante em que a luz era acesa, mas havia uma correlação marcada e bastante perfeita entre os períodos de luz e os períodos de silêncio da campainha.

«Esta é uma correlação muito interessante, mas não deve ser esquecido, como afirmado acima, que subsequentemente a isto obtivemos muito toque com luz vermelha, tanto toque contínuo longo como vários toques curtos, em resposta a pedidos.

«Houve muita sinalização de uma forma e de outra no escuro. Num caso, o código telegráfico foi usado para soletrar "C-o-m-s-t-o-c-k" e Walter nomeou cada letra à medida que a dava através

de toques. O Dr. Richardson pediu o sinal da família Richardson ["Down in the Coal Bin Shoveling Smoke", página 230], que Walter tocou para sua satisfação. Também deu, com luz vermelha, o longo, curto e longo a pedido.

«Durante grande parte dos fenómenos de toque no escuro, pediu-se à médium que contasse em voz alta, e ela fê-lo. Isto permitiu-nos localizar a sua cabeça de uma forma muito definida.

«Outro facto de considerável interesse deve ser registado. Na posição em que a mesa foi originalmente encontrada a inclinar-se sobre as tábuas de contacto, toda a posição parecia algo incerta e apertada, particularmente Carrington estava incomodado e sob alguma tensão para segurar a caixa no seu colo. Tomámos a liberdade de rearranjar a caixa, deixando as características essenciais do mecanismo, conforme acreditávamos, inalteradas; isto é, a mesa ainda de um lado, apoiada nas tábuas de contacto, mas a caixa com as tábuas de suporte foi agora colocada com segurança no colo de Carrington para que ele a pudesse suportar sem esforço. Isto aconteceu cerca de meio caminho através dos fenómenos de toque, e o toque continuou.

«Comstock fez a pergunta a Walter se a relativa facilidade com que parecia mover a mesa, mesmo com luz, se devia principalmente a esta ter uma grande superfície plana (o topo da mesa) ou a ter apêndices, nomeadamente as pernas, que iam até ao chão. A isto Walter respondeu com uma frase que não conseguimos interpretar completamente, mas que continha a palavra "superfície". Inferimos, e pensamos corretamente, que foi a grande superfície e não as pernas que o ajudaram. Entre a pergunta anterior e a resposta de Walter, ocorreu a maior levitação da mesa da noite. A mesa foi primeiro inclinada para longe de Carrington e depois pareceu ser levantada e atirada para a frente sobre a tábua de contacto, que estava no seu colo, e tão acima da tábua de contacto que o peso da mesa fez a campainha

tocar continuamente. Keating, que seguia os movimentos da mesa por contactos frequentes com o seu rosto, diz que esta levitação deve ter sido pelo menos um pé de altura, e F. H. confirma isto dizendo que, no momento da levitação acima mencionada, a mesa bateu-lhe debaixo do queixo.»

Quem não esteve presente nesta demonstração talvez a ache um pouco menos demonstrativa do que quem lá esteve. Todos os assistentes ficaram satisfeitos de que não houve cooperação inconsciente de Carrington no toque da campainha; e ficaram satisfeitos, experimentalmente, de que o toque que ele podia assim induzir era bastante diferente em carácter daquele que era obtido. Considerando o episódio como genuíno, a sua lógica seria bastante direta, e em linha com a sugestão da citação. F. H., na sua própria mente, tem uma classificação muito definida de todos os fenómenos telecinéticos em grupos «grosseiros» e «finos», sendo os primeiros feitos com facilidade e eficácia, os segundos com mais dificuldade e menos acabamento.

Este brilhante regresso ao aparelho de contacto foi, claro, prosseguido. A caixa na qual a campainha e as baterias tinham estado durante a sessão em casa de Comstock foi tornada permanente, com uma fechadura para garantir contra adulterações e os fios cuidadosamente saídos através de pequenos orifícios para ligação aos contactos. A chave perdeu-se; de modo que, quando finalmente se tornou necessário renovar as baterias, a fechadura teve de ser arrombada. As tábuas de contacto foram aparafusadas solidamente ao topo da caixa, de modo que todo o aparelho era robusto e autónomo.

Esta montagem foi deixada, descoberta, no armário à esquerda da médium, no chão, para a sessão de 12 de julho (de volta à Lime Street, claro). Tocou continuamente durante vários segundos, durante os quais Carrington manteve controlo completo da esquerda de Margery, e achou fácil verificar que nenhuma mão

ou braço cruzava da sua direita para ter acesso à caixa. Após várias repetições disto, uma nova ideia foi introduzida. A placa iluminada (ver página 210) foi ativada, de modo a brilhar intensamente; e nesta condição foi colocada de modo a cobrir completamente a tábua de contacto superior. A campainha tocou várias vezes sob estas condições e com o mesmo controlo de antes; e nenhum objeto escuro era visível contra a placa, nem para Carrington nem para Adler, que observaram atentamente. A experiência mostrou que mãos ou pés aproximados da placa eram imediatamente silhuetados contra ela. Duas vezes, a placa foi vista a inclinar-se para cima vários centímetros à medida que a pressão era removida e o toque cessava.

A caixa de campainha tornou-se agora a pièce de résistance da sala de sessões da Lime Street. Em 13 de julho, estava no chão à esquerda de Margery; o controlo de mãos e pés foi escrupulosamente mantido; e a placa iluminada foi usada. Walter, apesar de tudo isto, tocou a campainha como lhe aprouve e como foi solicitado, dando combinações de toques longos e curtos para vários dos assistentes. Depois, Goodall pediu para ver o dedo de Walter (usando o termo mais ou menos metaforicamente, claro) quando este pressionava o aparelho. Em resposta a isto, foi-lhe feita ver, saindo de debaixo da cadeira de Margery, um processo de luz, com a forma e tamanho de um dedo indicador; e quando chegou à placa, a campainha tocou. Isto, claro, é uma grande verificação do que qualquer pessoa científica teria inferido a priori ser o caso — que não estamos a lidar com milagres, mas com fenómenos ordenados que funcionam sob leis ordenadas.

Se a tábua de contacto deve ser pressionada, algo de algum tipo deve ser posto em ação como fonte de pressão sobre ela; e o que era esse algo, Goodall viu. Todos os outros estavam naturalmente ansiosos por testemunhar esta visão sem precedentes, por isso Walter disse: «Não importa o círculo, levantem-se todos e ponham-se à volta para olhar.» Isto foi feito

— claro, com o sacrifício do controlo de mãos e pés; mas todos viram o processo luminoso, e viram-no tocar a campainha, e seria difícil convencer qualquer um deles de que a questão do controlo tinha alguma importância!

15 de julho viu um verdadeiro circo psíquico de seis anéis. A campainha tocou, o pandeireta foi sacudido no ar, o megafone foi usado para falar e assobiar, um cão psíquico ladrou e foi representado por Walter como um animal de estimação que Laura C. perdera há vários anos, uma luz psíquica brilhou intensamente no pandeireta, e ouviu-se a risada entusiasmada de Margery com tudo isto — tudo ao mesmo tempo! O relatório não diz nada sobre o controlo; os assistentes provavelmente estavam demasiado excitados para pensar muito nisso, de qualquer forma.

A chegada de Walter foi anunciada em 16 de julho por toques sucessivos na campainha, em uns, dois e três. Tocou nos dias 19 e 20, mas o relatório não diz mais do que isso. No dia 22, ouvi a minha própria invenção a funcionar pela primeira vez. Como de costume durante este período, estava no chão à esquerda de Margery e atrás dela. Tocou várias vezes quando eu, no círculo à esquerda de Margery, e Conant, na junção à sua direita, tínhamos controlo total das suas mãos e pés; e concordei com o julgamento de Carrington, formado mais tarde sob circunstâncias idênticas, de que a posição do aparelho excluía a fraude de qualquer outra parte. Depois, por instruções de Walter, a caixa foi colocada debaixo da minha cadeira, onde tocou sob controlo perfeito que incluía os pés de Adler e F. H. Em seguida, foi movida para a frente, para o espaço à frente da minha cadeira, livre do travessão da cadeira, e aqui, com a placa luminosa sobre ela, tocou duas vezes sem que qualquer objeto escuro fosse silhuetado contra a placa.

Houdini sentou-se à esquerda de Margery em 23 de julho, e obteve substancialmente a mesma demonstração que eu tinha

obtido na noite anterior. Novamente, em 24 de julho, sentado no apartamento de Comstock, a caixa de campainha funcionou para Houdini. A discussão detalhada destes episódios deve ser reservada para o Capítulo XLVIII.

Comstock estava agora impressionado com a ideia de que os fenómenos grosseiros funcionam melhor do que os finos, e, para uma sessão agendada para o seu apartamento no dia 25, sem a presença perturbadora de Houdini, construiu um novo aparelho de contacto, que dava a Walter todo o tampo da mesa para pressionar. Como ilustrado, havia nesta mesa uma borda estreita que era rígida; todo o topo dentro desta era articulado à borda numa extremidade, e na outra podia ser pressionado contra a resistência de uma mola de suporte. A campainha, as baterias e as peças de contacto estavam encerradas sob o centro da mesa, de modo a serem totalmente inacessíveis para curto-circuito ou qualquer outra fraude. Uma pressão de talvez um quarto de polegada bastava para fechar o contacto e tocar a campainha; mas um teste minucioso não mostrou qualquer tendência para toque acidental por vibração da mesa — a mola era suficientemente forte para manter o tampo da mesa para cima contra tais forças.

Walter trabalhou livremente com este aparelho. Tocou-o pela primeira vez dentro de treze minutos depois de nos sentarmos. Conant e eu ouvimos curiosos ruídos de pancada dentro e sobre a mesa pouco antes do toque. Usando a recorrência destes sons como aviso, descobrimos que era possível antecipar toques subsequentes suficientemente para aplicar testes que dificilmente teriam sido viáveis sem tal aviso.

Quando tivemos este presságio do segundo toque, libertei a minha mão esquerda do aperto de Conant e passei-a ao longo da borda da mesa junto a Margery. A parte de trás do meu pulso encontrou o seu cabelo — não suficientemente baixo para a condenar, mas demasiado baixo para uma absolvição positiva.

Não disse nada, e esperei. O terceiro toque encontrou a minha mão direita acidentalmente em contacto com a sua cabeça, enquanto ela levantava a minha com a sua para se coçar. Ao mesmo tempo, com a minha mão esquerda livre, graças ao avanço dado pelos toques de aviso, consegui explorar até ao canto oposto da mesa, chegando lá quando o toque parou. Não encontrei qualquer obstáculo ou objeto material de qualquer tipo. Para o quarto toque, tive o mesmo controlo da cabeça, desta vez intencional; e completei novamente o exame da borda da mesa mais próxima de Margery, sem resultado.

Como toque final, sem qualquer ruído que qualquer assistente pudesse detetar para indicar uma tentativa mal sucedida de tocar a campainha, Walter informou-nos de que um fio estava solto. Tivemos de obter luz vermelha e abrir a mesa; embora, claro, uma mera pressão no tampo da mesa verificasse que a campainha estava inoperante. Supondo que a informação da inoperância da campainha não veio através da sua falha em tocar sob manipulação fraudulenta, temos aqui um incidente ainda mais forte do que o da caixa de bombons na página 289.

Walter não fez mais nada senão falar sobre o comité em 26 de julho. Nem sequer fez isso no dia 27, mas voltou à técnica de muitos meses antes, de empurrar a mesa pelo chão em comunicação por código. Não sei como seria possível provar que esta ação da mesa é genuína, mas este episódio é uma indicação tão interessante da sua autenticidade quanto posso imaginar.

O controlo está muito irritadiço, e leva-nos de volta ao início do caso; e, embora saibamos que ele pode fazer todo o tipo de coisas quando quer, ele faz esta coisa que, quando ocorria regularmente, menos certos estávamos de que era realmente obra dele. A ideia por trás disto era que ele não falaria connosco até endireitarmos os emaranhados do comité. Mas sob controlo total em ambos os lados de Margery por Murray e por mim, com a

campainha na sua posição habitual inacessível no chão à esquerda de Margery, ele finalmente tocou-a, como verificação da sua presença.

Em 28 de julho, tocou a campainha; não são dados pormenores. Nos dias 29 e 30, ignorou-a. Em 1 de agosto, usou-a como uma ameaça direta contra os cientistas, tocando-a dez vezes, monotonamente e em medida regular, para indicar que era tudo o que alguma vez faria por eles.

3 de agosto marcou o início de uma nova época com a caixa de campainha. Estava no seu lugar habitual à esquerda de Margery; Walter usou-a para anunciar a sua chegada. Depois dedicou-lhe a noite, recusando-se a voltar-se para qualquer outra coisa. Tocou-a repetidamente com ambos os pés de Margery sobre os de Carrington, ambas as suas mãos nas dele, com o círculo quebrado para este fim, e as duas mãos de F. H. dadas ao assistente à sua direita. Margery mexia os dedos dos pés para provar que estavam nos seus sapatos, onde pertenciam. Mais tarde, foi permitido a Carrington explorar à volta da caixa, com as mãos, certificando-se de que não havia nada perto dela e nada ligado a ela, imediatamente antes de tocar. Esta exploração era, claro, impossível enquanto tocava, pois tinha então de segurar as mãos de Margery.

Novamente em 4 de agosto, Walter anunciou a sua chegada na campainha, e tocou com o controlo «abraço e salto» da noite anterior, como ele o designou. Depois ordenou que todos os outros assistentes fossem para o lado oposto da mesa, e fez Carrington sentar-se diretamente em frente à médium, a única pessoa perto dela. Com as mãos dela nas dele, os pés dela primeiro sobre os dele e depois no seu colo, e ele numa posição para verificar que a sua cadeira estava perfeitamente estável, a campainha tocou repetidamente.

Houve uma sugestão de fuga para o cético no terceiro e quarto dias, no facto de o toque começar sempre antes de Carrington assumir o seu controlo. Poder-se-ia talvez alegar que Margery tinha algum meio extraordinariamente hábil e não detetado de iniciar a campainha; que depois dava as suas extremidades a Carrington; e que pouco depois a campainha pararia automaticamente de alguma forma. Houve certamente toques no quarto dia que isto não cobriria, mas o registo está redigido em termos que isso poderia ser contestado. Mas no dia 6, o controlo foi fixo e permanente durante toda a sessão. F. H. estava fora, a operar; Adler e Cross com Carrington eram os únicos assistentes. Toda a experiência com a mediunidade é que círculos muito pequenos como este obtêm resultados fortes, e a presente noite não foi exceção.

Os pés de Margery estavam sobre os joelhos de Carrington. Adler tinha a sua mão direita, Carrington a sua esquerda. A posição dos seus pés e pernas tornava impossível que ela alcançasse a campainha com a mão direita, mesmo que Adler a tivesse soltado — ela teria caído da cadeira antes de o conseguir. A campainha tocou duas vezes. Carrington examinou cuidadosamente o armário e não encontrou nada nele além da caixa de campainha.

No final desta sessão, Carrington notou que a sua mão estava fracamente luminosa. Para provar que não se tratava de uma ilusão, Adler, no escuro, conseguiu estender a mão e tocar o local afetado sem hesitação ou procura. Walter explicou que o fenómeno se devia ao contacto com a médium num círculo tão pequeno. Seja ou não verdade, o incidente reage favoravelmente sobre o episódio da alça de ombro luminosa na página 372.

Todas as possíveis críticas ao controlo por uma só pessoa foram novamente respondidas no dia 7, de forma ligeiramente diferente. A médium colocou inicialmente ambos os pés sobre os

joelhos de Carrington, com os sapatos fora. Colocou ambas as mãos na sua mão direita. A mão esquerda de F. H., assim libertada, foi estendida através da mesa e colocada sob a custódia da Sra. Augustus Hemenway, uma convidada cujo nome será conhecido por muitos dos meus leitores como uma distinta patrona das coisas psíquicas. Depois de este controlo ter sido estabelecido e enquanto era mantido, a campainha deu três, cinco, sete, etc., toques, a pedido. Carrington e a Sra. Hemenway trocaram agora de lugares e papéis, exceto que a mão direita de Margery era agora segurada por F. H., e só foi transferida para a Sra. Hemenway depois de a campainha começar a tocar. Qualquer exceção aqui, no entanto, é respondida pela atuação anterior; e pelo facto de a campainha ter várias vezes soletrado mensagens em código Morse, a pedido. Se alguém acreditasse que a campainha podia ser iniciada por Margery, para tocar um pouco e depois parar, certamente não poderia então iniciar e parar novamente, repetidamente, sem ajuda humana.

Na sessão de 11 de agosto no apartamento de Comstock, a mesa de contacto de 25 de julho foi novamente usada. Walter expressou a intenção de trabalhar até à luz vermelha com esta, mas não teve mais oportunidade de se sentar com ela. Nesta ocasião, a campainha tocou livremente muitas vezes no escuro, com Carrington a controlar ambas as mãos, ambos os pés e a cabeça de Margery, e Miss Wood a controlar F. H. de forma semelhante. Mas rapidamente se tornou evidente que, para uso na casa da Lime Street, onde havia habitualmente pessoas presentes que poderiam ser acusadas de possível cumplicidade com mais plausibilidade do que qualquer um dos presentes assistentes, a mesa era um instrumento menos valioso do que a pequena caixa; pois a mesa é acessível a qualquer mão ou cabeça no círculo.

Regressando à Lime Street em 12 de agosto, portanto, a mesa foi deixada para trás e a caixa mantida em uso. A princípio, foi tocada, rat-a-tat-tat, sem a campainha tocar. Walter afirmou que a

mola tinha sido apertada; o exame verificou isto. Quando foi ajustada, a campainha tocou repetidamente, com ambas as mãos e pés da médium sendo segurados primeiro por Damon, depois por Margaret Deland. As mãos de F. H. foram seguradas pela Sra. Hemenway enquanto isto decorria.

Em 14 de agosto, o novo controlo por uma só pessoa com a caixa de campainha foi demonstrado ao Sr. e à Sra. De Wyckoff. No dia 17, sem registo do controlo, foi dada uma manifestação paralela à de 13 de julho, mostrando Walter desta vez o seu mecanismo apenas ao seu primo, Alfred Gray, um dos mais proeminentes advogados de Buffalo e homem de vastos interesses. Foi descrito como uma forma tridente, com o dente central cerca de quatro polegadas mais comprido que os dentes laterais. Saiu do nível da cintura da médium, incidiu sobre a tábua de contacto, tocou a campainha e retirou-se para o seu corpo.

Manifestações ainda mais impressionantes da caixa de campainha na escuridão continuaram intermitentemente; mas a partir desta data, começou a mover-se para a luz. As manifestações com este instrumento e sob estas condições são tão definitivamente o clímax da mediunidade que as reservo para um capítulo especial, depois de ter tratado de alguns negócios de rotina muito desagradáveis.

CAPÍTULO XLVIII
HOUDINI VS. MARGERY

Foi feita menção, à medida que a marcha dos eventos me trouxe ao final de julho, da presença de Houdini em duas sessões. Em agosto, sentou-se três vezes. Como resultado, afirma ter exposto Margery como uma completa fraudulenta; e a esta «exposição» deu ampla publicidade. É, portanto, necessário que eu considere em pormenor a sua ligação com o caso Margery, e

também o seu contexto geral com o comité da Scientific American.

Quando este comité estava a ser organizado, era óbvio que um ilusionista de grande reputação devia ser incluído. A escolha rapidamente se estreitou entre Houdini e Thurston. Todos aqueles cujas opiniões deveriam ter peso aconselharam-nos a procurar Thurston; mas uma longa amizade entre Houdini e um dos nossos editores tornou fácil abordá-lo, e realmente difícil não o fazer.

Em várias conferências preliminares, Houdini falou de forma muito justa. Apresentou-se como um cético de mente aberta, que em muitos anos de contacto com a mediunidade nunca tinha visto nada que o impressionasse como válido; mas que estava disposto a procurar mais por realidade, e a reconhecê-la quando a encontrasse. Numa direção, descreveu esta disposição como um entusiasmo real. Houdini é judeu, sendo o seu nome paterno Weiss. É do tipo emocional e artístico, em vez do tipo empresarial. Representa o seu sentimento pela sua mãe, falecida há alguns anos, como a emoção dominante da sua vida. Nunca se refere a ela sem usar adjetivos, dos quais «santa» é o seu favorito; e dá a entender que a sua paixão por se assegurar da possibilidade de comunicação com ela ocupa uma grande parte do seu horizonte mental. Teria desejado uma separação mais clara dos conceitos de investigação psíquica e de espiritismo, e um melhor equilíbrio emocional; mas não parecia haver razão para questionar a sinceridade do homem.

Todos os cinco membros do comité em perspetiva tinham especificado que os outros quatro deveriam ser aceitáveis — ficaríamos estupefactos se algum deles tivesse omitido esta condição. Mas a atitude de Houdini aqui era única. Considerava-se o eixo em torno do qual o comité giraria, o único membro cujas capacidades tinham qualquer importância. Rejeitou-me quando tentei esboçar-lhe o estatuto científico dos seus colegas.

Considerava que tinha uma grande reputação a perder nesta investigação, enquanto eles não tinham nada disso ou de qualquer outro tipo em jogo. «Quem é este homem, McDougall, afinal?» irrompeu uma vez para mim; «Nunca ouvi falar dele.» Não estava sequer disposto a assumir a honestidade pessoal dos seus colegas ou a ouvir evidências disso; considerava que uma grande parte das suas funções era proteger-se a si próprio e à Scientific American contra uma possível conivência entre membros do comité e médiuns fraudulentos. Vimos nisto tudo um reflexo da formação e temperamento do artista de espetáculo, e imaginámos que encontraríamos muito o mesmo em qualquer pessoa que pudéssemos selecionar para trazer ao comité o que Houdini estava a trazer. Portanto, ignorámos este aspeto e nomeámo-lo para o comité, esperando que, na presença de uma possibilidade prima facie de fenómenos genuínos, ele deixasse de ser um artista de espetáculo e, com os seus colegas, mostrasse verdadeiro interesse científico.

Nisto fomos desapontados. Houve atrito com Houdini desde o início. O nosso primeiro caso surgiu em maio de 1923. Houdini estava em Nova Iorque na época e nomeei-o para o subcomité encarregado. De três sessões, assistiu a uma. Um segundo caso surgiu em outubro, enquanto Houdini estava em digressão; assumi que não podia assistir e omiti-o do subcomité. Relatos de jornais informaram-no do caso, e recebi um telegrama histérico a instar-me a impedir uma decisão até que ele pudesse chegar e salvar o comité de si próprio. A implicação era clara de que a mediunidade era necessariamente fraudulenta. O comité estava de facto em vias de a considerar assim enquanto o apelo de Houdini estava em transmissão; mas não o fizeram sem a examinar.

Quando um terceiro candidato apareceu, em novembro, telegrafei a Houdini; e ele respondeu que não podia interromper os seus compromissos de vaudeville. Um quarto caso surgiu numa

época em que ele estava em Nova Iorque numa visita relâmpago; sabendo da sua presença, adicionei-o ao subcomité. Com base nestes factos, penso que poderia acusá-lo de não cumprir os seus amplos compromissos iniciais de abandonar qualquer negócio em qualquer lugar, a qualquer momento, e correr para Nova Iorque sempre que tivéssemos um caso. Na verdade, ele citou estes incidentes — excluindo as trocas de telegramas, que não mencionou — como base para me acusar de o ter propositadamente excluído da participação nos negócios do comité.

Um incidente de carácter diferente surgiu no nosso primeiro caso. Tínhamos sentado duas vezes; Carrington, Prince e eu estávamos convencidos de que a mediunidade era fraudulenta, e que o nosso único problema residia na engenharia de uma exposição dramática e convincente. Fizemo-lo (Scientific American, julho de 1923), usando equipamento elétrico projetado por Lescarboura e por mim. Houdini não se preocupou em assistir às duas primeiras sessões, nas quais tinham sido feitas as importantes observações preliminares. Mas descobrindo que os jornais nos estavam a dar grande espaço, assistiu à terceira. Não contribuiu para o nosso sucesso na condução do caso.

Um repórter do New York Times estava presente, e o seu jornal publicou o seu relato muito adequado dos procedimentos. Na sequência disto, e até à minha história completa de julho, não havia nada a dizer. No entanto, dois dias depois, o Times publicou uma longa entrevista com Houdini, recontando a história numa forma modificada calculada para localizar nele grande parte do crédito pela deteção da fraude, e cheia de abusos pessoais injustificados contra o médium.

O Times nunca me mentiu, embora tenha tido extensas relações com este jornal. O editor de cidade disse-me que Houdini tinha pedido um repórter, dado a história como impressa, e aos

protestos do seu gabinete de que não era nova e não era sua história para divulgar, respondeu que o World a publicaria se o Times não o fizesse. Houdini negou isto, alegando que a entrevista e a sua história tinham sido inventadas no gabinete do Times; mas mostrando pela sua defesa que entendia a impropriedade que tinha sido cometida. O facto era que o Times só podia considerar a história como encerrada, e não a reabriria de bom grado.

Quando o caso Margery surgiu, Houdini não foi, claro, nomeado para o subcomité, que faria todo o seu trabalho em Boston. Surgindo uma situação em que o subcomité precisava de mais pessoal, Carrington foi designado para esta função porque estava mais livre para a assumir do que Prince ou Houdini; e passou grande parte do verão em Boston. Em maio, Prince estava em Boston por outros negócios e assistiu a três sessões por convite do subcomité. Existia então a situação de que Houdini era o único membro do comité pleno que não tinha visto a mediunidade. Temia-se que, se esta situação continuasse, ele se ressentisse, embora, claro, não tivesse direito a fazê-lo ou a exigir qualquer parte no caso até que o subcomité optasse por relatar sobre ele. Mas, como questão de diplomacia, ele foi informado do caso e convidado a observá-lo.

Houdini explodiu imediatamente. Com que direito eu presumia permitir que o comité funcionasse na sua ausência? A sua mente fixou-se na ideia de que tinha sido deliberadamente excluído enquanto se tentava comprometer uma maioria de trabalho dos juízes com um veredito favorável. A impossibilidade de resolver o caso sem o trazer perante o comité pleno não significava nada para ele; nem a honestidade e capacidade dos seus colegas.

Aparentemente, também não os factos; pois embora até esta data apenas um dos seus quatro colegas esteja preparado para

fazer uma declaração definitiva de autenticidade, embora o caso ainda estivesse nas mãos do subcomité se Houdini não o tivesse arrastado para fora, ele insiste persistentemente, por escrito e da plataforma, que o prémio estava prestes a ser atribuído a Margery quando ele interveio.

Como consequência principal desta primeira ideia, Houdini formou outra. Os seus colegas tinham sentado, e resmungado, e resmungado, e sentado, durante três meses, como ele via, sem encontrar qualquer fraude. Ele interviria agora, localizaria em duas sessões o engano que lhes tinha escapado durante cinquenta, e com um gesto magnífico salvaria o comité, a Scientific American e os $2.500. Anunciou este programa em voz alta antecipadamente; e continua a anunciá-lo em voz alta como constituindo a história do que aconteceu.

Houdini tem mais de cinquenta anos; e enfrenta a necessidade de construir algo novo para se manter entre as primeiras figuras da sua profissão quando, como inevitavelmente acontecerá, já não tiver os recursos físicos para os seus cansativos truques de fuga. Ao construir uma nova personalidade de palco como expositor de médiuns, deve comportar-se em relação a todos os médiuns como se comportou em relação a Margery. Deve assumir antecipadamente que os fenómenos são fraudulentos, deve, a todo o custo, fazê-los parecer assim, deve de todas as formas transmitir a ideia de que é o autor das exposições mediúnicas, «mau remédio» infalível para médiuns.

Ficou combinado que Houdini se sentaria com Margery em 23 e 24 de julho. As suas alegações de desonestidade e incompetência contra os seus colegas, a sua suposição explícita de que os fenómenos das sessões de Margery envolviam necessariamente fraude, levaram-me a uma conferência com o Sr. Orson D. Munn, proprietário da Scientific American. Chegámos ao que esperávamos que pudesse ser uma solução para este

desenvolvimento muito delicado. Munn, o potencial pagador dos $2.500, pensámos que seria provavelmente uma pessoa cuja boa-fé Houdini se sentiria obrigado a conceder. Portanto, embora não tivesse ligação com o comité e só pudesse assistir às sessões como seu convidado, concordámos que devia sentar-se quando Houdini se sentasse, num esforço para o manter de bom comportamento. A necessidade de tal passo será aparente quando eu disser que Houdini tinha agora abandonado abertamente toda a pretensão de consideração judicial.

Tudo o que tinha sido relatado das sessões anteriores era, aos seus olhos, necessariamente o resultado de fraude mediúnica, de registo falso por parte do comité, ou mais provavelmente de ambos. Os fenómenos deviam ser inválidos porque não podiam possivelmente ser válidos. Ele supunha que eu, pelo menos, tinha juízo suficiente para saber, mesmo onde não era suficientemente esperto para apanhar o médium eu próprio, que todas as manifestações em sala de sessões eram fraudulentas. E assim por diante, ad nauseam. Deixou absolutamente claro que estava irremediavelmente comprometido, antecipadamente, contra toda a possibilidade de autenticidade, com a mediunidade em geral como com qualquer médium em particular. A sua presença num órgão de investigação imparcial era ao mesmo tempo uma grande impropriedade e um grave erro.

Em 23 de julho, sentámo-nos na Lime Street, para Houdini ver estas instalações. Ele rapidamente percebeu e admitiu que não havia nada de «errado» com elas. Comstock foi mantido afastado desta sessão por outros negócios, e na sua ausência nunca foi costume usar o ditafone. Fui, portanto, encarregado da tarefa de redigir, no final, uma declaração, que todos os outros deveriam assinar antes de sair da casa. Como era de esperar e como era apropriado, a modificação do meu primeiro rascunho foi necessária antes de todos estarem prontos para o aceitar. Como não era de esperar e como era altamente impróprio, Houdini

apareceu no dia seguinte com mais pedidos de modificação. Com o consentimento de F. H., estes foram atendidos; e é o registo assim modificado que apresento:

23 de julho; sessão no escuro. Círculo: Margery, F. H., Conant, Munn, Houdini; Bird no controlo da ligação, mais ninguém presente. Durante a primeira parte da sessão, nada foi observado exceto o assobio e os sussurros de Walter. A seguir, Houdini foi tocado várias vezes no interior da perna direita. Não o anunciou, mas Walter fê-lo por ele, especificando o local tocado. A primeira vez, o próprio Houdini não tinha a certeza, pensando que poderia ter sido a mesa; as outras vezes confirmou o que Walter disse. Primeiro intervalo a pedido de Walter para remover a caixa de contacto de Bird da posição no armário à esquerda de Margery, para um novo lugar à frente de Houdini. Sem ação no período seguinte. Segundo intervalo, quando Walter pediu para colocar a placa iluminada na tábua de contacto. Bird deixou o seu posto para a ir buscar, mas não a conseguiu encontrar. Na sua ausência, Walter pediu subitamente controlo. Walter anunciou agora que o megafone estava no ar, e perguntou a Houdini onde o devia atirar (no julgamento de Bird, ele não falou através dele). Em direção a Houdini, foi-lhe dito; e ele fê-lo. Depois instruiu Bird a colocar-se na porta; e quase antes de Bird poder cumprir, o armário foi atirado violentamente de costas, sem preâmbulos; a cadeira de Margery empurrada para a frente, como é habitual quando isto acontece. Terceiro intervalo causado pelo rearranjo do armário, com luz vermelha para o efeito.

A placa iluminada foi retirada aqui e colocada sobre a tábua de contacto. Depois de ter estado nesta posição durante algum tempo, com o eixo longo do dispositivo de contacto atravessado à frente de Houdini, Walter pediu que fosse virado para que o eixo longo ficasse afastado de Houdini. Com a placa primeiro numa posição e depois na outra, alguns dos assistentes (ocasionalmente todos eles) observaram movimento da placa. Alguns movimentos

pequenos e duvidosos, alguns inequívocos. Houdini, no melhor lugar para observação, relatou elevações e descidas, oscilações, movimentos para trás e para a frente. Por fim, torceu-se num ângulo. Um movimento destacou-se acima de todos os outros, com a placa a subir ligeiramente numa extremidade e pelo menos oito polegadas na outra, e a permanecer por um instante num ângulo estimado por Bird como talvez sessenta graus.

Quarto intervalo causado pela exigência de Walter de que a mesa fosse removida do espaço central. Feito com luz vermelha. Os movimentos da placa continuaram, e finalmente a tábua de contacto tocou vários toques curtos e um longo.

Controlo, em geral: a mão direita de F. H. na mão esquerda de Conant. O pé direito de F. H. em contacto com o esquerdo de Conant, de forma não especificamente descrita. A mão esquerda de F. H. e a mão direita de Margery unidas pela mão de Bird — por vezes a direita, por vezes a esquerda. Por vezes com dedos paralelos como de costume, por vezes um pulso mais dedos da outra mão. O pé esquerdo de F. H. e o pé direito de Margery pelo pé esquerdo de Bird, com o sapato fora, o pé no chão, plano, com o pé de F. H. em contacto de um lado e o de Margery do outro; de tempos a tempos, Bird explorava com este pé ou com a mão livre, para verificar que estes pés estavam ligados às suas respetivas pernas.

Ao controlar a ligação das mãos com a mão direita, Bird usava a mão esquerda livremente para controlar o pé de Margery; parte do tempo agarrando o seu tornozelo e parte do tempo com a mão sobre o seu joelho. Nesses momentos, o seu pé mantinha o controlo do pé de F. H., cruzando por cima do peito do pé e descansando no chão do outro lado do pé de F. H. A mão esquerda de Margery pela direita de Houdini. O pé esquerdo de Margery descansando tornozelo com tornozelo com o direito de Houdini, o dele à frente (fora) do dela, de modo que o dele estava

entre o dela e o lugar à frente de Houdini onde a caixa de contacto acabou por repousar.

Durante o primeiro intervalo, Houdini moveu a caixa com uma mão, mantendo o controlo da mão de Margery colocando-a sobre o seu joelho. Outro controlo inalterado.

Durante o segundo intervalo, não houve tentativa de preencher a lacuna de controlo deixada pela ausência de Bird, até Walter pedir controlo. Para responder a esta exigência, Conant tomou ambas as mãos de F. H. na sua esquerda, e de alguma forma indefinida fez contacto com os pés com ambos os pés de F. H. Houdini tomou ambas as mãos de Margery na sua esquerda, manteve um pé como antes, com o seu pé direito livre (apenas durante este curto período). Ao tomar as duas mãos, explorou cada braço até ao ombro para assegurar que eram as suas duas mãos.

Sem observações particulares sobre o controlo durante o resto da sessão. O controlo foi, claro, interrompido momentaneamente durante o terceiro e quarto intervalos, mas exceto por estas interrupções, foi como descrito no cabeçalho geral acima.

A Victrola abrandou fortemente duas vezes e parou completamente uma vez. Quando parou, Bird deixou o seu posto para a ligar, deixando um intervalo em que nada ocorreu, e em que o controlo estava incompleto. F. H. atendeu uma vez ao telefone. Bird voltou ao seu lugar no círculo sem interrupção no controlo.

(Assinado) Houdini,
(Assinado) J. Malcolm Bird,
(Assinado) O. D. Munn.

A um episódio não registado devo dar espaço. Escusado será dizer que controlo sempre a junção entre F. H. e Margery com uma mão, deixando a outra livre para uso adicional. Uma coisa que muitas vezes fiz com esta mão foi explorar, quando a luz era pedida, em busca de movimentos de Margery que pudessem ser interpretados como ocultação de artigos de contrabando ou alívio de uma posição culpada em antecipação da visibilidade iminente. Nessas ocasiões, a luz, quando chegava, era apta a apanhar a minha mão ainda em movimento. Quando isto ocorreu na presente ocasião, o olho de Houdini registou o facto.

Ele explodiu imediatamente. Porque não tinha sido informado de que eu tinha uma mão livre? Disse-lhe que, se não tinha sido assim informado, o seu senso comum poderia tê-lo informado. Não se apaziguou, mas denunciou o acordo que me deixava com uma mão livre. Aliás, fez, primeiro e último, quatro afirmações mutuamente contraditórias sobre onde estava a minha mão e o que estava a fazer quando a vislumbrou pela primeira vez na luz nascente.

Se ele estava disposto a suspeitar de mim, foi grosseiramente negligente ao não estabelecer, desde o início, onde estavam as minhas mãos. A partir disto e do facto de ele não ter apresentado qualquer objeção à minha presença na junção, concluí ou que as suas suspeitas eram um *bluff* ou que ele desejava que eu tivesse mão livre. Se tomarmos os seus protestos pelo seu valor facial, ele faz de uma picada um monte.

Onde eu estava sentado, as únicas pessoas que podiam testemunhar sobre as minhas mãos ou tentar o seu controlo eram Margery e F. H. Não vejo como é que Houdini ficaria em melhor situação ao confiar na declaração deles de que as minhas mãos estavam ocupadas, do que ficaria ao dar como certo que estavam ou ao observar, como observou, que uma delas não estava.

A minha impressão de que toda aquela agitação era uma cortina de fumaça aprofundou-se quando soube que Houdini e Munn tinham soltado as mãos um do outro durante as partes escuras da sessão. Considero o círculo como um fator subjetivo, apenas tão necessário quanto a médium acredita que seja; por isso, não tenho qualquer queixa contra a sua rutura. Considero isto uma medida legítima de investigação. Mas queixo-me, sim, quando Houdini se opõe a que eu tenha *uma mão livre*, abertamente, enquanto ele próprio tem *uma mão livre*, secretamente.

Terminada a sessão e corrigido e assinado o registo, carreguei Houdini, Munn e Conant no meu carro e parti em direção ao hotel. Estacionámos na Beacon Street enquanto realizávamos uma autópsia do sucedido. Houdini abriu os trabalhos:

"Bem, meus senhores, apanhei-a. Tudo fraude — cada pedaço disso. Mais uma sessão e estarei pronto para expor tudo. Mas há uma coisa que me instiga — não vejo como é que ela fez aquele truque do megafone."

Expliquei como outros membros da comissão, como hipótese de trabalho para cobrir isto, tinham imaginado o megafone no ombro dela enquanto se supunha estar no ar, e enquanto a voz do "megafone" vinha por imitação da sua boca. Não podia estar no seu colo, observei; isto estava demasiado exposto à exploração. Também não podia estar no seu ombro, observou Houdini; ele tinha explorado isso na presente ocasião.

De seguida, uma expressão de alívio e triunfo espalhou-se pelo seu rosto. Embora admitindo que não tinha feito qualquer busca ali, afirmou como facto que o megafone tinha estado na cabeça dela durante os momentos críticos. O raciocínio aqui é simples. O megafone não pode estar no ar; tem de estar em algum lado; não está em mais lado nenhum; tem de estar na cabeça dela. Logo, está na cabeça dela. Q. E. D.

Para quê dar ao trabalho de procurar lá por ele?

A sessão de 24 de julho realizou-se no apartamento de Comstock, à porta fechada. Foi gravada dictafonicamente por Comstock, e as assinaturas foram obtidas após a transcrição.

O registo é o seguinte:

Sessão realizada na Beacon Street, n.º 538, Boston, a 24 de julho de 1924, às 20h40.

Ordem da sessão: Margery, à sua esquerda Houdini, à esquerda deste Munn, a seguir Conant, a seguir F. H., a seguir Bird, e depois Margery novamente. Bird não está no círculo, mas controla a ligação F. H.-Margery.

Do lado de fora do círculo, a Miss Wood e Comstock.

Mais ninguém na sala.

A sessão começou às 20h45.

A pedido de Walter, as luzes foram acesas, a nova mesa com o tampo rebaixável* removida, e uma mesa de jogo com a caixa de contacto trancada sobre ela e outros utensílios mais familiares foram colocados no seu lugar. Quando as luzes foram apagadas novamente, a hora era 20h51.

21h00. Bird diz que a asa do lado direito do gabinete se moveu uma ou duas polegadas para dentro, em direção a Margery. Houdini diz que algo lhe tocou no joelho direito. Ao mesmo tempo, a observação de Walter foi: “Ha, ha, Houdini.”

Bird diz que o megafone acabou de se mover um pouco no chão.

21h02. Megafone moveu-se e o gabinete tremeu, diz Bird. O gabinete abriu-se amplamente à direita.

Em relação aos controlos, Houdini diz que durante o tempo em que foi tocado no joelho, e durante algum tempo antes e depois, esteve a segurar a mão esquerda de Margery com a sua mão direita, e o seu pé direito e a parte inferior da perna estão contra o pé esquerdo e a parte inferior da perna dela. Ao mesmo tempo, Bird tinha um aperto firme nas mãos de Margery-F. H. com a sua mão esquerda, e o seu pé estava originalmente em frente ao de Margery, em contacto com o dedo do pé dela. Após o primeiro movimento do megafone, ele mudou o seu pé e colocou-o atrás do dela, em contacto com o pé dela, entre o pé dela e o megafone, estando o megafone originalmente no chão, à direita de Margery. Conant diz que desde o início tem tido o pé direito, a parte inferior da perna e a mão direita de F. H.

21h05. Houdini diz que sente o gabinete a mover-se contra o seu braço direito. Ele tem o controlo conforme ditado anteriormente. Movimento correspondente relatado por Bird da sua asa. Ele tem os controlos conforme ditado anteriormente, incluindo o pé esquerdo de F. H.

21h10. Reparámos subitamente que a Victrola tinha parado. Comstock saiu para a arranjar e pô-la a funcionar novamente. Walter diz: “Não fui eu que a parei.”

21h14. Houdini diz que o gabinete está a tremer e a oscilar.

21h15. Victrola parou novamente. Walter também nega ter parado a Victrola pela segunda vez.

21h18. Bird diz que o megafone está a deslizar pelo chão.

Controlos: Houdini, O. K.; Bird, O. K.; Conant, O. K.; O. K. significa conforme ditado anteriormente.

21h21. Bird relata um movimento brusco do gabinete. Todos os três controlos O. K., como descrito anteriormente.

* *Ver página 399.*

21h23. Bird diz que investigou a distância do cotovelo de Margery ao gabinete e verificou que era de oito polegadas a um pé.

21h25. Bird diz que há algumas pancadas que parecem estar ligadas de alguma forma com a cadeira de Margery. Diz que tem o controlo de todos os dedos dela, bem como da sua mão em geral deste lado. As pancadas continuam, diz ele. Walter diz: "É muito simples, é simplesmente o gabinete a bater no braço da cadeira."

21h29. Bird diz que o gabinete se está a aproximar dele por trás e está agora em contacto com ele. Controlos todos relatados como perfeitos.

21h34. Houdini diz que o gabinete, o lado dele, se afastou alguma distância dele, e Bird diz que o lado dele se aproximou mais dele. Os controlos foram mantidos como anteriormente, ou seja, as mãos e os pés de Margery e de F. H. estão todos controlados.

21h36. Bird diz que o gabinete se está a dobrar para dentro, em direção a Margery, significativamente. A asa de Bird está agora entre Bird e Margery.

21h39. Comstock acabou de ir fixar com alfinetes as cortinas ao longo da porta para o corredor, para que uma luz ténue do corredor não entrasse [através da fenda entre as portas de correr]. O gabinete moveu-se tanto que, na sua posição atual, nem Houdini nem Bird o conseguiram localizar pelo seu método habitual. Todos os controlos O. K.

21h40. Pelos sons, deduzimos que o gabinete ainda se está a mover.

21h44. Bird diz que a mesa se está a mover bastante.

21h48. Conant diz que há uma ligeira pressão da mesa na sua perna. Pressão contínua. Um momento depois, moveu-se várias polegadas para longe dele. Conant e Munn dizem que a mesa saiu das pernas em certa medida e voltou à posição original. Todos os controlos O. K. O controlo de Bird é substancialmente como anteriormente; há uma ligeira diferença, no entanto; nomeadamente, que o seu pé está em cima do de Margery, em vez de estar ao lado dele.

21h50. Houdini diz que a mesa se está a inclinar sobre ele. Neste momento está reclinada contra ele, isto é, está sobre duas pernas. Bird foi tocado por algo que parecia uma pena a acariciar para cima e para baixo o seu dedo mindinho. Passou do seu dedo para baixo pela sua perna. Houdini verifica que a mesa está sobre duas pernas reclinada contra ele.

21h52. Bird tocado no joelho.

21h52½. Houve um som razoavelmente alto da mesa. Houdini diz que a mesa voltou a cair sobre as quatro pernas.

21h53. Outro som da mesa, como se tivesse sido erguida de duas pernas e deixada cair de novo no chão. Munn diz que sentiu esta ação da mesa.

21h54. Por sugestão de Walter, o círculo foi um pouco alargado para dar mais espaço.

21h55. A mesa está a ser virada, diz Munn. A caixa caiu da mesa para o chão. Isto foi às 21h56. No instante em que a mesa se virou, Houdini, Bird e Conant relatam todos que todos os seus controlos eram perfeitos, como descrito anteriormente. O pé de Bird ainda em cima do de Margery.

21h57. Munn diz que a mesa se está a mover. Houdini diz que pensa que a mesa está agora de lado, isto é, com as pernas na horizontal.

22h03. Por sugestão de Walter, acendemos as luzes durante dez segundos e olhámos em redor. A mesa estava, no geral, da forma como tinha sido descrita no escuro, ou seja, estava inclinada para cima do lado de Margery. O gabinete parecia muito menor e tinha sido movido para trás. Pelo olhar rápido que deitámos, parecia que tinha sido todo dobrado.

22h07. Por sugestão de Walter, a mesa foi retirada do círculo, a caixa de contacto (trancada) foi colocada entre os pés de Houdini, os controlos foram todos inspecionados cuidadosamente e as luzes foram apagadas às 22h10.

22h12. O aparelho de contacto tocou subitamente, com todos a relatarem um controlo perfeito. O contacto tocou várias vezes. Controlo conforme anunciado originalmente. Walter, um momento depois, disse a Munn para se endireitar. Munn diz que no momento estava inclinado.

22h20. Bird acaba de mudar o seu controlo de pé. Ele tem agora Margery tornozelo com tornozelo, com o seu pé além do dela, entre o dela e a caixa.

22h24. A pedido de Walter, acendemos a luz durante cinco segundos.

22h27. A pedido de Walter, a luz vermelha foi acesa durante cinco segundos.

22h30. O aparelho de contacto tocou uma badalada longa. Todos os controlos relatados como perfeitos, como anteriormente. Meio minuto depois, outro toque. Ele perguntou então a Munn quantas vezes deveria tocar. Munn disse cinco. Ele tocou então uma, duas, três, quatro, cinco. Disse depois "Boa noite." Acendemos a luz para examinar posições e controlos, etc.

Conant e Munn saíram do círculo a fim de dar lugar a uma fotografia a ser tirada do controlo Houdini-

Margery-Bird. Para fazer isto, é evidente que o controlo do lado direito de F. H. teve de ser sacrificado para a fotografia. Como declarado, no entanto, este controlo foi mantido na altura da sessão.

Após a sessão, examinámos o gabinete. Verificámos que ambas as partes estavam dobradas juntas com esmero, de modo que toda a estrutura tinha talvez apenas quatro pés de largura e estava bastante plana. Estava mais ou menos simetricamente atrás da cadeira de Margery a escassas polegadas.

(Assinado) D. F. Comstock,
(Assinado) R. W. Conant,
(Assinado) G. F. Wood,
(Assinado) J. Malcolm Bird.

Fica entendido e especificado por Houdini e Munn que, no caso de publicação deste documento, ele será publicado *apenas na íntegra*, e que nenhuns resumos, citações, etc., dele deverão aparecer isoladamente.

Tudo o que antecede e que ficou dentro da minha observação pessoal está correto.

(Assinado) Orson D. Munn,
(Assinado) Houdini.

Imediatamente antes da sessão, revista minuciosamente Margery. Ela retirou a maior parte das suas roupas, e eu examinei-a a ela e às roupas com cuidado. Ela vestiu um vestido de linho verde largo para a sala de sessões, e eu examinei-o cuidadosamente antes de ela o vestir. Ela também retirou os sapatos, e eu examinei os seus pés e sapatos com cuidado. De seguida, ela voltou a calçar os sapatos. Também soltou o cabelo, o qual eu revistei.

A revista foi realizada à luz, e depois também a revistei no escuro à procura de manchas luminosas de qualquer descrição. Nenhuma mancha desse tipo foi vista.

(Assinado) G. F. Wood.

No final desta sessão, Houdini, Munn, Comstock e eu retiramo-nos para outra sala, e Houdini expôs a sua posição. Ele declarou, e Munn confirmou, que durante a sessão tinha sussurrado a Munn que a “tinha apanhado”, e tinha perguntado se devia expô-la agora. Munn não tinha qualquer autoridade na sala a não ser como convidado, e certamente não podia assumir a responsabilidade de autorizar qualquer ação da comissão, individual ou coletiva.

Houdini devia saber que ele próprio era o único responsável pelas suas próprias ações; que a sua oferta a Munn era segura, quaisquer que fossem os factos físicos do momento.

Houdini deu como certo que haveria uma rápida investida sobre Nova Iorque e uma inflamada exposição nos jornais. Isto teve de ser vetado de forma muito diplomática e sem ênfase nas fraquezas da posição de Houdini; pois havia sempre a perspetiva de ele avançar com a exposição por sua própria iniciativa. Foi, de facto, apenas com dificuldade que ele foi impedido de rentabilizar imediatamente, dessa forma, a sua ligação ao caso através dos títulos dos jornais. A alegação de que tinha encontrado em duas sessões a fraude que tinha desconcertado todos os outros durante cinquenta anos era algo que Houdini conseguiu manter temporariamente dentro de si apenas com uma contenção prodigiosa.

A posição tornou-se duplamente difícil por causa de um contrato de *vaudeville* de uma semana que ele tinha em Boston, a começar a 8 de setembro. Ele sentia que a sua dignidade como expositor infalível de médiuns exigia que estivesse publicamente registado contra Margery antes dessa data. Ele só sossegou com a promessa de mais sessões e uma tentativa de decisão final da comissão em agosto.

Devemos agora considerar as alegações de Houdini contra as duas sessões registadas acima. Temos estas em registo; ele expô-las num folheto escandaloso com uma capa cor-de-rosa. Apresento a folha de rosto aos meus leitores em fac-símile, para que possam julgar se a sua história é sobre Margery ou sobre Houdini.

A caixa da campainha ele alega ter sido tocada pelo uso clandestino do pé dela. Este pé estava sob o seu controlo constante. Ele afirma: “Podia sentir claramente o tornozelo dela a

deslizar lenta e espasmodicamente enquanto se pressionava contra o meu, enquanto ela ganhava espaço para erguer o pé do chão e tocar no topo da caixa. . . . Quando ela finalmente manobrou o pé até um ponto onde podia alcançar o topo da caixa, o toque da campainha começou; e eu podia sentir positivamente os tendões da perna dela a fletirem e a contraírem-se enquanto ela tocava repetidamente no aparelho de toque."

Ofereço em refutação a fotografia tirada no final da sessão. O pé esquerdo de Houdini foi movido para permitir que a caixa apareça; a situação, de resto, é como esteve ao longo de toda a sessão. Um estudo desta imagem indicará por que razão Houdini emprega uma linguagem tão vaga sobre "ganhar espaço". Se ele tentasse dizer-nos onde e como ela o ganhou, ficaria sem saber o que responder. Deixo ao leitor a tarefa de estimar o grau de conivência que seria necessário da parte de Houdini antes que o pé de Margery pudesse pisar aquele pedal de contacto, e a probabilidade de ela correr riscos tão loucos com o pé que ele estava a controlar.

Além disso, uma leitura atenta da página 416 mostrará que, numa ocasião, o processo lento e minucioso de chicanice descrito por Houdini teve apenas dois minutos para levar o pé de Margery de uma posição de visível inocência para uma na qual a campainha pudesse ser tocada; e que, mais tarde, o mesmo ciclo é alegado como tendo sido concluído em três minutos!

Mas o panfletário não deixa o seu caso sofrer por falta de imagens convincentes. Sendo a fotografia inadequada para as suas necessidades, ele fez um desenho próprio. Este também o reproduzo, para que o leitor possa ver até que ponto se afasta das posições reais e das proporções reais.

Quando o primeiro argumento de Houdini falha, ele está pronto com outro, e outro, e ainda outro. Estes contradizem-se

amplamente entre si, naturalmente, e deixam um leitor criterioso com a sensação de que o seu autor não pode ter muita confiança em nenhum deles. À primeira vista, também, são meras especulações, uma vez que Houdini não alega que qualquer uma das formas adicionais de fazer tocar a campainha tenha sido praticada na sua presença.

De todas as explicações alternativas, aquelas que ele expõe no seu panfleto cor-de-rosa contradizem factos marcantes do caso e, na sua maioria, já tinham ocorrido a Carrington e a mim, e tinham sido descartadas pela nossa consideração. Aquelas que Houdini exibe no palco envolvem o uso de uma caixa de campainha que, se o questionarmos com habilidade suficiente, ele admitirá ser tão diferente da de Margery que não se atreve a deixar que seja examinada.

O desempenho do gabinete e do megafone de 23 de julho Houdini explica adequadamente. A sequência que ele retrata poderia ter ocorrido nessa noite; mas ele deve, naturalmente, apresentar uma mera hipótese de trabalho em vez de uma acusação direta, uma vez que não pretende nada mais do que a inferência de que, dado que poderia ter sido feito assim, foi feito assim. A ideia é que Margery me mandou sair para se livrar do meu controlo — por que razão não consigo imaginar, pois noutro lugar eu sou o cúmplice! Depois, após a mão dela ter deixado a minha e antes de alcançar a dele, que ela colocou o gabinete no seu pé e o megafone na sua cabeça. Depois, restabelecido o controlo da mão, mas não do pé, que ela atirou o trompete contra ele e, com um grande impulso do pé, derrubou o gabinete.

Esta possibilidade física existe — mas unicamente devido à negligência de Houdini. Quando voltei, estendi a mão e tirei a mão dela da dele, de modo que nunca esteve livre; por que razão não fez ele o mesmo quando eu saí? Por que razão não tomou ele o pé dela de todo, quando eu saí ou quando Walter pediu

controlo? Se ele não quiser controlar, Margery não o pode obrigar. E se ele não quiser controlar, ela nunca será capaz de provar a sua autenticidade na presença dele.

Ao truque que acabo de delinear, Houdini chama "o estratagema mais astuto" que alguma vez detetou. Diz que só ele podia detetá-lo e que o detetou. Os registos de Carrington-Keating do início de julho mostram que, embora as interrupções no controlo nessa altura fossem no geral mais breves e menos óbvias, este estratagema apresentava uma possibilidade que eles viram imediatamente. Eles não ficaram satisfeitos até terem tomado medidas para a descartar; isto foi algo que Houdini não se deu ao trabalho de fazer — algo, talvez, que ele não queria fazer.

Ele adicionou o truque ao seu próprio repertório de palco; por isso, talvez possamos considerar que Margery lhe ensinou alguma coisa. Mas ele venda os seus sujeitos, para os colocar no escuro, e permanece ele próprio em plena luz, de modo que é fácil para ele encontrar o gabinete e o megafone e esquivar-se da mão e do braço livres do sujeito. Margery, se o fizesse assim, estaria no escuro tanto quanto os seus ingénuos. Mas não se espera que as "exposições" de Houdini dupliquem as condições da médium!

Para a levitação da mesa de 24 de julho, Houdini tem uma explicação que pode ser rebatida citando factos adversos. Ele diz que Margery fez isto com a cabeça; diz que tateou por baixo da mesa com a sua mão livre e encontrou lá a cabeça dela. Desafio-o quanto a isto. Durante toda a levitação da mesa, a minha mão livre esteve ou no ombro de Margery ou no colo dela; se Houdini estava a ouvir, poderá recordar-se da conversa entre ela e mim que assinalou a mudança de um local para o outro. Durante toda esta levitação, a mão livre de Munn esteve debaixo da mesa, da mesma forma à procura de provas incriminatórias — e não encontrando nenhuma.

Estas observações feitas por Munn e por mim sofrem por não constarem do registo. Mas aqui situam-se em melhor posição do que as próprias alegações de Houdini. Não há desculpa possível para falhar o registo, no momento, de uma alegação positiva de fraude detetada. As minhas observações e as de Munn, por outro lado, eram de tipo negativo. Não se pode manter uma conversa contínua durante a sessão, especificando as várias fraudes nas quais não se está, a cada instante, a apanhar a médium. Deve-se julgar se as observações de rotina, negativas, da sua passividade são pertinentes para registo; e por vezes é inevitável errar aqui — especialmente se as alegações que as observações de alguém iriam refutar têm de ser mantidas em segredo até que o registo esteja concluído!

Numa determinada fase desta sessão, as mãos livres de Houdini e de Munn tocaram-se. O contacto durou apenas um momento e nenhum dos dois disse nada — Munn reconheceu o contacto pelo que era e Houdini, por uma questão de política, não o mencionaria senão mais tarde. Ele mencionou-o mais tarde, como prova de fraude contra Margery; e Munn teve de o informar sobre qual era o facto real.

Assim, temos o quadro perfeitamente soberbo do superdetetive da sala de sessões: incapaz de distinguir a diferença entre uma mão masculina grande, endurecida pelo desporto, e uma mão feminina bem cuidada de tamanho moderado; incapaz de reconhecer que a mão que encontra com a sua esquerda não é o par daquela que segura na sua direita; incapaz de julgar se uma mão que se cruza com a sua está ligada a um pulso à sua esquerda próxima ou à sua extrema direita!

O episódio do gabinete desta data, Houdini admite que a própria Margery não o poderia ter arquitetado. Leva isto a que ele considere a possibilidade de autenticidade? De todo; apenas o leva a perguntar-se quem mais o fez; e, tendo encontrado uma

pessoa que ele imagina que o poderia ter feito, a acusar essa pessoa de o ter feito. Ele avança a única alegação que considera apresentar uma possibilidade física: a de que eu manipulei o gabinete. Mais ninguém, admite ele, o poderia ter feito; logo, devo ter sido eu a fazê-lo. Os públicos das minhas conferências parecem concordar comigo em como Houdini dá aqui o apoio mais forte à validade desta manifestação. Espero que os meus leitores façam a mesma avaliação entre ele e mim.

Hesito em contestar esta acusação em fundamentos físicos. Ao não apresentar objeções prévias à minha presença no ponto de controlo mais crítico da sala, Houdini fica impedido de, posteriormente, alegar fraude da minha parte como explicação para algo que ele não acreditava que pudesse acontecer, mas que aconteceu.

Mas devo insistir num ponto físico. A continuidade dos meus relatos de controlo e do movimento do gabinete foi ainda maior do que o registo mostraria. Se não fossem suficientes para indicar a minha presença contínua no meu posto, estes relatos estabeleceriam certamente a minha presença ali durante os períodos mais críticos de perturbação do gabinete! E se Houdini alega que eu poderia manusear aquele gabinete como ele foi manuseado, no escuro, sem deixar o meu assento por um período considerável — bem, ele lisonjeia-me, mas de uma forma que receio não poder aceitar.

Permitam-me agora avançar uma hipótese de trabalho. Esta seria, primeiro, que no dia vinte e três, Houdini se absteve deliberadamente de um controlo adequado, para preparar o seu caminho de saída da admissão de autenticidade. Segundo, que além desta alegação contra si próprio, ele pretendia fazer outras acusações contra Margery ou outros, conforme pudesse considerar necessário.

Terceiro, que ao aperceber-se da minha mão livre, a sua reação foi de medo de que eu descobrisse algo contraditório com as suas alegações. Quarto, que mais tarde se apercebeu de como poderia pendurar o seu caso nessa mão livre; daí ter-se abstido de dizer qualquer coisa antes da segunda sessão que pudesse levar a arranjos alterados.

Tal hipótese encaixa em todos os factos. A menos que acusemos Houdini de uma negligência não intencional crassa que não seria sua diante de fenómenos possivelmente autênticos, não consigo conceber outra teoria que faça isto. Como podemos reconhecer o seu comportamento como algo diferente de negligência estudada e deliberada? De que outra forma podemos motivar isto?

Resta uma pergunta embaraçosa, a atormentar Houdini desde estas sessões. Os registos cronologicamente relatam a ocorrência liberal de fenómenos; contêm a declaração direta de controlo perfeito, por ele como por outros; ostentam a sua assinatura. Como é que ele vai explicar isto?

Levado ao ponto em que não pode ignorar o facto, ele explica-o através de uma definição absurda. A única função do controlo, numa investigação honesta, é tornar a fraude impossível, para que qualquer coisa que ocorra seja carimbada de imediato como autêntica. Mas Houdini é de uma escola que olha através de óculos de outra cor. Os expoentes desta escola acham menos desejável prevenir a fraude na busca pelo autêntico, do que desencorajar ou negar o autêntico na busca pela fraude. Não leva esse “investigador” a lado nenhum prevenir a fraude. Se ele fizer isto, apenas duas coisas podem acontecer — nenhuma das quais ele quer! Ou terá uma sessão em branco ou terá fenómenos autênticos. O “investigador” deste tipo não é um cientista. É um jornalista ou um homem de espetáculo; quer ação, quer exposição e quer tudo de imediato.

Portanto, para ele, “controlo” significa antecipar a médium. Significa assumir que ela é uma fraude, aquiescer na fraude e segui-la até ao fim. Há circunstâncias, existindo fundamentos válidos para assumir a presença de fraude e existindo provisão para prova independente de que ela está lá, em que este procedimento é justificável. No presente caso, nenhuma das justificações aparece.

A ausência do primeiro pré-requisito para seguir o procedimento que Houdini segue é uma mera questão de ética e, claro, não o incomoda de todo. Mas a ausência do segundo é uma questão prática muito séria e embaraça-o enormemente — coloca-o, de facto, numa posição completamente ridícula. Pela própria natureza do caso, o rumo que ele seguiu não pode trazer um desfecho mais conclusivo do que uma questão de veracidade entre Houdini e Margery. “Fizeste!” “Não fiz!” “Fizeste!” “Não fiz!” Esperamos que crianças pequenas entrem num impasse como este, mas de homens adultos que assumem o papel de investigadores científicos esperamos algo melhor. Houdini coloca-se deliberadamente nesta posição absurda, onde não tem uma réstia de prova contra Margery.

Questionado pelo seu público no Symphony Hall de Boston sobre a razão pela qual não a expôs no local, ele tem de ignorar a pergunta — porque não há resposta! E ele arma-se em grande detetive da sala de sessões!

O primeiro a informar Houdini de que esta era a sua posição foi o próprio Munn. Ele passou por um mau bocado, também; pois Houdini estava nitidamente sob a impressão de que a sua palavra era melhor do que a de Margery, e queria debater o assunto com base nisso. Achava que bastava gritar-lhe do cimo dos telhados, e o incidente estaria encerrado; mas descobriu que tinha sobrestimado o seu próprio crédito e subestimado o dela.

Descobriu que nem mesmo os seus colegas de comissão concederiam o caráter definitivo da sua exposição, e que teria de voltar atrás e fazer tudo de novo, de uma forma diferente. Veremos como ele se saiu quando tentou isto.

CAPÍTULO XLIX
WALTER VS. HOUDINI

A segunda série de sessões com a presença de Houdini, para a qual o capítulo anterior aponta, estava agendada para 25, 26 e 27 de agosto. Algo das circunstâncias que a elas conduziram aparecerá no Capítulo L; aqui, apenas precisamos de declarar que seria feita uma tentativa de obter um veredito final pela comissão completa. Prince deveria, portanto, comparecer, bem como Comstock e Houdini; McDougall não pôde ser localizado e os trabalhos prosseguiram sem ele. Carrington tinha declarado a mediunidade autêntica e retirado de sessões ulteriores. Munn deveria comparecer mais uma vez, para exercer uma pequena pressão do exterior sobre a comissão, na direção do bom comportamento e do procedimento adequado.

Desejava-se ter um controlo mecânico ou automático de algum tipo, que funcionasse independentemente de qualquer falha por parte de qualquer assistente. Houdini apoiou esta ideia; e quando questionado se poderia fabricar um aparelho de controlo que deixasse Margery confortável e que, sob a sua garantia, prevenisse a fraude ao ponto de a fraude "não entrar de todo na discussão", deu uma resposta afirmativa pronta e categórica. Foi autorizado a prosseguir.

Recordando as alegações a posteriori que se tinham seguido às sessões de julho, F. H. elaborou uma forma de acordo a ser submetida a todos os presentes para assinatura. Vinculava-os à definição correta de controlo; e empenhava-os a inserir no registo todos os factos sobre os fenómenos ou as circunstâncias

envolventes que considerassem pertinentes. Não haveria mais autópsias do sucedido.

Como os Capítulos LI e LII tornarão claro, em sessões amigáveis os fenómenos estavam agora a emergir para a luz vermelha; por isso, F. H. sugeriu que as sessões críticas fossem realizadas sob estas condições. É uma matéria de experiência universal que o maior problema enfrentado pelo investigador psíquico é fazer com que o médium se sente numa luz decente. Aqui estava uma oferta espontânea para o fazer; só se poderia imaginar que a comissão agarrasse a oportunidade. Não foi assim. Houdini recusou-se absolutamente a sentar-se sem ser em escuridão total. Não deu qualquer razão para esta atitude extraordinária — não poderia, claro, ter nenhuma que se atrevesse a dar.

Como costume, eu ia para Boston no meu carro. Munn disse-me que o aparelho de controlo de Houdini era uma enorme gaiola na qual Margery seria encerrada; e instruiu-me a oferecer-me para transportar isto. Sabendo que eu planeava ir um ou dois dias de avanço, Houdini optou por considerar esta oferta como uma conspiração pela qual a sua gaiola à prova de fraude seria colocada à disposição de Margery para ela praticar, aprender o funcionamento e desenvolver a técnica de fraude. Decidi que havia algo de peculiar naquela gaiola "à prova de fraude".

F. H. visualizou o controlo mecânico como significando algemas ou cordas. Para garantir o conforto de Margery, estipulou que qualquer aparelho usado nela deveria também ser aplicado a Houdini. Houdini aceitou isto, mas trouxe apenas uma gaiola para Boston. Quando F. H. a viu, decidiu que podia abdicar do ponto. Num detalhe ele estava em erro; a gaiola estava inadequadamente ventilada. A comissão, como de costume, não tentou quaisquer observações termométricas; mas Margery estava sempre com calor na gaiola e transpirava sempre excessivamente dentro dela.

A gaiola está retratada, e só preciso de dizer que as tábuas de que era construída tinham cerca de uma polegada de espessura. Deveria estar no gabinete, com Margery dentro dela; os fenómenos deveriam ser produzidos, a ocorrerem, fora da gaiola. Orifícios nas partes laterais permitiam que as mãos de Margery saíssem; ou o círculo poderia ser omitido, esses orifícios tapados com tábuas e Margery confinada totalmente dentro da gaiola, exceto pela cabeça.

O uso de tal gaiola seria bastante legítimo, se não fossem retiradas conclusões demasiado amplas no caso de os fenómenos falharem. Uma explicação para tal falha seria que a fraude tinha sido prevenida; mas poderia igualmente ser que a gaiola tivesse prevenido fenómenos autênticos. A menos que, com Houdini, pretendamos negar sem mais a possibilidade de manifestações psíquicas, o uso desta gaiola envolve a suposição de que a força psíquica ou sai da cabeça da médium, ou é capaz de penetrar uma polegada de madeira. Esta é uma suposição muito gratuita, de facto; a possibilidade de que possa contrariar os factos deve ser sempre mantida em mente. A atitude de Margery foi a de que não sabia se a gaiola pararia os fenómenos, mas que estava disposta a tentar. Com o devido respeito pela probabilidade de que Houdini olharia para a falha como prova de fraude, F. H. fez da seguinte declaração parte do registo:

"A psíquica não se recusa a sentar-se na gaiola feita por Houdini para a comissão; mas faz a reserva de que não conhece precedente na investigação psíquica em que um médium tenha sido assim encerrado; e acredita que tal gaiola fechada dá pouca ou nenhuma consideração à teoria e experiência da estrutura ou mecanismo psíquico."

Prince nutria fortemente uma reserva semelhante; o teor geral das suas observações era o de que se supunha que a comissão

estivesse em busca de fenómenos psíquicos, não de milagres. Mas ele e os seus colegas prosseguiram com o uso da gaiola.

Collins, o assistente confidencial de Houdini, chegou a Boston com a gaiola na manhã do dia vinte e cinco, e montou-a no apartamento de Comstock, onde as sessões deveriam realizar-se. Ao longo dos três dias do seu uso, foi o centro do conflito. Os outros membros da comissão assumiram naturalmente que se deviam familiarizar com ela, e F. H. assumiu naturalmente que ela estava sujeita a exame em nome de Margery. O programa de Houdini não incluía lugar para estes itens.

Munn, tal como eu, tinha tido lidas com Houdini que o convenceram de que a gaiola possuía um truque de algum tipo; mas, tal como eu, não fazia ideia de qual era o truque, ou sequer em que direção apontava. Mas insistia continuamente com Comstock para que exigisse um exame da gaiola pela comissão; e Comstock, em reconhecimento das formas de controvérsia temíveis e sem escrúpulos de Houdini, estava sempre a adiar o momento fatal do conflito. Consequentemente, a questão só se colocou gradualmente; mas alcançou-se finalmente a fase em que exigências específicas dos seus colegas para o exame da gaiola foram recebidas com a recusa específica de Houdini em permitir o seu exame.

Se perguntarem por que razão eles não avançaram e a examinaram, só posso responder que tinham medo de Houdini. Quanto a ele, dentro e fora da sala de sessões, todo o seu comportamento revelava a ânsia de manter a gaiola fora de vista tanto quanto possível. Recusou-se mesmo a deixá-la no apartamento de Comstock de um dia para o outro, exigindo que Collins a transportasse de camioneta para a cave e a trancasse.

Como condição de controlo mecânico, F. H. especificou que Margery deveria ter uma sessão, rodeada apenas por amigos, e

usando o aparelho assim fornecido. A ideia era obter a garantia de Walter de que os dispositivos de controlo eram satisfatórios para ele, e a de Margery de que eram confortáveis para ela. Não era sua intenção que esta sessão se realizasse com membros da comissão por perto, mas ele foi manobrado para este procedimento por Houdini, que permaneceu na sala até Margery ter entrado na gaiola e as tampas terem sido fixadas. Depois retirou-se, e o círculo amigo sentou-se durante talvez meia hora, enquanto a comissão e todos os seus assistentes esperavam noutra sala. Walter apareceu, assobiou e falou, e disse que estava tudo O. K.; podiam deixar a cena para a comissão.

Manteve-se um registo contínuo, mas como nada foi produzido de caráter possivelmente psíquico além da voz de Walter, considero vantajoso tratar a sequência de acontecimentos de forma narrativa, usando o registo apenas como fonte. Pouco depois de a sessão formal da comissão ter começado, ouviu-se um ruído violento; ao acender a luz, verificou-se que toda a parte superior da gaiola de Margery estava aberta, tendo as portas diagonais sido projetadas para trás.

Houdini declarou de imediato que qualquer pessoa ali sentada poderia assim abri-la com os ombros. Nenhum movimento das mãos de Margery ou tensão dos seus músculos foi notado por Prince ou alegado por Houdini; mas à parte isto, houve de imediato o questionamento mais severo a Houdini. Margery, F. H. e membros da comissão numa só voz exigiram o objetivo de construir uma "gaiola absolutamente à prova de fraude" na qual esta fraude perfeitamente elementar era possível. Nenhuma explicação satisfatória foi alguma vez apresentada; nenhuma foi, de facto, alguma vez tentada — pois nenhuma é possível.

A discussão tornou-se tão acrimoniosa que Walter exigiu outra sessão com os seus amigos, para desanuviar a atmosfera. Esta durou cerca de quinze minutos, após o que a comissão foi

novamente chamada a entrar. Havia havido muita alternância entre a luz e a escuridão, e todas as pessoas presentes tinham entrado e saído da sala. A caixa da campainha estava no chão, à esquerda de Margery, fora da sua gaiola. Ela tinha estado ininterruptamente na gaiola; fosse qual fosse o caso dos outros, ela não tinha tido oportunidade de adulterar a caixa da campainha. Alguns dos seus amigos individualmente podem ter tido essa oportunidade; coletivamente tinham-na certamente tido, pois tinham estado sozinhos na sala durante a sua sessão preliminar.

Antes da sessão, a caixa da campainha tinha sido tocada muitas vezes, por todos, e estava então na sua ordem habitual. Com os assistentes da comissão agora nos seus lugares para o seu segundo ataque, Houdini soltou uma mão e voltou a tocá-la, para verificar que estava operacional. Isto foi em luz vermelha. Houdini tinha tocado a campainha muitas vezes e é-lhe imputável o conhecimento da pressão normalmente necessária para o fazer. Ela tocou quando ele a pressionou e ele não relatou nada de excêntrico na sua ação. A partir deste momento, a caixa ficou inacessível a qualquer outra pessoa na sala; se se verificar agora que foi adulterada, Houdini fica na posição da última pessoa que viu o homem assassinado vivo.

Em menos de dois minutos ouviu-se a voz de Walter. A conversa não pode ser dada palavra por palavra, porque não foi assim registada. Pode, no entanto, ser reproduzida com grande precisão, a partir das memórias combinadas dos presentes:

Walter: Houdini, tens a marca no ponto certo? Achas-te esperto, não achas? Quanto te estão a pagar para parar os fenómenos aqui?

Houdini: Não sei do que estás a falar; está a custar-me 2500 dólares por semana estar aqui.

Walter: Onde é que recusaste um contrato de 2500 dólares em agosto?

Houdini: Em Buffalo.

Walter: Não tinhas trabalho para toda esta semana. Quanto estás a receber para parar estes fenómenos?

Comstock: O que queres dizer com isto, Walter? Isto não é investigação psíquica.

Walter: Comstock, leva essa caixa para a luz branca, examina-a e reporta aqui. Verás rápido o suficiente o que quero dizer.

Comstock fez conforme instruído. Enfada no ângulo entre as tábuas de contacto encontrou uma borracha de apagar, da extremidade de um lápis. Não tornava a campainha totalmente inoperacional; mas Comstock estimou que era necessária cerca de quatro vezes a pressão habitual para a fazer tocar.

Ninguém foi questionado sobre se tinha colocado a borracha ali; ninguém parecia saber exatamente o que fazer a seguir — exceto Houdini, que de imediato se voluntariou para dizer que não tinha sido ele. Nenhuma outra prova foi alguma vez obtida. Aquela que citei mostra uma oportunidade óbvia e cristalina para Houdini ter colocado a obstrução. O facto de a campainha não estar totalmente fora de ação sugere que foi colocada com pressa, como através de um truque desses, e não cuidadosamente e com vagar. Que, sob as condições dadas, Houdini pudesse fazer o que foi feito, ele seria o primeiro a insistir. Nenhuma oportunidade igual pode ser demonstrada para mais ninguém. E em vista da falha de Houdini em relatar dificuldade em tocar a campainha, temos o direito a alguma suposição de que, quando ele fez este

“teste”, ou a obstrução não estava no lugar, ou estava lá e ele sabia que estava lá.

Após esta sessão, a comissão, por uma vez, insistiu num rumo de ação, exigindo que o topo da gaiola da médium fosse devidamente fixado. Na manhã seguinte, Houdini e Collins adicionaram cadeados e grampos às portas da gaiola, fazendo o trabalho na sala de sessões, à porta fechada. Conant trabalha há tanto tempo ao serviço de Comstock que tem acesso ao seu apartamento a qualquer altura, e transporta uma chave para esse efeito. Na manhã a que chegámos agora, ele tinha assuntos a tratar no apartamento, e tão naturalmente quanto tudo o mais podia ser, entrou com a chave, sem tocar à campainha. O telefone tocou assim que ele entrou, e ele deu uns passos pelo corredor para lhe responder, ato que o colocou perto da porta atrás da qual Houdini e Collins estavam a trabalhar.

A porta abriu-se com violência e Houdini catapultou-se para fora da sala, denunciando Conant em linguagem violenta como um espião que ele tinha apanhado a escutar em segredo no interesse de Margery. Ao relatar o incidente a Comstock com uma exigência para a demissão de Conant, ele provou que a acusação não era apenas uma questão de nervos e sangue quente — e também, fez-se rir desmedidamente às suas custas. O episódio reforça a forte presunção já existente de que havia algo de radicalmente errado com aquela gaiola “à prova de fraude”; e lança uma forte luz sobre a inclinação de Houdini para suspeitas e acusações promiscuas.

Indiquei que eu próprio me tornei uma vítima disto, mas não indiquei nem uma décima parte das coisas que Houdini diz de mim. No seu folheto cor-de-rosa ele dá-me tanto espaço que a Sra. Bird, ao ler o documento, quis saber se era uma “exposição” de Margery ou de mim. Se eu disser que na maioria das questões de detalhe e em todas as de princípio as suas alegações contra

mim são fictícias, e foram negadas por Munn e por membros da comissão que estão em posição de saber os factos, terei respondido às suas acusações tolas no limite do que é necessário ou apropriado num volume que não gira nem em torno dele nem em torno de mim. O único ponto em mencioná-las de todo é mostrar como ele é atulhado de tudo nas suas alegações. Carrington é outro sacrificado; Comstock e McDougall tiveram as suas capacidades, se não a sua integridade, difamadas; e antes de Houdini deixar Boston, os esforços de Munn para o manter em ordem e para obter um tratamento justo para Margery tinham-no levado a expressar dúvidas sobre a boa fé do potencial pagador dos 2500 dólares! É minha experiência que quem não confia em ninguém, muito pouco fará por merecer confiança.

Antes da sessão do dia vinte e seis, Margery foi revista com algum detalhe pela Miss McManama, a estenógrafa. O registo da comissão não contém qualquer reserva contra a competência deste exame, e inclui o compromisso de registar todos os factos pertinentes; no entanto, dois dos juízes fizeram exceções *a posteriori* à adequação da Miss McManama para a função que lhe tinham atribuído.

Margery e F. H. ofereceram-se para permitir um exame anatómico completo por qualquer médico a ser designado pela comissão; e tal passo teria colocado automaticamente as suas roupas no caminho de uma revista absoluta. Houdini rejeitou esta oferta — aparentemente, a última coisa que ele queria eram provas que tendessem para a inocência de Margery.

A médium foi das mãos da Miss McManama diretamente para a sala de sessões, e sob os olhos da comissão entrou para a gaiola. O registo não indica se o topo foi de imediato fechado e o controlo das suas mãos através das vigias estabelecido; mas dado que alguns dos membros da comissão não estavam satisfeitos por se ter feito uma revista adequada, devemos inferir que isto foi

feito — caso contrário, a acusação de negligência crassa mantém-se.

A sala pelo menos tinha sido exaustivamente examinada; e o passo explícito de Comstock para examinar a gaiola da médium tinha sido travado pela recusa categórica de Houdini em deixar que fosse examinada.

Depois de Margery estar no seu assento, com as mãos controladas através das vigias, as tampas baixadas e tudo a postos para começar a sessão, Houdini, sob algum pretexto, meteu o braço por uma vigia e passou-o pelo interior da gaiola. Antes e depois disto, preveniu Prince, várias vezes, com o que Prince repudiou como uma ênfase supérflua extrema, para não largar a mão de Margery sob pretexto algum. Com as suspeitas de Margery despertadas, ela disse: "O que se passa contigo, Houdini, para estares sempre a dizer isso? Se não tens a certeza de que está tudo bem, por que não me revistas outra vez e revistas esta gaiola?" Houve mais discussão aqui, com Margery a insistir nesta nova revista e Houdini a ser enfático contra ela. Ele prevaleceu, e a sessão começou.

Walter apareceu prontamente. Afirmou de imediato que havia uma régua na gaiola com a psíquica, debaixo da almofada em que os pés dela assentavam; por insinuação, em vez de o fazer explicitamente, acusou Houdini de a ter colocado lá; rogou pragas terríveis a Houdini, praguejou maldições sobre a sua cabeça e aplicou-lhe epítetos injuriosos.

Um termo que Walter usou aqui foi aquele em relação ao qual a réplica foi outrora corrente: "Quando me chamares isso, sorri!" O significado original de bastardia perdeu-se completamente no uso rotineiro do termo que isto sugere. Mas Houdini enterrou o rosto nas mãos, gemeu, quase chorou e

exclamou: “Oh, isto é terrível. A minha querida e santa mãe era casada com o meu pai!”

Comstock voltou a intervir neste ponto, lembrando a Walter que isto não era investigação psíquica; se havia uma régua na gaiola, poderia ter sido deixada lá acidentalmente. A tensão diminuiu um pouco. Collins foi chamado a testemunhar que não tinha deixado nenhuma régua na gaiola; depois a sessão continuou, sendo o esforço o de obter fenómenos e não o de verificar a acusação de Walter. Mas finalmente a gaiola foi aberta e Houdini procurou a régua.

Encontrou, no local designado, uma régua articulada de dois pés, do tipo usado pelos carpinteiros. Dobrando-se em quatro secções, com sobreposição nas articulações, o seu comprimento mínimo é de sete polegadas; quando reduzida a este comprimento, é naturalmente espessa o suficiente para destruir qualquer confiança de que pudesse ser tão ocultada no vestuário de Margery a ponto de escapar mesmo a uma revista amadora. Mas na manga de qualquer homem presente, poderia, naturalmente, na ausência de revista, ter estado facilmente. Ou, da mesma forma, poderia ter estado onde foi encontrada, desde antes da sessão.

Houdini adiciona aqui outro toque caraterístico ao registo: “Desejo que fique registado que exigi a Collins que prestasse um juramento sagrado pela vida da sua mãe de que não tinha colocado a régua na gaiola e que não sabia absolutamente nada sobre o assunto. Também empenhei a minha palavra de honra sagrada como homem de que o primeiro conhecimento que tive da régua na gaiola foi quando fui disso informado por Walter.” Mais ninguém a não ser Houdini poderia ter ditado isto; é cem por cento caraterístico da forma como ele pensa e fala.

A comissão não fez qualquer tentativa de manusear a régua de modo a preservar quaisquer impressões digitais que pudessem

estar nela. Por conseguinte, nenhuma prova adicional se desenvolveu após o fecho do incidente. Na sua maior parte, deixo a prova novamente ao leitor, lembrando-lhe apenas a oportunidade límpida e criada pelo próprio Houdini para a introduzir. Num ponto, contudo, devo ser incisivo.

Houdini alega, no seu folheto cor-de-rosa, que a intenção da régua era produzir o toque da caixa da campainha durante uma segunda fase da sessão em que as mãos de Margery deveriam estar dentro da caixa, e livres exceto quanto ao confinamento que a caixa lhes impunha. Ele demonstra como, usando o orifício do pescoço como abertura, e desconsiderando o estrondo horrível que se seguiria, poderia ter sido possível para ela fazer isto.

Acho sugestivo notar, a este respeito, que a régua tem exatamente o comprimento certo para funcionar como ele indica, estando a caixa da campainha onde a comissão a colocou, numa posição diferente daquela que ocupava na noite anterior. Igualmente sugestivo acho quando me dizem que, antes da sessão, Houdini mediu várias vezes a distância do orifício do pescoço até à caixa da campainha, anunciando a leitura, de cada vez, com grande ênfase. Como é que ele sabia que esta medição iria ser de tão grande importância? Tudo isto, penso eu, dá um grande passo para ir ao encontro da alegação, que Houdini não avançou mas que poderia ser avançada em seu nome, de que Margery introduziu a régua; não para seu próprio uso, mas como uma "armadilha" contra Houdini.

Tentou-se uma sessão para o dia vinte e sete, mas fracassou completamente. Margery sentou-se na gaiola e suou em bica durante uma hora, enquanto os membros da comissão, que tinham estado juntos a maior parte do dia, discutiam sobre se queriam as mãos dela para dentro ou para fora. No final, Comstock tomou finalmente uma posição sobre a gaiola. Apresentou substancialmente este ultimato a Houdini:

“Ao longo de todas estas sessões tentou fazer com que nos referíssemos a essa gaiola nos registos como sendo da comissão, e insistindo que não é sua. Mas recusou-se a deixar-nos examiná-la, e comportou-se de outras formas como se a gaiola fosse sua. Agora tem de escolher. Se é a gaiola da comissão, fica aqui para uso futuro da comissão.”

Houdini não precisou de tempo para pensar sobre o assunto. Admitiu que era a sua gaiola e levou-a de volta para Nova Iorque. Tirou-a do apartamento de Comstock nessa noite; e nenhum membro da comissão a examinou alguma vez, ou, se Houdini o pôde evitar, sequer viu o seu interior. No entanto, ele diz aos seus públicos que era a gaiola da comissão, examinada e aceite por todos os seus membros.

No dia vinte e sete, devia ser tirada uma fotografia da gaiola. Margery não se queria sentar nela para esse fim, sendo a imagem abertamente para publicação. Ela foi persuadida, sob garantias adequadas. Enquanto o assunto de um substituto para ela estava em discussão, Houdini desabafou:

“Essa gaiola é sagrada para esta mulher. Ela esteve sentada nela. Antes de permitir que qualquer outra pessoa a profane, eu levava-a para fora e afundava-a na parte mais profunda do mar!” Esta é a gaiola — pelo menos, ele diz que é — que ele agora arrasta no seu espetáculo de *vaudeville*, usando-a no palco para demonstrar as suas alegações sobre como Margery faz os seus truques. Um homem pergunta-se se os juramentos sagrados e as palavras de honra sagradas têm para ele o mesmo peso que as gaiolas sagradas; ele usa a palavra demasiadas vezes para permitir que ela carregue muita convicção.

Várias vezes durante a sua estadia em Boston, Houdini foi chamado a renovar a garantia de que a gaiola era à prova de

fraude; ele nunca hesitou em fazê-lo. Da mesma forma, várias vezes, uma em particular quando se gabava da sua habilidade perante Laura C., perguntaram-lhe se ele poderia ir para dentro da gaiola e produzir fenómenos fora dela. Ele foi sempre enfático em como o poderia fazer facilmente. Antes das sessões, a pedido de Comstock, Houdini afirmou que a caixa era tão completamente à prova de fraude que o elemento de fraude nem precisava de ser tido em consideração; que quaisquer fenómenos obtidos fora da caixa enquanto Margery estivesse lá dentro eram necessariamente autênticos. Ao longo das sessões ele contradiz isto; e hoje aparece no palco, sentado nesta caixa e a tocar pandeiretas no chão fora dela. Não é óbvio que ele jogou de forma leviana e desonesta com os seus colegas assim como com Margery?

Houdini faz acusações contra Margery. Ele não tem provas contra ela; ela tem uma excelente lógica e provas com a sua defesa. Walter chega então ao tribunal, com acusações contra Houdini — acusações de que dentro e fora da sala de sessões ele tentou fraudes contra a médium. Toda a prova está com estas acusações, nenhuma com Houdini; a sua defesa restringe-se a uma mera negação reiterada. E o seu registo na matéria da gaiola "à prova de fraude", que em grande parte está em preto e branco com a sua própria assinatura, deve erguer-se sempre, um espetro sombrio a assombrar a sua resposta a quaisquer acusações que possam surgir contra ele do caso Margery. A sua conduta, do princípio ao fim, foi a de quem estava firmemente empenhado na proposição de que os fenómenos psíquicos não podem e não devem existir; e que está determinado a estabelecer esta tese por todos e quaisquer meios.

CAPÍTULO L
E QUE DIZER DA COMISSÃO?

E quanto a Houdini, ficamos por aqui. Mas depois de o termos descontado e descartado, restam três eminentes membros da comissão da *Scientific American* que até à data reteram qualquer declaração de autenticidade. Os amigos de Margery enfatizam que Prince se sentou dez vezes, Comstock 56 vezes, McDougall 22 vezes; e que nenhum dos três está disposto a carimbá-la como uma fraude ou a dizer qualquer coisa que faça parecer que a considera provavelmente uma fraude. Mas embora isto seja altamente significativo, a questão deve ser enfrentada sobre o porquê de eles não a carimbarem como autêntica.

A comissão assumiu o caso a 12 de abril de 1924. Comstock e McDougall eram a subcomissão encarregue; mais tarde Carrington foi adicionado. Esta subcomissão era competente para determinar a sua própria linha de ataque e tinha o privilégio de o fazer. Delineei na página 153 a política que adotou — uma política que obviamente envolvia a realização de um número de sessões muito maior, antes de fazer qualquer tentativa de julgamento, do que teria sido necessário ou desejável sob outro procedimento. Tudo isto era assunto da subcomissão e de mais ninguém.

Ao mesmo tempo, devemos fazer certas exigências à subcomissão. Devemos exigir que prossigam um programa definido e auto-consistente, e que o seu trabalho com o caso os traga visivelmente mais perto quer de conclusões pessoais, quer do desfecho formal do caso para as mãos da comissão completa. Teoricamente, eles têm o direito de considerar o caso de qualquer forma e com qualquer extensão. Na prática, têm de demonstrar que estão a chegar a algum lado com ele; na prática, a comissão completa tem o direito de esperar e de exigir um encerramento do caso, com um relatório de algum tipo, num prazo razoável.

A este critério de trabalho eficaz a comissão falhou conspicuamente em responder. Acabo de citar o número de sessões desfrutadas por Comstock e McDougall. Notei, no meu capítulo de abertura, que um investigador honesto, competente e de mente séria não pode sentar-se indefinidamente sem chegar a uma opinião; e considero uma confissão monumental de inadequação que nenhum destes juízes, após toda esta experiência, esteja pronto para dizer algo mais do que é tudo muito interessante e que espera ver mais.

Carrington estava totalmente satisfeito com a autenticidade quando regressou de carro para Nova Iorque comigo, após as suas dez sessões em maio. F. H. tem provas documentais neste sentido; o próprio Carrington, não fosse o facto de a sua ligação à comissão tornar uma declaração pessoal sua fora de ordem, estaria nessa altura disposto a expressar na imprensa a sua convicção de validade. Após a minha sexta sessão, eu estava ciente da probabilidade muito forte de estar a testemunhar fenómenos autênticos; após a minha décima ou décima segunda — é difícil dizer exatamente quando se ultrapassa o último obstáculo — tinha descartado da minha mente as ligeiras reservas até aí restantes. Dingwall ficou suficientemente impressionado com uma única sessão para considerar que valia a pena atravessar o oceano para estudar o caso; tendo vindo, não demorou mais tempo a determinar os factos do que Carrington ou eu. Não preciso de tornar o contraste mais vincado do que ele é.

Comstock, acredito eu, está bem ciente, no seu íntimo, da validade dos fenómenos de Margery. O calcanhar de Aquiles que o afasta de qualquer pronunciamento e de qualquer conclusão reside na sua ambição de ir sempre um pouco mais longe e fazer um pouco melhor do que foi ou fez. Ele é como o artista que nunca sabe quando a sua obra está terminada, mas que continua a

dar retoques adicionais até que um belo dia acorda para a realização de que estragou a tela.

Acredito que, não importa que fenómenos brilhantes pudessem ocorrer na sua presença, sob não importa que condições de caráter definitivo, ele procuraria uma forma de melhorar as manifestações ou as condições ou ambas; e que ficaria depois insatisfeito até que o seu novo programa tivesse sido cumprido. Com F. H. (*Scientific American*, janeiro de 1925), posso dizer dele:

"Tenho toda a confiança na integridade de propósito de Comstock. Lamento que a sua consciência e o seu sentido de responsabilidade pareçam ser tais que o fazem tentar encontrar as leis psíquicas [e o seu *modus operandi*] antes de anunciar os factos, ao passo que os factos nesta investigação são tudo o que se pede dele. Ele quer aparentemente escrever o capítulo final da investigação psíquica, numa situação em que tudo o que se pede é o mero certificado de realidade para um único tipo de fenómeno."

Com McDougall a situação é um pouco diferente. Não consigo descobrir que ele esteja satisfeito no seu íntimo, e acredito que não está. Ele é supersticioso em relação às possibilidades de fraude; carece de confiança na sua própria capacidade para dizer se a fraude foi ou não excluída. Ele sai da sala de sessões, após um desempenho brilhante, concedendo livremente que não conhece forma para a produção fraudulenta do que viu; que não consegue, de facto, por nenhum esforço possível de imaginação, conceber tal forma.

Mas tem sempre medo de que a forma exista, e daí retém qualquer declaração definitiva de validade. Devo confessar que partilho do desespero de F. H. aqui; não vejo como vai ser alguma vez possível fazer McDougall saltar esse último obstáculo.

Quando a Miss Wood se sentou no sofá que bloqueava a passagem da porta enquanto o gabinete na sala de sessões era despedaçado com extrema violência, McDougall sentiu que, por tudo o que sabia em contrário, ela poderia ter adormecido ali e dormido através do barulho enquanto "o homem do machado" entrou, fez o seu trabalho e escapou; e isto apesar do facto de a Miss Wood ter produzido um registo estenográfico completo da sessão, ditado por Comstock à medida que avançávamos. Não estou nem a brincar aqui nem a exagerar; foi com este argumento específico que McDougall reteve o veredito de autenticidade neste caso.

Noutros casos, ele nem sequer teve um argumento específico tão ténue e improvável como este, mas abstém-se de dar o seu aval devido aos seus receios gerais de que o seu conhecimento não seja adequado, e à sua repugnância geral contra a perturbação da "filosofia de toda uma vida" (página 476).

Ora, subentende-se que nenhum ser humano sabe tudo. Mas, ao excluir a fraude, lidamos com os métodos possíveis de fraude em classes, em vez de o fazermos em detalhe. Sabemos que há muitas formas pelas quais o artista de prestidigitação pode fazer certas coisas, desde que lhe seja permitido tocar no aparelho. Asseguramo-nos de que este está isolado do seu toque ou do de qualquer um dos seus mecanismos auxiliares; que está isolado no espaço. Com esta simples precaução, excluímos toda a complicada série de fraudes mecânicas. A fraude magnética excluímo-la de forma semelhante, garantindo que não há suscetibilidade magnética por parte do objeto que se move, em vez de procurarmos ímanes nas instalações. Todas as outras fraudes excluímo-las de forma semelhante em geral, em vez de em detalhe.

E as nossas capacidades são adequadas para a exclusão de todos os princípios científicos conhecidos, embora não

conheçamos todas as técnicas específicas através das quais alguns destes princípios poderiam ser aplicados. Se nos falta a confiança para raciocinar desta forma e para chegar à conclusão de validade quando os factos exigem essa conclusão, deveríamos admitir a nossa inadequação de antemão e ficar fora da sala de sessões. McDougall tem medo da hipótese de autenticidade; e até que domine esse medo, não tem lugar na investigação psíquica.

À parte estas desqualificações temperamentais, a subcomissão demonstrou a mais crassa negligência no manuseamento real do caso. Os leitores europeus acharão difícil de acreditar que três pessoas que se arrogavam fazer investigação psíquica realizaram 80 sessões com Margery e nunca fizeram qualquer tentativa de lhe medir a temperatura, o pulso, a respiração, a pressão arterial ou o peso — quer antes, durante ou depois das sessões. Eles nunca registaram a temperatura da sala ou a natureza do tempo. Além da incrível negligência no tratamento das balanças e dos seus pesos, relatada nos Capítulos XXXV e XLII, é um facto que até 30 de dezembro, quando Dingwall e eu fizemos estas coisas em conjunto, ele para os seus fins e eu para os meus, nenhuma medição da sala de sessões tinha sido alguma vez feita; nenhum dos aparelhos da sala de sessões tinha sido pesado; e não se sabia quanta pressão era normalmente necessária para tocar a campainha dos Capítulos XLVII e LII.

Exceto quando a ação da sessão era de tal caráter que F. H. a exigia para os seus próprios arquivos, nenhuma tentativa foi feita para obter o consentimento dos outros assistentes da comissão para os registos de dictafone de Comstock; e quando isto foi feito, foi deixado a cargo de F. H.

A falha em insistir nas exigências rotineiras elementares, ao ver como os seus colegas estavam a negligenciá-las, é a única crítica que tenho a fazer a Carrington.

Se Comstock e McDougall tinham medo da ideia de autenticidade, o caso de Prince é totalmente diferente. Ele não tem medo de nada debaixo do sol; se visse a mediunidade como válida, diria-o sem hesitação. Mas ele não tem nem o tempo nem o temperamento para uma consideração adequada do caso. Não lhe deu a consideração adequada; e cometeu alguns erros extraordinários de procedimento no seu contacto com ele.

Como Diretor de Investigação da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, um dos deveres de Prince era a observação de mediunidades. É uma impossibilidade física óbvia para ele observar todos os médiuns que existem; ele é, portanto, imputável com toda a responsabilidade por discriminar entre os que podem ser investigados com proveito e os que não podem. Ele obteve permissão para observar a mediunidade de Margery no final do verão de 1923; observou-a pela primeira vez em maio de 1924, quando esteve em Boston noutros assuntos. Ele alega que a sua rotina editorial era tão pesada que lhe tornava absolutamente impossível fazer melhor aqui. Pelo menos, é-lhe imputável uma avaliação muito má quanto à provável importância da mediunidade.

Com muito pouco esforço ele poderia ter obtido dados que lhe teriam tornado possível chegar ao julgamento de que o caso era de tal ordem que a determinação do seu caráter válido, se fosse válido, ou igualmente do seu caráter inválido, se fosse inválido, era uma questão de importância capital na investigação psíquica americana. Eu obtive esses dados, e Dingwall também. Fui capaz de me sentar durante uma semana e dez dias de cada vez, repetidamente, sem permitir que a minha rotina editorial sofresse.

Dingwall foi capaz de dedicar cerca de dois meses ininterruptamente ao caso, e ele é para a Sociedade Britânica tudo o que Prince era para a Americana. Receio que Prince terá de

responder pelo seu registo: durante dez meses dormiu sobre a mediunidade mais importante que a América alguma vez produziu; depois, após um intervalo acordado de três dias, renovou o seu sono e ainda está a dormir.

Pois, após fazer contacto com o caso, Prince aparentemente foi incapaz de reconhecer a importância óbvia da mediunidade. Ele esteve em Boston noutros assuntos e comunicou com F. H. Foi informado de que uma subcomissão da Scientific American estava a trabalhar no caso, e foi convidado a sentar-se com os seus colegas com a frequência e durante o tempo que pudesse. Sentou-se três vezes, depois regressou a Nova Iorque, quebrando um compromisso provisório para uma quarta sessão para o fazer. E depois permaneceu em Nova Iorque durante mais de três meses antes de fazer qualquer tentativa adicional para se sentar. Acho bastante óbvio que, após a ver como antes, ele estava sob um equívoco bastante grande sobre a mediunidade.

A personalidade de Prince é difícil. Ele é uma daquelas pessoas em quem a honestidade intelectual firme se sobressai por todo o lado, como os espinhos num cato; e, tal como acontece com o cato, isto não é uma vantagem absoluta para as outras pessoas. Ele tem um sentido extremo da sua própria responsabilidade científica; um apreço extremo pela diferença entre provas em primeira e em segunda mão; e um uso extremamente reduzido para factos incompletamente provados. A um grau crasso e absurdo, ele exagera as exigências do procedimento científico válido ao ignorar todas as observações e todos os resultados que não sejam os seus próprios. O resultado de tudo isto é a aparência de desvalorizar fortemente o trabalho do outro e de valorizar excessivamente o seu próprio; e não estou inteiramente certo até que ponto este resultado se deve às causas que acabo de analisar, ou até que ponto resulta da vaidade que tão fortemente sugere. No modo de agir, o homem é abrupto e didático, num grau que apoia fortemente a sugestão

imediatamente anterior; e não faz qualquer tentativa bem-sucedida para controlar estas qualidades na sala de sessões.

Eu dou-me bem com ele, pessoalmente, o suficiente. Mas consigo compreender perfeitamente, e tenho a certeza de que o leitor compreenderá perfeitamente, por que razão o adjetivo "rabugento" lhe é frequentemente aplicado; por que razão pelo menos uma médium de grande reputação se recusou a sentar-se para a nossa comissão, apresentando a sua presença na comissão como um motivo principal para essa posição; por que razão, quanto mais Margery e F. H. viam dele, mais passavam a associar a sua presença na sala de sessões a um elemento de discórdia e suspeição.

A minha própria crítica ao papel de Prince no caso Margery gira, creio eu, principalmente em torno de um centro. Ao aceitar fazer parte da nossa comissão, Prince assumiu a obrigação de cooperar com os seus associados. Ele deixa de ser um indivíduo quando se torna membro de uma comissão; deve abdicar de algumas das prerrogativas de um indivíduo e deve aceitar em seu lugar certas responsabilidades conjuntas. A comissão não consiste em cinco indivíduos, cada um a trabalhar para uma conclusão individual, enquanto a médium, o público e a Scientific American ficam a assistir e a esperar contra toda a esperança que algumas dessas conclusões individuais coincidam.

Consiste em cinco membros da comissão, supostamente a agir em concerto e no esforço de chegar a uma conclusão comum. Se o meu resumo do temperamento de Prince no parágrafo anterior for esclarecedor, terá indicado que ele acharia difícil abdicar do papel de indivíduo e assumir o de membro de comissão. Na verdade, ele parece ter achado isso bastante impossível, pois nunca o fez, nem no mais ínfimo grau.

A sua primeira falha foi registada na sua primeira noite. F. H. explicou-lhe o costume de redigir um memorando, durante ou após a sessão, para servir de registo oficial. Ora Prince, eu poderia ter dito acima, nunca discute; ele dita a palavra final. Ele ditou-a aqui a F. H. Recusou-se a fazer qualquer contribuição para um registo da comissão, a aprovar ou desaprovar tal documento quando redigido sem a sua ajuda, a assiná-lo, a confrontá-lo com o seu próprio registo, ou a reconhecê-lo de qualquer forma. Era seu costume redigir um registo, para os seus próprios arquivos, de cada experiência psíquica que encontrava. Um resumo deste registo, com a sua assinatura, seria fornecido por ele a F. H. E ponto final.

As razões pelas quais uma pessoa da extrema honestidade intelectual e dos extremos escrúpulos sobre os factos de Prince se poderia sentir assim são óbvias e merecem respeito. Mas como pode uma comissão funcionar quando os seus membros se recusam a fazer qualquer tentativa de concordar sobre o que aconteceu na sua presença, ou sob que condições? Ninguém estava a pedir a Prince que concordasse com algo que não aceitasse, ou que aceitasse algo de antemão. Tudo o que se desejava era que ele se juntasse ao resto da comissão para colocar, em preto e branco, uma declaração da ação da sessão. Teria havido ampla oportunidade para discussão entre os membros individuais, e a falha em alcançar a unanimidade em qualquer questão teria deixado a sua marca no texto dos registos.

Depois de ter o seu próprio registo orientado nestas três noites, Prince fez dele um segredo. Ter-se-ia pensado que ele se sentiria obrigado a registar, com o secretário da comissão, quaisquer observações que pudesse fazer ao serviço da comissão. Nenhuma necessidade desse tipo lhe passou pela cabeça, nem qualquer necessidade de trocar impressões com os seus colegas. Ele prometeu, quando lho pedi, fornecer-me uma cópia ou um resumo das suas notas, não tenho a certeza de qual das opções;

esqueceu-se desta promessa; e quando lha recordei, negou alguma vez a ter feito. Ele nunca me entregou, nem a mim nem a mais ninguém em nome da comissão, qualquer declaração do que tinha experimentado nestas três noites de maio.

Por fim, tornaram-se conhecidos certos factos que tornaram esta omissão tão má nos seus efeitos quanto o tinha sido na teoria. O episódio da página 241, quando o varão da cortina se articulou contra Prince enquanto a outra extremidade agitava no ar, ele falhou em recordar essa noite quando pegou na caneta. Descobri, semanas mais tarde, por mero acaso, que este incidente não fazia parte do seu registo nem da sua recordação da sessão; ele negou então que tivesse ocorrido e recusou-se a discutir mais o assunto. Posso dizer que este item está no registo da comissão, assinado por Carrington e por mim, e que se destaca muito claramente ainda hoje nas memórias dos outros assistentes.

Mais uma vez, quando (página 376) o ukulele foi para o colo de Prince e contra o seu peito, ele sentiu, não apenas o ukulele, mas algo mais que poderia ter sido o pé da médium a carregar o ukulele, e poderia igualmente ter sido de caráter psíquico. Ele não tinha nenhuma teoria sobre a origem deste contacto adicional, e não tentou mais observações dirigidas a responder à questão. O seu estado de espírito é, portanto, o de que não sabe se não era o pé dela, e daí que a manipulação do ukulele não signifique nada. Mas esta reserva muito importante ele ocultou-a dos seus colegas, permitindo-lhes presumir que tinha contado a história toda quando, durante a sessão, relatou o comportamento do ukulele.

A falha de Prince em reconhecer a existência da comissão nesta matéria vital dos registos seria desculpável se a sua posição na sala fosse a de um convidado informal. Mas ele era na realidade um adjeto temporário à subcomissão. Em duas destas três noites foi-lhe atribuída, e ele aceitou, uma posição de

controlo à esquerda da médium — um lugar que não seria atribuído a nenhum convidado informal.

Na ocasião restante, McDougall e eu estávamos a cada um dos lados dela, e colocámos Prince no lugar seguinte em importância — à direita de F. H. Ele ficou muito maldisposto por ter sido assim colocado no que caracterizou como um setor remoto; alguém que observasse o seu comportamento nessa noite não teria tido dúvidas de que ele se considerava do grupo investigador! Isto invalida, assim, a última oportunidade de desculpar a sua recusa em reconhecer o laço que o unia à comissão.

Na noite em que ele estava do lado afastado de F. H. tivemos a destruição muito impressionante do gabinete descrita na página 305. Prince insiste que não ficou de modo algum ofendido com a sua posição no lado afastado do círculo; que a sua conduta posterior em relação a este episódio decorreu meramente da impossibilidade abstrata de dar testemunho sobre um fenómeno que ocorre num local quando ele está noutro. Indubitavelmente ele acredita nisto; mas esquece-se de que na altura estava tão irritadiço que precipitou uma discussão violenta com Comstock sobre uma futilidade que deveria ter passado despercebida; e que no decurso dessa discussão ameaçou abandonar as instalações e nunca mais voltar.

Com respeito à destruição do gabinete, Prince na altura disse que estava tão distante do teatro de ação que, no que dizia respeito ao seu próprio conhecimento, não podia dizer o que tinha ocorrido. Mais tarde, na imprensa, disse que o episódio não tinha valor probatório para ele porque estava “infelizmente mal posicionado para poder julgar as circunstâncias envolventes”. Mais uma vez, ele refere-se aos relatos de controlo feitos por mim e por McDougall com a observação: “como é evidente nada sei disso”.

Ora todas estas declarações de Prince são literalmente verdadeiras, se ele estiver presente como um indivíduo. Mas ele está lá como membro de uma comissão. Ele pode "nada saber disso"; mas a comissão, através de McDougall, sabe algo disso, e Prince é da comissão. Uma única pessoa não pode controlar todas as fontes de fraude e erro na sala; deve-se, portanto, decidir que há presentes aqueles com quem se pode agir em concerto. No caso de Prince, a identidade daqueles com quem ele podia, e devia, agir em concerto estava totalmente determinada pela pertença à comissão. Ele deve estar preparado para adicionar as observações deles às suas próprias, como base para a formação de conclusões; caso contrário, está a perder o seu próprio tempo, o da psíquica, e o dos seus colegas.

Quando McDougall faz declarações de controlo e de fenómenos na forma de factos absolutos, se Prince não está preparado para aceitar estas declarações, devo dizer dele o que disse de Houdini. Ele deve objetar antes da sessão à presença de McDougall neste ponto principal de controlo e salientar aí que os fenómenos que dependem para a sua validade do controlo e do relato de McDougall não significam nada para ele. Ele não pode ser um indivíduo e um membro da comissão ao mesmo tempo; deve escolher entre os dois.

A atitude de extremo individualismo de Prince tomou um aspeto extraordinário. Comstock tinha feito muitas contribuições para o caso — ideias abstratas e concretas, invenções de fenómenos, aparelhos e procedimentos, etc. McDougall pode ser visualizado a fazer uma contribuição quando, após uma sessão aparentemente bem-sucedida, diz exatamente que elemento de caráter definitivo a sua imaginação fervilhante consegue conjurar como tendo estado em falta.

Até Houdini faz uma contribuição quando fornece um aparelho que, se feito e usado honestamente, vedaria a fraude por parte da médium. Mas Prince não fornece aparelhos, não fornece ideias, não fornece procedimentos, nem sequer objeções, até que estas lhe sejam arrancadas. Ele desempenha um papel, não de cientista que vai participar nos fenómenos e ajudar a fazer a investigação, mas meramente de superobservador, que só tem de ver e ditar o julgamento.

Se ele fosse um físico, suponho que se recusaria a construir um circuito para a corrente fluir ou medidores para a medir, deixando para a força elétrica a resolução espontânea dos seus problemas de observação e demonstração. Ele entra na sala de sessões sem outro pensamento e sem outro programa que não seja: “Bem, vejamos o que é que têm.”

Com a partida de Prince destas três sessões, a paz desceu sobre a subcomissão, e reinou até 20 de junho, a data de publicação da Scientific American para julho. Aí a confusão de todo o tipo desencadeou-se, e permaneceu instalada permanentemente.

Os membros da comissão tinham sentido que nada deveria ser publicado até que o caso estivesse encerrado — até que a subcomissão tivesse relatado e a comissão completa tivesse alcançado um veredito. Do lado científico, eu simpatizava com este desejo. Mas as equipas de gestão e editoriais da Scientific American sentiam que a história seria longa no seu melhor, estendendo-se por numerosas edições; e que se esperássemos assim para a começar, o clímax viria apenas depois de a história estar fria. Não sabíamos na altura, como é evidente, que se esperássemos assim para a começar, tanto o início como o clímax nunca seriam alcançados.

Mas os meus colegas jornalistas estavam muito empenhados em encontrar alguma forma de podermos contar aos nossos leitores sobre o trabalho da comissão enquanto este ainda estava em curso; e jornalisticamente, eu tinha de conceder a extrema conveniência disto. Os nossos leitores tinham alguns direitos.

Assim, na Scientific American para julho, apareceu um artigo meu, apresentando um relato preliminar do que se alegava que a mediunidade compreendia; e em agosto tivemos a minha história dos fenómenos que eu tinha visto nas sessões da comissão de abril e maio. Tive de ter muito cuidado para enfatizar que lidava com trabalho não concluído. Não tinha havido veredito, e eu tinha a cada passo de manter a questão da autenticidade aberta, para que o veredito pudesse ir em qualquer direção.

Sabendo eu como sabia que a mediunidade era válida, isto não era a coisa mais fácil de fazer; mas acredito que foi feito com sucesso. Tivesse tudo acabado por se revelar fraude, não haveria nada a retratar; teria sido apenas necessário contar como o truque tinha feito as coisas que eu tinha descrito.

Da mesma forma, tive de tornar claro que não falava em nenhum sentido pela comissão. Eu estava a escrever puramente como um observador jornalístico. A responsabilidade pelo que eu dizia era unicamente minha e da Scientific American. A comissão poderia com propriedade alcançar um veredito a contradizer os factos que eu tinha exposto, e o ónus dessa contradição recairia sobre mim e sobre a minha revista. Esta, também, era uma atitude difícil de manter; mas tudo teria corrido bem, acredito eu, não fosse a imprensa diária.

Tínhamos subestimado o interesse geral no nosso trabalho. Com o aparecimento destas duas edições, jornais de todo o país reproduziram grandes porções dos meus artigos; e, na reprodução, todas as distinções entre a Scientific American e a comissão

foram perdidas, todo o sentido do caráter inacabado do trabalho foi lançado ao mar. As gordas dos jornais gritavam por todo o país que Margery tinha desconcertado os cientistas e estava prestes a ganhar o nosso prémio.

Comstock, McDougall e Carrington, os membros da subcomissão envolvidos, permaneceram inafetados por esta enxurrada de publicidade. Houdini e Prince, por outro lado, reagiram fortemente a ela. Houdini, como é evidente, tomou a atitude de que ele e nós estávamos a ser ridicularizados e que isto tinha de parar; que se lhe devia permitir ir a Boston e expor a médium. Nós já tínhamos organizado o seu envio a Boston; não levámos o seu arroubo demasiado a sério.

Com o aparecimento do meu segundo artigo, contudo, Prince entrou na contenda. Tomou a posição de que ele, também, estava a ser ridicularizado publicamente. Estava também a ser assediado em privado por cartas de pessoas que não podia ignorar, algumas repreendendo-o por uma credulidade indevida vista nos meus artigos, outras culpando-o pelo atraso na atribuição do prémio após as indicações óbvias de validade que julgavam ver nesses artigos. Entre os dois fogos, Prince perdeu um pouco o seu bom senso habitual. Teria sido bastante fácil obter a impressão de uma declaração corretiva, mostrando que a responsabilidade pela publicação era da Scientific American, e que a pela conduta do caso era da subcomissão. Teria sido igualmente fácil lidar com os correspondentes de Prince em privado. Mas Prince não quis as coisas dessa forma. Como sempre, a sua forma de agir era a única a que ele dava ouvidos. Tinha decidido por si próprio que o remédio adequado residia na descontinuação dos artigos da Scientific American até que a comissão terminasse o caso. A única alternativa a isto que ele consideraria era a aceitação imediata da sua demissão.

A questão foi debatida em conferência entre Munn, Houdini e Prince imediatamente após o regresso de Houdini de Boston em julho. Houdini e Prince formaram uma espécie de aliança aqui, e Houdini declarou que se Prince se retirasse da comissão ele o seguiria. Não teríamos considerado nenhum dos eventos como uma calamidade, não fosse o facto de a avaliação do público em geral sobre a capacidade da comissão girar na altura bastante em torno destes dois nomes. Temíamos que a sua retirada simultânea fosse interpretada de forma genérica como um despojamento da comissão para uma composição na qual se pudesse confiar para uma consideração mais favorável do caso Margery do que aquela que seria dada pela comissão completa original; temíamos que esta ação pudesse até ser tomada como tendo sido deliberada por parte da Scientific American ou dos restantes membros da comissão. Por isso demos a garantia desejada; e retirámos da edição de setembro, então prestes a ir para a imprensa, um terceiro artigo, descrevendo os acontecimentos dos Capítulos XXXIV, XXXV, XXXVI e XL do presente volume.

Os detalhes exatos da aliança Houdini-Prince nunca foram claros para mim. É, para dizer o mínimo, uma parceria extraordinária. O resumo de Prince das suas três sessões de maio era o de que nada tinha sido feito na sua presença "cuja explicação normal possível não lhe fosse imediatamente clara"; com a única exceção do episódio do gabinete da página 305, cujo caráter supernormal possível ele parecia não poder aceitar nem discutir devido ao facto "desafortunado" de ter acontecido sob o controlo direto de outra pessoa que não ele próprio.

Houdini devia acreditar que Prince considerava toda a mediunidade como fraudulenta, caso contrário não teria dado a Prince a sua confiança como deu, nem teria omitido Prince tão conspicuamente da sua lista de espiões, cúmplices e investigadores incompetentes. Pelo que ouvi Prince dizer neste período, era meu julgamento, também, que ele considerava o caso

como presumivelmente fraudulento; certamente demonstrava um interesse muito mais vivo por observações que apontavam para a possibilidade de fraude do que por aquelas que olhavam na outra direção. Fosse qual fosse a filosofia da situação tal como existia nas suas duas mentes, Houdini e Prince trabalharam juntos neste período para precipitar o caso para uma conclusão.

A forma decente e ordeira de fazer isto, naturalmente, teria sido obter algum tipo de votação. Falta de confiança na subcomissão, instruções à subcomissão para fazer um relatório, ou algo do género — o voto de Carrington poderia ter sido adicionado aos de Houdini e Prince em numerosas propostas deste caráter, após o que a comissão completa poderia legalmente e na devida forma ter prosseguido com o caso tão rápido quanto quisesse. Mas nada do género foi tentado ou sequer discutido.

Houdini e Prince simplesmente constituíram-se os porta-vozes da comissão e passaram a funcionar, para sua própria satisfação, como tal. Juntaram-se, concordaram num programa e impuseram-no na medida das suas capacidades. Com a política da subcomissão eles estavam ambos inteiramente em desacordo; por isso ignoraram calmamente a existência deste órgão. Tomaram posse do caso, deitando a subcomissão ao mar e organizando as sessões de agosto descritas no Capítulo XLIX. Nenhuma mínima pretensão de procedimento de comissão foi feita; Houdini e Prince tinham simplesmente tomado o freio nos dentes. Iam sentar-se, em agosto, com os outros membros que optassem por comparecer; iam arremessar o caso para um veredito, ali mesmo.

Estes ditadores da comissão autoconstituídos saíram-se bem com algumas coisas; com outras foram menos bem-sucedidos. Assim, decidiram que não queriam ir a Boston; por isso fizeram com que fosse escrita uma carta a F. H., em nome da comissão, exigindo que as sessões finais propostas fossem realizadas em Nova Iorque. Mas F. H. em resposta

perguntou educadamente quais os membros da comissão que constituíam a maioria que tinha ditado esta exigência; e ele próprio estava suficientemente em contacto com a maioria dos membros para saber que esta pergunta não podia ser respondida.

Ele assinalou que, do ponto de vista científico, instalações estranhas em Boston vinham a dar exatamente ao mesmo que instalações estranhas em Nova Iorque; e apresentou razões admiráveis pelas quais Margery não podia na altura ir a Nova Iorque. Os gestores voluntários da comissão decidiram então que teriam de ir a Boston.

Quando lá chegaram, a junta de gestores voluntários ficou reduzida a um membro. Houdini simplesmente geriu as sessões para servirem os seus interesses. Comstock parecia ter medo de protestar contra os métodos prepotentes de Houdini — e, na verdade, para quem não gosta de lutar por lutar, opor-se aos desejos de Houdini não é tarefa fácil. Prince, contudo, não tem mais medo de Houdini do que de qualquer outra coisa — o que quer dizer que não tem medo nenhum dele. A sua falha em protestar contra qualquer uma das coisas que Houdini fez deve ser atribuída ou a indiferença, ou a uma simpatia real pelo programa de Houdini.

A minha posição como secretário da comissão estava a tornar-se rapidamente insustentável, em vista das ações para as quais estava a ser instruído por Prince e Houdini a tomar, em nome da comissão, mas que eu sabia não representarem o sentir da maioria dos membros. E a matéria piorou quando Houdini começou a difundir as suas acusações contra mim. Tivesse eu sido um membro votante, naturalmente, teria insistido em lutar contra esta questão até a um fim aberto. A impropriedade de o secretário se envolver em tal controvérsia com um membro efetivo da comissão, contudo, era óbvia. Uma sugestão já tinha sido apresentada por Prince, de que a minha retirada como

secretário facilitaria a distinção pública entre a comissão e a Scientific American. Quando a atitude de Houdini me obrigou a recusar comparecer a mais sessões com ele, esta sugestão foi posta em prática.

Houdini, naturalmente, alegou na altura e ainda alega que fui demitido da secretaria a seu pedido e no seguimento das suas acusações. Os registos da comissão mostram que isto não é verdade; mas, em prossecução da sua conduta habitual na presença de Houdini, os outros membros da comissão abstiveram-se cuidadosamente de qualquer correção pública adequada às acusações públicas de Houdini quanto a este e a outros efeitos contra mim.

F. H. tinha perguntado com que fundamento se assumia tão levianamente que duas ou três sessões em agosto produziriam uma decisão final, quando dezenas de sessões anteriores tinham falhado em fazê-lo. Esta pergunta foi ignorada; a comissão ia produzir uma decisão final, mas não tinha uma noção clara de como. Terminadas as sessões, era óbvio para todos, exceto para Houdini, que nenhuma decisão final tinha sido alcançada; mas a Scientific American interveio agora, com a lembrança de que tinha alguns direitos, e com um ultimato destinado a protegê-los.

A Scientific American tinha sido forçada a descontinuar uma série de artigos nos quais se sabia que os seus leitores estavam grandemente interessados; não havia como saber quando poderia retoma-los. Entretanto, para levar o assunto a um intervalo decente e ordeiro aos olhos dos seus leitores, exigiu uma declaração da comissão; ou se, como era presumivelmente o caso, nenhuma declaração desse tipo pudesse ser acordada, então declarações individuais dos membros individuais. Estas apareceram na edição de novembro de 1924. Carrington declarou a mediunidade definitivamente autêntica e provada como tal; Houdini declarou-a fraudulenta e provada como tal. Comstock

disse que era extremamente interessante e que queria ver mais. Prince disse, como era obviamente verdade, que não tinha visto o suficiente para basear qualquer julgamento real: que não tinha julgamento e esperava ver mais dos fenómenos de Margery. McDougall não pôde ser encontrado a tempo de fazer uma declaração na imprensa, mas o que disse desde então, em privado e numa entrevista de jornal em resposta a uma erupção particularmente viciosa de Houdini, coincide razoavelmente bem com a declaração de Comstock.

Embora F. H. tenha estado com algumas dúvidas sobre a conveniência de dar mais sessões aos membros da comissão até que estes desautorizem as acusações de Houdini e a conduta de Houdini de uma forma satisfatória para ele, deu-lhes no entanto oportunidade de verem mais da mediunidade. Comstock tem estado tão ocupado com os seus negócios que não tem tido tempo para comparecer desde 27 de agosto. Prince conseguiu ir a Boston uma vez, para quatro sessões, como indicado nos Capítulos LI e LII. McDougall tem-se sentado com relativa frequência desde o seu regresso à faculdade.

O facto parece ser que a comissão está morta e não o sabe. E na morte, como na vida, verificamos que não é de todo uma comissão, mas apenas cinco indivíduos, comparecendo individualmente quando podem, trabalhando individualmente e independentemente para cinco conclusões individuais. Prince, de entre todas as pessoas, foi nomeado secretário no meu lugar; ainda tenho de descobrir que, como tal, tenha dado qualquer passo por mais pequeno que seja destinado a tirar a comissão do seu impasse, ou que a comissão tenha mostrado o menor sinal de funcionar sob a sua administração. Como comissão, as suas desqualificações são óbvias. Como indivíduos, penso ter mostrado que três dos seus membros possuem desqualificações fundamentais para a investigação psíquica, e que um quarto, se não for tão genericamente desqualificado assim, deveria pelo

menos ser considerado desqualificado para o trabalho de comissão. A comissão foi escolhida de boa-fé, com a crença de que representava o melhor órgão que podia ser nomeado para o efeito. Com a luz que agora temos sobre os seus membros, penso ser justo perguntar que resultado possível se poderia ter esperado das suas deliberações sobre uma mediunidade autêntica, além do resultado aqui registado.

CAPÍTULO LI
INCIDENTES IMPORTANTES DE SESSÕES RECENTES

Após a longa digressão dos últimos três capítulos, é um alívio voltar novamente a um ponto onde posso falar sobre Margery e os seus fenómenos. Por volta da altura a que trouxemos a mediunidade no Capítulo XLVII e nos imediatamente anteriores, pode sentir-se uma modificação no curso dos acontecimentos. É como se Walter tivesse decidido que havia agora variedade suficiente, e tivesse optado por prosseguir com as coisas que tinha mostrado ser capaz de fazer, em vez de coisas novas.

Durante vários meses, nada de intrinsecamente novo foi tentado; mas fenómenos familiares foram apresentados com vigor, em sessões de caráter brilhante, perante assistentes cuja própria presença em muitos casos constitui um acontecimento. Abandono por isso a convenção do tratamento temático e neste capítulo dou vários itens dos registos das sessões mais bem-

sucedidas desde 25 de julho até ao final do ano — o limite temporal imposto sobre mim pelas necessidades de publicação.

Sob a data de 30 de julho lemos: "Walter assobiou e falou através do megafone, assobiou e ao mesmo tempo tocou no ukulele debaixo da mesa, assobiou e tocou o ukulele e ao mesmo tempo tocou na pandeireta bem acima da mesa. Enquanto isto decorria, Richardson declarou que tinha a mão e o pé esquerdos da psíquica controlados, e a Sra. Richardson confirmou a união entre a mão esquerda de F. H. e a direita de Margery, mudando a sua própria mão direita, agarrando a esquerda de F. H., para o outro lado de F. H."

Carrington foi o escriba a 3 de agosto e chama a nossa atenção para um fator muito significativo. Após declarar onde os vários impedimentos se encontravam, diz: "Várias conversas sussurradas tiveram lugar durante a sessão, como de costume; mas a mesa não se moveu, não se mostraram luzes, o megafone e o ukulele não foram movidos, a pandeireta não foi movida nem agitada, e o gabinete não foi perturbado.

Estes factos são importantes, em vista do facto de que nenhum controlo exterior da mão e do pé direitos da médium era possível — estando apenas um membro da comissão presente. No entanto, estes fenómenos, muitos dos quais poderiam ter sido produzidos com uma mão ou pé direitos livres, não foram notados. Por outro lado . . ." e segue-se uma declaração detalhada da ação obtida da caixa da campainha, da qual dei a substância no Capítulo XLVII.

De tanto da sessão de 7 de agosto quanto tem a ver com a caixa da campainha já tratei. Após descartar isto, o registo prossegue:

“Luzes foram mostradas, variando em tamanho e intensidade. Algumas pareciam ser do tipo pirilampo habitual, outras eram maiores e de contornos mais nebulosos. Moveram-se cobrindo uma área bastante grande, e com excecional liberdade. Ambas as mãos da médium e ambos os seus pés estavam sob controlo completo quando estas luzes foram mostradas, e algumas delas atingiram a elevação do topo do gabinete.

Com ambos os pés da psíquica no colo da Sra. Hemenway, e ambas as suas mãos seguras, a pandeireta foi recolhida do chão onde jazia plana, e agitada de um lado para o outro debaixo, sobre e acima da mesa. O ukulele foi recolhido, colocado sobre a mesa e finalmente empurrado para o colo de Carrington. Uma série prolongada de movimentos muito rápidos da pandeireta e do ukulele seguiu-se então.

Estes foram agitados e movidos de um lado para o outro debaixo e acima da mesa, colocados sobre a mesa, retirados novamente, colocados debaixo dela, colocados no colo da Sra. Hemenway, retirados e agitados de um lado para o outro, etc. A rapidez aqui foi muito impressionante. A Sra. Hemenway foi frequentemente solicitada a ‘agarrar-se’ à pandeireta mas, apesar das suas tentativas para o fazer, ela [e outro aparelho] foi arrancada do seu aperto, depois tocada e movida como antes. Esta série de manifestações foi a coisa mais impressionante do género que tinha ocorrido durante várias sessões.”

Assistentes distintos a 12 de agosto incluíram a Sra. Hemenway, Margaret Deland, a romancista, e o Sr. Foster Damon, instrutor de Inglês em Harvard. Após notar a disposição, etc., o registo diz:

“O assobio de Walter foi ouvido cerca de cinco minutos após a sessão ter começado. Muitas conversas, através do sussurro direto, foram ouvidas ao longo da sessão e, como de costume,

interpretadas por F. H. Viram-se luzes, pequenas mas brilhantes, que se moveram muito rapidamente sobre uma grande área, movendo-se tão alto quanto o topo do gabinete em algumas ocasiões.

A caixa da campainha foi tocada, sem que a campainha fosse tocada, contudo. Walter declarou que a mola na tábua de contacto tinha sido apertada, e o exame provou ser esse o caso. Foi solta e recolocada no gabinete. A campainha foi tida como tocando repetidamente, estando ambas as mãos e ambos os pés da médium segurados na altura, primeiro pela Sra. Deland e depois por Damon. Ambas as mãos de F. H. estavam seguras pela Sra. Hemenway enquanto o toque decorria.

Vários toques no braço, joelho e perna de Damon foram relatados por ele, enquanto declarava que estava a segurar ambos os pés e mãos da médium. A cabeça dela esteve localizada ao longo de todo o tempo pelo seu falar constante.

A pandeireta foi então erguida, agitada e colocada no colo da Sra. Deland, retirada e recolocada. Foi depois equilibrada no joelho de Damon e novamente retirada e tocada. A mesa da sessão foi então completamente virada, de modo a que o seu tampo ficou assente no chão, com as quatro pernas no ar. Isto foi feito com grande rapidez e facilidade aparente, embora o espaço em que tinha de virar fosse comparativamente pequeno.

A dada altura, estando ambas as mãos e pés da médium segurados pelo controlador da esquerda, Walter falou através do megafone, que estava evidentemente continuamente suspenso no ar, e depois caiu para o chão; ao mesmo tempo, o ukulele e a pandeireta foram movidos de um lado para o outro e a mesa foi movida pelo chão. Um número de manifestações diferentes estava assim a decorrer ao mesmo tempo.

A sessão concluiu com um número de movimentos curtos e bruscos do gabinete, com ambas as mãos e ambos os pés a serem controlados por Damon."

(Assinado) Margaret Deland,
Hereward Carrington,
Harriett L. Hemenway,
S. Foster Damon,
Alex. W. Cross,
J. Fred Adler.

O dia 14 de agosto viu a presença, pela primeira vez, do Sr. e da Sra. Joseph De Wyckoff de Nova Iorque. O Sr. De Wyckoff é um exemplo muito bem-sucedido do "homem de negócios prático" que um certo tipo de cético militante coloca acima do cientista em capacidade de observação e faculdades críticas. Ele aceitou a mediunidade na íntegra e tornou-se um amigo próximo da casa da Lime Street. O registo nesta ocasião diz:

"Walter ensinou aos convidados a técnica do duplo controlo, De Wyckoff controlando a totalidade de Margery e a Sra. De Wyckoff a totalidade de F. H. Ele tocou então a campainha de contacto e, a pedido, deu uma frase em código Morse nele. Depois ergueu a pandeireta bem acima da mesa, tocou nela alegremente e assobiou através do megafone na parte de trás do gabinete, tudo ao mesmo tempo. Algumas luzes dançantes percorreram o círculo, e houve um roçar rítmico barulhento do ukulele no chão. Ele depositou depois o ukulele nos colos de ambos os visitantes e, mais tarde, o megafone."

O convidado ilustre de 16 de agosto foi Alfred Gray de Buffalo, primo da médium e, também ele, um homem de grandes negócios. "Algumas luzes foram mostradas; a pandeireta, tenuemente iluminada por luzes psíquicas, foi agitada em frente ao rosto de Gray, tocou-lhe e caiu no chão, de onde mais tarde foi

recolhida e colocada no seu colo; o ukulele foi recolhido do chão e colocado no seu colo, depois retirado e posto sobre a mesa; ele foi tocado com uma rosa da mesa, nas mãos e no rosto; e houve numerosos toques psíquicos." Um desempenho muito semelhante foi dado na noite seguinte, estando Gray novamente presente.

Os De Wyckoffs estiveram presentes a dezanove e vinte, e obtiveram um bom toque de campainha e outros episódios. Nesta última data, sob "duplo controlo" a partir da esquerda de Margery e da direita de F. H., o megafone foi mantido no ar e Walter assobiou enquanto a caixa da campainha era operada. No dia vinte e um, além dos De Wyckoffs, estiveram presentes a Sra. R. A. Franks, de Llewelynn Park, N. J., e o seu filho, apresentados por mim. Uma sessão notável exige uma reprodução substancial do registo:

"A primeira coisa física notada foi o erguimento incrivelmente rápido do megafone iluminado, do chão à direita de Margery para o topo da mesa, silenciosamente. O controlo era perfeito. Mais tarde, em dois períodos, Walter produziu luzes de vários formatos e tamanhos, no chão, na mesa, no ar e por todo o gabinete. [Isto foi anunciado como sendo especialmente para a Sra. Franks que, embora Espiritualista há muitos anos, nunca tinha visto quaisquer fenómenos físicos.] Ele colocou o ukulele no colo de De Wyckoff e mais tarde no da Sra. De Wyckoff. Tocou em todos eles e puxou as calças de Goodall pela perna.

Após planear em detalhe, Walter sinalizou com a palavra 'controlo' para que todos cobrissem a boca do seu vizinho com uma mão espalmada; isto foi feito, permanecendo o círculo ininterrupto. Depois, no canto nordeste da sala, como prometido por Walter, John assobiou ténue mas nitidamente dois compassos de 'Souvenir'. Todos ouviram.

Um esforço definitivo de materialização foi feito na pessoa de Sadie, uma amiga da Sra. De Wyckoff. Walter disse: 'O John vai assobiar e a Sadie vai falar e tentar mostrar-se.' F. H. sentiu algo com o comprimento e o formato de um antebraço varrer-lhe o rosto e, um instante depois, a Sra. De Wyckoff sentiu o mesmo. Depois, em breve, enquanto F. H. falava, a sua respiração foi lançada de volta contra ele como se estivesse a falar muito perto do lado do corpo de uma pessoa.

De seguida, a Sra. De Wyckoff sentiu algo como um corpo a reclinar-se contra ela. Toda a experiência foi como se um corpo tivesse passado para fora do gabinete. O controlo era perfeito. Depois, a atenção de todos foi atraída para um ponto luminoso muito brilhante, cerca do meio da prateleira da lareira, com cerca do formato e tamanho de um rosto humano. Contrariando as instruções, Margery gritou para chamar a atenção para ele, o que direcionou o olhar concentrado de todos sobre o ponto; pelo que este rapidamente se esvaneceu.

Walter fez depois algumas das suas proezas triplas: segurar o megafone, assobiar ou cantar através dele, tocar a pandeireta bem no ar ou tocar a campainha; duplo controlo constante. Depois parou a Victrola duas vezes, uma em luz vermelha e outra com a luz do teto acesa, bem como a luz lateral. No escuro novamente, deu uma exibição maravilhosa de luzes por todo o lado."

Entre os assistentes a 30 de agosto estavam um proeminente ministro presbiteriano e professor, a quem chamarei Dr. Haviland porque a menção do seu nome real poderia embaraçá-lo; e o Sr. A. F. Bartlett de St. Petersburg, Florida. Este último senhor obteve conselhos semelhantes aos que Walter tinha estado a dar generosamente a De Wyckoff, à Sra. Franks, et al.: ele deve ser cuidadoso nos seus negócios financeiros com médiuns, para nunca os colocar sob obrigação para com ele; ele nunca lhes deve fazer presentes — em particular, não deve trazer presentes à

presente psíquica. Fenómenos físicos de uma ordem elevada são sugeridos pelo registo, mas este é um dos casos em que F. H. limitou a sua atenção quase totalmente ao conteúdo das observações de Walter.

A 3 de setembro, Walter perguntou a Adler se ele desejava que a Victrola parasse; e em resposta ao sim de Adler, esta foi instantaneamente parada. A demonstração foi repetida em luz vermelha, e desta vez foi acompanhada por um assobio de Walter vindo da região da máquina. "De seguida, ele fez um trabalho maravilhoso com o megafone luminoso [uma faixa de cerca de uma polegada de largura pintada em redor do exterior de ambas as extremidades]. Agitou-o por todo o gabinete, sobre a mesa, colocou-o na cabeça de Adler, na cabeça de F. H.; e durante todo o tempo tocou a campainha ao ritmo da ênfase que desejava colocar nas suas observações."

O "Dr. Haviland" e a sua esposa estiveram novamente presentes a 4 de setembro. "Walter falou e assobiou através do megafone, usou a pandeireta e a campainha, usou o megafone iluminado, tombou o gabinete — tudo sob 'duplo controlo'. Trouxe para baixo o varão da cortina iluminado e moveu-o livremente por todo o lado. Pensou-se que a luz nas extremidades pudesse ser demasiado brilhante, por isso um lenço foi pendurado sobre cada extremidade. Walter aproximou-se então da extremidade onde a luz estava assim a brilhar através do lenço, e o seu terminal negro pôde ser visto a eclipsar a luz; depois ele retirou o lenço. Repetiu isto sete vezes, a pedido."

O Sr. Henry Parsons, o distinto engenheiro, apresentado pela Sra. Deland, esteve no círculo à esquerda de Margery a 5 de setembro. "Walter trabalhou a pandeireta no ar, assobiou e tocou a campainha, tudo ao mesmo tempo; depois colocou a pandeireta no colo de Parsons. De seguida, segurou o megafone pintado na boca de F. H., para que este pudesse contar melhor a história da

conduta de Houdini. Depois segurou-o na boca de Parsons com uma forte pressão. Todos estes fenómenos tiveram lugar sob 'duplo controlo' e, por conseguinte, foram muito mais impressionantes do que o habitual, tal como vistos do assento de Parsons.

Para antigos amigos, no dia sete, Walter deu um desempenho "que não ficou atrás de nenhum dos que tinha oferecido até então. Consistiu na manipulação do ukulele, depositando-o em qualquer colo; manipulação da pandeireta, parecendo ter um grande deleite em perguntar-nos onde ela estava e depois agitá-la num local inteiramente diferente, para mostrar que a pode mover sem ruído; uso do megafone iluminado para falar através dele em toda e qualquer posição no gabinete e sobre a mesa; segurar depois a extremidade pequena nas bocas, sucessivamente, de Stewart, F. H. e Brown, para que cada um falasse através dele; finalmente depositando-o onde solicitado por Stewart. Tocou a campainha por contacto a partir do ukulele, soletrando assim código Morse, e assobiando enquanto o fazia. Depois tombou o gabinete. Praticamente tudo isto foi sob condições de duplo controlo," como era tão frequentemente o caso neste período.

O dia 13 de setembro viu uma paragem da Victrola, aparentemente acidental no que diz respeito a Walter; e um bom movimento da pandeireta e do ukulele — uma foi movida de debaixo do outro, por exemplo.

Para o dia catorze lemos: "Ele segurou o megafone escuro e falou através dele, tocou a campainha e agitou o megafone iluminado — tudo de uma vez. Desgrenhou e puxou o cabelo de Stewart e de F. H.; colocou o megafone iluminado em três cabeças; tocou em Brown, na Sra. Stewart e em Margery, a cada um na perna, como por um rato. Com a luz vermelha acesa, parou a Victrola três vezes separadas, uma delas com uma exibição de faíscas e clarões na região da parte de trás da unidade do

fonógrafo, perto do motor elétrico." Novamente no dia quinze, vários incidentes parecem ter sido notáveis — três paragens da Victrola em luz vermelha, toques no ombro e no joelho do assistente ao lado de Margery com uma pressão muito definida, etc.

O círculo no dia dezassete incluiu, além da Sra. Gray, outros amigos e parentes de Buffalo, de posição social igual à de Gray. "Tínhamos colocado um T luminoso na pandeireta e um U no ukulele; Walter trabalhou com ambos e com ambos os megafones. Produziu fenómenos triplos e quádruplos e duas vezes a sua voz e a de Margery sobrepuseram-se. Alguma tinta luminosa saiu do ukulele para as calças de Margery, pelo que Walter colocou e tirou o seu terminal escuro repetidamente sobre o local, eclipsando-o e dando a Shuttleworth a sensação de uma mão nas suas calças. A Sra. Shuttleworth recebeu muitos toques, e o ukulele foi colocado nas suas mãos.

O megafone iluminado foi segurado nas bocas de ambos estes assistentes."

Na noite seguinte, estando o grupo de Buffalo novamente presente, a materialização foi mais uma vez tentada, prosseguindo quase até onde tinha chegado a 21 de agosto. "Observámos em breve uma luminosidade nebulosa com cerca de dois pés de altura e oito polegadas de largura, erguendo-se acima da mesa, sendo a extremidade superior muito brilhante. Isto era visível para todos; de tempos a tempos fazia incursões em direção aos Shuttleworths e à Sra. Gray." Mais cedo, com um ponto luminoso nas calças de Shuttleworth, desta vez por intenção, os toques de eclipse da noite anterior foram duplicados. Uma mão macia foi a símile aqui empregue pelo recetor.

As fiéis balanças foram colocadas diante de Walter aqui; e "com os pratos carregados com três pesos a este e um a oeste, ele

trabalhou-os violentamente no escuro e depois em luz vermelha, balançando-os e equilibrando-os perfeitamente, apesar das cargas desiguais. Sob instruções, Mink tirou o prato oeste enquanto eles estavam a equilibrar, examinando-o e ao suporte livremente; depois voltou a colocá-lo, e o equilíbrio foi restaurado."

O terceiro e último contacto do grupo de Buffalo com Walter, a 19 de setembro, trouxe uma das melhores sessões alguma vez registadas. "Walter apareceu de imediato, eclipsando a cruz luminosa nas calças de Shuttleworth, e dando assobios alegres. Apareceu em breve uma luminosidade nebulosa, com dois pés de altura, oito polegadas de espessura, sobre a mesa; a qual foi primeiro para a Sra. Shuttleworth, depois para a Sra. Gray, para trás e para a frente entre elas, e para dentro do gabinete.

Com ela veio uma nova voz a falar como a mãe da Sra. Gray. A mesma luz recolheu uma rosa da mesa e depositou-a no colo da Sra. Gray, e depois uma no da Sra. Shuttleworth. Enquanto observávamos a extremidade superior desta luminosidade, pareceu a vários tomar a parecença de um rosto humano — não definido, mas tão perto de um rosto como algumas das imagens do livro de Schrenck-Notzing. Quando esta presença tinha desaparecido para a parte de trás do gabinete, veio outra luz menor mas mais brilhante, novamente a assemelhar-se a um rosto.

Esta foi em direção a Shuttleworth e tocou-lhe três vezes no ombro; depois uma nova voz falou como sendo a da sua mãe. A aparição continuou a tocar-lhe três vezes, repetindo isto quatro vezes três. Depois veio uma terceira bola de luz, ainda menor mas definitivamente mais brilhante, com oito polegadas de diâmetro; e nela, as órbitas e parte do nariz podiam ser nitidamente vistas. Esta foi para Mink, e foi tomada pelo seu pai.

Walter fez todos os truques ao seu melhor nível com a pandeireta, o ukulele e o megafone iluminado. O ukulele em

particular ele ergueu-o sem uma falha, três pés acima do topo das balanças, que estavam sobre a mesa; e fez com que se deslocasse velozmente por todo o ar. Em parte através da sua própria manipulação dos pesos e em parte através da de F. H., uma carga de quatro para um foi estabelecida nos pratos da balança; depois, em luz vermelha, ele equilibrou e balançou os pratos com perfeita suavidade. Com o devido aviso, tombou o gabinete, com estrondo. Todos os fenómenos foram feitos sob duplo controlo," e todos, nesta como nas duas noites precedentes, têm o aval assinado e entusiasmado dos assistentes, redigido e enviado a F. H. após o seu regresso a casa.

A Victrola foi parada duas vezes em luz vermelha, acrescenta o registo como reflexão posterior.

Os Srs. T. A. Scott e F. E. Parker, editores do jornal espiritualista de Boston, Banner of Light, estiveram presentes a 20 de setembro, e tiveram uma grande noite. Eles registaram-no nas suas colunas; acharam a sessão extremamente impressionante.

Do registo de 28 de setembro lemos: "Após fazer as suas proezas habituais com os vários instrumentos, colocando-os nos colos, erguendo-os alto e pondo-os no chão sem ruído, ele encenou uma proeza múltipla: segurar o megafone, falar através dele, segurar o ukulele, usando depois este para fazer a caixa da campainha tocar. Ele disse finalmente: 'Agora vamos tocar a caixa da campainha no chão com o duplo controlo, e os pés da Miúda no colo à sua esquerda; depois farei isso com cada um de vós sucessivamente, sentado na cadeira da esquerda. Coloquem a caixa cuidadosamente no chão; não batam no gabinete quando o fizerem e não agitem as coisas.' Isto foi feito; depois, um após outro sentou-se na cadeira da esquerda, com os pés da psíquica no colo deste assistente, ambas as mãos seguras, cabeça localizada. Para cada um, Walter não só tocou a campainha, como também

para cada um a tocou qualquer número de vezes solicitado pelo assistente."

Na noite anterior, eu tinha estado presente numa exibição brilhante de manipulação dos objetos marcados, estando vários deles frequentemente no ar ao mesmo tempo. Na noite seguinte, o Dr. Elwood Worcester, o notável divino episcopaliano de Boston, esteve presente com o seu filho. O registo indica uma exibição "brilhante" sem dar quaisquer pormenores da mesma.

Falta-me espaço para dar detalhes de todas as sessões realizadas neste período; a minha história deve, portanto, ser sobre os assistentes e sobre incidentes verdadeiramente brilhantes. Consequentemente, dou um salto para 14 de outubro, quando a companhia incluiu Parsons, a Sra. Deland, a Sra. Hemenway e a Sra. Charles Sumner Bird, membro de uma antiga família de Boston, apresentada pela Sra. Deland. "Para fenómenos físicos ele manipulou a pandeireta, o ukulele, os megafones grande e pequeno e a caixa da campainha com grande habilidade e rapidez. Usando em parte o megafone grande e em parte megafone nenhum, falou diretamente ao rosto da Sra. Hemenway, e também ao da Miss Richardson. Sete vezes falou diretamente aos rostos destas assistentes mais afastadas da psíquica, não sendo as suas palavras audíveis para F. H., embora fossem claras para elas. Ele também assobiou muito alto nesta parte distante do círculo e depois bem no ar, repetindo uma e outra vez com facilidade aparente."

No final de outubro, o Cónego George William Douglas de Nova Iorque esteve presente em várias sessões com Prince e outros notáveis. Nada de muito bom de caráter objetivo aconteceu nestas noites. Um pequeno círculo a 24 de outubro, contudo, após a partida destes convidados, obteve uma exibição brilhante. "Conant tinha a sua câmara com a lente de quartzo toda a postos, e Walter ficou muito interessado nela. Depois o megafone grande,

o megafone pequeno e o ukulele subiram todos no ar sobre a cabeça de Margery no gabinete, e ali chocalharam e chocaram com estrondo.

A voz de Walter foi ouvida: 'Está certo; agora segurem-no, rapazes. Firmes. Oh, não vale nada!' quando tudo se despenhou. Pediu-nos depois para colocar os brinquedos sobre a mesa, pelo que os recolheu novamente e pareceu estar a tentar construir algo com eles. Tudo se despenhou novamente, aparentemente para grande desgosto de Walter, que procedeu a condenar os seus assistentes. De seguida, o ukulele subiu sozinho, aparentemente fora da asa oeste do gabinete; e ali ficou pendurado durante dez minutos sobre a cabeça de Adler. Depois Walter disse a Conant para disparar o flash; após o que o ukulele permaneceu na sua posição. Walter disse: 'O John está atordoado; não tem juízo suficiente para largar.' Em cerca de um minuto o ukulele caiu."

A sessão de 12 de novembro foi notável pelo caráter dos contactos psíquicos obtidos. Houve outros itens de relevo, mas descrevo apenas esta característica, citando um pouco a espaços do registo. "Ele tocou então Murray nas costas da sua mão. Walter disse a F. H.: 'Põe a tua mão no joelho da Miúda e pode ser que te deixe sentir algo.' Isto foi feito e F. H. sentiu nas costas da sua mão um toque frio e maleável. A experiência foi repetida para benefício de todos os assistentes. Depois Walter disse a F. H. para colocar a sua mão, com a palma para cima, no joelho de Margery; para que pudesse sentir um terminal ectoplasmático e apertá-lo suavemente.

F. H. fez como sugerido, pelo que lhe foi colocado na mão uma massa mais ou menos cónica, com meia polegada de largura na sua ponta, ficando rapidamente mais larga, até cerca de uma polegada e um quarto onde deixava a mão de F. H. Esta massa era fria como gelo, de superfície algo áspera, e cedia ligeiramente como uma borracha de apagar poderia fazer. Isto foi repetido com

Murray e Brown. Quando Brown largou o seu aperto Walter disse: ‘Ei, não guardes nada disso! Tens aí alguma coisa. Põe isso de volta na mesa. Sou responsável por cada pedaço disso. Tenho de o ter de volta.’ Se Brown tinha alguma coisa, estava francamente alheado desse facto.” Noutra data, sob circunstâncias semelhantes, Conant foi solicitado por Walter a raspar cuidadosamente a sua mão, e declarou que através deste processo recuperou e colocou sobre a mesa, ao comando de Walter, algo que atuava muito como a fina membrana interna de um ovo.

Após o desempenho muito brilhante da caixa da campainha de 23 de novembro, descrito no capítulo seguinte, obteve-se outra ação que vale a pena cronicar. “A segunda parte da sessão consistiu num trabalho com o megafone iluminado como nunca tínhamos visto antes. Viram-se luzes duas vezes, sobre a cabeça de Donnell. Walter disse: ‘Rumpam o círculo; há demasiada força aqui.’ Depois, passado um pouco: ‘Tirem o topo deste gabinete; demasiada força. O Donnell é um grande psíquico. Oh, o que eu poderia fazer com um psíquico masculino!’

Depois o megafone iluminado foi erguido do lado direito de Margery, no chão, três vezes, até ao nível da sua cabeça e de volta, durante o duplo controlo dela e de F. H. Depois, com a maior rapidez, oscilou em redor do exterior da asa oeste do gabinete, onde foi mantido alto contra a asa, visível apenas para Arkin; e bateu uma longa chula no gabinete. Depois oscilou completamente para a parte de trás e exterior do gabinete, perto da passagem da porta, e ali repetiu a chula a partir de uma posição de invisibilidade para todos os assistentes. Depois veio em redor do exterior da asa leste e ficou ali visível para F. H., Donnell e Adler. Deslocou-se para cima e para baixo três vezes ao longo de todo o comprimento da asa, depois repetiu a chula na asa. Foi depois atirado para trás da cadeira de F. H. e foi colocado por ele, a pedido de Walter, no gabinete. Depois subiu subitamente em frente à psíquica, foi por trás dela para uma posição no gabinete

atrás da parte inferior da sua cadeira; e ali bateu uma chula violenta, visível para todos exceto para Margery."

Uma companhia notável esteve presente a 28 de novembro. A Sra. Hemenway e a senhora do meu próprio apelido estiveram novamente presentes; e trouxeram a Sra. Margaret Cameron (Lewis), autora e psíquica, juntamente com a Sra. Bagley, mãe do controlo "Frederick" dos "Seven Purposes" da Sra. Cameron. A pandeireta, o ukulele e os megafones foram livremente manipulados, enquanto Walter falava.

O megafone em particular demonstrou um alcance sem precedentes — alguns dos assistentes estavam confiantes de que tinha atingido o teto. Certamente foi para fora do gabinete num grau raramente, ou nunca, alcançado anteriormente. Isto sugere a minha própria experiência de 30 de dezembro, quando o que era aparentemente o megafone desceu suavemente sobre o topo da minha cabeça enquanto eu estava sentado totalmente fora do gabinete, ao lado e bem atrás.

A presença de Donnell, que é suficientemente psíquico para ser solicitado por amigos de Margery que desejam iniciar um círculo próprio, pode ter sido em parte responsável pelo que teve lugar a 3 de dezembro. "Conant foi mandado sair para encher a sua pistola de flash. Enquanto ele estava fora, a luz vermelha foi acesa durante dez segundos. O megafone pequeno foi visto cerca de um pé acima da cabeça de Margery, flutuando livre e em movimento, mais ou menos a 'nadar' como um peixe, um movimento tão sinuoso que sugere fortemente o uso de uma palavra como 'flutuante'. Isto foi repetido por períodos de dez, cinco e cinco segundos, durante um dos quais, sob instruções de Walter, foi tirada uma fotografia com flash."

Durante o início de dezembro, Margery esteve durante vários dias em Nova Iorque e deu duas sessões nas quais estiveram

presentes os De Wyckoffs (seus anfitriões), Munn e outros. Não há registos detalhados disponíveis, mas vários assistentes subscrevem o relato de Margery de que se obteve uma excelente ação. Isto recorda que, no final de setembro, Margery foi induzida, enquanto estava em Nova Iorque, a sentar-se no apartamento de Munn. Tenho versões orais contraditórias de vários assistentes; admite-se que Walter falou e que outros efeitos físicos, em particular a levitação da mesa, foram obtidos.

Assim, temos novamente provas de que a mediunidade não é uma função da Lime Street. Este elemento foi fortemente reforçado durante a semana do Natal, quando Margery e F. H., visitando os parentes de Buffalo, deram três sessões em três dias, em Buffalo e nas Cataratas do Niágara, para um total de sessenta e quatro assistentes. Todas as três foram sucessos brilhantes, como atestado por cartas de vários presentes; mas não existe nenhum registo detalhado, pelo que não posso dizer o que aconteceu.

CAPÍTULO LII
A CAIXA DA CAMPAINHA
TRAZ UM CLÍMAX EM LUZ VERMELHA

Como descrito em detalhe no Capítulo XLVII, e de forma mais sumária como de data posterior no Capítulo LI, Walter tinha estado a fazer um enorme sucesso com a caixa da campainha. Na verdade, com base no que tinha visto com ela, Carrington fez um pronunciamento definitivo de autenticidade e retirou-se de considerações ulteriores do caso — no que dizia respeito à sua pertença à comissão, estava terminado. Mas Walter estava apenas a começar.

Ele deu a primeira indicação do que estava para vir a 17 de agosto. O registo não indica exatamente como ou sob que iniciativa a caixa da campainha e a luz vermelha foram reunidas.

Tudo o que encontramos registado é: “Durante o período de dez minutos em que Walter tinha dito que estaria ausente, ouviram-se pancadas na mesa, e a recordação de alguns assistentes é de que a caixa da campainha, que estava sobre a mesa, tocou. Depois, no seu regresso, durante três períodos de luz vermelha variando em intensidade entre metade a três quartos (aproximadamente) da força total permitida pelo reóstato, a caixa da campainha foi de cada vez tocada por um número de segundos bastante apreciável. A quarta tentativa em luz vermelha total foi um fracasso. A aba da mola foi vista por todos a mover-se para cima e para baixo, correspondendo à ação da campainha.”

Duas noites mais tarde, a 19 de agosto, Walter tocou a campainha muitas vezes em luz vermelha, cobrindo a iluminação o toque do início ao fim; e tocou qualquer número de badaladas longas ou curtas solicitado pelos assistentes, ainda em luz vermelha. Aqui estava algo muito mais promissor do que as balanças alguma vez tinham sido, pois, numa segunda tentativa, Walter foi capaz de produzir todo o episódio na luz, ficando a escuridão totalmente entre os episódios, em vez de se sobrepor a eles como tinha acontecido sempre com as balanças.

“Walter tocou a campainha sobre a mesa em luz vermelha” a 30 de agosto, “em resposta a um pedido de sete toques, sendo este pedido feito depois de a luz vermelha ter sido acesa.” Isto constituiu um avanço; no dia dezassete ele tinha tomado a posição de que a sua preparação na escuridão devia envolver o conhecimento do que lhe seria pedido para fazer. Depois, a menção seguinte ao toque da campainha em luz vermelha calha a 5 de setembro, na presença de Parsons, que deu as ordens e as viu cumpridas. A 13 de setembro, a Sra. Hemenway estava presente quando “Walter tocou a campainha em luz vermelha e um determinado número de vezes, mediante pedido, após a luz se acender.” No dia dezassete, o grupo de Buffalo viu todo a mesma coisa; “a caixa da campainha foi tocada em luz vermelha, tocando

o que quer que fosse desejado em resposta a um desejo em luz vermelha de cada membro do círculo."

Worcester esteve presente a 29 de setembro, e viu a campainha tocar em luz vermelha, um determinado número de toques, que foi ditado após a luz se acender. Ficou combinado que ele e McDougall teriam uma série de sessões destinadas a esta manifestação.

A 3 de outubro, com McDougall e a Sra. McDougall no controlo de todos os pontos possíveis de fraude, a campainha tocou repetidamente no escuro, dando uma demonstração igual a qualquer uma sobre a qual Carrington tomou a sua decisão final; mas não funcionou, nessa noite, na luz.

Com um grupo maior mas mais habituado a 17 de outubro, "Walter tocou a campainha no escuro várias vezes, depois instruiu Conant a tentar uma fotografia com flash da campainha enquanto ela tocava em luz vermelha. Depois expressou o desejo de o fazer novamente. 'Examinem a caixa minuciosamente, depois em luz vermelha tocarei a campainha três vezes, e enquanto ela estiver a tocar deixem o Conant disparar o seu flash.' Isto foi feito; a luz vermelha foi acesa, a campainha tocou, e o flash aparentemente disparou durante o segundo toque. Mas apesar da luz branca brilhante assim produzida momentaneamente, Walter ainda tocou a sua terceira badalada. Exigiu depois que a caixa fosse examinada novamente, e isto foi feito."

Entre os expostos ao toque em luz vermelha da caixa da campainha a 18 de outubro, estavam o Sr. e a Sra. Tilney, cunhado e irmã de Munn; também o Juiz e a Sra. Newhall do Connecticut. "Walter fez com que o Juiz Newhall examinasse a caixa minuciosamente; depois Tilney colocou-a no chão à esquerda de Margery e sob 'duplo controlo' ela tocou, dando badaladas longas e curtas conforme solicitado pelos Tilneys.

Depois foi colocada de volta sobre a mesa (como sempre para o toque em luz vermelha), e examinada de novo pelo Juiz. Depois em luz vermelha tocou.

A seguir a isso, estando a luz vermelha acesa, Walter tocou na campainha um número de badaladas longas e curtas solicitado pelo Juiz, sendo o pedido falado após a luz se acender. Depois fez o mesmo para a Sra. Tilney." Vários assistentes estranhos obtiveram a mesma demonstração no dia dezanove.

Prince esteve em Boston a 21 de outubro, e durante três noites sentou-se com Worcester e outros. Obtiveram um pequeno toque de campainha, mas apenas na escuridão, e nada de todo conclusivo. Walter finalmente, na terceira noite, voluntariou-se para tentar à luz do dia no dia seguinte, e a hora das duas horas foi marcada. Todos os amigos da psíquica consideraram isto uma loucura, e estavam grandemente preocupados com as perspetivas de falha, e com as consequências na atitude de Prince em relação à mediunidade. F. H. permitiu que a sessão se realizasse contra o seu melhor julgamento.

Existe uma declaração ditada pela própria Margery e uma enviada por correio por Prince a F. H. Esta última não está autorizada para publicação. Devo, portanto, usar a primeira, com a observação de que, embora cada uma registe naturalmente detalhes que a outra omite, as duas declarações concordam muito bem em todos os aspetos, e não se contradizem de todo; exceto que a impressão obtida a partir da de Margery seria a de que a campainha tocou badaladas bastante longas, enquanto a partir da de Prince se inferiria que tocou muito curtas.

"Margery e Prince únicos participantes. Sessão começou às 14h30. Posição, médium e Prince frente a frente em cadeiras, sem mesa entre eles. Caixa no colo de Prince.

Controlo: ambos os pés dela nos pés dele, ambas as mãos seguras por ele ao longo de todo o tempo. Caixa no colo dele, explorada várias vezes por ele; e o colo da médium também revistado.

Condições de iluminação: Cortinas da frente puxadas, porta do quarto aberta. Sol a brilhar no corredor, mostrador do relógio visível a seis pés. Prince organizou as condições de iluminação sem sugestão da médium e declarou-se satisfeito com elas. [Prince diz-me que Margery não fez sugestões e não interferiu de forma alguma em nada.]

Em cinco minutos a médium ficou muito com frio e Prince cobriu-lhe as mãos para as aquecer, puxando mantas à sua volta." [Margery descreve aqui certos fenómenos vocais, em parte de Walter e em parte de outros, que ela ouviu mas que, naturalmente, Prince não ouviu. Passo por alto por serem de menor interesse nesta narrativa.]

"Walter veio na voz habitual, dizendo: 'A Miúda está com demasiado frio. Tragam uma bebida quente e recomecem.' A sessão foi interrompida até às 15h15. Após o recomeço [ela não indica quanto tempo depois; Prince diz que foi pouco tempo depois], a caixa da campainha tocou subitamente uma badalada longa; controlo igual ao do início, com a cabeça e os ombros da médium perfeitamente visíveis. Prince explorou a caixa novamente, aparentemente sem encontrar nada de suspeito. Após um intervalo de cinco minutos Walter tocou a campainha novamente, por volta das 16h00. [Obviamente há algo de errado com a marcação do tempo aqui.] Prince levou imediatamente a caixa para o quarto com ele, e experimentou com ela, não encontrando nada de suspeito. Disse ele [esta é, naturalmente, a citação de Margery]:

‘Não conheço nenhuma forma como a campainha possa ter sido tocada. Mas não sou eletricista e gostaria de uma declaração de Comstock ou Conant sobre se de alguma forma um curto-circuito poderia ser feito que a fizesse tocar a intervalos.’

Prince mostrou por esta observação, feita após ter olhado para o interior da caixa, que tem menos conhecimento elétrico do que eu suporia ser necessário para alguém na sua posição. Testemunharei categoricamente que, com a caixa na condição em que a encontrei sempre, não há possibilidade de curto-circuito interno enquanto a caixa permanecer trancada; Conant testemunhou isso mesmo e F. H. tem a sua declaração.

A ocasião terminou com um toque de comédia. Prince, aparentemente a pensar alto, disse algo sobre a possibilidade de um aparelho oculto sob o vestido de Margery. Ou ele se voluntariou ou ela arrancou dele a admissão de que o uso de tal aparelho para tocar a campainha perfuraria o tecido. Por isso ela despir o vestido e atirou-o à sua cabeça metafórica, insistindo para que ele o examinasse contra a luz e lhe desse um atestado de boa saúde. Isto ele fez.

Prince contou-me, em confidência, as reservas que sente que deve manter contra a certeza da autenticidade deste episódio. No meu julgamento, não seria necessário muito deste toque de campainha para obter um veredito de autenticidade da sua parte; pois cada reserva que ele mantém foi na minha presença respondida de forma inteiramente cristalina, e estou confiante de que seria da mesma forma respondida na dele. Mas de momento ele pede um esforço para obter fenómenos sob condições que F. H. teme que possam não funcionar ou que possam ser, se funcionassem, prejudiciais para a saúde da psíquica.

Eles não conseguem chegar a um acordo; e Prince toma a posição de que o seu tempo é demasiado atarefado para lhe

permitir ir a Boston, a menos que tenha garantia antecipada das condições sob as quais a sessão será realizada. No meu julgamento ambos estão errados. F. H. poderia prometer com segurança uma tentativa de sessão sob as condições que Prince pede; e da mesma forma, Prince bem poderia dar-se ao luxo, na fase atual da mediunidade, de dar um pulo durante um fim de semana pela oportunidade de que o que aconteceu com dezenas de assistentes acontecesse com ele. Ele, e não F. H., é o perdedor através do impasse; por isso ele é quem deveria quebrá-lo.

Damon e os seus dois colegas académicos, os Srs. Hillyer e Code, estiveram presentes a 25 de outubro, quando Walter "tocou a caixa da campainha em luz vermelha com todas as mãos visíveis acima da mesa, após o que os novos assistentes puderam examinar a caixa, também no mesmo período de luz vermelha." Isto é algo mais a que Walter nunca chegou com as balanças. O exame da caixa durante a sessão, naturalmente, implica meramente a busca externa por fios, etc., e não uma abertura e inspeção dos arranjos internos tal como é dada antes de se sentarem.

Da declaração assinada por McDougall e Worcester para 28 de outubro, cito: "A caixa da campainha começou a tocar no escuro; sob instruções de Walter acendemos a luz vermelha, na força máxima. McDougall colocou a sua mão esquerda toda em redor da caixa e o seu braço sobre o topo enquanto ela estava a tocar; Worcester fez o mesmo. Durante este tempo o toque foi momentaneamente interrompido; depois veio um período de escuridão. Durante o toque todas as oito mãos estavam erguidas acima da mesa e eram visíveis para todos. O controlo dos pés de Margery e de F. H. foi mantido ao longo de toda a sessão, apesar da sua pertinência aparentemente reduzida.

Após cinco minutos para relaxamento, a campainha começou novamente a tocar no escuro; depois na luz vermelha total

conforme esta foi acesa. Ambos os observadores voltaram a colocar as mãos e os braços livremente sobre e em redor da caixa. Depois Worcester ergueu a caixa dezasseis polegadas fora da mesa, de modo que todos pudessem ver debaixo dela; e ela continuou a tocar. McDougall explorou livremente entre a mesa e a caixa da campainha erguida. A campainha tocou de forma sustentada através de tudo isto e para dentro do período de escuridão subsequente. Parou depois a pedido.

A caixa da campainha, o gabinete, a mesa, as pernas da mesa, as extremidades de Margery, foram todos examinados por McDougall e Worcester à sua satisfação. Um arco fechado foi passado completamente por cima e por baixo da mesa por McDougall."

Por esta altura, McDougall objetou a certas características do design da caixa. A mola que mantinha as duas tábuas afastadas era uma estrutura em espiral; e se se lhe permitisse expandir até ao seu limite máximo, era provável que projetasse a tábua superior para fora do seu caminho e depois voasse para fora da sua montagem. Isto foi evitado pregando uma tira de veludo ao longo dos lados das tábuas, limitando o grau até ao qual estes dois membros se podiam separar. McDougall considerava a tira de veludo como uma complicação indesejável; não conseguia sentir-se seguro de que esta não adicionasse às possibilidades de fraude! Por isso, a seu pedido, foi retirada para a sessão de 30 de outubro. O registo aqui lê-se:

"Sala revistada; mesa e caixa da campainha examinadas e mesa passada através de um laço de corda por McDougall. Os tornozelos de Margery atados juntos e pela mesma amarração fixados ao tornozelo direito de McDougall. A Victrola quase de imediato abrandou, variando em velocidade quase até à paragem completa; isto continuou ao longo de todo o tempo."

“21h25. Caixa da campainha tocada no escuro.”

“21h38. Caixa da campainha começou a tocar no escuro. A luz vermelha foi acesa, na força máxima. McDougall e Worcester examinaram em redor e sobre a caixa, não encontrando nada. Worcester ergueu-a então, ainda a tocar, e transportou-a setenta e oito polegadas para noroeste da sua posição habitual na mesa, e cinquenta e seis polegadas acima do chão. O seu corpo estava entre a caixa e a mesa, e ele estudou-a constantemente. Ela continuou a tocar. Foi colocada de volta na mesa, ainda a tocar, e assim tocou para dentro do período de escuridão. Depois, a pedido, parou.”

Com a mola deslocada, a tábua superior é suficientemente pesada para fechar o contacto pelo seu próprio peso, e para manter a campainha a tocar permanentemente. O facto de ter parado aqui provou que a mola ainda estava no lugar. Mas F. H. tinha dito a McDougall, em protesto contra a remoção do veludo, que a mola mais cedo ou mais tarde saltaria para fora; e o acidente ocorreu após esta entrada, obviamente, pois lemos agora:

“21h50. A campainha começou a tocar novamente no escuro, a luz foi acesa, o toque continuou, e observou-se que a mola tinha saído do lugar.

22h08. Sessão encerrada. Caixa da campainha examinada por McDougall e Worcester. A lâmina de uma faca foi forçada através do topo de contacto móvel, para eliminar a possibilidade de uma placa de metal, oculta no interior. Durante o toque no escuro, Worcester viu a faísca na placa de contacto, mostrando que o toque era realizado por esse contacto.”

Se eu assinalar a futilidade do teste aqui empregue para excluir ímanes, compreender-se-á que eu próprio apliquei muitas vezes o teste válido contra isto. Passa-se simplesmente um íman

exaustivamente sobre a superfície, e verifica-se que não se cola em lado nenhum; testou-se então toda a superfície e não meros pontos selecionados da mesma.

Após esta ou outra sessão em que viu a campainha tocar enquanto era transportada pela sala, McDougall foi pressionado para dar uma razão definitiva pela qual não concedia o caráter psíquico do fenómeno. Não tinha absolutamente nenhuma sugestão a oferecer sobre como isso poderia ter sido feito fraudulentamente; estava literalmente falido aqui. Considero que os únicos caminhos abertos nesta conjuntura são um veredito cristalino de autenticidade ou uma admissão cristalina de falta de confiança na capacidade própria para lidar com o problema. McDougall procurou um caminho intermédio com o argumento de que não podia derrubar tão sumariamente a filosofia de toda uma vida. Se a sua filosofia preconcebida lhe é mais cara do que os seus factos observados, ele deveria ficar fora da sala de sessões, onde o principal objetivo de alguém é expor-se a pesados riscos de reviravolta filosófica.

A mola desordenada, notar-se-á, afetou apenas o episódio final aqui. Antes da sessão seguinte, a mola em espiral foi substituída por uma mola em tira, aparafusada numa das extremidades como fotografado, e não exigindo qualquer travão para evitar o acidente que tinha acontecido à mola em espiral. Mas McDougall, numa data posterior, quando o interesse dos jornais no caso estava ao rubro, achou necessário explicar por que razão não tinha declarado o caso autêntico. Entre as coisas de oportunidade questionável que disse estava uma referência à mola "partida".

Ele não se contentou em mencionar este incidente muito especial e sem significado (pelo qual ele próprio era responsável); ele realmente associou-o com a sua observação sobre derrubar a filosofia de toda uma vida, de uma forma que facilmente levaria

um leitor a inferir que a única vez em que viu um desempenho de outro modo válido com a caixa da campainha, a mola estava partida. Como resultado óbvio e facilmente previsível, o incidente foi aproveitado pela imprensa e por Houdini, e generalizado numa explicação para todo o toque de campainha; e Houdini fez a declaração mais ofensiva, numa palestra pública em Boston, ridicularizando Worcester na suposição de que este tinha ficado prodigiosamente impressionado enquanto desfilava pela sala com uma caixa de campainha a tocar e uma mola partida. Considero de todo extraordinário que uma pessoa com a experiência e a posição de McDougall tenha falado de uma forma que tornou tão fácil confundir o muito especial com o totalmente geral.

Conant teve uma experiência extraordinária ao meio-dia de 1 de novembro. Veio à casa para tirar, para publicação posterior, uma fotografia da caixa da campainha. Expôs uma única chapa, numa sala iluminada pelo sol. Duas vezes durante a focagem e a exposição Margery passou pela sala nas suas tarefas domésticas. Aquando do desenvolvimento, verificou-se que a caixa estava obscurecida por uma nuvem branca difusa, bloqueando completamente os seus contornos, e a "despejar-se" para cima no fundo do ecrã. Na extremidade desta nuvem está desenhada a silhueta de algo que é ou não um rosto humano, conforme a preferência pessoal de cada um. No dia três, Conant teve a oportunidade de perguntar a Walter do que se tratava tudo aquilo.

A resposta veio: "Estava à espera que perguntasses isso. Esta casa está assombrada. Estamos muitos por aqui." Ele atribuiu o resultado obtido a John.

A 7 de novembro, estiveram presentes, além de Margery e F. H., apenas McDougall e Worcester. Na primeira parte da sessão houve um conjunto complexo de toques e trabalho com a caixa da campainha no escuro, sendo este último registado como um toque esporádico e irregular. Conant estava na casa à espera de uma

chamada; e em breve Walter mandou-o chamar, instruindo para que, ao seu sinal, fosse tirada uma fotografia com flash da caixa da campainha, a tocar em luz vermelha. Conant montou a sua câmara, e depois houve um pouco de toque no escuro. Sob instruções de Walter, a luz vermelha foi acesa. McDougall pediu dois toques curtos e um longo. Teve a sua ordem cumprida, em boa luz vermelha, sendo o toque longo interrompido ou irregular. O flash disparou durante o toque; a campainha ficou então em silêncio na luz e foi examinada [externamente] na mesma luz vermelha, sem escuridão de interrupção.

Neste ponto McDougall, ao experimentar com a caixa da campainha, notou que o peso muito ligeiro de um calendário de bolso bastava para tocar a campainha, quando colocado centralmente na tábua superior. Passados alguns minutos, este peso já não fazia baixar a tábua para a posição de contacto, mesmo quando colocado o mais alto possível na tábua para aumentar a sua alavancagem. A caixa foi levada para o andar de baixo; nesta altura, um certo livro moderadamente pesado fazia tocar a campainha, quando colocado com a sua extremidade frontal a meio caminho da inclinação da tábua superior. Passados cerca de trinta minutos, o aparelho foi testado novamente; e este mesmo livro teve de ser colocado na extremidade superior da tábua para forçar o contacto. Isto, juntamente com as observações registadas sob a data de 30 de dezembro, sugere de forma bastante forte que a descida da tábua superior é em parte afetada pela presença de algum elemento psíquico de peso adicionado, que tem de ser lentamente introduzido e lentamente removido.

O assunto da caixa da campainha em luz vermelha tomou, a 9 de novembro, um rumo novo e totalmente surpreendente. O Dr. Henry Newmann, líder da Sociedade de Cultura Ética de Nova Iorque, esteve presente.

“Walter tocou a campainha, começando e terminando em luz vermelha. Estando a luz acesa, Newmann pediu que fosse tocada dois curtos e um longo; isto foi feito de imediato. A campainha foi imediatamente examinada para mostrar a sua isenção de ligações externas. Walter tocou-a novamente em luz total e parou. Neste mesmo período de luz, Newmann pegou então na caixa para olhar debaixo e em redor dela; pelo que, enquanto era assim segurada no ar, Walter a tocou intermitentemente.”

Conant, a 11 de novembro, teve permissão para tirar uma fotografia com flash da caixa da campainha, mantida bem alto no ar por Richardson, e a tocar. Novamente no dia doze, as câmaras entraram em jogo — desta vez com resultados aparentemente supernormais. A campainha começou a tocar; o flash disparou; a campainha continuou a tocar, depois parou; foi de imediato examinada em luz vermelha. Walter tinha dito: “Esta imagem deve mostrar uma mão e um antebraço em relação com o megafone que estava sobre a mesa”; o leitor pode ver que fez exatamente isso. Também um segundo megafone, vislumbrado por Adler a flutuar no gabinete durante o flash, apareceu na chapa. Esta imagem poderia conservadoramente alegar-se ter substância.

Uma segunda imagem foi tirada; Walter disse que tentaria tornar visível uma mão, debaixo da aba da caixa da campainha, mas que não tinha a certeza de que o conseguiria. Não precisava de ter sido tão modesto, como o resultado demonstra.

Novamente, no dia treze, a caixa da campainha tocou no escuro para McDougall e Worcester, sob amplo controlo; mas recusou-se a funcionar na luz. McDougall tinha-se perguntado como poderia estar seguro de que a coisa não era feita soprando sobre a tábua de contacto superior. Walter aproveitou esta ocasião para se rir da ideia — justamente, penso eu. Depois apresentou

uma novidade: “Não há um homem nesta sala agora que consiga tocar esta caixa de campainha por qualquer meio.”

No escuro, sob duplo controlo perfeito, McDougall tentou repetidamente tocá-la com o queixo. Localizou a tábua de contacto, pressionou-a para baixo, e todos os presentes ouviram os contactos metálicos baterem um no outro; mas nenhuma campainha tocou. Depois, de repente, ele voltou a fazê-lo, e ela tocou! “Ha, ha!”, disse Walter, “eu estava a segurar o martelo da campainha.”

Toda a experiência anterior com a caixa da campainha foi remetida para a sombra a 16 de novembro. Os Srs. Patten de Chicago e Costikyan de Nova Iorque, ambos comerciantes proeminentes, estiveram presentes, juntamente com os três instrutores de Inglês de Harvard. O registo é invulgarmente completo:

“(1) Ele tocou a campainha começando e terminando em luz vermelha, seguido de exame da caixa.

(2) Ele começou o toque da campainha na luz vermelha, permitiu que Patten a erguesse bem alto no ar, ainda a tocar, que a colocasse no chão ainda a tocar e depois parou-a na luz. Enquanto Patten tinha a caixa no ar, os outros tatearam em redor e para baixo entre a psíquica e a caixa.

(3) Walter começou o toque da campainha em luz vermelha. Damon ergueu-a ainda a tocar, colocou-a no topo da sua cabeça e nessa posição ela tocou intermitentemente, começando e parando definitivamente e assim continuou intermitentemente até ser colocada de volta na mesa, altura em que parou.

(4) Walter começou o toque da campainha em luz vermelha, permitiu que Costikyan a erguesse, a levasse primeiro para uma

janela e depois para a outra, girasse o seu corpo num círculo completo enquanto ainda segurava a caixa da campainha a tocar e a trouxesse de volta para a mesa ainda a tocar, pelo que ele a parou a pedido.

(5) A luz vermelha foi acesa e, a pedido de Patten, Walter tocou dois longos e três curtos, começando e terminando na luz vermelha, seguido de exame imediato da caixa.

Consideramos esta a experiência mais maravilhosa e completa com a caixa da campainha que foi feita." Pode-se simpatizar com eles!

Quando visitei a casa da Lime Street a 18 de novembro, vi a disposição revista da mola pela primeira vez, e considerei isto como uma melhoria clara. O convidado de honra nesta noite foi o Dr. R. N. Daley de Nova Iorque. Ele, Richardson e eu abrimos a caixa da campainha. Não sei que confiança eles tinham no seu próprio conhecimento elétrico, mas verifiquei que não havia aparelhos estranhos na caixa nem possibilidade de curto-circuito.

Com a tira de veludo removida, descobri que se podia obter tintinabulares ténues e isolados ao agitar a caixa; mas tinha de se agitar com muita força para isso, e o resultado não era remotamente parecido com o toque da sessão. Redigi o registo da noite para F. H.

"Walter apareceu bastante prontamente, e após negociação no escuro, a sessão foi entregue à caixa da campainha. Esta estava sobre a mesa, como de costume. Com controlo de mãos anunciado como perfeito por F. H. e Daley, sem tentativa de controlo de pés, a campainha tocou repetidamente. Fiquei algo intrigado sem saber por que razão por vezes faíscava visivelmente e por vezes não, perguntando-me se haveria aqui algum elemento psíquico ainda não reconhecido.

Após bastante disto no escuro, Walter instruiu para que a luz vermelha fosse acesa e para que Daley erguesse a caixa nas suas mãos. Isto ele fez. A luz não era a intensidade total do reóstato, mas era ampla para boa visibilidade — eu julgaria cerca de oitenta por cento do máximo. Daley não moveu a caixa tão livremente como eu teria feito se estivesse no seu lugar, mas ergueu-a talvez dois pés fora da mesa e lateralmente em direção a si próprio até a mesa não estar de todo debaixo dela, e moveu-a um pouco enquanto a segurava durante a demonstração.

Mal a tinha agarrado firmemente na mão, na posição descrita, quando ela começou a tocar. Parou e recomeçou várias vezes, tocou badaladas médias e longas enquanto ele assim a segurava; e finalmente veio uma badalada muito longa, de dez segundos ou mais. Durante esta badalada Daley colocou a caixa de volta na mesa, e ela continuou a tocar, parando apenas após ter estado na mesa e livre do seu contacto por talvez três ou quatro segundos. Enquanto ele a segurava no ar, a tocar intermitentemente, Richardson passou as suas mãos livremente pelo espaço debaixo da caixa e acima da mesa.

A luz foi apagada para negociação com Walter. Ele indicou que tocaria a campainha por encomenda tal como estava sobre a mesa. Luz restaurada para este fim, e Daley pediu dois longos e dois curtos. Obteve-os. Aqui, como antes, a tábua superior podia ser vista a mover-se para baixo até ao contacto à medida que a campainha prosseguia a tocar, e a mover-se para cima afastando-se do contacto à medida que parava.

Como capítulo final, no escuro Walter deu uma exibição do que é tomado como sendo a adição e remoção do seu material ou força conforme aplicado à tábua de contacto superior. Daley foi convidado, talvez cinco ou seis vezes ao todo, a tocar ele próprio a campainha. De cada vez ele fê-lo através do dedo de

Richardson, colocando esse dedo na tábua e depois pressionando sobre ele, para que Richardson pudesse verificar a sua declaração sobre a quantidade de força necessária para fazer contacto.

Eles concordaram que isto variava notavelmente entre as suas várias experiências. Uma vez fui convidado a tentar isto, e fi-lo através do dedo de Adler. Tive dificuldade em encontrar a caixa, e não estava de todo confiante sobre a distância exata a partir do ponto de apoio em que apliquei a minha pressão. Por conseguinte não fui capaz de fazer qualquer declaração de rigidez relativa de ação."

Demonstrações deste caráter continuaram a ser dadas. A 22 de novembro Ekland ergueu a caixa bem acima da sua cabeça em boa luz vermelha, após o que Walter começou a tocá-la, e continuou a fazê-lo intermitentemente.

Os estranhos no dia vinte e três incluíram o Dr. Louis Arkin e o Dr. H. A. Donnell. "Arkin segurou a caixa tão alto quanto possível acima da sua cabeça, pelo que Walter a tocou intermitentemente e a manteve assim a funcionar até ser colocada de volta na mesa. Ele fez depois o mesmo para Donnell. Em cada instância o outro estranho passou as suas mãos em redor e sobre a caixa para excluir fios. Eles tinham-na examinado interna e externamente em luz branca antes da sessão.

Ainda em luz vermelha, Walter tocou a campainha um número necessário de vezes, longos e curtos em combinação necessária, sendo o pedido feito por Arkin após a luz se acender. Depois ele fez isto para Donnell. Quando o fez novamente, Arkin disse três e Donnell dois, ao mesmo tempo, por mal-entendido; Walter tocou então três e depois dois, tudo em luz vermelha."

As distintas senhoras visitantes de 25 de novembro obtiveram uma excelente demonstração da campainha em luz vermelha. Três

delas, por sua vez, obtiveram tudo o que tinha sido dado no dia vinte e três. Duas vezes a 28 de novembro a campainha foi fotografada por flash num momento em que estava a tocar enquanto segurada no ar — primeiro por Laura C., depois por Richardson. Da primeira, Walter disse que algum do seu material estava na aba, mas não tinha a certeza se apareceria. Da outra, disse que tentaria mostrar a mão e o braço de John a segurar a caixa. A cópia mostra algo capaz de explicação nesses termos mas incapaz de reprodução em meio-tom.

O círculo amigo de 5 de dezembro obteve a caixa da campainha como nos dias vinte e três e vinte e cinco. A Sra. Yerxa, a Sra. Litzelmann, a Sra. Arnold, por sua vez, seguraram a campainha enquanto ela tocava. Litzelmann segurou-a e ela recusou-se a tocar. O riso de Walter foi ouvido e ele disse que tinha estado a brincar; tente novamente. Litzelmann fê-lo, e ela tocou. Tinha havido ampla demonstração de que o toque estava sob o controlo da inteligência direcionadora, mas este pequeno item é útil para mostrar que a campainha não está programada para se comportar de uma determinada forma sob um determinado tratamento.

Quando digo isto, claro, falo não como quem examinou a caixa, mas assumo temporariamente o ponto de vista de alguém a mil milhas de distância, que nunca a viu. Outros dois assistentes a 14 de dezembro tiveram a campainha a tocar nas suas mãos.

Ocupando o posto de honra à esquerda de Margery a 30 de dezembro, Dingwall foi a vítima seguinte da campainha. A minha declaração aqui é totalmente sob a minha própria responsabilidade, e não de todo sob a dele. Todo o desempenho foi dado — tocar na mesa repetidamente no escuro, tocar por encomenda na luz, tocar e parar ao acaso enquanto Dingwall estava de pé a segurar a caixa no ar e girava completamente enquanto a segurava assim.

Uma variação interessante notei eu aqui. Onde muitas vezes o toque em luz vermelha é acompanhado pelo movimento visível da tábua superior, tal não foi, esta noite, o caso. Em vez disso a tábua era mantida permanentemente para baixo, numa posição ligeiramente antes do contacto. Walter podia então completar o contacto com o mínimo esforço exercido na luz; e não se podia então ver o movimento final ligeiro necessário para tal. Podia-se, contudo, medir muito facilmente com o olhar a diminuição na abertura entre as extremidades das tábuas, em comparação com a sua condição normal. Generalizei sobre isto vários parágrafos atrás.

Dingwall está interessado não apenas na questão da ocorrência, mas também na explicação. A partir deste ângulo ele não gostou do aparelho de contacto elétrico. Não via como, concedendo autenticidade, seria capaz de dizer se a campainha era tocada baixando a tábua ou inserindo uma ponte psíquica de algum tipo entre os contactos, para transportar a corrente através da folga. O ponto é válido; mas não afeta a prova cristalina de autenticidade que obtemos neste capítulo. O leitor pode contar por si próprio o número de pessoas que pegaram na caixa e a tiveram a tocar nas suas mãos, e o número daquelas que a viram a tocar em boa luz vermelha sobre a mesa.

Pode responder por si próprio à pergunta de se o clímax da demonstração é alcançado aqui. E se responder "Não", espero que olhe pelo menos para dentro do seu coração e responda no mesmo sentido à pergunta: "Há algum fenómeno que possa ocorrer, sob quaisquer condições, que o satisfaça?" Após o que pode reler o meu primeiro capítulo, ou não, conforme lhe aprouver.

CAPÍTULO LIII
SESSÕES E ASSISTENTES

Na declaração de assistentes, disposições, etc., que se segue, os assistentes mais frequentes são designados por abreviaturas arbitrárias. Uma chave para estas, juntamente com um índice para as páginas do texto onde estas pessoas são introduzidas, e uma declaração do número de sessões frequentadas por cada um desde o início, até 27 de dezembro de 1924, segue-se:

Assistente e Símbolo	Número de Sessões*	Introduzido na Página	Assistente e Símbolo	Número de Sessões*	Introduzido na Página
M "Margery"	339	13, 18	JJ Dr. Janney	7	20
FH "FH"	331	13, 18	MJ Sra. Janney	8	20
A Adler	263	14	K Keating	10	182
B Bird 51	149ff		GK "GK"	13	*
EB Dr. Brown	125	14	L Laura C.	59	20
KB Sra. Brown	122	14	Les Lescarboura	5	149
KMB Sra. J. M. Bird	11	*	CL Litzelmann	27	20
DGC "D. G. C."	2	20	SL Sra. Litzelmann	27	20
FPC Sra. "D. G. C."	3	20	McD Dr. McDougall	22	51
Ca Dr. Caldwell	79	19	Mn Munn	8	408
Cg Dr. Carrington	51	150	My Murray	16	20
Ch Charles	30	*	P Dr. Prince	10	150
Ck Dr. Comstock	56	150	R Dr. Roback	27	36
Cr Cross	198	14	MR Dr. Richardson	81	19
Ct Conant	57	153	JR Sra. Richardson	76	19
Da Damon	6	457	PR Miss Richardson	31	19
JD De Wyckoff	10	458	DR D. Richardson	6	19
MD Sra. De Wyckoff	10	458	JS Stewart	19	20
E Ekland	14	149	DS Sra. Stewart	18	20
Fr Sra. Frothingham	4	19	Sc Miss Scott	13	57
DF Filho da Sra. Fr.	7	*	St "Sra. S"	30	149
G Dr. Goodall	26	20	Wc Dr. Worcester	8	465
He Helson	6	103	Wd Miss Wood	11	153
Hm Sra. Hemenway	6	402	Wh Whittaker	3	39
Ho Houdini	5	151	JY Yerxa	3	*
Hv "Haviland"	6	460	EY Sra. Yerxa	12	*

** Estes assistentes são ou amigos da família Crandon que não requerem apresentação adicional, ou esposas de assistentes que foram apresentadas ao leitor.*

Além dos tabelados, outras pessoas sentaram-se, como se segue:

Cinco vezes: Sra. Wh., Sra. McD., Golding.

Quatro vezes: Gray (p. 403), Cónego Douglas (p. 465), O'Dell, Miss McKinstry, Miss Wiggin.

Três vezes: Sra. Gray (p. 462), Parsons (p. 461), Shuttleworth (p. 462), Sra. Shuttleworth, Mink (p. 462), Hillyer (p. 473), Code (p. 473), Dr. Donnell (p. 468), Carrel, Miss Lord (p. 19), Sra. F. L. Woods.

Duas vezes: Dr. Murphy (p. 103), "Dr. T." (p. 70), Sr. e Sra. J. H. McKenzie (p. 136), Sra. Franks e filho (p. 459), Margaret Deland, Sra. C. S. Bird, Sra. Donnell, Sra. "Hv", Nash, Abbott, Sra. Remick, Sra. Birge, Sr. e Sra. Saklatvala, Sr. e Sra. Lawson, Sra. Allison, Paton.

Uma vez: Sessenta e três pessoas nomeadas nos resumos das sessões abaixo, e numerosas outras não nomeadas.

PRIMEIRO PERÍODO: SESSÕES DE 1923 EM BOSTON E ARREDORES

Para estas sessões não se fez registo da disposição dos assistentes ou do grau de controlo. Além da ação indicada pelas referências específicas, deve ter-se em mente que as observações gerais dos Capítulos III e V relativas à atividade da mesa se aplicam a todas as sessões deste período. Pode também fazer-se referência à página 34 para observações sobre o grau de iluminação prevalecente. Subentendendo-se a presença de

Margery em todas as sessões, ela não é mencionada nas listas abaixo. As letras ABC representam o grupo original de assistentes amigos, incluindo FH, A, Cr, Ca, KB e EB. Todas as sessões na Lime Street, salvo indicação em contrário.

27 de maio: FH, A, Cr, KB, EB. Página 17. Sem registo; relatado a partir da memória dos assistentes.

3 de junho: ABC. Pp. 22, 34, 45. Registo por FH.

9 de junho: Residência dos Brown. ABC. Pp. 35, 48. Registo por F. H.

10 de junho: ABC. Pp. 49, 60. Registo por FH.

16 de junho: Residência dos Brown. ABC, My, Sra. My. Pp. 35, 45, 49. Registos por FH e outro assistente, dados na íntegra, pp. 83 ff.

17 de junho: ABC, My, Sra. My, MR, JR, DR. Pp. 49, 60. Registo por FH.

23 de junho: Residência dos Brown. ABC. Pp. 36, 50, 69.

24 de junho: ABC, MR, JR, DR, L, G, R. Pp. 36, 45, 50, 63. Registo por FH.

30 de junho: Residência dos Brown. ABC, L, R, Sc. Pp. 37, 50, 63. Registo por FH.

1 de julho: ABC, L, My, R, Sc, McD. Pp. 50, 61, 62. Registo por FH.

4 de julho: FH, A, L. Pp. 38, 51, 73. Registo por FH.

9 de julho: Quarto de hotel, Wiscasset, Maine. KB, L. Registo por L. Ação habitual da mesa, de resto em branco.

13 de julho: Residência de DGC, Newton Center. FH, A, KB, EB, L, DGC, FPC. Pp. 38, 51. Registo por FH.

14 de julho: Residência dos Brown. ABC, L, My, R, Sc. Pp. 38, 51, 57. Registo por FH.

15 de julho: ABC, MR, G, L, Sc, R, Sra. R, Drs. McGinley e Silbermann. Pp. 52, 58, 62, 63. Registo por FH.

SESSÕES E ASSISTENTES 487

21 de julho: Residência dos Brown. ABC, L. Pp. 52, 64. Registo por FH.

22 de julho: ABC, MR, JR, DR, G, “Sra. T.”, “Sra. X.” Pp. 52, 59, 63, 64. Registo por JR.

23 de julho: FH, A, MR, JR, L. Pp. 38, 52, 63. Registo por FH.

28 de julho*: Residência dos Brown. ABC, L, JS, DS, Wh, Sra. Wh. Pp. 39, 52, 64. Registo por FH.

29 de julho: ABC, L, JS, DS, Wh, Sra. Wh, Sra. Mackie, Miss Fogg. Pp. 45, 53, 54, 64, 70. Registo por FH.

30 de julho: FH, A, L. Pp. 40, 45, 54, 65. Registo por FH.

2 de agosto: FH, A, L, DGC, FPC. Pp. 40, 54, 65. Registo por FH.

4 de agosto: Residência dos Brown. FH, Ca, Cr, EB, KB, L, My, JS, Sc. Pp. 40, 58, 64. Registo por FH.

5 de agosto: Casa de campo de FH em Winthrop Beach. ABC, L, Sc, JS, DS, Wh, Sra. Wh, “Dr. T.” Pp. 55, 70. Registo por FH.

11 de agosto: Residência dos Brown. ABC, L, Sc, JS, DS, Sra. Wh, Nash. Pp. 41, 55, 70. Registo por FH.

12 de agosto: ABC, L, JS, DS, Sra. Wh. Página 41. Registo por FH.

18 de agosto: Residência dos Brown. ABC, JS, R. Página 41; praticamente em branco. Registo por FH.

18 de agosto, hora mais tardia (Lime Street): FH, A, Cr, L, R. Página 55. Registo por FH.

19 de agosto: ABC, L, “Dr. T.” Pp. 46, 55, 71, 73. Registo por FH.

9 de setembro: ABC, MR, JR, L, CL, SL. Pp. 41, 46, 65, 74, 88. Registo por JR, dado na íntegra, pp. 85 ff.

21 de setembro: A, Cr, L. Ação habitual da mesa com grande liberdade, nada mais esperado ou desejado. Registo por L.

22 de setembro: FH, A, Cr, Ch. Página 74. Registo por FH.

23 de setembro: ABC, MR, JR, Ch, Fr, Miss Crawford. Pp. 46, 66, 74, 88. Registo por JR.

28 de setembro: FH, MR, JR e vários outros não nomeados e não contados. Pp. 46, 75. Registo por JR.

30 de setembro: FH, Fr, dez homens e três senhoras não nomeados. Pp. 41, 65, 75. Registo por Fr.

6 de outubro: FH, MR, JR e vários outros não nomeados e não contados. Pp. 65, 75, 90. Registo por JR.

7 de outubro: ABC, MR, JR, Ch, CL, SL, R, McD. Pp. 42, 66, 67, 76, 90. Registo por JR.

11 de outubro: FH, A, MR, JR, Ch, Miss Lord. Pp. 42, 76, 95. Registo por JR.

12 de outubro: FH, A, Ca, EB, KB. Pp. 77, 96. Registo por FH.

13 de outubro: FH, A, Ca, EB, KB, Ch. Página 77. Registo por FH.

14 de outubro: FH, A, Ca, EB, KB, MR, JR, CL, SL, Ch, He, Abbott. Pp. 66, 77, 91, 97. Registo por FH.

18 de outubro: FH, A, MR, JR, PR, Ch, Abbott. Pp. 42, 66, 77, 91, 98. Registo por JR.

19 de outubro: FH, A, Ca, EB, KB, JS, DS. Pp. 78, 93. Registo por FH.

20 de outubro: ABC, MR, JR, PR, Ch, Golding, He, Murphy. Pp. 43, 46, 55, 66, 67, 78, 100. Registo por JR.

22 de outubro: FH, A, Golding. Pp. 43, 78. Registo por FH.

25 de outubro: FH, A, Cr, MR, JR, PR, JY, EY, Sra. Remick. Pp. 43, 78, 91, 100. Registo por JR.

** O texto aqui dá a data de 24; esta deveria ser 28.*

26 de outubro: FH, A, Cr, EB, KB, Ch, R. Pp. 92, 101. Registo por FH.

27 de outubro: FH, A, Cr, Ch. Pp. 79, 92. Registo por FH.

28 de outubro: FH, A, Cr, EB, KB, MR, JR, PR, DR, Ch, EY, R, McD, Sra. Woods. Pp. 93, 101. Registo por JR.

1 de novembro: FH, A, Cr, MR, JR. Pp. 79, 93. Registo por JR.

3 de novembro*: FH, McD, R, He. Pp. 67, 80, 93. Registo redigido e assinado por He, dado na íntegra pp. 103 ff.

4 de novembro: ABC, MR, JR, PR, Ch, CL, SL, EY. Pp. 68, 80. Registo por JR.

6 de novembro: ABC. Página 81. Registo por FH.

8 de novembro: ABC, MR, JR, PR, Ch. Página 81. Registo por JR.

10 de novembro(?): FH, McD, R, He. Sem registo; relatado a partir da memória. Ver pp. 108 ff.

11 de novembro: Quarto de hotel, Andover, Massachusetts. ABC, JS, DS, três outros. Pp. 46, 72, 81. Registo por FH.

15 de novembro. No círculo: ABC, B. Fora: MR, JR, Ch. Livre na sala: He. Pp. 67, 68, 81, 101, 116 ff. Registos por B e JR.

16 de novembro. ABC, B, todos no círculo. Página 81. Registos por B e FH.

17 de novembro. No círculo: ABC, B. Fora: MR, JR, Ch, R. Livre na sala: He. Pp. 81, 82, 118 ff. Registos por B e JR.

17 de novembro, hora mais tardia: ABC, MR, JR, Ch. Página 82. Registo por JR.

18 de novembro. No círculo: ABC, B. Fora: MR, JR, Ch, CL, SL, Fr, R, He, Murphy. Página 120. Registos por B e JR.

20 de novembro: Laboratório de Psicologia de Harvard. ABC, MR, JR, Ch, O'Dell. Pp. 82, 126. Registo por JR.

20 de novembro, hora mais tardia (Lime Street): FH, A, Ca, EB, KB, MR, JR, O'Dell. Página 82. Registo por JR.

22 de novembro: ABC, MR, JR, Ch, O'Dell. Pp. 82, 127. Registo por JR.

25 de novembro: ABC, MR, JR, L, Ch, EY, Sra. Woods. Pp. 82, 127. Registo por JR.

26 de novembro: ABC, MR, JR, PR, L, Ch, CL, SL, JY, O'Dell. Pp. 82, 127 ff. Registo por JR.

28 de novembro: ABC, L, MR, JR, PR, Ch, CL, SL, FPC, EY, Sra. Remick. Pp. 82, 127. Registo por JR.

SEGUNDO PERÍODO:
SESSÕES EUROPEIAS DE DEZEMBRO DE 1923

Estas são descritas em pleno detalhe no Capítulo XIX; são listadas aqui apenas por data e local, para tornar o presente registo completo.

8 de dezembro: Residência de Geley, Paris. Registo por FH.

12 de dezembro: British College of Psychic Science, Londres. Registo por FH.

16 de dezembro: British Society for Psychical Research. Registo por FH.

16 de dezembro, hora mais tardia: British College of Psychic Science. Registo por FH.

17 de dezembro: Apartamento de Sir Arthur Conan Doyle, Londres. Registo por FH.

** O texto aqui dá a data de 1; esta deveria ser 3.*

TERCEIRO PERÍODO:
SESSÕES DO INÍCIO DE 1924, EM BOSTON

A informação não é dada regularmente sobre a ordem dos assentos e do controlo, mas por vezes aparece incidentalmente ou de outra forma. As observações gerais da página 148 relativas à ação da mesa e à voz de Walter, e as do Capítulo XXVIII respeitantes ao assobio de Walter, etc., são aplicáveis à generalidade destas sessões. O primeiro parágrafo do Capítulo XL, descrevendo o procedimento musical, também se aplica. Todas as sessões na Lime Street, salvo indicação em contrário.

30 de dezembro de 1923. No círculo: ABC. Fora: MR, JR, PR, L, Ch, CL, SL, St, EY, Miss Lattimore, Miss Smith, Sra. Dennett. Pp. 147, 163, 173, 186, 195, 218. Registo por JR.

31 de dezembro de 1923. No círculo: ABC. Fora: L, St. Pp. 147, 164, 173, 187. Registo por FH.

1 de janeiro de 1924. No círculo: FH, A, Cr, MR, JR, Sra. Cadwalader. Fora: St. Controlo contínuo por FH e MR a cada um dos lados de M. Pp. 147, 148, 164, 174, 187. Registo por JR, dado na íntegra pp. 246 ff.

3 de janeiro. No círculo: ABC, L. Alternadamente dentro e fora do círculo: Sc. Fora: MR, JR, PR, Ch, St, Miss C. S. Pp. 148, 174. Registo por JR.

10 de janeiro: FH, A, Cr, MR, JR, Miss Patterson, todos no círculo. Pp. 148, 164, 174. Registo por JR.

13 de janeiro. No círculo: ABC, MR. Fora: JR, PR, CL, SL, Ch, DF. Pp. 148, 174. Registo por JR.

17 de janeiro. No círculo: ABC, MR, JR. Fora: CL, SL, DF. Pp. 148, 164, 174, 218. Registo por JR.

18 de janeiro: FH, A, Cr. Pp. 148, 175, 218, 223, 293. Registo por FH.

20 de janeiro: ABC, MR, Ch. Pp. 218, 223, 293. Registo por FH.

22 de janeiro: ABC. Largamente em branco. Pp. 218, 293. Registo por FH.

25 de janeiro. No círculo: ABC. Fora: MR, PR, Ch. Controlo contínuo por EB e Ca a cada um dos lados de M. Pp. 175, 293. Registo por JR.

27 de janeiro. No círculo: ABC, MR, JR. Fora: PR, DF. Pp. 164, 175, 218, 293. Registo por JR.

30 de janeiro: FH, A, Cr. Pp. 175, 196, 218, 293. Registo por FH.

31 de janeiro. No círculo: ABC, MR, JR. Fora: PR. Página 221. Largamente em branco. Registo por JR.

1 de fevereiro. No círculo: ABC, MR, JR. Controlo a ambos os lados de M por FH e EB, e ao outro lado de FH por Ca. Página 196. Registo por JR.

3 de fevereiro. No círculo: ABC. Fora: MR, JR, DR, PR, St, CL, SL, EY, DF, Sra. Woods, Drs. Louis e Joseph Skirball. Pp. 164, 175, 197, 221. Registo por JR.

7 de fevereiro. No círculo: ABC. Fora: MR, JR, CL, SL, St. Página 197. Registo por JR.

9 de fevereiro. Círculo, por ordem*: M, A, Cr, FH. Página 197. Registo por FH.

12 de fevereiro: FH, Cr. Pp. 176, 198. Registo por FH.

14 de fevereiro: FH, A, Cr, EB, KB. Pp. 176, 198. Registo por FH.

16 de fevereiro: FH, A, Cr, EB, KB, CL, SL, E, Sc, St. Muito do tempo a mão direita de M livre. Pp. 165, 176, 198. Registo por FH.

** A partir da esquerda de M, contornando a extremidade e regressando à sua direita.*

18 de fevereiro. No círculo: ABC, Sc, Miss Walker. Fora: MR, JR, PR, CL, SL, E, St, DF. Pp. 177, 198, 212. Registo por JR.

21 de fevereiro. No círculo: ABC. Fora, sentadas muito perto: JR, St, Miss Lord. Página 177. Registo por JR.

24 de fevereiro. No círculo: ABC. Fora: MR, JR, My, St, Fr, DF. Praticamente em branco. Registo por FH.

24 de fevereiro, hora mais tardia: FH, Cr. Em branco exceto pela voz. Registo por FH.

26 de fevereiro: FH, A, Cr. A mão direita de M frequentemente livre. Pp. 177, 198, 206. Registo por FH.

27 de fevereiro: FH, Cr, G. Página 207. Registo por FH.

29 de fevereiro: FH, A, Cr. Apenas a voz procurada e obtida. Registo por FH.

29 de fevereiro, hora mais tardia: Residência de Litzelmann. FH, A, Cr, CL, SL. Controlo de M a partir de ambos os lados por FH e CL. Pp. 199, 207. Registo por FH.

1 de março: FH, A, Cr, E, R. Pp. 199, 207, 214. Registo por FH.

2 de março: ABC. Página 178. Registo por FH.

4 de março. No círculo: FH, A, MR, JR. Fora: PR, St. Pp. 207, 221. Registo por JR.

7 de março: FH, A, Cr, St. Pp. 200, 215. Registo por FH.

9 de março. Círculo, por ordem*: M, Ca, KB, A, Cr, EB, FH. Fora: DS, JS, St, Carrel. Pp. 165, 200, 207, 215, 232, 243, 321. Registo por JR, dado na íntegra, pp. 247 ff.

10 de março: FH, A, Cr, CL, SL, St, JJ, MJ. Pp. 207, 233, 243. Registo por FH.

12 de março: FH, A, Cr, EY. Pp. 166, 178, 207. Registo por FH.

13 de março: Círculo, por ordem*: M, MR, Cr, JR, FH; controlo de mãos especificado em ambos os lados de M ao longo de todo o tempo. Fora: St. Pp. 166, 200, 216, 221. Registo por JR, dado na íntegra, pp. 249 ff.

14 de março: FH, A, Cr, St, R. Pp. 167, 200, 224, 233, 243. Registo por FH.

15 de março. No círculo: FH, A, Cr, MR, JR, DR. Fora: St. Pp. 178, 201, 208, 224, 230, 233, 244. Registo por JR.

16 de março: ABC, L, Miss McKinstry, Sr. e Sra. Millea. Pp. 167, 201, 208, 233. Registo por FH.

17 de março. No círculo: FH, A, Cr, L, Miss McKinstry. Fora: St. Pp. 168, 201, 208, 216, 219, 233, 244. Registo por FH.

18 de março. No círculo: FH, A, Cr, MR, JR, PR. Controlo contínuo de M especificado a partir de ambos os lados. Fora: L, Miss McKinstry. Pp. 168, 179, 187, 201, 208, 230, 234. Registo por JR.

19 de março: FH, Cr, L, Miss McKinstry, Ck. Página 168. Registo por FH.

20 de março: FH, A, Cr. Página 210. Registo por FH.

21 de março: FH, Cr, R, McD, Sra. McD. Controlo de M a partir de ambos os lados por FH e McD. Pp. 168, 179, 201, 234. Registo por FH.

22 de março: FH, A, Cr. Pp. 219, 234. Registo por FH.

25 de março: FH, A, Cr, G. Pp. 169, 179, 187, 208, 211, 235. Registo por FH.

26 de março: FH, Cr. Apenas a voz procurada e obtida. Registo por FH.

27 de março: FH, A, Cr, EY, JY, Sra. William Coolidge. Pp. 169, 201, 211, 221, 235, 244, 295. Registo por FH.

29 de março. No círculo: FH, A, Cr, McD, Sra. McD. Controlo de mãos e pés a cada um dos lados de M por FH e McD. Livre na sala: R. Pp. 169, 202, 208, 235, 296, 374. Registo por FH.

30 de março: ABC. Pp. 169, 296, 321, 374. Registo por FH.

1 de abril. No círculo: FH, A, Cr, MR, JR; controlo contínuo das mãos de M por FH e MR a cada um dos lados. Fora: G, PR. Mais tarde, G esteve no gabinete com M, mas não como parte do círculo e, portanto, sem controlo. Pp. 169, 179, 202, 209, 231, 236, 296, 322, 375. Registo por FH.

3 de abril: FH, A, Cr. Dr. e Sra. XYZ retiraram-se antes do fim. Pp. 202, 219, 236. Registo por FH.

5 de abril: FH, A, Cr, E. Pp. 202, 209, 216, 322. Registo por FH.

6 de abril. No círculo: ABC, E, Sc. Fora: G, Ch, DF. Mais tarde, G no gabinete como a 1 de abril. Pp. 202, 216, 236, 375. Registo por FH.

8 de abril: FH, MR, JR, PR, A, Cr, Ch. Pp. 209, 237, 296. Registo por JR.

9 de abril. Círculo, por ordem*: M, G, MJ, Cr, SL, FH. Fora: CL, JJ. Controlo contínuo registado de ambos os lados de M e FH, com confirmação periódica por SL da ligação entre M e FH. Pp. 169, 237, 375. Registo por FH.

11 de abril. Círculo, por ordem*: M, B, E, Cr, FH. Pp. 179, 187, 202, 209, 221, 237, 296, 375. Registos por B e FH.

12 de abril. Círculo, por ordem*: M, FH, A, Sra. McD, Cr, E, McD. B a controlar a ligação M-FH; R livre na sala. Pp. 180, 187, 202, 237, 244, 293, 297, 375. Registos por B, dados na íntegra, pp. 251 ff, e FH, pp. 255 ff.

14 de abril: FH, Cr, G, Ck; FH retirou-se antes do fim. Praticamente em branco. Registo por FH com a assistência de Cr.

14 de abril, a uma hora mais tardia: FH, Cr. Em branco exceto pela voz. Registo por FH.

15 de abril. Círculo, por ordem*: M, FH, JR, Cr, A, MR. Pp. 169, 211, 217, 219, 220, 222, 239, 375. Registo por JR.

17 de abril: FH, A, Cr. Pp. 203, 211, 219, 375. Registo por FH.

18 de abril: FH, A, Cr, Ck. Página 261. Registo por FH.

19 de abril: campo aberto, em automóvel. M e Cr sozinhos. Apenas voz; página 263. Registo por M e Cr em colaboração.

20 de abril, de manhã cedo: FH, Cr. Apenas voz, página 263. Registo por FH.

20 de abril, à noite: ABC, Golding, Ck. Página 265. Registo por FH.

21 de abril: FH, Cr, G, Golding. Pp. 181, 203, 209, 265, 375. Registo por FH.

22 de abril. No círculo: FH, A, Cr, MR, JR, Ck. Fora: Golding, Ct. Pp. 220, 267, 272. Registo por FH.

23 de abril: FH, A, Cr. Página 267. Registo por FH.

QUARTO PERÍODO: OBSERVAÇÃO PELA COMISSÃO DA SCIENTIFIC AMERICAN, ABRIL-AGOSTO DE 1924

Agora é habitualmente possível dar a ordem exata do círculo, e isto é feito no sentido da nota de rodapé desta página. O controlo de mãos pode assumir-se como tendo estado sempre presente no que diz respeito a M, dentro das limitações de credibilidade estabelecidas no Capítulo XX. A mesma observação aplica-se ao controlo de mãos ao longo de todo o círculo. O controlo de pés é discutido com os episódios individuais. A voz pode assumir-se como tendo estado sempre presente, a menos que as referências das páginas o neguem especificamente.

** A partir da esquerda de M, contornando e regressando à sua direita.*

24 de abril. Círculo: Ck, A, Cr, B, FH. Fora: Ct. Pp. 220, 224, 269, 273. Registos por B e FH.

25 de abril. Círculo: Ck, A, Cr, B, FH. Fora: Ct. Pp. 222, 269, 275, 297. Registos por B, Ct com a assinatura de Ck, FH.

25 de abril, hora mais tardia. Círculo: B, A, Cr, FH. Pp. 222, 270, 276, 287. Registos por B, FH.

26 de abril. Círculo: McD, A, Sra. McD, Cr, Ck, FH. B no controlo da ligação M-FH, R livre na sala. FH retirou-se antes do fim e B entrou no círculo no seu lugar, sem perturbar outras disposições. Pp. 224, 271, 279, 288, 297, 375. Registos por B, FH (parcial).

27 de abril. Círculo: Ca, A, EB, KB, Cr, FH. No controlo da ligação M-FH: B. Fora: Ck, G, Ch. Pp. 279, 290. Registos por B, FH.

28 de abril. Círculo: B, FH. Página 231. Registos por B, FH.

29 de abril: ABC. Sem registo feito. Pp. 190, 281.

30 de abril. Círculo: Ck, Cr, FH. Fora: Ct. Página 226. Registo por FH.

2 de maio: FH, A, Cr, KB, EB, G, JS, DS. Pp. 190, 281. Registo por FH.

3 de maio: FH, A, Cr, G. Página 281. Registo por FH.

4 de maio: ABC, G. Pp. 190, 282. Registo por FH.

7 de maio: FH, Cr. Página 282. Registo por FH.

8 de maio. No círculo*: FH, A, Cr, G, B, Cg. Fora: Ck, Ct, Wd, KMB. Página 239. Registos por FH; e por Ck, ditado a Wd durante a sessão e assinado por Ck, Cg, B, Ct.

9 de maio. Círculo: Cg, G, Cr, B, A, FH. No controlo da ligação M-FH: Ct. Fora: Ck, KMB, EB, KB. Pp. 220, 245, 282. Registos por FH; por B, elaborado mais tarde na mesma noite e assinado por Cg, B, EB, KB, Cr, FH, KMB; e por Ck, a partir de notas feitas durante a sessão, e assinado por Ck, Cg, B, Ct.

10 de maio. Círculo: Cg, A, KB, Cr, EB. No controlo da ligação M-EB: B. Fora: Ck, Wd, KMB. Página 284; largamente em branco. Registos por B; e por Ck, ditado a Wd durante a sessão e assinado por Ck, Cg, B.

10 de maio, tendo FH entrado. Círculo: Cg, A, B, Cr, KB, FH. Fora: Ck, Wd, EB, KMB. Página 284; largamente em branco. Registos como acima, também por FH.

10 de maio, mais tarde na mesma noite. Círculo: Cg, A, B, Cr, KB, FH. Fora: EB, KMB. Página 284. Registos por B e FH.

11 de maio. Círculo: McD, A, B, Cr, Cg, FH. Fora: Ck, Wd, My, Ca, EB, KB, KMB. G chegou tarde e entrou no círculo entre A e McD. Pp. 190, 240, 286, 297. Registos por FH; e um ditado a Wd durante a sessão, principalmente por Ck, assinado por Ck, McD, Cg, B.

11 de maio, a uma hora mais tardia. Círculo: McD, A, B, Cr, Cg. Fora: Ck, Wd, My, Ca, EB, KB, KMB, G. Pp. 169, 226. Registo ditado e assinado, como acima.

12 de maio. Círculo: Cg, G, A, Cr, B, FH. KMB, fora, tomou o lugar de G quando este saiu. Pp. 181, 203, 231, 286, 294, 375. Registo por B.

* *Esta forma de declaração indica ausência de registo da ordem.*

13 de maio. Círculo: P, A, Cg, MR, Cr, JR, FH. No controlo da ligação M-FH: B. Fora: KMB, Miss Thomas. Pp. 220, 222, 228, 241, 323, 376. Registo por B, assinado por Cg.

14 de maio. Círculo: McD, Cg, Ck, P, FH. No controlo da ligação M-FH: B. No sofá na passagem da porta: Wd. Pp. 228, 323, 324, 325, 392. Registos por FH; e um ditado a Wd por vários assistentes, assinado por McD, Ck, Cg, B. Este último registo substancialmente na íntegra, pp. 305 ff.

15 de maio. Círculo: P, A, KMB, Cr, FH. No controlo da ligação M-FH: Ck. Fora: Ct. Pp. 191, 203, 231, 241, 294, 324, 376. Registos por FH e KMB.

16 de maio. Círculo: B, L, A, KMB, FH. Ck e Ct como a 15 de maio. Pp. 241, 376. Registo por FH; e por Ct, tomando o ditado que era oferecido por outros, e assinado por Ck, B, Ct.

17 de maio. Círculo: McD, Cg, R, Ck, FH. No controlo da ligação M-FH: B. No corredor, no sofá ao longo da passagem da porta: L. Capítulo XLI, página 377. Registos por B, L, FH.

18 de maio: FH, B, Cg, Ck. Praticamente em branco. Registos por FH e Ck.

19 de maio. Círculo: Cg, KB, EB, FH. No controlo da ligação M-FH: B. Pp. 203, 297 ff, 308, 378. Registo por B, assinado por todos os assistentes, ver pp. 297 ff.

20 de maio. No círculo: FH, MR, JR, SL, JJ. Fora: CL. Pp. 181, 220, 294, 378. Registo por FH.

21, 22, 23 de maio. Sem registo de assistentes. Memorandos por FH mostrando que se realizaram sessões destinadas aos fenómenos das balanças.

24 de maio. Presentes, com disposição variável: FH, A, EB, KB, McD, Ck, R, G. Página 345. Registos por FH e Ck.

25 de maio. Círculo: A, KB, R, EB, FH. Fora: Ck. Página 325. Registo por FH.

26 de maio. Círculo: G, A, FH. Fora: Ck. Página 347. Registos por FH e Ck.

27 de maio. Círculo: MR, JR, A, PR, FH. Página 347. Registos por FH e JR.

28 de maio: FH, A, Cg. Em branco total. Memorando por FH.

29 de maio. Círculo: Les, Cg, Ck, FH. B no controlo da ligação M-FH, primeiro de fora, mais tarde a partir do lugar no gabinete e círculo. Ct na passagem da porta. Pp. 192, 309, 348. Registo de dictafone assinado por Ck, Cg, B, Ct; e registo por FH.

30 de maio. Círculo: Les, Cg, R, McD, Ck, FH. B no controlo da ligação a partir de fora, Ct na passagem da porta. Pp. 192, 203, 309, 348. Registos como a 29 de maio.

31 de maio: Círculo como a 30 de maio. B no controlo da ligação a partir do lugar no gabinete, mas não no círculo. Pp. 192, 203, 309, 326. Registos como a 29 de maio sem a assinatura de Ct.

1 de junho: Círculo e controlo de ligação como a 31 de maio. Pp. 192, 309. Registos como a 31 de maio.

1 de junho, a uma hora mais tardia. Círculo: Les, Cg, B, FH. Pp. 309, 360. Registos por B e FH.

2 de junho. Círculo: Cg, KB, A, EB, FH. Largamente em branco; página 350. Registo por FH.

3 de junho. Círculo: como a 2 de junho. Fora: MR, JR, PR, Ck, Miss Lord.

6 de junho. Círculo: A, KB, Cr, EB, FH. Fora: Ck, Ct. Pp. 351, 361. Registo por FH.

7 de junho. Círculo: CL, A, MJ, Cr, SL, FH. Página 351. Registo por FH.

8 de junho. Círculo: Ca, A, KB, Cr, EB, FH. Fora: Ck, Ct. Pp. 352, 362. Registo por FH, e declaração assinada por Ct cobrindo o trabalho fotográfico.

10 de junho. Círculo: MR, A, PR, Cr, JR, FH. Fora: Ck, Ct. Em branco exceto pela voz; página 352. Registos por FH e Ck.

12 de junho. Círculo: A, KB, Cr, EB, FH. Fora: Ck, Ct. Referência e registos como a 10 de junho.

13 de junho: ABC. Página 353. Registo por FH.

14 de junho. ABC no círculo, Ck fora. Apenas voz; página 353. Registos por FH e Ck.

15 de junho: ABC, CL, SL, My, JJ, MJ, todos no círculo. Página 354. Registo por FH.

16 de junho: ABC no círculo, Ck e Ct fora. Largamente em branco. Registo por FH.

17 de junho. Círculo: MR, A, Cr, JR, FH. Ck no controlo da ligação M-FH quando não ocupado noutro lugar. Pp. 302, 326, 354. Registo dictafónico assinado por Ck, e registo por FH.

18 de junho. Círculo: A, KB, Cr, EB, FH. Fora: My, Ck, Ct. Página 326. Registo de dictafone por Ck, e registo por FH.

21 de junho. Círculo: E, A, Cr, FH. Página 355. Registo por FH.

22 de junho. Círculo: Ca, A, KB, Cr, EB, FH. No controlo da ligação M-FH: B. Fora: Ck, Ct, E. Página 366. Registos por Ck (dictafónico, como sempre com os registos de Ck doravante), e FH.

23 de junho. Círculo: Cg, A, Cr, FH. No controlo da ligação M-FH: B. Fora: Ck, Ct. Página 367. Registos por Ck, Cg, assinados por B e FH.

24 de junho. Círculo: Cg, MR, A, Cr, JR, FH. No controlo da ligação M-FH a partir do lugar no gabinete e no círculo: B.* Na sala: Ck, G, PR. Na passagem da porta: Ct. Pp. 181, 193, 327, 368. Registos por FH; por B assinado por Cg e dado na íntegra no Capítulo XXXIX; por Ck até à exaustão do cilindro de dictafone; e memorando assinado subsequente por Ck, suprindo em parte a deficiência do seu primeiro registo.

25 de junho. Círculo: Cg, A, KB, Cr, EB, FH. B, Ck, Ct como a 23 de junho. Pp. 231, 327, 368. Registos por Ck, FH.

26 de junho. Assistentes como a 25 de junho, com Ct ausente. Pp. 193, 328, 369. Registos por FH, e por Ck assinado por Cg.

27 de junho. Assistentes como a 26 de junho, com Ck ausente. Pp. 329, 369. Registos por B e FH.

28 de junho. Círculo: Cg, A, KB, Cr, Sc, EB, FH. No controlo da ligação M-FH: B. Pp. 329, 369, 378. Registos por B e FH.

29 de junho. Círculo: Cg, Ca, A, KB, Cr, Sc, EB, FH. No controlo da ligação M-FH: Ct. Na sala: Ck. Pp. 303, 379, 386. Registo por FH.

30 de junho. Círculo: Cg, A, KB, Cr, EB, FH. Ct e Ck como a 29 de junho. Pp. 330, 369, 379, 380, 386. Registos por Ck e FH.

1 de julho. Assistentes e registos como a 30 de junho. Pp. 330, 369, 380.

2 de julho. Círculo: Cg, Sra. McMullen, A, CL, MJ, Cr, JJ, SL, FH. No controlo da ligação M-FH: Ct. Pp. 370, 387. Registo por FH.

** Aqui, como noutros locais onde esta entrada aparece, B não é listado como regularmente no círculo porque a sua presença neste ponto não separa M e FH tão amplamente como outros assistentes consecutivos estão separados. Isto não deve ser interpretado como admissão de controlo inadequado, mas simplesmente como descritivo da localização de M e FH na sala.*

3 de julho. Círculo: Cg, A, KB, Cr, DS, EB, FH. No controlo da ligação M-FH: K. Fora: JS. Página 370. Registo por Cg.

4 de julho. Círculo: E, A, Cr, EB, FH. No controlo das ligações a cada um dos lados de M: Cg, K. Pp. 182, 330, 370, 379, 387. Registo por Cg.

5 de julho. Círculo: E, A, Cr, FH. Controlo das ligações como a 4 de julho. Fora: EB, KB. Página 331. Registo por Cg.

6 de julho. Círculo: Cg, EB, A, Cr, KB, FH. No controlo da ligação M-FH: K. Pp. 331, 370, 380. Registo por Cg.

7 de julho. Círculo: Cg, K, FH. No controlo da ligação M-FH: Ct. Pp. 370, 388. Registo por Cg.

8 de julho. Círculo: Cg, MR, Cr, K, FH. No controlo da ligação M-FH: Ct. Na sala: Ck. Pp. 331, 307, 380, 389. Registos por Ck e FH.

9 de julho. Círculo: Cg, Cr, K, FH. No controlo da ligação M-FH: Ct. Pp. 182, 331, 370, 380. Registos por Cg e FH.

10 de julho. Assistentes e registos como a 9 de julho. Pp. 331, 370, 380, 389.

11 de julho: Apartamento de Ck. Círculo: Cg, MR, K, FH. No controlo da ligação M-FH: Ct. Fora: Ck, Wd. Pp. 193, 332, 370 ff, 390, 393 ff. Registo de dictafone, em parte durante a sessão e em parte depois, assinado por Ck, Ct, Cg, K; e registo independente por Cg, assinado por K.

12 de julho. Círculo: Cg, A, Cr, K, FH. Pp. 182, 356, 380, 396. Registo por Cg, assinado por K.

13 de julho. Círculo: G, A, Cr, EB, FH. Página 397. Registo por FH.

14 de julho. Círculo: MR, L, JR, FH. No controlo da ligação M-FH: Ct. Página 382. Registo por FH.

15 de julho. Círculo: A, L, Cr, FH. Pp. 382, 398. Registo por FH.

16 de julho. Círculo: A, Cr, FH. Pp. 382, 398. Registo por FH.

19 de julho. Círculo: CL, A, L, Cr, SL, FH. Pp. 383, 398. Registo por FH.

20 de julho. Círculo: A, JS, KB, Cr, EB, DS, FH. Controlo da ligação M-FH por JS, estendendo-se através. Fora: L, Carrel. Pp. 182, 383, 398. Registo por FH.

22 de julho. Círculo: B, A, Cr, FH. No controlo da ligação M-FH: Ct. Pp. 383, 398. Registos por B e FH.

23 de julho. Círculo: Ho, Mn, Ct, FH. No controlo da ligação M-FH: B. Pp. 183, 332, 384. Registo conjunto assinado por Ho, Mn, Ct, B, dado na íntegra, pp. 409 ff.

24 de julho: Apartamento de Ck. Círculo e controlo de ligação como a 23 de julho. Na sala: Ck, Wd. Pp. 184, 332, 384. Registo por Ck, contendo todas as assinaturas, e dado na íntegra, pp. 413 ff.

25 de julho: Apartamento de Ck. Círculo: B, Ct, FH. No controlo da ligação M-FH: Wd. Na sala: Ck. Página 399. Registos por Ck, assinado por Ct e B; por B; e por FH.

26 de julho. Círculo: B, A, FH. Página 400; largamente em branco. Registo por FH.

27 de julho. Círculo: My, A, KB, Cr, EB, FH. No controlo da ligação M-FH quando não ocupado noutro lugar: B. Pp. 184, 193, 400. Registos por B e FH.

28 de julho. Círculo: My, A, L, EB, FH. Pp. 384, 400. Registo por FH.

29 de julho. Círculo: A, FH. Em branco. Memorando por FH.

30 de julho. Círculo: MR, Cr, JR, FH. Página 384. Registo por JR.

1 de agosto. Círculo: A, Cr, FH. Página 400. Registo por FH.

3 de agosto. Círculo: Cg, A, Cr, FH. Página 400. Registo por Cg, assinado por A.

4 de agosto. Círculo: Cg, A, Cr, FH. Página 401. Registo por Cg.

5 de agosto. Círculo: Cg, A, Cr, FH. Largamente em branco; memorando por Cg.

6 de agosto. Círculo: Cg, A, Cr, FH, que mais tarde se retirou. Página 401. Registo por Cg.

7 de agosto. Círculo: Cg e Hm em alternância, A, Cr, FH. Pp. 402, 456. Registo por Cg.

8 de agosto: Apartamento de Ck. Presentes: Ck, Cg, Ct, FH, Wd. Registo por Ck.

11 de agosto: Apartamento de Ck. Círculo: Cg, Da, Wd, FH. Ck na sala. Página 402. Registos por Ck e FH.

12 de agosto. Círculo: Sra. Deland, Cg, L, Cr, A, Da, Hm, FH. Mais tarde, Da mudou-se para o lugar entre M e a Sra. Deland. Pp. 185, 403, 457. Registo de FH contendo todas as assinaturas.

13 de agosto. Círculo: A, FH. Largamente em branco. Memorando por FH.

14 de agosto. Círculo: JD, Cg, Cr, MD, FH. Pp. 403, 458. Registo por FH.

15 de agosto. Círculo: JD, A, Cr, MD, FH. Registos por JD e FH.

16 de agosto. Círculo: Gray, A, L, Cr, FH. Página 458. Registo por FH.

17 de agosto. Círculo: Gray, KB, A, Cr, L, EB, FH. Pp. 403, 459, 469. Registo por FH.

18 de agosto. Círculo: Gray, L, Ck, FH. Largamente em branco. Memorando por FH.

19 de agosto. Círculo: JD, A, L, Cr, MD, FH. Pp. 459, 469. Registos por JD e FH.

20 de agosto. Círculo: JD, A, L, Cr, MD, FH. Página 459. Registo por FH.

21 de agosto. Círculo: JD, G, L, A, Cr, MD, FH. Fora: Sra. Franks e filho. Página 459. Registo por FH.

22 de agosto. Círculo: Sra. Franks, A, L, Cr, Franks, FH. Registo por FH.

23 de agosto. Círculo: A, L, Cr, FH. Registo por FH.

24 de agosto. Círculo: A, L, FH. Registo por FH.

25 de agosto: Apartamento de Ck. Círculo: JD, L, Cr, MD, FH. Registo por FH.

25 de agosto, imediatamente a seguir à anterior, apartamento de Ck. Círculo: Ho, Ck, Mn, FH. P no controlo da ligação M-FH. M na gaiola fornecida por Ho. Em branco exceto pela voz. Pp. 428 ff. Registo da comissão, contendo todas as assinaturas.

26 de agosto: Apartamento de Ck. Todas as disposições, e registo, como na segunda sessão de 25 de agosto. Pp. 432 ff.

27 de agosto: Apartamento de Ck. Sessão tentada sob as mesmas condições de 26 de agosto, mas abandonada sem produzir qualquer registo.

PERÍODO V: SESSÕES DO FINAL DE 1924, APÓS A SESSÃO FINAL PELA COMISSÃO DA SCIENTIFIC AMERICAN COMO TAL

Não se faz qualquer pretensão de cobrir estas sessões completamente no texto, daí que as referências de páginas dadas não sejam necessariamente de todo descritivas das sessões. O mesmo se aplica a algumas das sessões acima após 25 de julho.

30 de agosto. Círculo: Hv, L, Bartlett, Cr, Miss Wiggin, FH. Pp. 460, 470. Registo por FH.

3 de setembro. Círculo: A, Cr, FH. Página 460. Registo por FH.

4 de setembro. Círculo: Hv, A, Cr, Sra. Hv, FH. Página 461. Registo por FH.

5 de setembro. Círculo: Parsons, MR, L, Cr, A, JR, FH. Pp. 461, 470. Registo por FH.

7 de setembro. Círculo: JS, KB, A, DS, EB, FH; controlo continuamente anunciado num grau invulgar para um círculo íntimo como este. Página 461. Registo por FH.

8 de setembro. Círculo: G, My, KB, A, L, EB, FH. Nenhuma tentativa de obter mais do que a voz, em vista da morte de Cr nesse dia. Registo por FH.

10 de setembro. Círculo: My, KB, A, L, EB, FH. Apenas voz, em vista do funeral de Cr nesse dia. Registo por FH.

13 de setembro. Presentes: A, MR, JR, PR, L, Hm, Nason, Bazinet, FH. Pp. 462, 470. Registo por JR.

14 de setembro. Círculo: JS, KB, A, DS, EB, FH. Página 462. Registo por FH.

15 de setembro. Presentes: A, L, FH, Hv, Sra. Birge, Miss Wiggin, três outros. Página 462. Registo por FH.

16 de setembro. Círculo: MR, JR, A, MJ, JJ, CL, SL, FH. Registo por JR.

17 de setembro. Círculo: Shuttleworth, Sra. Gray, Mink, A, Parsons, Sra. Shuttleworth, FH. Pp. 462, 470. Registo por FH; e um elaborado pelos quatro assistentes de Buffalo e contendo as suas assinaturas.

18 de setembro. Círculo: Shuttleworth, Mink, Sra. Shuttleworth, A, Sra. Gray, FH. Página 463. Registos como a 17 de setembro.

19 de setembro. Círculo: Shuttleworth, Sra. Shuttleworth, Mink, A, Sra. Gray, F. H. Página 463. Registos como a 17 de setembro.

20 de setembro. Círculo: Scott (não Sc), A, Parker, FH. Página 464. Registo por FH, e declaração publicada por Scott e Parker.

21 de setembro. Círculo: Hv, KB, JS, A, DS, EB, FH. Registo por FH.

25 de setembro aprox: Apartamento de Mn em Nova Iorque. Presentes: Mn, DS, Carrel, Gray, e um ou dois outros. FH ausente. Página 468. Apenas relatos orais.

27 de setembro. Círculo: JD, A, Sra. Saklatvala, Saklatvala, B, MD, FH. Página 465. Registos por B e FH.

28 de setembro. Círculo: JD, KB, A, My, G, EB, MD, FH. Fora: os Saklatvalas. Página 464. Registo por FH.

30 de setembro. Círculo: MR, Ct, FH. Largamente em branco. Memorando por FH.

2 de outubro. Círculo: Campbell, PR, MR, A, Taylor, FH. Registo por FH.

3 de outubro. Círculo: McD, Sra. McD, FH. Página 470. Registos por FH e McD.

5 de outubro. Círculo: Ca, JS, KB, A, JJ, MJ, CL, DS, EB, SL, FH. Registo por FH.

8 de outubro. Círculo: MR, Ct, A, B, JR, FH. Registos por B e FH.

10 de outubro. Círculo: A, Ct, FH. Largamente em branco. Registo por FH.

12 de outubro. Círculo: Ca, A, KB, EB, FH. Largamente em branco. Registo por FH.

14 de outubro. Círculo: Parsons, JR, A, MR, Miss Dwight, PR, Hm, Sra. Deland, Sra. C. S. Bird (não KMB), FH. Página 465. Registo por FH.

17 de outubro. Círculo: R, GK, Ct, A, Sra. Jordan, CL, SL, FH. Página 470. Registo por FH.

18 de outubro. Círculo: Tilney, Sra. Birge, Newhall, Sra. Newhall, Hv, A, Birge, Miss Wiggin, Kirkbride, Sra. Tilney, FH. Fora: Sra. Kirkbride, Sra. Hv, E. Página 471. Registo por FH.

19 de outubro. Círculo: senhor sem nome, KB, JS, A, Dye, DS, EB, senhora sem nome, FH. Página 471. Registo por FH.

20 de outubro. Círculo: Wc, A, Wc Junior, Douglas, FH. Registo por FH.

21 de outubro. Círculo: Wc, Douglas, FH, P. Reordenado para P, Douglas, Wc, FH. Totalmente em branco. Memorando por FH.

22 de outubro. Círculo: P, Sra. Sagendorph que se retirou antes do fim, Douglas, Wc, FH. Página 471. Registo por FH.

23 de outubro. Círculo: P, Douglas, Wc, FH. Praticamente em branco. Registo por FH.

24 de outubro: sessão à luz do dia. Apenas P e M. Pp. 471 ff. Declaração por Margery e registo confidencial por P.

24 de outubro: à noite. Círculo: A, Ct, FH. Página 465. Registo por FH.

25 de outubro. Círculo: MR, Da, Hillyer, A, PR, Code, JR, FH. Página 473. Registo por FH.

27 de outubro. Círculo: MR, Hm, A, PR, GK, EB, JR, FH. Fora: KB, Ct e senhora sem nome. Totalmente em branco. Registo por FH.

28 de outubro. Círculo: McD, Wc, FH. Página 474. Registo redigido e assinado por McD e Wc.

30 de outubro: assistentes e registo como a 28 de outubro. Página 475.

31 de outubro. Círculo: CL, Sra. Allison, A, SL, FH. Registo por FH.

2 de novembro. Círculo: EB, Sra. Allison, A, KB, Sra. Lambert, EY, FH. Registo por FH.

3 de novembro. Círculo: G, A, Ct, FH. Registo por FH.

7 de novembro. Círculo: McD, Wc, FH. Página 477. Registo redigido e assinado por McD e Wc.

8 de novembro. Círculo: MR, JR, A, PR, FH. Registo por JR.

9 de novembro. Círculo: Newmann, EB, A, KB, FH. Página 478. Registo por FH.

10 de novembro. Círculo: A, FH. Largamente em branco. Memorando por FH.

11 de novembro. Círculo: MR, Da, A, JR, FH. Fora: Ct, GK. Página 478. Registo por FH.

12 de novembro. Círculo: My, A, Ct, EB, FH. Pp. 466, 479. Registo por FH.

13 de novembro. Círculo: McD, A, Wc, FH. Página 479. Registo por FH.

14 de novembro. Círculo: A, Ct, EY, FH. Largamente em branco. Registo por FH.

15 de novembro. Círculo: Hv, A, Miss Wiggin, FH. Registo por FH.

16 de novembro. Círculo: Patten, Costikyan, Hillyer, A, Code, Da, FH. Página 479. Registo por FH.

17 de novembro. Círculo: A, Ct, GK, B, FH. Registos por B e FH.

18 de novembro. Círculo: Daley, MR, A, B, JR, FH. Página 479. Registos por B e FH.

20 de novembro. Círculo: A, Ct, GK, B. (Telecinese brilhante não mencionada no texto). Registo por B.

20 de novembro, hora mais tardia. Círculo: A, Ct, B, FH. Registos por B e FH.

21 de novembro. Círculo: A, B, FH. Registo por B.

22 de novembro. Círculo: E, A, FH. Página 482. Registo por FH.

23 de novembro. Círculo: Arkin, E, A, Donnell, FH. Pp. 467*, 482. Registo por FH.

24 de novembro. Círculo: Jeschke, A, Ct, GK, FH. Registo por FH.

25 de novembro. Círculo: Sra. (Cameron) Lewis, Hm, MR, Sra. Bagley, A, Sra. C. S. Bird (não KMB), JR, FH. Pp. 467, 482. Registo por FH.

28 de novembro. Círculo: MR, L, A, PR, Ct, JR, FH. Fora: St. Página 482. Registo por FH.

2 de dezembro. Círculo: A, St, FH. Largamente em branco. Registo por FH.

3 de dezembro. Círculo: MR, A, Ct, Sra. Donnell, Donnell, JR, FH. Fora: St. Página 468. Registo por FH.

5 de dezembro. Círculo: CL, EY, A, Sra. Arnold, SL, FH. Fora: St. Página 483. Registo por FH.

** O texto na página 467 lê-se 28 de novembro, em erro.*

8 de dezembro, aprox: Apartamento de De Wyckoff em Nova Iorque. Presentes: JD, MD, Lawson, Sra. Lawson, Mn, L, e dois ou três outros. Página 468. Apenas relatos orais.

9 de dezembro, aprox: local, assistentes e relatos como acima.

11 de dezembro. Círculo: A, St, Ct, Donnell, FH. Registo por FH.

12 de dezembro. Círculo: A, Ct, GK, FH. Registo por FH.

13 de dezembro. Círculo: A, Ct, GK, FH. Registo por FH.

14 de dezembro. Círculo: Paton, JS, A, Da, Code, Hillyer, DS, FH. Fora: St. Registo por FH.

15 de dezembro. Círculo: A, Ct, GK, FH. Fora: St. Registo por FH.

17 de dezembro. Círculo: A, Ct, GK, FH. Fora: MR, JR, PR, St. Registo por JR.

19 de dezembro. Círculo: A, Ct, GK, FH. Fora: St. Registo por FH.

21, 22, 23 de dezembro, aprox: Buffalo e Cataratas do Niágara. Sem registo de presenças exceto que FH esteve sempre lá. Página 468. Apenas relatos orais.

26 de dezembro. Círculo: A, L, Ct, GK, FH. Fora: St. Registo por FH.

27 de dezembro. Círculo: A, L, Ct, GK, FH. Fora: St. Registo por FH.

CAPÍTULO LIV
EM RESUMO

A ação e a lógica que conduzem das minhas observações introdutórias ao clímax na parte inferior da página (…) são inevitavelmente, e muito propriamente, estendidas pela necessidade de uma narrativa detalhada. Agora que os dados detalhados do Capítulo LIII ficaram para trás — para trás em termos de números de página, claro; não quero com isto implicar que esse capítulo tenha sido lido como se lê texto comum —, é possível, e desejável, a título de término gracioso, dar alguma atenção à questão do que podemos exatamente alegar ter demonstrado.

Não faço aqui qualquer referência às inferências subsidiárias sobre teoria e modus operandi que expus ou que o leitor possa elaborar por si próprio. A questão que desejo rever brevemente antes de vos deixar é simplesmente esta: que incidentes específicos temos, e quão forte é exatamente cada um deles, para alegar que o caso Margery demonstra a realidade de fenómenos psíquicos objetivos? Tal revisão é necessária para acautelar contra a tendência muito humana de considerar um grande número de

incidentes de cinquenta por cento como constituindo, na sua totalidade, uma prova de cem por cento.

Devemos, naturalmente, exigir que o crítico a quem a nossa prova é dirigida não esteja isolado contra a demonstração da validade. Acho que este isolamento pode ser excluído se fizermos três exigências à pessoa cuja convicção tentamos obter. Ela não deve insistir em ditar ao universo como este deve funcionar; deve estar disposta a reter todas as acusações de fraude de um número razoável, se não de todos, daqueles que (pp. 156 ff.) apresento sob a luz de investigadores; e, como é evidente, deve compreender totalmente que a prova da ocorrência não tem qualquer influência sobre qualquer teoria de causa.

Explicando adequadamente como acontece que nem todos, ou quase todos, os fenómenos da sala de sessões têm lugar sob condições que vedam a possibilidade física de fraude, não voltarei a pedir desculpa ou a explicar o facto de que, no presente resumo de incidentes que conduzem à demonstração de autenticidade, omito muitos itens que o texto dos capítulos anteriores me mostra considerar autênticos. Mas devo fazer uma ou duas generalizações de rotina antes de passar ao resumo em questão.

Quanto aos incidentes pelos quais é solicitado a julgar a mediunidade, o crítico, em princípios gerais, preferiria que ocorressem em qualquer outro lugar que não na própria casa da médium. Preferiria que todos ocorressem sob boa luz e luz ininterrupta. Encontrará certos assistentes que não está preparado para excluir como possíveis cúmplices; e preferiria que todos os incidentes críticos ocorressem na ausência de tais pessoas. Preferiria que todos ocorressem à porta fechada. Outras preferências manteria ele, as quais não vou detalhar.

Até aqui, tudo bem; podemos simpatizar com ele. Mas suponhamos que citamos, como fenómeno crítico, um que

ocorreu na própria casa da psíquica; ou no escuro; ou na presença de alguém que consideramos um possível cúmplice; ou numa sala aberta. Se se puder fazer uma sugestão racional, mostrando como o elemento ou elementos em relação aos quais se levanta objeção poderiam ter sido empregues na produção fraudulenta do fenómeno em questão, este incidente deve ser retirado da lista dos oferecidos em apoio da mediunidade.

Mas — para concentrar a nossa atenção num único exemplo e tornar este exemplo muito específico —, a mera citação da presença de F. H. na sala não constitui um ataque válido sobre o que aconteceu na sua presença, a menos que e até que se demonstre como ele poderia ter contribuído para o resultado observado.

O crítico que insiste no contrário não está a jogar limpo; está a esquivar-se às suas responsabilidades. Uma inferência de fraude deve ser tão firme e tão explicitamente sustentada como uma de validade. Seria igualmente tolo insistir que os fenómenos são autênticos porque ocorrem na ausência de F. H., como insistir que são não provados e improváveis unicamente porque ocorrem na sua presença.

Suponha-se que considera F. H. um potencial cúmplice; e suponha-se que a caixa da campainha toca em luz vermelha enquanto é transportada por alguém em quem confia, após ter sido examinada interna e externamente por alguém em quem confia. Que possível relação pode a presença de F. H. na sala ter agora? Poderia com a mesma sensatez objetar à sua presença em Boston, ou no Massachusetts, ou na América, ou no mundo! Se a presença do seu suspeito é, ou não, inócua, depende inteiramente das condições existentes em paralelo com ela; e assim para todas as outras circunstâncias desta, daquela ou de outra sessão em relação às quais se podem suscitar objeções apenas como princípios gerais.

Não citarei como probatório nenhum dos fenómenos anteriores à viagem europeia de dezembro de 1923, pela simples e suficiente razão de que nenhum deles está adequadamente registado. Quando olhamos para trás, para 1923, através do panorama proporcionado pelos acontecimentos de 1924, devemos concluir que os fenómenos do primeiro ano foram, no todo, válidos; mas ninguém de bom julgamento tentaria prová-los como tal de outra forma que não pelo reflexo de 1924. Por isso, começo a tarefa séria deste capítulo com dezembro de 1923, e com referência aos acontecimentos do Capítulo XIX.

A levitação, as pancadas e a destruição do gabinete a 8 de dezembro de 1923, em Paris (página 135); a ação da mesa na tarde do dia dezasseis em Londres (página 136); a dessa mesma noite em outras instalações (página 138); e alguns dos acontecimentos de 17 de dezembro (página 139) — todos estes itens foram obtidos em locais estranhos, em boa luz, e sob o controlo daqueles cuja competência para controlar na luz e cuja integridade não podem ser atacadas. Tenho verificação independente suficiente sobre o registo de F. H. para cada uma destas sessões para retirar todo o impacto ao facto de que, em cada caso, o dele é o único documento que tenho o privilégio de citar. Todos estes fenómenos devem, sem hesitação, ser julgados demonstravelmente válidos.

Regressando à América com Margery, encontramos comparativamente poucas das suas sessões do início de 1924 que tenham sido realizadas e registadas de forma a podermos citar os seus resultados aqui. O exame dos dados do Capítulo LIII mostra que as únicas datas anteriores a 24 de abril sobre as quais nos é dito algo pertinente para a exclusão da fraude são 1, 25 de janeiro; 1, 9, 29 de fevereiro; 9, 13, 18, 21, 29 de março; 1, 9, 11, 12, 15 de abril. Há obviamente muito maior segurança associada a alguns dos registos citados do que a outros. Verificando em cada

caso a ação da sessão contra o que nos é dito sobre o controlo e tendo em mente os pronunciamentos das pp. 156 ff., podemos fazer os seguintes julgamentos:

O incidente do martelo de 1 de janeiro (página 164) exige cumplicidade ou aquiescência de F. H., se quisermos escapar à confissão de autenticidade. É duvidoso que a sua cumplicidade ou aquiescência (emprego o primeiro termo doravante num sentido que inclui o segundo) fosse suficiente para explicar os contactos desta data, em vista das declarações de controlo citadas na página 174; e onde concederei ao cético empedernido o privilégio de suspeitar de F. H. em princípios gerais, não posso conceder este privilégio no que diz respeito ao Dr. Richardson.

O ar frio desta e de outras datas anteriores a 29 de maio não citarei, na ausência de qualquer registo de exploração organizada para mostrar que não vinha da passagem da porta; concedo este argumento ao cético, embora vá mostrar que ele contradiz os factos definitivos.

A maioria dos meus leitores, julgo eu, achará muito impressionantes as luzes psíquicas de 1 de fevereiro (página 196), ocorrendo sob condições de extremamente bom controlo na região de Margery e F. H. O círculo grande é uma desvantagem, assim como a falha em registar a ordem dos assentos. Mas a declaração categórica sobre a localização destas luzes numa região acessível apenas a Margery e aos seus vizinhos imediatos, e o seu movimento numa escala suficientemente ampla para desacreditar a teoria de que estavam pintadas no seu vestido, são muito favoráveis.

Estavam demasiado altas para estarem no seu pé (pp. 368-9); e as observações do parágrafo anterior sobre a cumplicidade de Richardson aplico-as também a esta hipótese como afetando os Drs. Brown e Caldwell. Se me abstenho de insistir na validade

destas luzes, é unicamente devido à reserva geral sobre este fenómeno particular que apresentarei em breve. E se pareço afastar-me desta reserva no caso do "gado psíquico", é porque o elemento de movimento controlado aqui é tão forte que as considerações de limitação de mãos e pés se tornam novamente primordiais, anulando as reservas em questão.

Este mesmo elemento de movimento nas luzes de 9 de fevereiro (pp. 197-98) exigiria a cumplicidade de F. H. ou Adler, ou mais provavelmente de ambos. O estrondo no gabinete por uma massa luminosa é também muito útil; mas desejaria que fosse dada uma melhor ideia do seu tamanho e da sua localização exata.

Qualquer coisa ocorrida a 29 de fevereiro adquire superioridade sobre o posicionamento das experiências europeias, embora, claro, a residência dos Litzelmann seja menos estranha ao conhecimento prévio de Margery do que aquelas em que ela se sentou durante o mês de dezembro. Penso que o incidente da página 199 exigiria a preparação das instalações ou o transporte para elas de aparelhos volumosos, devendo ambas as hipóteses ser descartadas por ridículas.

O episódio de Susie da página 207 é um que certamente exigiria ambas as mãos de Margery, adicionando Litzelmann à lista de cúmplices.

A manipulação do cinzeiro de 9 de março (página 165) dá-nos uma manifestação que passou completamente em redor da mesa, num círculo cuja composição completa é declarada. Se insistirmos na fraude, fica muito perto de colocar todo o grupo ABC na classe do círculo mencionado na página 176; e, no presente caso, o calibre intelectual dos assistentes é tal que dá a esta noção um absurdo que ela não tinha na instância ali citada. A

“investigação científica” desta data (página 200) teria a mesma implicação.

E quando chegamos ao morcego psíquico da página 207, temos realmente de escolher entre a cumplicidade universal e a validade. Se aceitarmos a primeira alternativa, o incidente das pp. 215-16 não só adiciona a complicação do pré-arranjo, mas também aumenta os cúmplices em mais um (a Sra. Stewart), e traz, em forma aguda, as observações gerais da página 213. Claro que havia quatro pessoas fora do círculo aqui; mas a Sra. S. está gravemente incapacitada com artrite, e deveríamos descartar a possibilidade de que Carrel, sentando-se pela primeira e praticamente última vez, e apresentado a Margery apenas nesse dia, pudesse ter desempenhado qualquer papel num programa tão elaborado e habilmente encenado.

Se tentarmos explicar os fenómenos como devidos inteiramente à cumplicidade dos Stewart, a partir do seu lugar de maior liberdade fora do círculo, escapamos às dificuldades do controlo de mãos no círculo. Mas as dificuldades da página 213 seriam muito mais sérias para um assistente fora do círculo, isolado dele, do que para um no círculo e à mesa; e toda a experiência aponta para a impossibilidade absoluta de se mover por toda a sala, através dos espaços estreitos entre as peças de mobiliário, e até entre os membros do círculo muito denso para alcançar as suas mãos (página 165) e rostos (página 207), sem desastre.

A manipulação da vara (pp. 232-3) desta data concedo que poderia ter sido feita pelos Stewart, mas a paragem da Victrola (página 321) não foi aparentemente acidental, e se não o foi deve ter sido autêntica. Sou muito insistente aqui: ninguém poderia sair do seu assento na sala de sessões da Lime Street, navegar em segurança até ao canto da Victrola, encontrar e manipular o instrumento, e regressar ao seu lugar, sem ser detetado. Toda esta

sessão exala simplesmente validade, apesar dos quatro assistentes destacados.

A 13 de março escapamos a esta objeção; a única assistente "solta" era a senhora que, como acabo de explicar, não conta a este respeito. Os contactos com flores da página 166 exigem novamente cumplicidade universal; e desta vez não há a ténue possibilidade de escapar a essa teoria. As luzes, as pancadas e o roubo de bolsos das pp. 200 e 216 fecham a questão. Devo novamente, como na página 200, enfatizar a feliz circunstância da ausência de Adler. E no topo da página 167 encontramos os fenómenos a estenderem-se a uma região que era certamente inacessível à fraude, a menos que Margery se pusesse de pé, com o consequente e grave perigo de deteção.

A manipulação de flores de 18 de março (página 168) adiciona a força da reiteração à ação do dia nove, e adiciona alguns nomes novos à lista de cúmplices; se Laura C. e Miss McKinstry vão ser tocadas fraudulentamente enquanto estão de pé fora do círculo, pelo menos uma delas tem de estar implicada. O urso deslizante da página 208 seria provavelmente citável aqui se o registo o localizasse com maior precisão; como estão as coisas, deixo-o de fora, com outros itens desta data. Mas a página 230 dá algo que devo defender fortemente como necessariamente válido, e que é invulgar no sentido de que raramente é possível cercar um incidente de pancadas com o devido controlo. A característica crítica aqui é a localização no anel da Sra. Richardson, uma declaração que não pode ser imputada a erro de observação, como pode a maioria das identificações do local das pancadas. E a página 234 dá-nos uma demonstração da vara que exigiria cumplicidade generalizada, se não universal.

Deixo ao cético a explicação de quem tocou em McDougall (página 179) a 21 de março. Temos também, nesta data (página

234), a manipulação da vara cuja explicação “normal” depende de forma invulgarmente clara da cumplicidade de F. H.

O episódio da flor de 29 de março (página 169), sob controlo de pés bem como controlo de mãos de Margery, introduz as complicações da página 213 em forma aguda; mesmo na sua ausência envolve cumplicidade generalizada, visto que Margery não conseguia alcançar as cabeças do outro lado da mesa sem se trair a McDougall; e claro, depende absolutamente da conivência ativa de F. H. Se me abstenho de citar a página 235 aqui, também, isto deve-se unicamente à incerteza sobre o controlo de pés durante o episódio.

A presença de Roback na sala e do sofá ao longo da passagem da porta (página 208) adiciona novas complicações, contudo a luz itinerante exibiu um alcance extremo. Nesta ocasião, se nunca antes, dificilmente é sensato falar sobre a invasão da sala por um cúmplice vindo de fora. E quando encontramos (página 374) o megafone a exibir o mesmo alcance invulgar que as luzes psíquicas e as flores, devemos considerar esta exclusão prática do hipotético invasor como muito feliz, na verdade.

Cito os contactos com flores de 1 de abril (página 169) com a observação de que o controlo de Richardson é tão válido como o de McDougall. Quando (página 179) Goodall é empurrada enquanto está sentada, com ambas as mãos livres, no gabinete com Margery, penso que podemos concluir que algo mais do que a mera libertação da mão de Margery por F. H. teria sido necessário — pois Goodall é uma observadora perspicaz, e não acredito que ela pudesse empurrá-la a ela ou à sua cadeira, com a sua mão ou com o seu pé, sem o seu conhecimento.

A invulgar liberdade de ação pelas luzes psíquicas nesta ocasião (página 202) é também citável, em conexão com o

controlo de mãos; pois estas luzes estão quase, se não totalmente, sempre numa posição onde qualquer acusação de fraude deve recair sobre Margery pessoalmente. O urso deslizante da página 209 é também pertinente aqui, tal como a manipulação da vara da página 236. Nem conheço qualquer forma como Margery possa (página 296) soprar através do megafone quando as suas mãos estão seguras. Temos (página 322) a Victrola, também, a comportar-se de forma excêntrica; mas isto é severamente indicativo apenas quando vem em resposta ao pedido de um assistente, ou na presença de algum outro detalhe que torne inaplicável a sugestão da página 323.

Se citarmos os contactos com flores dos poucos parágrafos imediatamente acima, devemos citar também os de 9 de abril (página 169); e na página 237 temos algo para o qual Margery ou qualquer outro operador fraudulento precisaria de duas mãos, e portanto de dois cúmplices. O controlo em redor da exibição do megafone da página 375 também exige que citemos isto.

As páginas 179, 209, 237 e 375 dão incidentes observados por mim a 11 de abril, sob o meu controlo à esquerda de Margery, que exigiriam cumplicidade ativa e sustentada por F. H. para a sua produção fraudulenta — pois na maior parte, Margery e F. H. eram os únicos assistentes numa posição para fazer o que foi feito, pois Ekland é demasiado desajeitado, estou confiante, para praticar a sugestão da página 179.

Mesmo o cúmplice de uma médium, devia perceber-se, deve possuir algumas qualificações; embora alguns céticos pareçam pensar que a única de que ele precisa é a presença no local do crime. A manipulação da vara da página 237, pensei eu, exigiria duas mãos.

A sessão de 12 de abril cito-a na íntegra, a partir do registo nas pp. 251 ff., como sendo necessariamente em grande parte

válida. E é particularmente significativo, após a brilhante exibição do dia onze, que pode ser explicada apenas dando a F. H. a patente principal como ajuda ativa da médium, obter, logo na noite seguinte, uma exibição ainda mais brilhante na qual todas as contribuições oblíquas por parte de Margery e do seu marido são descartadas para todos, exceto para os episódios de abertura.

O dia 15 de abril desenvolveu (página 169) contactos com flores de caráter impressionante. O mesmo adjetivo pode ser usado como referente a esta data nas páginas 217 e 219; mas não na página 211, visto que não se faz qualquer prova contra a teoria de que a escrita foi preparada com antecedência. E depois chegamos à comissão da Scientific American e à sua consideração da mediunidade.

Penso ter dito o suficiente para tornar claro que a única fuga concebível para conceder a validade de um grande conjunto de manifestações psíquicas ocorridas na presença de Margery no início de 1924 reside na teoria de cumplicidade generalizada pelos seus assistentes, ou na alegação de que um cúmplice entra a partir de fora.

Ambas as teorias são, naturalmente, enfrentadas diretamente pelas sessões de Paris e Londres; mas gostaríamos também de as enfrentar na Lime Street. A primeira teoria é nesta mediunidade um absurdo psicológico, mas é totalmente plausível em termos físicos. A segunda inverte a crítica, estando assente em bases sólidas psicologicamente, mas envolvendo-nos em explicações infinitas e inadequadas de como o intruso poderia andar por cima, dentro e fora do círculo sem ser descoberto.

Mas salvo nas instâncias únicas de 29 de março contra uma teoria, e na de 12 de abril contra ambas, os registos das sessões não nos fornecem uma base específica para denunciar qualquer das hipóteses. Não há preparação das instalações — isto é

categórico. Vivi naquela casa o suficiente para o saber, mesmo sem a verificação de Houdini. Por isso, levamos o cético a escolher entre "o homem do machado" e a sala cheia de cúmplices a pregar partidas uns aos outros. E assumimos o dever de encontrar incidentes suficientes que contradigam ambas as hipóteses para fazer com que o cético conceda que estes incidentes são demasiado numerosos para serem descartados com leviandade.

A partir deste ponto, abster-me-ei de citar mais manifestações que sejam com qualquer facilidade suscetíveis de explicação em qualquer uma destas bases. As sessões a partir de 24 de abril oferecem quantidades de incidentes tão fortes como aqueles que catalogámos acima; mas nada se ganha em citá-los. Reduzimos o cético de pedra a duas escolhas. Ou F. H., os Richardson, os Brown, Adler, Cross, Caldwell, Laura C., os Stewart, os Litzelmann, e talvez mais alguns — o que é um cúmplice ou dois a mais ou a menos? — estão todos na conspiração; ou então os fenómenos são produzidos, na sua grande maioria, pelo "homem do machado". Procedamos à exclusão destas teorias.

As balanças, no seu primeiríssimo uso a 24 e 25 de abril (pp. 274 ff.), deram uma excelente ação. Se não insisto em citá-la aqui, isto deve-se unicamente à ausência combinada da gaiola e de qualquer exame dos pratos durante a levitação.

O toque da campainha de 25 e 26 de abril foi extraordinariamente útil, visto que na primeira destas datas o aparelho foi tocado após ter sido introduzido sem aviso prévio, enquanto na segunda as possibilidades de fraude estavam extremamente bem cobertas. Não havia de todo elos fracos no círculo; McDougall estava numa posição para tornar o acesso fraudulento à caixa praticamente impossível usando a sua cabeça como uma barreira, e além do controlo de rotina ao longo de todo o círculo, eu tinha a cabeça de Margery num momento crítico.

Além disso, a campainha foi tocada após o programa sob o qual deveria ter sido apresentada a Walter ter sido alterado, e características inesperadas introduzidas; de modo que o aparelho não estava nem no local nem na condição originalmente planeados, tendo estes planos sido do conhecimento de Margery. Este episódio foi um dos pedaços de telecinese no escuro mais bem salvaguardados que alguma vez obtivemos.

A ação da mesa de 26 de abril (página 225) não sei se deva incluir aqui ou não. Alguns leitores irão provavelmente questionar a minha inferência de que nenhuns pés poderiam ter feito isto; e alguns questionariam a capacidade de Roback para excluir o homem do machado. No todo, talvez seja melhor considerarmos este item como não autossuficiente.

O episódio das balanças de 27 de abril (página 279) é descrito com o que o crítico inconsiderado é provável que considere uma admissão prejudicial, no abandono do controlo de mãos. Em bom rigor, não é de todo prejudicial. O que quer que seja feito com as balanças não conta a menos que seja observado em luz vermelha; e não cito nada que não inclua proteção adequada contra a prática de fraude a coberto dos intervalos escuros.

Neste mesmo sentido, um número considerável de sessões do início de maio, realizadas na presença de assistentes da Scientific American e destinadas explicitamente aos fenómenos das balanças, envolveu uma disposição do círculo que procurava deixar os assistentes da comissão livres para observação e em posições de melhor visibilidade, e que não era a disposição que teria sido usada se esses mesmos assistentes tivessem qualquer intenção de verificar manifestações no escuro do tipo antigo.

Isto foi novamente inteiramente apropriado, visto que as únicas manifestações com as balanças às quais íamos atribuir

importância eram aquelas que ocorriam sob condições tais em que a fraude ordinária de mãos era impossível. Por razões expostas na página 280, não posso então citar a exibição de 27 de abril. Mas a demonstração de 3 de maio, como analisada nas pp. 281-2, não deixa qualquer argumento de fraude aberto exceto a alegação de que um fio ou arame de algum tipo ia até às balanças e era manipulado por Margery ou outro assistente. Os dias 2 e 4 de maio dificilmente precisam de ser citados separadamente; são exatamente farinha do mesmo saco.

As próprias balanças não deram uma exibição tão vigorosa a 9 de maio (pp. 282 ff.), mas deram uma ação que teve de ser reconhecida como dinâmica, envolvendo aplicação contínua de força; e Carrington e eu tomámos todas as medidas necessárias para excluir a única hipótese de fraude deixada aberta acima. No dia dez (pp. 284 ff.), a ação dos pratos subiu um pouco de tom, na presença das mesmas precauções; e estas precauções parecem-me tornar bastante inócua o facto de a gaiola de celuloide estar fora.

A sua ausência tornaria impossível atestar qualquer coisa que acontecesse às balanças no escuro, mas isto é exatamente o que não vamos fazer, de qualquer forma. A levitação dinâmica que prossegue na luz enquanto se observa, enquanto se explora o espaço ao redor das balanças, enquanto se removem e substituem pratos — isso é algo inteiramente diferente.

A presença de tantas outras pessoas no mesmo andar da casa receio que exclua a muito surpreendente demonstração da mesa de 11 de maio (página 226), no que diz respeito aos presentes fins. Claro que aqui, como noutros locais quando faço uma concessão semelhante, não está envolvido qualquer pensamento de que a fraude de qualquer tipo estivesse realmente presente.

A destruição do gabinete de 14 de maio é citável aqui. A diferença entre uma porta trancada, e um sofá a bloquear a

passagem estreita da porta com uma estenógrafa sentada nele a fazer um registo completo da ação da sessão, é inteiramente uma questão de superstição científica — uma é tão competente como a outra para evitar a entrada e a saída. A composição do círculo evita qualquer suspeita de fraude dentro da sala. Desejava que Prince complementasse a sua declaração de ignorância das circunstâncias envolventes (página 446) com alguma declaração definitiva do que ele pensa que possa ter acontecido ao gabinete que não a rutura por força psíquica. A sugestão de fraude aqui é absurda.

Encontro um compromisso da página 231 por cumprir, e apresso-me aqui a cumpri-lo, embora a posição do presente parágrafo neste capítulo possa ser questionada. Prince declara por escrito que "a possível explicação normal" de tudo o que teve lugar na sua presença lhe era clara, com a única exceção da destruição do gabinete do parágrafo acima. Esta é a "extensão e caráter das suas reservas" sobre as pancadas que solicitou a 15 de maio. A crítica de que ele não as deveria ter solicitado se não estivesse em posição de as verificar não se aplica; ele poderia tê-las solicitado para verificar uma teoria de fraude presente na sua mente, ou o desempenho poderia ter desapontado as suas esperanças. Mas após solicitá-las explicitamente, ele certamente deve uma declaração de por que razão exatamente elas não o agradaram; e a sua falha em dar isto é um exemplo particularmente flagrante do seu hábito de conduzir os assuntos da comissão à porta fechada.

A ação do gabinete de 19 de maio (página 308) olha muito definitivamente em frente para a de 24 de junho (Capítulo XXXIX), mas não se sustenta, naturalmente, por si mesma.

Se a demonstração de voz independente de 19 de maio (pp. 299 ff.) não tivesse sido precedida e seguida por numerosas outras exibições informais do que parece ser o mesmo fenómeno, estaria

inclinado a simpatizar com o crítico que sente que as observações desta data devem estar erradas. Como estão, contudo, devo insistir na citação aqui da experiência de 19 de maio, e da sua sequela de 17 de junho (página 302).

Regressando às balanças com o advento do modelo N.º 4, obtemos levitação dinâmica a 24 de maio, mas Comstock não faz aqui qualquer prova de ter excluído a possibilidade de que a fraude possa ter sido projetada para fora da escuridão para a luz; por isso não listarei este item. Mas a demonstração de 27 de maio, como comentada na página 347, deixa o crítico irracional sem qualquer álibi que não seja condenar os registos independentes de F. H. e da Sra. Richardson — algo que, no que me diz respeito, não será tolerado.

A exploração por parte de Lescarboura da passagem da porta e de outras fontes de acidente, e a cooperação de vários assistentes no encerramento da possibilidade de fraude — tudo devidamente cronografado na página 192 — qualificam as brisas frias de 29 de maio - 1 de junho para listagem entre os episódios definitivamente estabelecidos da mediunidade. O facto de o fotógrafo ser um dos investigadores é a única justificação que precisa de ser nomeada, após a declaração da página 360, para listar, também, os resultados de Lescarboura de 1 de junho com a câmara.

As exibições das balanças de 5 e 6 de junho (pp. 350-1) devem naturalmente ser citadas aqui como inequivocamente válidas. No dia sete, se este ramo da mediunidade precisasse de confirmação adicional, obteve-a através da presença da cobertura. Os resultados fotográficos de 8 de junho (pp. 362 ff.) acumulam provas sobre provas. É motivo de lamento que o fundo contra o qual o cilindro psíquico aparece em algumas destas exposições esteja tão próximo do tom dos próprios cilindros que a reprodução em meio-tom está fora de questão, sem um grau de retoque que

seria altamente impróprio em tal conexão; por isso todas estas sete imagens não podem ser colocadas diante do leitor. Os originais estão abertos a exame livre por parte de qualquer crítico adequado.

A brilhante exibição de 13 de junho (página 353) deve ser citada como outra demonstração inequivocável de validade. Novamente no dia quinze (página 354) e vinte e um (página 355), temos mais itens para o índice de autenticidade. E estes podem ser registados com a observação de que os assistentes ABC foram mais fiéis do que eu teria ousado esperar, no seu exame do espaço crítico debaixo da plataforma das balanças e em redor do conjunto das balanças.

Com o desaparecimento dos fenómenos das balanças, a paragem da Victrola tomou durante algum tempo o centro do palco. Não citarei aqui datas específicas. Em vez disso, apelarei para a narrativa das pp. 327-332, como um todo, para apoiar a tese de que a interferência no fluxo suave da música não surge de fraude ou de acidente elétrico, e está ao comando da inteligência operante da sala de sessões. Isso dá-lhe um lugar no presente catálogo de itens demonstráveis.

A destruição do gabinete de 24 de julho (Capítulo XXXIX), embora nos seus termos gerais um incidente da categoria mais antiga e não da mais recente, ocorreu enquanto a sala estava mais eficazmente selada contra invasão do que alguma vez esteve; e bastante à parte de qualquer questão de controlo, a cumplicidade daqueles na sala aqui não significa nada.

A parte culpada teria tido de deixar o seu assento inteiramente e vaguear no escuro; e, como o diagrama final desta sessão mostrará, após fazer o seu trabalho, teria sido obrigada a sair pelo lado direito da sala — onde Comstock bloqueou o seu caminho tão eficazmente como fez a parte fixa do gabinete do

outro lado. O facto de ser incapaz de arrancar a asa com as suas mãos sem ajuda, mas ter exigido ferramentas, é de menor importância — qualquer pessoa que deposite a sua fé no homem do machado está obrigada a dar-lhe ferramentas!

Com todas as devidas desculpas pelo que alguns leitores considerarão talvez um ataque divertido de ultraconservadorismo, vou recusar-me a listar qualquer uma das luzes psíquicas do Capítulo XLIV como demonstravelmente válida. A razão para isto penso que é óbvia — há muito sobre fosforescência, luminescência, fluorescência, luz biológica e reações radioativas que resta à ciência formular antes que se possa julgar onde a possibilidade de fraude nas luzes psíquicas começa e acaba.

Considero a indisposição para se comprometer na proposição geral de fraude versus autenticidade como um sinal de fraqueza — disse-o noutro local. Mas neste campo particular a fraqueza é por parte da ciência e não do investigador individual, e não deve ser evitada. Se não conhecemos todas as possibilidades de fraude, nada se ganha em dissimular a nossa ignorância. Por isso, no meu julgamento, as luzes psíquicas devem ser mencionadas como certamente autênticas apenas quando transportam um grau de movimento que as torna como tal, independentemente das suas características como meras luzes. E o movimento nesta escala não ocorre no Capítulo XLIV.

Dos vários incidentes do megafone do início de julho, devemos conceder carater absoluto aos do dia doze, se a nenhuns outros. Deve perceber-se que a cumplicidade não entra aqui, de todo. Se alguém vai pegar no megafone, sob estas condições, tem de ser Margery. A teoria da página 381, reavivada mais tarde por Houdini, esgota as possibilidades de fraude; e se esgotarmos as possibilidades de aplicar esta teoria e o megafone continuar a manifestar-se, provamos a autenticidade. Fazemos isto a 12 de julho.

É-se tentado a incluir os episódios de inclinação do gabinete de 29, 30 de junho e 7 de julho (pp. 386-8) numa declaração semelhante; mas em bom rigor, apenas o do dia trinta, com Comstock na passagem da porta, exclui o homem do machado. Felizmente, nesta data a possibilidade de fraude de pés por Margery foi também excluída, de modo que este episódio realmente se qualifica aqui.

Pelo menos um dos contactos psíquicos de 4 de julho (página 182) veio sob condições válidas; ninguém poderia tocar em Carrington no ponto envolvido exceto Margery, e ela estava sob o controlo total dele e de Keating. Novamente, no dia nove, como explicado nas pp. 182-3, Keating obteve um toque que deve ser válido.

A descrição do gabinete improvisado para 11 de julho, e da forma como foi destruído, tomada em conexão com o facto de que este incidente (página 390) ocorreu na sala de sessões de Comstock, torna claro que temos a ver aqui com um fenómeno provável e provado. E estou fortemente inclinado a fazer aqui uma exceção às minhas restrições sobre luzes psíquicas, e a insistir que o comportamento da luz que figura na narrativa das pp. 371 ff., se não demonstravelmente autêntico, pelo menos transfere o ónus da prova acentuadamente para os ombros do crítico.

Numerosos episódios das sessões de 23 e 24 de julho devem ser reconhecidos como válidos. Os contactos psíquicos (página 184), embora um incidente pequeno, são inelutáveis. As manifestações do gabinete de 23 de julho, e a acompanhante manipulação do megafone (pp. 409 ff.) são mantidas fora da categoria válida pelas alegações de negligência de Houdini contra si próprio. Mas a ação do gabinete de 24 de julho, em instalações estranhas, à porta fechada, sem nenhum dos potenciais cúmplices

habituais presentes exceto F. H., e com ele e Margery sob controlo absoluto, deixou o próprio Houdini sem outra escapatória que não a acusação de que fui eu que o fiz. Na medida em que não o fiz, parece justo classificar este episódio como o mais conclusivo que alguma vez obtivemos, no escuro. A levitação da mesa da mesma data, que Houdini pode explicar apenas alegando que a cabeça de Margery estava onde não estava, é um segundo lugar muito próximo.

Deixo ao leitor decidir por si próprio onde exatamente a demonstração inconclusiva se funde na conclusiva no trabalho da caixa da campainha do Capítulo XLVIII, assinalando apenas que Carrington, que não encontrou qualquer mediunidade física autêntica desde o seu exame de Palladino, há vinte anos, fez um pronunciamento definitivo de validade com base nas suas experiências expostas neste capítulo. A ação do Capítulo LI, notável como é em muitas instâncias, deixo-a inteiramente ao próprio julgamento do leitor, em vista da impossibilidade de eu atestar, através de conhecimento pessoal, a grande maioria dos assistentes.

Mas a do Capítulo LII envolve menos assistentes, e assistentes na média melhor conhecidos por mim; inclui duas experiências minhas muito clarividentes; e prossegue sob as mais extraordinárias condições de salvaguarda. Esse capítulo na sua totalidade pode ser considerado como o clímax para o qual este capítulo conduz.

Tinha pensado em dar um breve resumo da ocorrência de fenómenos simultâneos. Concluo finalmente que isto é desnecessário; estão todos registados no texto, e os mais impressionantes caem no Capítulo LI, o qual acabo de excluir neste preciso momento da presente discussão. Assim, com mais uma generalização, deixo as provas com o leitor.

A ciência ortodoxa está inclinada a dizer que sempre, se restar alguma probabilidade infinitesimal de explicar as manifestações da sala de sessões, esta probabilidade deve ser agarrada. Penso que a ciência ortodoxa não está totalmente justificada nesta atitude. Pede-nos, com efeito, para atribuir à probabilidade de que não haja uma grande descoberta à nossa frente, um valor numérico que satisfaça a definição do matemático de uma infinitesimal — um valor que será menor do que qualquer outra probabilidade que possa surgir, por mais pequena que esta última seja. Um caso concreto desta mediunidade fornece uma ilustração perfeita.

Um certo senhor a quem não nomearei, mas a quem talvez seja capaz de identificar pelo meu contexto, tinha avançado a hipótese da invasão da sala a partir de fora como a explicação "normal" sobre a qual poderia melhor fundamentar a sua recusa em reconhecer a validade. Certos factos físicos adicionais de sessões posteriores criaram uma situação em que tal cúmplice, para evitar a deteção, teria de ser um anão negro, escondido na lareira. Certos factos físicos adicionais exigiram que a regurgitação por Margery fosse adicionada à técnica de fraude, e que esta regurgitação cobrisse uma massa de material descrita como assemelhando-se a cerca de duas libras de fígado.

Certos factos físicos adicionais exigiram que o material assim regurgitado fosse moldado em formas anatómicas enquanto a localização de cada mão e pé na sala (escura) estava marcada por faixas luminosas. Estas várias hipóteses, enfatizo, não eram alternativas; tinham todas de subsistir ao mesmo tempo. A sua probabilidade combinada, submeto eu, é menor do que a probabilidade de que exista um tipo principal de "campo de força" que a ciência nunca reconheceu.

Contudo, o senhor de quem falo escolheu sem hesitação a maior improbabilidade e apegou-se às hipóteses que cataloguei,

em preferência a conceder que a sagrada estrutura da ciência não está completa como está. Não é como se nos fosse pedido para negar algo que a ciência está confiante de saber; é-nos simplesmente pedido para imaginar a existência de algo que a ciência não sabe, algo que de modo nenhum interfere com o conhecimento científico existente. Poder-se-ia com a mesma sensatez negar a existência da eletricidade, porque ela adiciona algo ao conhecimento pré-existente da gravitação.

A moral é óbvia. Inevitavelmente, se prosseguirmos a investigação psíquica o suficiente, chegamos ao ponto em que devemos assim pesar probabilidades, e perguntar se a série de explicações oblíquas, complicadas e extraordinárias pelas quais podemos talvez descartar certos fenómenos não é mais objetável do que a suposição simples e direta de que ainda temos algo a aprender. Para o meu julgamento, há apenas uma resposta. Considero as explicações oblíquas como absolutamente descartadas; mas se não o fossem, consideraria a suposição de um poder psíquico autêntico como muito menos objetável do que as suposições a que somos levados quando rejeitamos esta.